

ELIANA DA CONCEIÇÃO TOLENTINO

**LITERATURA PORTUGUESA NO *SUPLEMENTO*
LITERÁRIO DO MINAS GERAIS: RELAÇÕES
BRASIL/PORTUGAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA COMPARADA**

ELIANA DA CONCEIÇÃO TOLENTINO

**LITERATURA PORTUGUESA NO SUPLEMENTO
LITERÁRIO DO MINAS GERAIS: RELAÇÕES
BRASIL/PORTUGAL**

BELO HORIZONTE

**FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2006**

ELIANA DA CONCEIÇÃO TOLENTINO

**LITERATURA PORTUGUESA NO SUPLEMENTO
LITERÁRIO DO MINAS GERAIS: RELAÇÕES
BRASIL/PORTUGAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Literatura Comparada.

Área de concentração: Estudos Literários-Literatura Comparada

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando da Motta de Oliveira-UFMG

BELO HORIZONTE

**FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2006**

Para Antônio Luiz

Que partilhou comigo todos os momentos, as angústias, as ansiedades, a falta de paciência, a alegria, o entusiasmo.

Para meus filhos Rafael e Lucas

Que souberam compreender a falta de tempo, a impaciência, o cansaço, as ausências.

Para minha mãe Dorvalina

Que sempre presente, me apoiou em todos os momentos.

Agradecimentos

A

Paulo Fernando da Motta de Oliveira, orientador, pela paciência, pela postura ética, segura e calma com que soube conduzir a orientação.

A CAPES que, através de uma bolsa de estudos, configurou-se como apoio financeiro para o meu doutoramento.

Ao

Escritor e jornalista Humberto Werneck pela disponibilidade em conversar sobre o *Suplemento Literário* e por ter me auxiliado a contactar outras pessoas que atuaram no periódico.

Ao

Escritor Duílio Gomes pela disponibilidade com que respondeu as perguntas a ele enviadas.

A

Maria Lúcia Lepecki pela disponibilidade com que recebeu as perguntas a ela enviadas.

Aos

Meus colegas de trabalho da Universidade Federal de São João del-Rei-UFSJ, principalmente aos do Departamento de Letras, Artes e Cultura que assumiram meus encargos durante meu afastamento.

A Letícia e demais funcionários da Poslit, sempre prestativos e eficientes.

A

Márcio e Vânia pelo carinho com que me receberam no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais.

A

Professora Maria Luiza Scher pelo incentivo inicial.

A

Eneida Maria Chaves, Leila e Maria Estela, amigas de sempre, que me acolheram carinhosamente em Belo Horizonte.

A

Sempre amiga Joana Alves Philadelfo a quem devo total apoio e ajuda e pela leitura e revisão do texto integral da tese.

A

Ozana do Sacramento, amiga de sempre, que me apoiou em todos os momentos.

A Rômulo Campos Neves pelo carinho e desprendimento com que redigiu o *Abstract*.

A

Leon Lago pelas palavras pontuais.

A

Cláudio Márcio do Carmo pelo incentivo e pela ajuda nas horas mais difíceis.

A

Daniela Pereira Fernandes pela transcrição da conversa com Humberto Werneck.

A

Lindalva Regina do Carmo pelo apoio familiar, sempre carinhosa e prestativa.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar o papel do *Suplemento Literário do Minas Gerais* como espaço de divulgação das literaturas brasileira e portuguesa, durante os anos de 1966 a 1976, bem como as relações que são estabelecidas entre intelectuais brasileiros e portugueses nesse período. No campo intelectual, essas relações foram estabelecidas, principalmente, pela publicação, no *Suplemento Literário*, de textos literários, ensaios críticos e/ou teóricos e entrevistas realizadas com escritores portugueses. Houve também encontros e viagens de portugueses ao Brasil e de brasileiros a Portugal. Essas viagens refletiram o confronto de uma realidade imaginada com uma realidade “concreta”. Escritores, considerados pelo governo salazarista como de esquerda e cuja escrita oferecia perigo ao regime político de ditadura, encontraram no periódico oficial do governo de Minas Gerais um meio de divulgação de suas produções literárias. Houve tanto por parte dos brasileiros quanto dos portugueses uma busca de autoconhecimento. Se os portugueses, quando voltam seus olhares para o Brasil e para tudo que o país representa para Portugal, estão buscando-se num passado já remoto de glórias e riquezas. Já os brasileiros, por outro lado, olham para Portugal, procurando promover buscam um diálogo, negociando identidades, reescrevendo-se através desse contato. Portanto, pelo que representa como espaço dinâmico do diálogo Brasil/Portugal, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* encena um descentrar de saberes na união em torno de projetos comuns de vanguarda e inovação.

ABSTRACT

The aim of this summary is to investigate the role of the *Suplemento Literário de Minas Gerais* as a space of publishing Brazilian and Portuguese literatures, from 1966 to 1976, and the relations that were established between Brazilian and Portuguese intellectuals in this period. In the intellectual field, these relations had been established, mainly, by the publication, in the *Suplemento Literário*, of literary texts, critical and/or theoretical essays and trips of Portuguese to Brazil and vice versa. These trips had reflected the confrontation of an imagined reality with a concrete one. Writers, considered by the Salazarist government to be members of the left wing and whose writings offered threat to dictatorship, had found in the official periodic of the government of Minas Gerais a way of publishing its literary productions. Thus, there is a search from both Brazilians and Portuguese. The Portuguese by looking at Brazil and everything that the country represents to Portugal are searching through a remote past of glories and wealth. On the other hand, when the Brazilians are looking at Portugal, they are trying to establish a dialogue, to negotiate identities and rewrite themselves through this contact. Therefore, as *Suplemento Literário* represents a dynamic space of the Brazil/Portugal dialogue, it also plays a role of decentralization of knowledge in the union, in relation to common projects of vanguard and innovation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1.0 Estudo em Fontes Primárias - breve comentário.....	01
1.1 O <i>Suplemento Literário</i> e o Acervo de Escritores Mineiros.....	10
1.2 A organização e estruturação do trabalho.....	20
 CAPÍTULO I	
O SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS	
1.1 Apresentação do periódico.....	24
1.2 Colunas, Páginas e Séries.....	31
1.3 Edições Especiais.....	48
1.4 As crises.....	49
 CAPÍTULO II	
A PRESENÇA PORTUGUESA	
2.1 Os portugueses no <i>Suplemento literário</i>	65
2.2 Brasil/Portugal: relações.....	68
2.3 Brasil/Portugal: nem um pouco irmãos.....	70
 CAPÍTULO III	
PORTUGUESES NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS	
3.1 Manuel Rodrigues Lapa por brasileiros.....	81
3.2 O Brasil para os portugueses.....	90
3.2.1 Brasil por Manuel Rodrigues Lapa.....	90
3.3 Outros portugueses.....	96
3.3.1 Ernesto Manuel de Melo e Castro.....	96
3.3.2 Ana Hatherly.....	102
3.4 As entrevistas.....	103
3.5 Os de lá e os de cá : quem somos nós?.....	112
3.6 Arnaldo Saraiva.....	113

CAPÍTULO IV

BRASIL/PORTUGAL: RELAÇÕES EPISTOLARES

4.1	Correspondências: exercícios de si.....	126
4.2	Geração Suplemento: missivistas.....	130
4.3	Entre mineiros e portugueses: brasileiros.....	133
4.4	Ana Hatherly: uma missivista de lá.....	134
4.5	Murilo Rubião: um missivista de cá.....	136
4.6	De Ana Hatherly para Murilo Rubião.....	140
4.7	De Laís para Ana Hatherly.....	146
4.8	Correspondências: trocas intelectuais.....	160

	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
--	----------------------------------	------------

	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	177
--	--	------------

ANEXOS

ENTREVISTAS

1 -	Duílio Gomes.....	1
2 -	Maria Lúcia Lepecki.....	4
3 -	Humberto Werneck.....	7

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como *corpus* de estudo o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, no período de 1966 a 1976, quando houve uma significativa participação portuguesa no periódico. Além, disso, focalizamos as correspondências entre escritores mineiros que fizeram o *Suplemento* e os portugueses, dando destaque a Murilo Rubião, Laís Corrêa de Araújo e Ana Hatherly.

Essa pesquisa, por tomar como *corpus* no Acervo de Escritores Mineiros – o fundo Murilo Rubião, objetivando compreender a convivência entre as literaturas portuguesa e brasileira, através de um olhar marcado pelos textos que documentam essa relação, insere-se no estudo de fontes primárias. Por outro lado, nossa pesquisa no Acervo de Escritores Mineiros inscreve-se junto às pesquisas em Literatura Comparada, tanto pela própria peculiaridade do estudo em arquivos, como por se tratar de um trabalho comparativo entre as literaturas brasileira e portuguesa, tendo como *corpus* fontes representativas dessas literaturas.

1.0 Estudo em fontes primárias – breve comentário

O estudo de Fontes Primárias iniciou-se no Brasil, nos anos 70, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, tendo à frente os professores José Aderaldo Castelo, Alfredo Bosi, Cecília de Lara. A princípio, a pesquisa voltou-se basicamente para o resgate, estudo e análise de revistas de grupos de escritores modernistas. Assim, as produções de jovens escritores brasileiros do período modernista que apareciam em revistas ou em jornais foram analisadas, tanto em dissertações de mestrado quanto em teses de doutoramento.

Nessa linha insere-se minha pesquisa, desenvolvida no mestrado, na Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da professora Maria Zilda Ferreira Cury. Esse estudo centrou-se na revista mineira *Vocação*, publicada nos anos 50 por Fábio Lucas, Rui Mourão e Affonso Ávila, grupo que atuou também no *Diário de Minas* e, posteriormente, criou outra revista - *Tendência*.

Essa pesquisa que empreendi no mestrado, fez com que me aproximasse do estudo de fontes primárias. O trabalho proporcionou uma visão diferente do objeto literário pelo que possui de instigante, pois, apesar de se haver uma revista impressa, muito do que é buscado está nos arredores, nos arquivos, nos jornais, nas memórias às vezes individuais e coletivas dos grupos que lançam revistas ou periódicos. Sendo assim, tive contato com uma faceta da movimentação literária que é a formação de grupos de jovens que se unem por diversas razões. Fábio Lucas Rui Mourão, Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo fizeram *Vocação* e depois *Tendência*. Além disso, tiveram participação no *Diário de Minas* movimentando o meio literário belorizontino de uma forma que não pode ser vista senão através dos textos que se encontram nesses periódicos.

Em Minas Gerais, um dos importantes acervos para a pesquisa com fontes primárias é o Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG desenvolve, desde 1991, com o apoio do CNPq e da PRPq, um projeto de pesquisa que se volta para o acervo de escritores mineiros. A Universidade possui acervos dos escritores Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Henriqueta Lisboa, Murilo Rubião, Oswaldo França Júnior, coleções de Aníbal Machado, Otávio Dias Leite e José Oswaldo de Araújo, além das correspondências de Alexandre Eulálio para Lélia Coelho Frota e a de escritores mineiros para Ana Hatherly e dela para Murilo Rubião. (MIRANDA, 1995, p.25-26; MARQUES, 2003, p.141-156)

Segundo Maria Zilda F. Cury (1995, p.53-63), a pesquisa em acervos lida com a *provisoriedade*, pois buscando flagrar o texto em seu processo de criação, numa atitude detetivesca de quem segue o trajeto de sua construção, ela se depara com documentos como cartas, anotações, rascunhos, manuscritos, rasuras que formam pequenos textos ao mesmo tempo autônomos e relacionais. Cada documento faz parte de um todo que é o acervo, entretanto, cada um em sua especificidade requer às vezes um tipo de abordagem e o crítico recorre a um estudo interdisciplinar como recurso analítico.

Assim, caracterizada como um trabalho de bastidor, nos dizeres de Maria Zilda Cury (1998),

a ida às fontes primárias pode ser elemento essencial a redefinir concepções já estabelecidas ou para estabelecer novas. “Historiografia do cotidiano”, “trabalho de

formiga” construindo a notícia, dia após o objeto de pesquisa, é este tipo de estudo lento que permite ver na produção final, do romance, do poema, do conto, um palimpsesto de inúmeras outras escritas. (p.25)

O estudo de Fontes Primárias abrange textos muitas vezes iniciáticos, inéditos por não figurarem em livros: são poemas, ensaios críticos, contos ou trechos de romances, às vezes publicados em periódicos ou em revistas de grupos de jovens escritores. Há textos, correspondências, anotações, recortes de jornais em gavetas, em pastas esquecidas nos gabinetes de escritores que nos permitem flagrar a produção da escrita. Fontes Primárias não abrangem tão somente textos escritos, mas documentos e objetos pessoais, fotos, lembranças de viagens.

A biblioteca é outro lugar que essa pesquisa toma como objeto. Os livros que o escritor compôs seu acervo, aqueles que leu e apresentam sinais de uso ou marcas, anotações, os que supostamente não leu, pois lhes faltam as marcas e os sinais de uso, os livros com dedicatória, os repetidos, os recortes de jornais, as revistas, os discos, os CDs, os filmes, as fotografias são todos objetos de interesse esboçam a imagem de um sujeito, de um momento e de uma intervenção cultural.

Nesse sentido, a crítica literária vê-se diante do novo. Todo esse acervo, constituído de pertences do escritor, bem como de produções que ele esquecera ou às vezes desprezara, torna-se passível de leitura como um texto em que se entrecruzam várias vozes no processo de constituição do sujeito escritor/leitor.

O pesquisador nem sempre encontra acervos bem organizados. Além da difícil recomposição do acervo, o pesquisador conta ainda com a personalidade do intelectual e seu processo próprio de criação. Há aqueles que enchem os lixos de papéis de rascunhos, ensaios de uma escrita. A esses papéis, levados pelo lixo como restos de um fazer literário, o crítico não tem acesso, a não ser quando um parente, um filho, uma esposa ou esposo cientes de que o ato de criar se faz de suor, de prazer e desprazer, os guarda escondido. Esse “roubo” de papéis, crime inafiançável na visão de muitos escritores, acaba por revelar as angústias, os ensaios de um fazer artístico.

Há ainda aquelas fontes às quais nunca o crítico terá acesso porque foram queimadas nas fogueiras inquisitórias que o próprio intelectual promove. Entretanto, se o crítico

tem a informação de que houve queima, esse também é um traço significativo na tentativa de composição de um acervo. Muitas vezes os silêncios falam por si. Porém se, de um lado, há os que jogam no lixo e os que queimam, há outros que organizam muito bem seus arquivos.

Nesses casos, a trajetória que o leitor irá percorrer já está traçada de antemão pelo próprio escritor que, ao organizar suas pastas, ao selecionar as críticas a respeito de sua obra, ao compor seus álbuns de fotografias, de suas correspondências, ao legendar as passagens de avião ou navio, compõe um livro de memórias. Memórias em que se entrecruzam vários textos e várias vivências.

Entretanto, essa organização oferece o perigo da leitura direcionada, o intelectual, ao organizar pastas, queimar papéis e destacar alguns, acaba por traçar para o leitor uma trajetória de vida previamente construída. Portanto, arquivos organizados requerem do leitor um olhar às avessas, para não se cair nas armadilhas das omissões, das rasuras e dos silêncios.

As críticas saídas em jornais e recortadas pelo escritor falam muito da movimentação literária da época e traçam um quadro da historiografia literária do país. Se, por exemplo, num arquivo há apenas a seleção de críticas favoráveis, elas induzem o crítico a procurar outras e promover um diálogo entre as várias recepções de uma obra.

As fotos falam muito da convivência e dos meios que o intelectual freqüentava, dos grupos a que pertencia. As fotos de viagens falam muito dos amores, falam muito das viagens, dos exílios, dos lugares e da situação de um eu num espaço de despertencimento quando se vê num outro país, numa outra cidade, num outro lugar, ou mesmo no seu próprio, ou na imobilidade de seu escritório entre papéis e livros, alheio como se esse lhe parecesse desconhecido.

As correspondências traçam um retrato não só pessoal, mas também literário: indagações individuais, debates de idéias; discussões calorosas são travadas em longas missivas. Nesse sentido, é importante uma breve descrição do suporte das cartas, pois as manuscritas não têm o mesmo sentido das que foram datilografadas, além disso, o tipo de papel utilizado, as que apresentam monogramas, as que apresentam escritas nas

bordas, os P.S., as rasuras, o tipo de cumprimento e despedida dizem muito do relacionamento epistolar entre destinatário e remetente. Muitas vezes pode-se acompanhar a intensidade de uma relação através da intimidade que as cartas demonstram ao longo do tempo, ou mesmo o seu resfriamento.

Nelas comentam-se a estética de determinado livro ou poema, quando enviados ao remetente. E, muitas vezes, após a intervenção do amigo, acaba-se por modificar trechos, palavras, poemas ou mesmo finais de livros. Pela criação literária entrecruzam-se textos que só serão revelados ou identificados quando a pesquisa no arquivo se efetiva. Assim, poderemos flagrar um fazer a várias mãos, pois a sugestão do outro, quando acatada, ou a crítica a determinado trecho terminam por criar um outro texto. As correspondências e as idéias que veiculam acabam por traçar uma estética e promovem a leitura de uma recepção.

O diálogo epistolar, a amizade literária e pessoal deixam entrever as trajetórias dos intelectuais, pois além do caráter de simples troca de idéias, muitas vezes essas cartas funcionam como auto-reflexão em que se tem no destinatário um confidente que compartilha os momentos difíceis, não só pessoais, mas também políticos e intelectuais. Esse desvelamento do eu na escrita epistolar descerra bastidores da cena literária, política e pessoal, produzindo um gênero híbrido em que está presente o ensaísmo, o texto confessional e literário.

Os arquivos são expressões de um tempo, de uma memória. Representam o momento artístico e são, além disso, objetos representativos da cultura. Sendo assim, podem ser tomados como um texto, um grande livro. Cabe à crítica promover uma leitura despreendida de precedentes, pois os objetos e fontes primárias nos acervos possuem sua especificidade e, no decorrer da pesquisa, é que elas se apresentam.

Para Foucault (1997), sob a perspectiva do discurso, o arquivo não é o que retira a poeira dos significados e os permite ressurgir, mas o é um modo de atualidade do enunciado, um sistema de seu funcionamento. O arquivo é um sistema de enunciados, porém, ele não é descritível em sua totalidade, somente em fragmentos, regiões e níveis, pois o tempo que dele nos separa acaba por elucidar a alteridade, o distanciamento e a diferença. Mais ainda, o arquivo não é o acúmulo de todos os textos da cultura,

documentos e testemunho do passado, mas um jogo de relações discursivas múltiplas. É, ao mesmo tempo o espaço da multiplicidade e especificidade dos discursos em sua duração própria. Portanto, o arquivo encerra possibilidades enunciativas diversificadas. Assim, a análise do arquivo se, de um lado, encerra a proximidade, de outro, encerra o distanciamento, pois por estar fora de nós, nos delimita, nos contorna. A análise do arquivo lida com as variadas possibilidades, com o afastamento de nossas práticas discursivas, pois “nos desprende de nossas continuidades; dissipa essa identidade temporal”. (Foucault,1997, p.149-151)

Sendo assim, atuando nos bastidores da memória cultural, a pesquisa em acervos caracteriza-se como um cruzamento de textos, exigindo do crítico uma leitura transdisciplinar, pois é necessário recorrer a vários saberes para promover o diálogo com o material diversificado dos arquivos como fotografias, textos, manuscritos, correspondências, obras de arte, entre outros.

Fausto Colombo (1991, p.17) afirma que a obsessão da memória foi herança que o século passado, que sofreu duas grandes guerras, deixou para os séculos posteriores. E essa obsessão assume formas variadas, contando atualmente com a tecnologia que oferece inúmeros suportes para se arquivar momentos, imagens, presentes, passados, objetos, experiências, enfim, uma tentativa de se arquivar vidas e pessoas. Tentativa de conservação, de domínio do tempo, busca de permanência e identidade, o arquivamento passou a ser uma necessidade, entretanto, é também uma maneira de esquecer. Afinal, para se lembrar é preciso esquecer, mas o mundo contemporâneo, por temer o esquecimento, provoca a proliferação de arquivos pessoais.

Nesse sentido, paira uma “espécie de mania arquivística” que se desdobra em formas diferentes de detenção e conservação do passado e do presente. Desejo de permanência, desejo de dominar o tempo, essa obsessão acaba paradoxalmente por tornar o presente em passado; perdem-se, assim, as recordações pessoais no afã de torná-las memórias técnicas, gravadas e conservadas em suportes variados. Na expressão de Derrida (2001), sofre-se o “mal do arquivo”, vive-se entre o desejo de retenção da origem e do vivido e a consciência de sua impossibilidade.

O homem contemporâneo corre o risco de não mais ter memória, pois no afã de reter o vivido, utilizando-se de recursos que a tecnologia lhe oferece, ele produz arquivos,

assim, acumula fotos, filmes, papéis, objetos, disquetes, CD-ROM, arquivos e pastas em computadores. Entretanto, corre o risco de perdê-los a qualquer momento, pois produz uma memória volátil, sujeita à evolução tecnológica, à impossibilidade de leitura e perda de dados e documentos. Além disso, no seu desejo de reter o tempo, acaba deixando de viver o momento, preocupando-se mais em produzir o arquivo daquilo que vivenciou. Como Funes, o memorioso, personagem de Jorge Luis Borges, o homem contemporâneo sofre restrições quanto ao esquecimento e procurando arquivar todos os detalhes, é incapaz de selecionar, de abstrair, apenas acumula, retém. Essa compulsão arquivística, essa “museomania”, expressão de Hyssen (1997, p.224,235), além de ser uma tentativa de se escapar da amnésia, seria um sintoma do contemporâneo que trata com a fragilidade do presente, com a perda das tradições, com a obsolescência da sociedade de consumo.

Recorrendo à metáfora da viagem, Fausto Colombo vê o pesquisador de fontes primárias da atualidade como um viajante *sui generis*, pois se desloca em um espaço virtual, encenado na tela do computador, traduzido em séries como catálogos, anos, nomes e outros. Essa viagem virtual imaginada por Colombo afirma-se quando se consideram os trabalhos atuais em fontes primárias, uma vez que não há mais a necessidade do manuseio da fonte em si mesma, pois a tecnologia fornece-nos uma memória digitalizada.

Nessa pesquisa, por exemplo, utilizo-me da coleção eletrônica do *Suplemento Literário* do *Minas Gerais*. Em 1999, a Biblioteca Universitária da UFMG lançou em CD-ROM uma base de dados com 20 mil registros relativos à indexação das matérias publicadas no periódico de 1966 a 1998. Em 16 de dezembro de 2004, houve o lançamento da versão eletrônica do *Suplemento*. O projeto “*Suplemento Literário* - Preservação, digitalização e microfilmagem do acervo, de 1966 a 2004” desenvolvido, desde 1997, pela Biblioteca da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG possibilitou a consulta eletrônica do periódico pois indexou, digitalizou e microfilmou 1.282 fascículos, abrangendo o período de setembro de 1966 a setembro de 2004. A partir de então, 22 textos publicados no *Suplemento* desde a década de 60 até setembro de 2004 pode ser consultados, lidos, copiados e/ou impressos via internet.¹

¹ Cf. Informações disponíveis em :<http://www.ufmg.br/online/arquivos.shtml>. Acesso em 20 dez. 2004.

Esse fato de que, durante a pesquisa no Acervo de Escritores Mineiros, o *Suplemento Literário* ter sido digitalizado e as cartas dos mineiros endereçadas a Ana Hatherly (doadas pela poetiza ao Acervo) terem sido copiadas em CD-ROM, faz desta pesquisa efetivamente uma viagem virtual. Não preciso mais me deslocar de minha casa, armarme de luvas, e às vezes máscaras para manusear as folhas do *Suplemento* e as correspondências. Simplesmente, ligo o computador e inicio a pesquisa e a leitura. Posso manipular os textos, selecionar partes, também fazê-los viajar dentro do meu computador e dentro do meu texto. Dessa forma, a relação do pesquisador com a fonte é modificada, pois o manuseio do papel e o acesso direto ao documento original, agora restritos, passa a ser feito pela mediação da tela do computador.

A leitura então se dará através de um teletexto, desligado do cotexto e do contexto no qual ele se insere e se localiza, no caso, o Acervo de Escritores Mineiros. Como afirma Colombo (1991, p. 39-40), em “O saber labiríntico” cada escolha exclui a outra, pois não se pode ler , ao mesmo tempo, por exemplo, textos de uma mesma seção, a não ser que se imprima todos os textos e se recorra ao método anterior de lidar com papéis. Entretanto, mesmo assim, esse caminho não é o mesmo que lidar com documentos originais. Tem-se assim aquilo que Colombo chama de “miopia cognoscitiva”, uma viagem labiríntica, sem o conhecimento do espaço global em que se insere o texto ou parte dele. Assim, as técnicas contemporâneas da informática modificam a relação da memória pessoal com o texto, com o mundo, pois a memória não se dá pela sucessão de contigüidade. Esses sistemas de acesso direto e seqüencial repetem os do labirinto - onde acontece o deslocamento somente pelos corredores, sem a visão superior do espaço para visualizar o conjunto. Portanto, como um viajante míope do labirinto, o pesquisador de acervos eletrônicos encontra-se em corredores estreitos - banco de dados - que lhe apresentam o fragmentário e o disperso.

Os acervos constam de objetos variados, formando um texto composto por manuscritos, livros, correspondências, recortes de jornais, fotos, objetos pessoais etc. Muitas vezes, encontramos em acervos apenas partes, como livros e manuscritos incompletos, trechos de cartas, ou mesmo textos faltando partes ou carcomidas pelo tempo. Por isso, ao se deparar com esse tipo de acidentes ou imprevistos, cabe ao pesquisador tentar articular vazios, rasuras provocadas pelo tempo ou por outros fatores, como cliques, os grampos, a

ferrugem. Diante dessa situação, o estudioso tem a opção de preencher os vazios, interpretar as rasuras ou decidir pelo não preenchimento, uma vez que a peculiaridade do trabalho em acervos é justamente o imprevisto, a decifração, a não totalidade, o fragmento, o disperso, o heterogêneo. Portanto, o estudo de Fontes Primárias é de antemão um estudo que requer desprendimento de conceitos pré-estabelecidos. Sendo assim, é própria da pesquisa em acervos uma perspectiva transdisciplinar e comparativa que requer um itinerário por outras fontes de conhecimento que não só a literária. Afinal, nos acervos, outras artes que não só a literária se entrecruzam, cabe, pois ao pesquisador promover o diálogo entre esses textos verbais e não verbais.

A pesquisa e a teoria literária contemporâneas, sob o fascínio da memória, voltam-se para os arquivos e suas subséries. Os periódicos publicados por jovens escritores bem como outras fontes como cartas e bilhetes trocados por esses intelectuais, fotografias, coleções, objetos pessoais, obras de artes, móveis são partes dessas subséries.

Há uma tendência da crítica literária contemporânea em voltar-se para os estudos dos arquivos, procurando resgatar a obra, o intelectual e a atividade literária em seu processo de criação. A crítica busca olhar o seu entorno (correspondências, manuscritos, rascunhos, marginais, fotos etc). O crítico depara-se então com fragmentos que se entrecruzam, se intercambiam e encenam um sujeito descentrado.

Se no arquivo há expressões de um tempo, memória, essas representam um momento artístico e são, além disso, manifestações representativas da cultura. Portanto, diante de fragmentos de um grande texto, a crítica literária há que adotar uma posição descentrada e, também sob a metáfora da viagem, deparar-se com indicações que muitas vezes conduzem a labirintos. Assim, atuando nos bastidores da memória cultural, a pesquisa em arquivos caracteriza-se como um cruzamento de textos e de trajetórias.

Ao entrar no labirinto, o crítico segue caminhos previamente construídos pelo intelectual ao montar seu acervo, guardando objetos, papéis, lembranças ou mesmo apagando-os. Contudo, a atitude poderá ser outra, pois o crítico tem ainda a opção de desviar o olhar do que lhe foi previamente apresentado e efetuar uma leitura de palimpsesto. A intervenção crítica em um arquivo deixa também suas pegadas e o

reconstrói. As marcas da crítica constituem uma outra viagem, um outro texto, deixadas a pesquisadores futuros.

1.1 O *Suplemento Literário* e o Acervo de Escritores Mineiros

Foi com esse olhar que nos debruçamos em nosso trabalho sobre a diversidade das fontes. Em primeiro, tomamos o *Suplemento Literário* que expressa um diálogo entre brasileiros e portugueses através de poemas, contos, entrevistas e ensaios críticos publicados no periódico. Por se tratar de um jornal que procurava abranger várias artes além da literária como cinema e artes plásticas, por exemplo, buscando nas artes de vanguarda do período de 60 e início de 70 a constituição de uma identidade, passando pelas literaturas brasileira e portuguesa tanto canônicas quanto contemporâneas, o *Suplemento Literário do Minas Gerais* oferece uma amplitude de pesquisa. Nossa atenção neste trabalho voltou-se principalmente para os ensaios críticos e as entrevistas que se relacionavam diretamente com a Literatura Portuguesa, de acordo com os quais podemos traçar um perfil da relação entre brasileiros e portugueses.

Em segundo lugar, como observado, visando a pensar a relação Brasil/Portugal, além das publicações presentes no *Suplemento Literário*, tivemos acesso também às correspondências entre os autores portugueses e brasileiros. Considerando que essas eram o único meio para pedir colaboração para o jornal, pois a telefonia no Brasil ainda era precária e os interurbanos eram difíceis de ser realizados². Encontram-se no Acervo de Escritores Mineiros desde telegramas, cartas, cartões postais, recortes de jornais, documentos literários até envelopes, contas, objetos pessoais de Murilo Rubião ou relacionados ao *Suplemento Literário*, entre outros.

No acervo de Murilo Rubião, além de sua biblioteca, objetos e documentos pessoais, fotografias, objetos de arte e correspondências, há a coleção do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, do qual foi diretor entre 1966 a 1969. Nesse período, houve uma intensa comunicação entre intelectuais mineiros e portugueses. E é exatamente no seu período inicial, de 1966 a 1969, sob a direção de Murilo Rubião, que o *Suplemento literário do*

² C.f. “Quase ninguém acreditava num suplemento literário em jornal oficial”. *Suplemento Literário*. v. 25, n. 1170/1171, 26 out. 1991, p.26. Última entrevista de Murilo Rubião, realizada em realizada em 14 ago. 1991. O escritor faleceu em 16 de setembro do mesmo ano.

Minas Gerais vai manter um contato estreito com os escritores de Portugal. As relações dos grupos de vanguarda brasileiros e dessa primeira *Geração Suplemento* com os grupos de vanguarda portugueses foram intensas. Portanto, no Acervo, encontram-se também as correspondências de Ana Hatherly, Ernesto M. de Melo e Castro, Fernando Namora, Joaquim Paço D´Arcos, José Viale de Moutinho e as dos críticos portugueses Eduardo Prado Coelho, Rodrigues Lapa. Também cartas da brasileira, residente em Portugal, Maria Lúcia Lepecki e de Nelly Novaes Coelho.

No entanto, diante da quantidade razoável de correspondências encontradas no Acervo Murilo Rubião, tivemos que fazer um recorte desse material, recorrendo-nos principalmente às correspondências de Murilo Rubião e de Laís Corrêa de Araújo com a poeta portuguesa Ana Hatherly. A troca de correspondências entre os mineiros e Ana Hatherly, visando à obtenção de material para publicação no *Suplemento Literário*, não se configurou como única forma de aproximação entre os intelectuais mineiros e os portugueses, pois aliadas a essas correspondências, houve outras formas de contato como viagens e encontros. Lida por nós como uma reação a formas já convencionais de relacionamento entre brasileiros e portugueses, essa convivência tornou-se uma tentativa de se criar uma comunidade fraterna, fundada em uma relação de amizade.

Embora o diálogo entre mineiros e portugueses tenha se efetivado mais intensamente no período de 1966 a 1969-1971, a pesquisa se estende até 1976, uma vez que a década pode fornecer uma melhor visão desse intercâmbio, pois após um período intenso de relações pretende-se observar seu prolongamento e suas implicações. Além disso, as cartas de escritores portugueses para os mineiros e desses para a poeta Ana Hatherly fazem parte do *corpus* desta pesquisa. Essas fontes encontram-se no Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais, fundo Murilo Rubião.

Entre os autores portugueses novos que participaram no *Suplemento Literário* há aqueles da Poesia Experimental como Ana Hatherly, António Barahona da Fonseca, António Ramos Rosa, E. M. de Melo e Castro, Heberto Helder, José Alberto Marques, Liberto Cruz e seu quase heterônimo Álvaro Neto, Salette Tavares, e os da *Poesia 61*, como Gastão Cruz, Fiana Hasse Paes Brandão e Luzia Neto Jorge, conforme afirma Melo e Castro (1995, p. 65-67). Quanto aos da prosa de ficção há Almeida Faria, Álvaro Guerra, Artur Portela Filho, Baptista Bastos, Maria Judite de Carvalho, Viale Moutinho

e Y. K. Centeno. Há ainda outros escritores que também se filiam ou não ao grupo de Poesia Experimental português.

As publicações que figuram no *Suplemento literário do Minas gerais* compõem um quadro bem delineado das relações literárias entre Brasil e Portugal nesse período. Segundo Melo e Castro (1995), essa relação deve-se efetivamente a Murilo Rubião, tendo-se escasseado por volta de 1971, quando o contista deixa a direção do periódico. No acervo do escritor Murilo Rubião é grande o volume de documentos referentes à sua atuação no *Suplemento*. Há ainda correspondências de escritores e críticos a respeito da publicação desse periódico. Murilo Rubião foi, durante sua vida, um exímio arquivista.

Segundo Humberto Werneck, citado por Vera Lúcia Andrade (1995), Murilo Rubião, com o “Suplemento, criou um ponto de convergência de jovens escritores e artistas plásticos que desordenadamente chegaram à cena. Murilo foi, assim, um eixo natural em torno do qual se organizou - e ganhou sentido - essa federação a que, não por acaso, se deu mais tarde o nome de Geração Suplemento”. (p.48)

Esse encontro dessa geração no prédio da Imprensa Oficial em torno do projeto do *Suplemento* transformou-se num encontro de uma comunidade fraternal entre Murilo Rubião e os jovens escritores que vinham aparecendo no cenário artístico da época. Francisco Ortega (2000, p.31), referindo-se à distinção que Hannah Arendt faz entre amizade e fraternidade, escreve que enquanto a amizade está voltada para o público, sendo pois um *fenômeno político*, a fraternidade aproxima os homens, procura anular a diferença criando uma *comunidade identitária*.

Assim, a sala de redação do periódico, denominada Sala Carlos Drummond de Andrade, tornou-se ponto de encontro de escritores mineiros jovens e consagrados. Fazia parte daquele grupo empreendedor, comandado por Murilo Rubião, os redatores Márcio Sampaio, José Maria Penido, Valdimir Diniz, Adão Ventura, Paulinho Assunção entre vários. Grupos das revistas *Agora*, *Estória*, *Frente*, *Ponto*, *Porta*, *Pró-textos*, *Ptyx*, *Revixta*, *SLD*, *Texto*, *Vereda*, *Vix* também publicaram no *Suplemento Literário*.

Quando foi criado, na década de 60, mais especificamente em 3 de setembro de 1966, o *Suplemento Literário* era publicado semanalmente numa tiragem de 27 mil exemplares,

como encarte das edições de sábado do jornal institucional do Estado, o *Minas Gerais*, o que perdurou até 1992. Os primeiros redatores da publicação foram Murilo Rubião, Laís Correa de Araújo e Ayres da Mata Machado Filho, tendo inúmeros colaboradores como aqueles escritores e críticos jovens que acabaram formando o grupo da Geração Suplemento.

O *Suplemento Literário do Minas Gerais*, a produção literária e ensaística que nele se publica, o diálogo que promovem os escritores brasileiros e portugueses através de correspondências bem como outras fontes que fazem parte do Acervo de Escritores Mineiros, fundo Murilo Rubião, merecem um estudo detalhado pois foi um meio de divulgação de uma literatura que se via censurada pelos governos de ditadura dos dois países, principalmente, pelo governo português num primeiro momento e, posteriormente, pelo governo brasileiro.

A relação entre brasileiros e portugueses, os textos trocados e o estudo mútuo através da crítica literária exercida pelos escritores de ambos os lados podem ser lidos como uma retomada do passado, uma forma de se reler ou mesmo re-criar uma nação imaginada. (ANDERSON, 1989) O diálogo entre mineiros e portugueses no espaço do *Suplemento Literário* pode colocar em xeque certezas históricas, identificações ou mesmo diferenças culturais, sociais e políticas.

O diálogo empreendido pelos intelectuais, ligados ao movimento de vanguarda dos anos 60 pode revelar que a relação Brasil/Portugal, não foi tão amigável quanto se aparentava. Nesse sentido, os argumentos de Eduardo Lourenço (2001) sobre essa relação são revisitados neste trabalho. Para Lourenço (2001, p.135-145), a relação entre Brasil e Portugal nunca foi harmoniosa e o diálogo nunca existiu, apesar de haver uma representação de uma realidade fraterna imaginária ou uma paternidade alucinatória. Assim, o Brasil comete um parricídio permanente, identificando-se como uma nação sem pai, filho de si próprio. O discurso brasileiro rasura a origem portuguesa, camuflando o *ressentimento latente* diante do trauma da colonização.

As fontes do Acervo de Escritores Mineiros levam a inúmeras indagações tanto a respeito da atuação intelectual dos escritores mineiros e portugueses bem como da relação entre eles. Neste trabalho pretendemos compreender o papel do *Suplemento*

Literário para as literaturas brasileiras e portuguesas; como escritores brasileiros e portugueses liam a sua atuação em um periódico oficial do governo, durante o período de ditadura militar; e ainda, como o escritor português lia seu livre acesso a um periódico brasileiro em oposição à censura que sofria em seu país, que sentimentos de exílio poderiam estar presentes nos textos dos portugueses que se viam impedidos de expressão em seu país? Que reterritorialização é possível a um português dos anos 60 no Brasil? E também, que identidade é possível a um brasileiro dos anos 60 que busca a “boa” relação com o português? Em que medida conceitos como centro e periferia na relação Brasil/Portugal, no período da colonização, voltam à tona nesse espaço de trocas literárias? Como o ressentimento em relação a Portugal aparece representado nos textos dos brasileiros? Como são representadas as nações brasileira e portuguesa no *Suplemento Literário*?

Sob a perspectiva do diálogo Brasil/Portugal é que pretendo ler o intercâmbio dos intelectuais mineiros e dos portugueses nos anos 60 no *Suplemento Literário do Minas Gerais*. A relação com a metrópole ainda que aparentemente cordial e produtiva foi sempre veladamente de busca de constituição de uma literatura nacional, de uma identidade.

O *Suplemento literário do Minas Gerais* merece um estudo detalhado não só como órgão de efetiva produção literária de um período da literatura brasileira como também da portuguesa. O *Suplemento Literário* a despeito de ser um encarte de um jornal oficial do governo do Estado, pode ser lido como uma reação da intelectualidade mineira e mesmo portuguesa, pois se havia dúvida se os números especiais dedicados a Literatura Portuguesa tinham algo de provocação à política salazarista, as correspondências deixaram pistas que Melo e Castro e Arnaldo Saraiva queriam mesmo incomodar o governo português quando reuniram, nesses números, intelectuais que tinham posições contrárias à situação política de Portugal. Além disso, mesmo obedecendo, em alguns momentos aos preceitos da censura, Murilo Rubião e seu grupo conseguiram burlar o poder e colocar no *Suplemento* o que havia de vanguarda literária tanto quanto de pensamento crítico.

Procurei no projeto de doutorado continuar com o estudo de Fontes Primárias e, desta feita trabalhar também com a Literatura Portuguesa. Já conhecia desde a época de

graduação o *Suplemento Literário do Minas Gerais* e dele fazia uso, buscando textos literários inovadores e ensaios críticos. Assim, após ler o texto de Ernesto de Melo e Castro, "Memória: fragmentos e recomposição", vislumbrei a possibilidade de pesquisa da Literatura Portuguesa nesse periódico (CASTRO, 1995, p.65-67). Entrei em contato com o autor, em 2001, quando esse já estava de partida para Portugal que me incentivou a prosseguir na pesquisa.

O projeto visava, portanto, a pesquisa do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, levando em conta a presença da Literatura Portuguesa nesse periódico, nos anos 60 e início de 70, quando houve um intenso diálogo entre brasileiros, no caso, mineiros e portugueses. Entretanto, como é característica de todo trabalho em fontes primárias, o objeto acaba por conduzir os caminhos que seguimos e, muitas vezes, aquilo que fora planejado anteriormente tem que ser abandonado ou mesmo adaptado. Assim aconteceu com meu trabalho. Num primeiro momento, se previa que houvesse uma participação portuguesa apenas daqueles que faziam parte do grupo de vanguarda, pudemos verificar, no decorrer da pesquisa, que a Literatura Portuguesa canônica também figurava no *Suplemento* de forma bem intensa, constituindo, assim, um imaginário em relação a Portugal.

Além disso, não pude deixar de me atentar para o fato de que, politicamente, tanto no Brasil quanto em Portugal, vivia-se período de ditadura militar e os intelectuais inseridos naquele contexto, com ele dialogavam de diversas formas. Foi então que busquei nos textos manifestações de desconforto em relação à situação política. Entretanto, por ter como princípio estético o experimentalismo lingüístico e gráfico, a literatura propunha desafios, pois, se de um lado pretendíamos toma-la como expressão clara de exílio e desconforto em relação ao momento político brasileiro e português, por outro, ela oferecia dificuldades pelo seu hermetismo e pela pouca presença do eu.

Contudo ao pesquisar, no Acervo de Escritores Mineiros, outros textos relacionados ao *Suplemento Literário*, detectamos a presença catalisadora de Murilo Rubião nesse diálogo entre mineiros e portugueses. Fazem parte das fontes consultadas no Acervo, juntamente com recortes de jornais, documentos pessoais, livros, fotos, entre outras, as correspondências trocadas entre o Grupo *Suplemento* e os escritores portugueses de vanguarda. E é através dessas correspondências que pudemos verificar algumas das

hipóteses levantadas no projeto inicial. Se nas obras críticas e literárias não havia manifestação subjetiva em relação ao momento sócio-político que ambos os países viviam, nas cartas, elas apareciam de forma mais nítida. Assim, se num primeiro momento, não se pensou em trabalhar de modo mais detido com as correspondências, porém, após a leitura das mesmas, concluiu-se que elas seriam objetos de estudo mais detalhados porque traziam fatos e respostas que poderiam esclarecer dúvidas e mesmo trazer outras questões.

Além disso, os recortes de jornais remetiam para as crises pelas quais passou o *Suplemento* e, talvez a mais séria, em 1973, que envolveu a Imprensa Oficial como um todo, repercutindo nacionalmente. Essa crise, e a outra, que ocorreu em 1975, novamente reforçou o papel que Murilo Rubião exercera no periódico, pois as manifestações de apoio eram a ele direcionadas, mesmo não estando mais a frente do jornal. A crise de 1975 recebeu inclusive o apoio de escritores do país todo, Nélida Piñon encabeçou, no Rio de Janeiro, um movimento de apoio a Wander Piroli, então à frente do periódico. Murilo Rubião recebera também bilhetes e cartas de apoio como a que chegou de Paris, escrita por Humberto Werneck. Além disso, nas pastas cuidadosamente guardadas por Murilo Rubião há vários recortes de jornais de todo o país com manifestações de solidariedade ao *Suplemento*. Portanto, esses recortes exigiram que a pesquisa saísse do espaço do Acervo de Escritores Mineiros e fosse para a Hemeroteca, em Belo Horizonte, à Rua Assis Chateaubriand, para pesquisar essa crise, no *Jornal de Minas*, órgão que mais se opôs ao *Suplemento*.

Portanto, à cata dessas fontes, a pesquisa foi tomando seu rumo. Aliado a esse estudo havia também a ser trabalhada a pesquisa dos textos literários e críticos de brasileiros e portugueses acerca das literaturas brasileira e portuguesa. O número é elevado como foi constatado, entretanto, chegou-se à conclusão de que teríamos que recortar aqueles que melhor se adaptassem às hipóteses aventadas no projeto. Assim, a participação das críticas literárias brasileiras Maria Lúcia Lepecki e Nelly Novaes Coelho não foram estudadas por se caracterizarem como ensaios críticos sobre obras portuguesas e não trazerem referências claramente expressas a respeito das relações Brasil/Portugal, a não ser pelo estudo que empreendem em seus ensaios acerca de autores portugueses.

Nesse sentido, somente textos de críticos brasileiros e portugueses que se voltavam para as literaturas brasileira e portuguesa e expressassem acerca da relação Brasil/Portugal

foram selecionados como, os de Arnaldo Saraiva, Ernesto Manuel de Melo e Castro, Laís Corrêa de Araújo, Manuel Rodrigues Lapa e Ubirásçu Carneiro da Cunha. Mereceram maior destaque as produções críticas de Rodrigues Lapa devido ao seu número elevado e ao estudo específico que empreende esse crítico a respeito da produção literária dos poetas brasileiros inconfidentes. As entrevistas que Ana Hatherly concedeu a Ubirásçu Carneiro da Cunha e a Laís Corrêa de Araújo foram importantes para a se retratar o diálogo Brasil/Portugal.

Buscando inserir o trabalho na linha de pesquisa Literatura, História e Memória Cultural que objetiva, entre vários aspectos, a constituição de fontes primárias, e estudando as relações entre história, memória cultural e literatura, não pudemos deixar de lembrar que a Literatura Comparada discute em conceitos como nação, origem, centro, periferia, tradição. Em se tratando de países como Brasil e Portugal, esses conceitos tomam uma outra feição, pois estamos aqui tratando de país colonizado e país colonizador. Nesse sentido, teóricos como Homi Bhabha, Benedict Anderson e Antonio Candido, Eduardo Lourenço, são visitados para o embasamento das hipóteses apresentadas.

E, por termos como campo de trabalho o Acervo de escritores Mineiros, recorreremos a teóricos como Jacques Derrida em *Mal do Arquivo* e Fausto Colombo em *Os arquivos imperfeitos*, principalmente, além de recorrer também a Michel Foucault em *Arqueologia do saber*, entre outros.

Ao desenvolvermos nosso trabalho de pesquisa, percebemos que inicialmente seria necessária uma descrição da parte física do *Suplemento Literário* não só pela sua riqueza conteudística, mas também porque, por ser um periódico que abrange diversas manifestações artísticas, uma descrição poderia contribuir para outras pesquisas a serem posteriormente desenvolvidas por estudiosos de outras áreas como, por exemplo, das artes plásticas, do cinema, do teatro, estudiosos da literatura japonesa, espanhola etc.

Nesse trabalho de descrição, pudemos perceber que a riqueza gráfica do *Suplemento* deve-se a um trabalho sério e talentoso de ilustradores e artistas plásticos que fizeram parte do grupo como Álvaro Apocalypse, Chanina, Jarbas Juarez, Eduardo de Paula, José Márcio Brandão, Liliane Dardot, Márcio Sampaio e tantos mais. Além disso, após a descrição das colunas e seções, tivemos uma visão panorâmica do periódico; aquelas

que tiveram uma vida longa, as esporádicas, as que não permaneceram. Todas as nuances em torno da existência das seções e colunas retratam a experimentação daquele grupo que teve no jornal um espaço de criação, uma espécie de laboratório em que as idéias eram discutidas, elaboradas e postas em prática como uma criação coletiva. Muitas vezes as discussões saíam ou chegavam de outros lugares, pois o *Suplemento* se estendia também pela Faculdade de Direito da Universidade, à Rua Álvares Cabral, subia a Rua da Bahia, parava em bares como a Cantina do Lucas, no Edifício Maleta e chegava até a Faculdade de Letras e Filosofia da UFMG.

Há que ressaltar o estreito relacionamento do Grupo Suplemento com a Universidade, não só a de Minas Gerais como também a Universidade de São Paulo, afinal, o conhecimento acadêmico produzido pelos professores e alunos, encontravam espaço de publicação no periódico, principalmente nos anos 70. Essa também é uma outra possibilidade de pesquisa, afinal, vivia-se no país a efervescência do estruturalismo e no *Suplemento* encontram-se artigos que permitem vislumbrar a movimentação crítica do período, ou mesmo a sua inquietação diante das novas abordagens. Nelly Novaes Coelho, por exemplo, em carta a Murilo Rubião, desabafa acerca das novas posturas críticas, expressando seu espanto e desconforto em relação à linguagem hermética, aos esquemas, fórmulas matemáticas e setas que passaram a fazer parte do texto crítico de então:

(...) Teoria da Comunicação, Teoria da Informação, Estruturalismo, etc. Toda essa massa incrível de palavreado (as das vezes absolutamente gratuito e lúdico, a meu ver...) estão me deixando nauseada. Ainda hoje li o artigo de Haroldo de Campos no Suplemento do Estado, “Serafim: uma análise sintagmática”...Confesso-lhe que precisei lê-lo três vezes, com atenção, para chegar a compreender que, ao fim e ao cabo, através de uma terminologia supostamente criadora (tomada daqueles que estão dando as cartas no momento: Todorov, Barthes, etc.) Haroldo não fez mais do que falar na divisão dos episódios ou capítulos do “Serafim”, chamando-os de unidades sintagmáticas e fazendo a paráfrase de cada um. Termina o artigo com um esquema que ele chama de “esferas da ação” e divide em dois movimentos...nesses nada mais estão do que várias situações por que passa o personagem em sua revolta contra “a crosta da formação burguesa e conformista”.

(...) a convicção de que técnicas de abordagem que me parecem específicas para o estudo lingüístico ou para a renovação dos meios da “comunicação de massa” (T.V., propaganda, rádio..., devem ser adaptadas ao estudo das obras literárias...E tudo que vi feito até agora, revelou-se de uma superficialidade cretina e de uma gratuidade revoltante, pois apesar do código altissonante e incompreensível (a não ser para os iniciados...) não esclarece, nem aprofunda nada a compreensão da obra. Então, qual o valor dessa abordagem? (São Paulo, 8 de março de 1969, p.1,2, grifos da autora)

Portanto, num cotejamento entre as correspondências e o periódico pudemos ter as respostas para as indagações que até então pareciam sem solução. Por exemplo, indagávamo-nos o porquê de a coluna “Roda Gigante”, assinada Laís Corrêa de Araújo, uma das mais ativas intelectuais do *Suplemento*, ter tido vida efêmera, embora seu nome continuasse a figurar como membro da redação por um extenso período, e mais, ela continuasse a assinar traduções e artigos críticos após o término da coluna. Essa resposta só pôde ser obtida quando se recorreu à leitura das correspondências. Numa atitude voyerista, o pesquisador quando lê as cartas passa a testemunhar o relacionamento muitas vezes conflituoso entre intelectuais, passa a também admirar a superação das diferenças em prol de um projeto maior e do idealismo que move esses grupos de literatos que se unem em torno de um movimento, de uma revista.

Todas as partes do *Suplemento* mereceriam atenção especial, entretanto, como não é objetivo desse trabalho a caracterização do periódico, optamos por apenas enumerá-las e caracterizá-las naquilo que as destaca. A seção “Lançamentos” que traça um painel da movimentação editorial, “Literatura mineira desde as origens” que busca, na tradição, constituir uma identidade e ainda “O escritor mineiro quando jovem”, que amplia seu horizonte estendendo-se ao todo o país, tornando-se “Novos de toda parte” e também “Novos em antologia”, tornando-se o espaço de expressão dos jovens escritores do Estado e do país, além de outras seções e colunas são amostras do projeto que o *Suplemento* empreendia.

Preocupado em difundir a literatura bem como dar espaço aos novos, além de ter um cunho didático, procurando informar e formar leitores, o *Suplemento* assume uma postura de veículo de vanguarda à medida que divulgava principalmente o que havia de novo na literatura brasileira e internacional. Entretanto, as matérias do *Suplemento* não estão apenas nas colunas e seções, os artigos esparsos, os poemas e excertos de livros são a parte mais substancial do periódico e, por não ocuparem um espaço específico, permitem maior liberdade de publicação.

Assim, a seção “Lusitana Gente” que traz ensaios acerca da Literatura Portuguesa não é a única ou mais importante expressão dessa literatura, pelo contrário, pois a participação portuguesa que está diluída ao longo das páginas do periódico é em número muito

maior que a presente naquela seção. Além disso, em quase todos os textos literários, sejam eles de autores brasileiros ou portugueses, o tratamento gráfico é de suma importância, pois são acompanhados de ilustrações que os enriquecem.

A presença portuguesa se faz notar mais ainda quando, as edições especiais, os números 131 e 132, dedicados à Literatura Nova de Portugal, quase chegaram a causar problemas diplomáticos entre os dois países. Devido a esse fato pudemos então confirmar não só o papel que exerciam os intelectuais portugueses diante da ditadura que viviam. Pudemos confirmar o papel revolucionário da literatura enquanto ameaça ao poder instituído. Evidencia-se o fato de que portugueses que faziam oposição ao governo de Salazar tenham encontrado, no Brasil, ex-colônia portuguesa, num jornal oficial do governo, espaço para divulgação de seus trabalhos literários.

Novamente, em relação aos números especiais dedicados à Literatura Portuguesa, foi nas correspondências que muitos pontos foram esclarecidos. E aquilo que, aparentemente era visto como uma repercussão negativa por parte do governo, foi verificado através das cartas que se estendeu também a outros intelectuais, causando problemas e desavenças entre alguns deles e a poetiza Ana Hatherly que, por receber maior destaque naqueles números, sofreu represálias e boicotes por parte de colegas e por parte dos órgãos de imprensa portuguesa especializados em literatura.

Ela chegou mesmo a escrever um texto explicando a razão pela qual seus poemas receberam mais destaque no periódico especial. Texto esse que faz parte daqueles a que chamo de “arredores” do *Suplemento*, e vão compondo um mosaico de objetos que se relacionam com o periódico, pois esse, ainda em forma de rascunho, com bastantes rasuras, revisões e rabiscos, foi doado pela poetiza ao Acervo de Escritores Mineiros junto às trinta e três correspondências que recebera de mineiros.

1.2 A organização e estruturação do trabalho

Devido à variedade das fontes pesquisadas, a conexão entre os capítulos deste trabalho torna-se difícil, pois cada um focaliza uma parte diferenciada dentro da vastidão do material consultado. Assim, procuramos num primeiro momento realizar dentro do

periódico e das correspondências vários recortes. Sentimos também a necessidade da descrição e caracterização de cada parte que compõe o *corpus*. Como opção pela minúcia e pelo detalhe, são descritos e transcritos trechos de ensaios bem como das correspondências, além de uma quantidade razoável de informações, o que caracteriza o trabalho com periódicos.

Com essa preocupação em mente, optamos, no Capítulo I, por descrever a estrutura física do periódico, destacando também a presença portuguesa ao listar os nomes dos escritores portugueses de vanguarda ou contemporâneos que nele publicam. A essa descrição, às vezes um pouco cansativa, somou-se uma breve referência à repercussão que o *Suplemento* adquirira nacional e internacionalmente, o que pôde ser verificada também através das correspondências dirigidas a Murilo Rubião e mesmo à participação de escritores brasileiros já consagrados. O *Suplemento* acabou também tendo um papel didático para aqueles intelectuais que estavam fora do país e não contavam com material sobre a Literatura Brasileira.

No Capítulo II, recorreremos teoricamente aos conceitos levantados logo de início da pesquisa quando se pensou a relação Brasil/Portugal do ponto de vista da Literatura Comparada e inserida na linha de Literatura, História e Memória Cultural. Em se tratando desses dois países e da relação ou não relação, como quer Eduardo Lourenço, que sempre mantiveram, desde o início da colonização, não podemos deixar de levantar questionamentos acerca do papel da literatura e do intelectual na constituição da identidade e da nação. Ainda mais, como a constituição dessa identidade se dá, levando-se em conta o diálogo que então empreendiam mineiros e portugueses naqueles idos de 60 e início de 70? Como esse diálogo poderia estar repetindo representações imaginárias ou mesmo desconstruindo-as?

E como esse diálogo poderia, tanto de cá quanto de lá, configurar-se como um retorno às origens, procurando rever, escrever e reconstruir uma nova identidade? Aí ainda cabem várias perguntas e, principalmente, que papel tem o *Suplemento* para os brasileiros e para os portugueses naquele momento em que ambos os países se viam sob a mira da censura e repressão? Esse é o capítulo que se atém às críticas e aos textos literários em que se pode buscar através deles respostas a essas e a outras perguntas colocadas no projeto. O *Suplemento* objetiva difundir a arte de vanguarda, assim dialoga

com os portugueses e intenta construir uma nova identidade para o país que não aquela imposta pelo discurso da tradição.

No Capítulo III, são abordados textos de brasileiros e portugueses que tratam das literaturas brasileira e portuguesa. Primeiramente, atemo-nos aos textos de brasileiros que escrevem nos dois números do *Suplemento Literário*, organizados por Rui Mourão, em homenagem ao professor português Manuel Rodrigues Lapa. Esses textos, apresentam a figura do intelectual português que se dedicava preferencialmente ao estudo da cultura brasileira através das pesquisas que realiza, já em Portugal, sobre os poetas inconfidentes. Por razões políticas, Manuel Rodrigues Lapa deixa Portugal e passa a residir no Brasil por dezessete anos. Nesse tempo realiza pesquisas em acervos e arquivos, sendo reconhecido pelo seu trabalho como um desmistificador, um revisor da história cultural e literária de Minas Gerais do século XVIII.

E, quanto à visão de Rodrigues Lapa diante em relação ao Brasil essa é encontrada nos ensaios que ele publica no periódico. Se de um lado ele expressa um desejo de identificação com o país, elegendo a figura de Tiradentes como símbolo de luta pela liberdade. Por outro, resente-se quando constata a diferença lingüística entre Brasil e Portugal e deixa expressas visões cristalizadas que remetem à herança colonial.

Quanto aos outros portugueses focalizamos Ernesto Melo Castro que teve no *Suplemento* um espaço de manifestação teórica da Poesia Experimental Portuguesa daquele período. Para o poeta a identificação da poética experimental com o Brasil deve-se principalmente àquilo que a Literatura Brasileira traz de universal. Sem dúvida, a arte barroca é outro ponto de identificação entre as literaturas brasileira e portuguesa de vanguarda pelo que essa arte apresenta de plasticidade visual e pelo seu caráter lúdico.

Já em relação à Ana Hatherly, preocupamos com as entrevistas que a poetiza concedeu a Ubiraçu Carneiro da Cunha e a Laís Corrêa de Araújo. Embora as entrevistas se estruturam de forma diferente, elas demonstram uma idealização tanto do português quanto do brasileiro no que se refere à relação que buscam empreender. Para brasileiros a volta para a cultura portuguesa se pauta na busca de identidade, no desejo de reconhecimento por parte do português, no desejo de pertencimento a uma cultura que

representa a origem. Para o português, o Brasil apresenta-se como uma continuidade de sua cultura, como possibilidade, futuro. Assim, espanta-se diante das diferenças, culturais, arquitetônicas e, principalmente, lingüísticas. Desejam encontrar aqui no Brasil um Portugal que deu certo, pois a colonização portuguesa é lida como um novo recomeçar, um recriar da nação portuguesa em outro território. Assim, quando se deparam com o caráter brasileiro, diferente do português, porque já híbrido e miscigenado, resultado das inúmeras imigrações que o país acolheu, vêm-se diante de um novo Brasil que desconhecem. Nesse sentido, tanto o brasileiro quanto o português tentam estreitar relações para que não se percam as poucas e já rasuradas heranças que trazem, afinal também Portugal fora influenciado pelos brasileiros, mesmo no período colonial, quando o trânsito entre os dois países era bastante intenso. É emblemática a vinda de D. João VI para o Brasil por ocasião das invasões napoleônicas bem com sua partida, deixando aqui seu filho como a governar sua quinta do outro lado do Atlântico. O brasileiro e o português ambos se buscam um no outro e não se reconhecem, entretanto, perdura o desejo de uma relação mais estreita, mas fraterna.

No Capítulo IV, algumas das perguntas e hipóteses aventadas no projeto foram respondidas quando se efetuou a leitura e o estudo das correspondências entre mineiros e portugueses, entre brasileiros e Murilo Rubião. Como se pode ver, as cartas tiveram importâncias em todos os capítulos anteriores, até mesmo para o esclarecimento da permanência ou não de algumas colunas e seções. Portanto, as correspondências mereceram mais atenção, pois nelas é que encontramos a fala dos intelectuais. Ainda que a correspondência seja também um gênero textual e que nela também haja muito de representação e ficcionalidade, foram as cartas que nos permitiram esclarecer dúvidas e desvendar os bastidores da construção do *Suplemento Literário*. A exposição de “eus”, aliada aos implícitos presentes nas cartas, revelam a intimidade e o grau de comprometimento que esses intelectuais tinham naquele momento para o trabalho de fazer e lançar um jornal literário.

CAPÍTULO I

O SUPLEMENTO LITERÁRIO

1.1 Apresentação do periódico

Este capítulo consiste na descrição do *Suplemento Literário* com suas colunas, artigos, suas séries e subséries. Como ocorre nas descrições, o texto torna-se um pouco cansativo, mas há a necessidade de que se proceda dessa forma, pois a caracterização do periódico passa necessariamente pela distribuição da matéria, pela assiduidade, ou não, de artigos e articulistas e pela diagramação.

A terminologia utilizada para a nomeação das partes do periódico como colunas, séries e subséries justifica-se por dois motivos, a saber: primeiramente, no trabalho, desenvolvido no mestrado com o estudo da revista *Vocação*, periódico que se assemelhava estruturalmente em alguns aspectos a um jornal, recorreremos a esses termos. O outro motivo resulta do procedimento de pesquisa que utilizamos no estudo do *Suplemento Literário*. Ao realizar a pesquisa através do CD-ROM que traz a base de dados do periódico, confeccionado pela Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG, além do endereço eletrônico no qual se pode consultar o jornal *on-line*, entre as várias opções de entrada uma delas é “série”. Ainda mais, quando nos referimos a uma página que apresenta certa regularidade de publicação como “Roda Gigante”, por exemplo, utilizamos as palavras séries, colunas ou seções. Além disso, tomamos de empréstimo o termo “série” de Laís Corrêa, responsável por “Roda Gigante”, quando escreve em “Dois livros, um problema” que “Já tivemos de assinalar nesta série o novo rumo que a Editora Vozes...”, referindo-se a essa página que assinava no periódico. (ARAÚJO, 1967, p. 3).

A criação do *Suplemento Literário do Minas Gerais* veio ao encontro da política adotada pelo governador Israel Pinheiro e mesmo pelo então presidente da República, Juscelino Kubistchek, considerando a atuação desses políticos em Belo Horizonte e Brasília. Kubistchek, por exemplo, era admirador da literatura, principalmente de Guimarães Rosa, e grande incentivador da arte moderna em Belo Horizonte. Sendo um homem público sempre se cercou de intelectuais durante seus mandatos como

governador de Minas e presidente do Brasil. Durante o período em que foi governador de Minas Gerais, teve ao seu lado intelectuais como Cyro dos Anjos, Murilo Rubião, Cristiano Martins, Autran Dourado, Fábio Lucas, Rui Mourão, Afonso Ávila e o carioca Augusto Frederico Schmidt que era seu *ghost writer* (WERNECK, 1992, p. 134-135).

Após passar por Brasília, tendo uma atuação bastante significativa na construção da nova capital do país, Israel Pinheiro volta para Minas Gerais como governador, eleito em 1965 e, governando até 1970, adota a mesma política de Kubistchek em relação às artes e à intelectualidade.³ Se de um lado havia um incentivo às artes, de outro, a amizade e a solicitação de serviços dos escritores e artistas funcionavam como forma de cooptação e controle a possíveis manifestações oposicionistas da classe artística.

Era uma prática corriqueira do governo, portanto, a presença de intelectuais na Imprensa Oficial, órgão que publicava o *Minas Gerais*, jornal de decretos e leis governamentais. De acordo com Werneck (1992, p. 177), no início da década de 60, era um luxo da Imprensa Oficial contar com a presença de um intelectual do porte de Murilo Rubião que, por se ver sem função, tomava como tarefa apenas escrever e verificar leis e decretos que o governo imprimia no *Minas Gerais*. Murilo Rubião chegou até mesmo a escrever obituários de gente viva, como o fez em relação ao presidente Venceslau Brás. A Imprensa Oficial, em contrapartida, patrocinava publicações desses intelectuais. *Os dragões e outros contos*, de Murilo Rubião, numa edição de mil exemplares, foram publicados em 1965 pela Imprensa Oficial. Porém, Murilo Rubião já publicara pela Universal, em 1947, *O Ex-mágico* e, em 1953, *A estrela vermelha*, com 116 exemplares, pela Hipocampo, editora de Geir Campos e Thiago de Melo.

Contando, portanto, com um número significativo de intelectuais trabalhando no seu governo e, especificamente na Imprensa Oficial, Israel Pinheiro teve a iniciativa de reavivar no jornal que divulgava as leis do estado, o *Minas Gerais*, a atividade cultural que ele já exercera no passado. Para essa empreitada, convidou Murilo Rubião. Coube ao sobrinho e secretário do governador, Raul Bernardo Nelson de Senna, a tarefa de apresentar aos intelectuais que já trabalhavam na redação da Imprensa Oficial: Murilo Rubião, Ayres da Mata Machado Filho e Bueno de Rivera - o novo projeto de se

³ Disponível em : <www.brasiliense.hpg.ig.com.br/israelpinheiro.htm>. Acesso em: 20 set. 2005.

publicar alguma literatura em uma página literária, no jornal oficial do governo. A criação dessa página de notícias literárias tornou-se a possibilidade de integração e a homogeneização do estado através da literatura. Afinal, no órgão oficial do governo, com uma tiragem de 27 mil exemplares, o *Suplemento* chegaria a quase 200 localidades de Minas, principalmente às do norte do estado, e em muitas seria o único impresso a que esses logradouros teriam acesso. Considerando a proposta de Murilo Rubião, a partir desse projeto inicial - uma página semanal dedicada à literatura e às artes - Affonso Ávila redigiu o projeto de lei que instalou o *Suplemento do Minas Gerais*.

Em dia 3 de setembro de 1966, o *Suplemento Literário* sai com 27 mil exemplares, 12 páginas, medindo 30 cm de largura e 44 cm de comprimento. Na primeira página, há o texto “Apresentação”, sem assinatura, portanto, a cargo da redação. Ainda o poema “O país dos laticínios”, de Bueno de Rivera, uma ilustração, assinada por Álvaro Apocalypse. Abaixo, “Álvaro Apocalypse: do folclore ao surrealismo”, dois parágrafos acerca desse artista plástico. Na página dois, o texto teórico de autoria de Fábio Lucas: “Função renovadora da poesia”, outro de João Camillo de Oliveira Torres, “Missão de Minas”. A primeira série “Roda Gigante” desse periódico surge com um estudo crítico sobre a obra *Iracema* de José de Alencar. Affonso Ávila responde por um texto crítico em que estuda o poeta Sousândrade. Márcio Sampaio assina como M. Procópio o texto de crítica musical “Arthur Bosmans: de marinheiro a cantor do planeta Marte”, Zilah Corrêa de Araújo, em “Eduardo Frieiro no depoimento de sua esposa”, apresenta o primeiro texto de uma “série” que traz depoimentos de familiares de escritores acerca de sua vida doméstica.

Nessa primeira edição, há ainda “O passeio”, poema da poeta cataguasense Celina Ferreira, “O Escritor Euclides da Cunha”, um estudo da obra de Euclides da Cunha, “Bigode”, poema de Libério Neves, ilustrado por Chanina, o conto “Na rodoviária”, de Ildeu Brandão, ilustrado por Eduardo de Paula, a coluna “Artes Plásticas”, de Márcio Sampaio com o título “Ouro Preto: dois séculos de arte”, um texto que se dedica ao cinema, sob responsabilidade de Flávio Márcio, “Godard: carta de princípios”, e, por fim, “Franz Kafka”, entrevista que Luís Gonzaga Vieira realizou com Franz Kafka no sanatório Kierling, em Viena, em junho de 1924.

Na primeira página, o *Suplemento Literário* já começa marcando sua personalidade. É um periódico que dedica espaço às artes em geral. No período pesquisado, há textos referentes não só à literatura mas também às artes plásticas, música, cinema e teatro. Grande parte dos poemas e contos publicados é acompanhada de ilustrações a bico-de-pena, com ou sem assinatura. Entre as assinaturas reconhecíveis, podemos destacar as mais frequentes: Álvaro Apocalypse (23 ilustrações), Chanina (31 ilustrações), Eliana Rangel (77 ilustrações), Márcio Sampaio (71 ilustrações)⁴ e outros.

Após a publicação desse primeiro número, o sucesso do periódico foi imediato e de várias partes do Brasil chegaram aplausos em forma de bilhetes de incentivos e cartas, além de colaborações: Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, que estava nessa época em Roma, e tantas outros.

Já no final dos anos 50, os principais jornais da capital, *Estado de Minas*, *Diário de Minas*, *O Diário* e *Folha de Minas* contavam com suplementos literários. Segundo Affonso Romano de Sant'Anna (2005), os suplementos tiveram um importante papel na formação intelectual de sua geração, pois eram uma fonte de leitura a que se recorria com frequência, além de ser um espaço de expressão para aqueles jovens escritores que desejavam publicar e divulgar seus primeiros trabalhos. Afirma o crítico: “Dizia-se, naquela época, que Minas era um celeiro de jornalistas. Com efeito, foi uma geração que nos anos 60 foi levada para fazer a *Veja* e o *Jornal da Tarde* e que atuou também no *Jornal do Brasil*. Eu mesmo teria ido, não tivesse em 1965 já optado pela carreira universitária e ido lecionar na Califórnia” (SANT'ANNA, 2005).

Duílio Gomes, por exemplo, afirma ser

um escritor nascido de suplementos e revistas literárias. Inclusive os críticos percebem isto, porque eles falam em grupo ‘Estória’, grupo ‘Suplemento Literário’, e esse movimento parece que foi um marco mesmo, em 65,66. (...) Em 66, eu entrei no concurso da *Revista Literária da Universidade Federal de Minas Gerais* e tirei o primeiro lugar. E a partir daí o negócio começou a crescer pra mim, eu conheci o pessoal da revista *Estória*. Nesse mesmo ano eu já estava publicando no ‘Suplemento Literário do *Minas Gerais*’, e também o pessoal todo da *Estória* estava no Suplemento (GOMES, 1977, p. 4, 8).

⁴ A referência diz respeito apenas ao período que a pesquisa abrange - 1966 a 1976. Muitos dos ilustradores prosseguem seu trabalho, comparecendo nos anos posteriores.

Nos primeiros anos, o nome de Murilo Rubião aparecia nas páginas do *Suplemento* como secretário e a comissão de redação exibia os nomes de Laís Corrêa de Araújo, Rui Mourão e o próprio Murilo Rubião. Entretanto, outros nomes faziam parte da equipe como Márcio Sampaio, Lucas Raposo, José Márcio Penido, José Bento Teixeira de Salles, Wilson Castelo Branco, Ideu Brandão, Libério Neves, Mário Flávio, Zilah Corrêa de Araújo, e muitos outros que foram sendo agregados no decorrer das publicações. Em 1967, já colaboravam no jornal Massaud Moisés, Augusto de Campos, Nelly Novaes Coelho, Henriqueta Lisboa, Affonso Romano de Sant'Anna, José Paulo Paes, Silviano Santiago e tantos outros.

Murilo Rubião enfrentou a desconfiança e o descaso de muitos para implantar o jornal, pois o meio literário acreditava que não havia escritores mineiros capazes de fornecer material para o periódico, assim, ele teria então de recorrer a traduções ou buscar colaborações em outros estados. Para agravar a situação, Belo Horizonte, naquela época, vivia sob um marasmo artístico, embora houvesse a efervescência de gerações de jovens escritores, essa era desconsiderada pela geração dos já consagrados e mais ainda, não havia diálogos entre gerações. Vivia-se um período difícil em que muitos jornais mineiros fechavam as portas ou passaram a publicar apenas uma página (WERNECK, 2005)⁵. Lançar um suplemento era, portanto, um empreendimento ousado.

Nesse sentido, seguindo o conselho que Mário de Andrade dera aos mineiros de *A Revista*, Murilo Rubião procurou, no *Suplemento*, misturar os já consagrados e as novas gerações, e mais, buscou criar um periódico que não se dedicasse somente à literatura, mas também às artes plásticas, ao cinema, à música, ao teatro etc (WERNECK, 1992, p. 177-184). Coube a Ayres da Mata Machado Filho a função conciliatória de intermediar a equipe com a geração dos já consagrados, a ala mais conservadora da intelectualidade belo-horizontina, como os irmãos Djalma e Moacyr Andrade, Eduardo Frieiro, Mário M. Campos. E a Affonso Ávila, que representava o diálogo com a vanguarda, coube principalmente a aproximação com a vanguarda paulista como os concretistas Décio Pignatari e Haroldo e Augusto de Campos. Ele era também responsável pelo ensaísmo crítico quando os textos tratavam de arte de vanguarda.

⁵ Cf. Entrevista em Anexo.

Além disso, o *Suplemento* cumpriu uma outra missão importante na divulgação dos artistas plásticos novos. Era uma espécie de laboratório para os artistas, lá atuavam Álvaro Apocalypse, Jarbaz Juarez, Chanina, Madu (Maria do Carmo Vivacqua Martins), José Alberto Nemer, Bete Lana, Pompéia, Liliane Dardot. E nomes como Frederico Moraes, Aracy Amaral e Sérgio Mandonato também eram assíduos, embora não pertencessem ao grupo dos mineiros. O periódico era, antes de tudo, um encontro entre a literatura e as artes plásticas. Segundo Sampaio (2005), um escritor escrevia já pensando no ilustrador e vice-versa. Houve um interesse mútuo entre eles. A crítica também se interessou pelo que era publicado no *Suplemento*, Roberto Pontual chegou a utilizar em seu dicionário de artes plásticas artigos de Márcio Sampaio.

Nessa tarefa, o *Suplemento* contou com o artista plástico Márcio Sampaio que era uma espécie de “faz-tudo” na redação, ilustrava, redigia matérias e fazia revisão. Era o responsável pela parte gráfica e pelas ilustrações. Márcio Sampaio era o ponto de contato entre o *Suplemento* e as novas gerações de artistas plásticos, como os alunos da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e Escola Guignard. Em mesa-redonda “*Suplemento Literário do Minas Gerais: da origem aos dias atuais*”, realizada na Serraria Souza Pinto, em 15 de agosto de 2005, Márcio Sampaio disse que Murilo Rubião adotava certo rigor em relação ao que se publicava no periódico, portanto, não permitia que, num mesmo número, a mesma pessoa assinasse duas vezes uma matéria, assim Márcio Sampaio acabou adotando o pseudônimo M. Procópio.

Márcio Sampaio, além de exercer as funções de redator, ilustrador e programador visual era também responsável pela coluna “Artes Plásticas” que apareceu apenas duas vezes em 1974. Assinou muitos textos acerca de artes plásticas e poemas que apresentam apurado trabalho gráfico. Escreveu textos sobre a Escola Guignard que estava à época sob a chancela da Imprensa Oficial, sobre Carlos Wolney Soares, Tarsila do Amaral, Álvaro Apocalypse, Jarbas Juarez, Chanina, Nello Nuno, Eduardo de Paula, o grupo Giramundo, formado por Álvaro Apocalypse, Terezinha Veloso e Madu, Durer, Yara Tupinambá, Aloísio Magalhães, José Alberto Nemer, Marcel Duchamp, sobre a 36ª Bienal de Veneza, entre outros, além de noticiar exposições por Minas e pelo mundo. Todos os textos cujo assunto é artes plásticas aparecem com ilustrações e/ou fotos do artista focalizado, acompanhados de uma nota biográfica do mesmo e demonstram a

efetiva atualização de Márcio Sampaio em relação às artes plásticas tanto mineira quanto nacional e internacional.

O *Suplemento Literário* organizou em 1968 uma exposição de artes plásticas, na Imprensa Oficial, por ocasião do lançamento do seu número especial dedicado aos novos escritores de Minas. Após várias entrevistas e visitas a oficinas, escolas e ateliês, o grupo selecionou quarenta artistas residentes em Belo Horizonte, o que resultou numa exposição de esculturas, pinturas, gravuras e vinte e cinco desenhos. Representando várias tendências e estilos, a exposição contou com nomes que já faziam parte do *Suplemento* além de outros como: Juliana Silva Araújo, Raimundo Veloso, Pompéia Britto da Rocha, Eduardo Ângelo, Sérgio Lerman, Glaura Maria, Irene Gontijo, Olci Sória, Maria Ângela Pimenta, Maria do Carmo Vivácqua entre outros (SAMPAIO, 1968, p. 4).

Segundo Haydée Ribeiro Coelho (2005 a), Laís Corrêa de Araújo, outra colaboradora do *Suplemento*, em seus primórdios, tinha a função, assim como tantos outros colaboradores, de estreitar as fronteiras nacionais e internacionais no *Suplemento*, configurando-o como um espaço múltiplo de vozes em que o local e o global dialogavam. Encarregava-se de fazer resenhas, críticas literárias, selecionar textos, traduzir e promover os contatos nacionais e internacionais com escritores de outros estados e de outros países. Selecionava as matérias, o que era rigorosamente vistoriado por Murilo Rubião. Ela viajava, fazia entrevistas e promovia encontros com escritores como Ana Hatherly, Roman Jakobson, Tzvetan Todorov, Murilo Mendes, Octavio Paz. Além disso, fazia também muitas traduções, foi a primeira no Brasil a traduzir o conto “Villemo” de Julio Cortazar, afirma a poeta, em 1997, em depoimento a Maria Ester Maciel (2002, p. 27-33). Traduziu muitos intelectuais que representavam o pensamento crítico e literário então contemporâneo: Michel Butor, Erza Pound, T.S. Eliot, Sartre, Roland Barthes, Gabriel Garcia Lorca, Mário Vargas Llosa, Octávio Paz, Jorge Luís Borges, este era ainda um desconhecido no Brasil, Tzvetan Todorov, Robert Frost. Segundo Maciel (2002), para Laís Corrêa de Araújo, essas traduções tinham a função de “induzir e seduzir o praticante do vício literário”, como afirma a poeta, na introdução da coletânea dessas traduções que lançou em 1991 (p. 18).

Nos anos 60, 70 e 80 apesar de sempre haver mudanças entre os colaboradores, o *Suplemento* contou com um grupo permanente, assim, muitas matérias continuavam por vários números. O grupo inicial, além de Rui Mourão, Ayres da Mata Machado Filho, Bueno de Rivera, Emílio Moura, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo contava com Fábio Lucas, Humberto Werneck, Carlos Roberto Pellegrino, Valdimir Diniz, João Paulo Gonçalves da Costa, Jaime Prado Gouvêa, Francisco Iglesias, Adão Ventura, Paulinho Assunção e tantos outros que foram entrando e saindo no decorrer das publicações e do crescimento do periódico. E havia também aqueles que, apesar de colaborarem esporadicamente, marcaram a geração como vultos importantes como Henriqueta Lisboa, Affonso Romano de Sant’Anna, Silviano Santiago, os críticos, Elaine Zagury, Nelly Novaes Coelho, Maria Lúcia Lepecki etc.

Há que se ressaltar que grande parte dos intelectuais mineiros procuraram outros centros como Rio de Janeiro e São Paulo numa diáspora que acabou por povoar jornais e revistas cariocas e paulistas como *Veja*, *Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil*, *Estado de São Paulo*, por exemplo (SANT’ANNA, 2005). Como Belo Horizonte nesse período ainda era uma cidade acanhada em relação às manifestações culturais, as oportunidades certamente estavam nos grandes centros. Dentro da Geração *Suplemento* um grupo que ficou conhecido como os contistas mineiros procurou outros horizontes, entre eles Humberto Werneck, Luiz Vilela, Sérgio Sant’Anna, Libério Neves, Duílio Gomes, Ivan Ângelo, Wander Piroli, Jaime Prado Gouvêa e tantos outros.

Nesse sentido, o grupo do *Suplemento* ainda que sofresse a perda de muitos de seus membros que deixavam de participar com uma colaboração mais rotineira, por estarem em outros estados, ou mesmo fora do país, não deixavam de enviar textos e ter o periódico como leitura obrigatória e referência. Além disso, a diáspora fazia com que com que o *Suplemento* ganhasse visibilidade nacional e mesmo internacional.

1.2 Colunas, páginas e séries

Algumas colunas, páginas e séries no *Suplemento* são constantes como a que fica a cargo de Laís Corrêa de Araújo, intitulada “Roda Gigante”. Para Haydée Ribeiro Coelho (2005 a) , “O título ‘Roda Gigante’ estava associado ao ‘movimento dos livros’ e ao ‘eixo da inteligência e da imaginação’” (p. 16). Laís C. de Araújo assina a série de

1966 a 1969. Essa é dividida em duas subséries, na primeira, são comentados livros de autores de diversas nacionalidades. A série tem subtítulos como “a editora”, “o autor”, “o livro” e “comentários”. Na segunda parte, intitulada “Informais”, são noticiados, em pequenos parágrafos numerados, separados por símbolos gráficos, lançamentos e notícias literárias variadas, como recentes e futuras publicações de livros, lançamentos de revistas, antologias etc. A primeira publicação de “Roda Gigante” data de setembro de 1966, v. 1, n. 1, p. 3, com o título “Poesia de sempre *Reexame* de Alencar”, texto em que se comenta a edição crítica de *Iracema*, por Cavalcanti Proença, publicada por ocasião do centenário do romance de José de Alencar. “Roda Gigante” apresenta também, no seu curto tempo de existência, textos que focalizam autores portugueses, tais como Álvaro Guerra, Ana Hatherly, Camilo Castelo Branco, E. M. de Melo e Castro, Ruben Andresen Leitão e outros.

Além de retratar o movimento editorial brasileiro e estrangeiro, “Roda Gigante” informa também a respeito de concursos literários, conferências e a atuação de intelectuais mineiros, como os cursos que uma boa parte deles ministrava no exterior, naquela época. Normalmente “Roda Gigante” e “Informais” localizam-se na página de número dez e onze, ou somente onze e ocupam um espaço de uma página e meia, podendo, esporadicamente, chegar a duas páginas. Geralmente “Informais” traz fotos ou ilustrações a bico-de-pena de um dos escritores focalizados. Além de traçar um quadro da movimentação literária, a série demonstra o interesse de Laís Corrêa de Araújo para com o seu tempo. Intelectual voltada à sua atualidade, ela procura divulgar para seus leitores aquilo que acontecia no meio cultural, não só informando, mas também formando leitores.

Anteriormente, a poeta já havia sido responsável por uma coluna de mesmo nome no jornal *Estado de Minas* desde 1959. A partir de 1969, sai extra-oficialmente do periódico, embora seu nome ainda figure como membro da redação. Problemas com a censura e desentendimento com Murilo Rubião fazem com que Laís C. Araújo se retire do *Suplemento* bastante magoada, como atesta carta do dia 12 de maio de 1969, endereçada a poeta portuguesa Ana Hatherly. Na correspondência, Laís C. Araújo narra o episódio em que teve desentendimentos com Murilo Rubião: nos comentários que fazia de obras na coluna “Roda Gigante”, escreveu a respeito de um romance do escritor equatoriano Jorge Icaza, porém tinha várias restrições sobre esse livro e, para justificar

-NOVA FICÇÃO PORTUGUESA-

A EDITORA

Em uma estatística um pouco antiga (refere-se ao período de 1955 a 1959), vemos que uma importância bastante considerável de dinheiro brasileiro é gasta na importação de livros portugueses. Na verdade, constata-se dessa leitura que o mercado brasileiro foi o maior consumidor do livro português no exterior, na proporção de 87,6% das obras enviadas para Ultramar. Em contrapartida, a situação do nosso país é extremamente desvantajosa como exportador de livros para Portugal: temos apenas o 17.º lugar na relação dos vendedores estrangeiros. Não acreditamos que, mesmo hoje, esta posição tenha melhorado. Ainda recentemente, segundo depoimento de um escritor jovem, após viagem a Portugal, muito pouco de nossa literatura, arte, ensaios críticos etc... é conhecido no chamado país-irmão. Este escritor, ausente do Brasil durante um período relativamente longo, desejava manter-se em dia com a nossa cultura, mas raramente encontrava em livrarias obras de autores brasileiros, que não as de Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego ou, com mais dificuldade, de Drummond, Guimarães Rosa e João Cabral. Dessas informações, concluímos que o Brasil continua, pelo menos no conceito mais geral do povo português, apenas como a «terra da promessa» ou como antiga «provincia ultramarina». Mas é bem verdade também que nós conhecemos muito pouco da literatura portuguesa da atualidade: os livros mais vendidos, em edições lusas, são as traduções, sendo pouco divulgados os escritores — especialmente os mais novos — daquele país. Salvo Fernando Namora, Miguel Torga, José Rodrigues Miguéis, Alves Redol e, no ensaio de história literária, M. Rodrigues Lapa, o que conhecemos da literatura de vanguarda ou de hoje da terra portuguesa? Talvez a obra de Ruben A. («A torre da Barbelas», comentada nesta seção) e quase mais nada. Agora, a Editora Prelo começa a lançar uma série de trabalhos de novos (ou, pelo menos, novos para nós), procurando fazer boa divulgação no Brasil e nos envia livros de Baptista Bastos («O passo da serpente»), de Franco de Sousa («O espelho e a pedra»), de Alvaro Guerra («Os mastins»), de Júlio Moreira («A execução»), entre outros. Dêsses, escolhemos os dois últimos livros, para trazê-los aos bancos desta Roda Gigante.

O AUTOR

Alvaro Guerra tem apenas 30 anos de idade, tendo nascido em Vila Franca de Xira (Ribatejo?) e começado, muito cedo, a interessar-se pela literatura, escrevendo contos. Viajou muito, e sempre segundo declaração. Este livro, «Os mastins», é a primeira obra de ficção que publica, tendo surgido de um conto muito breve, escrito seis anos antes, com o mesmo título. Isso é o pouco, o mínimo que sabemos de Alvaro Guerra. Se este é um principiante, não o é exatamente Júlio Moreira, o engenheiro-agrônomo autor de «A execução». Embora este livro seja também o primeiro que publica, já tem prontos, desde 1948, uma série grande de trabalhos, que, por motivos estranhos ao nosso conhecimento, conserva «na gaveta». São eles: «Poesias» (1948), «Odes» (1948-1950), «Encontro final» (1955), «O mal dos ardentes» — relato de uma experiência com o LSD — (1960), «O metrônomo» (1962), «O gongo» (1964) e «O inseto perfeito» (1965). Anuncia ainda, em preparação, as novelas intituladas «O apóstolo de si» e «Conjunção coordenada copulativa». O livro de Júlio Moreira traz uma capa curiosa, criada pelo próprio autor, que faz, com palavras que preparam e intrigam o leitor em perspectiva, o desenho de uma chave. A capa do livro «Os mastins» é de responsabilidade de Guilherme Lopes Alves, com uma ilustração picassiana.

O LIVRO

«Os mastins» se divide em duas partes: «Os lugares» e «Os pessoas e os animais». Alvaro Guerra não se preocupa com a aparência formalmente romanesco de sua história, escrevendo numa linguagem que é de uma simplicidade ou rusticidade meramente aparente: na verdade, reserva-se o direito do mistério, sob as frases sincopadas, cortadas em parágrafos falsos, segundo um ritmo de respiração (e nisso há qualquer coisa da forma de relações sensoriais estabelecidas na prosa, por exemplo, de Butor, da tendência a imobilizar as coisas, para vê-las mais integralmente). É Alvaro Guerra vai nos colocar dentro de uma região, antiga aldeia inominada, onde o Solar permanece como guardida de um passado, de uma

nobreza, de um predomínio feudal. Situados neste núcleo estrutural ordenador da história, podemos então entender «As pessoas e os animais», vivendo na dependência e na subserviência do Senhor, minados desde sempre pela inação e pela rudeza de um estilo de vida. Dessas pessoas, apenas Sílvia terá um destaque maior de «personalidade», caráter que adquire através do amadurecimento de seu ódio, assinalado pela morte dos mastins, paulatina, nas noites de sexta-feira, em que lhe cumpria o dever de «servir» ao Senhor. O livro de Júlio Moreira, «A execução», situa-se também num país inominado, no momento em que o povo se rebelava contra o seu tirano e toma o poder. A narrativa, contada na primeira pessoa, parte do aprisionamento do ditador, que é encerrado pelo autor da história no armário de seu quarto de pensão, contra as exigências populares que o queriam executar. Em vez de entregá-lo, trata de fabricar uma jaula e levar nela o seu prisioneiro, para expô-lo nas aldeias, como animal de outras eras, até que venha a falecer, não heróicamente, não como mártir, sequer como um demônio falido, mas de «morte natural».

COMENTARIOS

Dêsse pequeno sumário dos livros (que, aliás, nada diz deles em seu fato estético), podemos entender por que os reunimos num único comentário. São completamente diferentes entre si, tanto quanto à linguagem como quanto ao desenvolvimento do fio (quase inexistente) de fabulação. Mas algo os liga inapelavelmente: o signo da justiça, a luta contra o medo, a ansia de ser completamente, de existir em verdade. Em «Os mastins», é o domínio do Solar, do Senhor, que começa a carcomer-se através da simbólica morte de seus cães favoritos, os furiosos mastins guardiães de sua força. Em «A execução» é a tenaz e obstinada vontade de sobreviver à própria descoberta da liberdade, não por um gesto rápido e falaz de destruição do ditador, mas pela consciência adquirida e amadurecida daquilo que se opunha à nossa dignidade, não por ser mais poderoso ou diferente de nós, e sim em tunção de nosso próprio modo de olhar, de rolar a chave na fechadura e enfrentar o mito que criamos. Ambos os livros funcionam como «requis» de um sistema feudal, limitado numa aldeia («Os mastins») ou superestimado num país («A execução»). Na obra de Alvaro Guerra, ou na de Júlio Moreira, vemos os dois escritores se lançarem (e aqui utilizamos uma definição deste último escritor) «no espaço não ordenado do possível»; portanto, não explicam nem desejam ver explicado o material que nos oferecem. E isto reside a autenticidade das duas obras — porque o que dizem está implícito em uma unidade de concepção, de valor essencial como originalidade não apenas técnica, formal, mas de juízo de um tempo. De fato, o que sobrepõe tanto em «Os mastins» como em «A execução», o que nos fica como ressaibo amargo da leitura, é uma forma de encerrar a existência, como gerada pela realização da essência de nós mesmos. Assim, o domínio do Senhor e a ditadura só são possíveis enquanto o homem se recusa à percepção de sua própria individualidade. No entanto, esses dois livros estão isentos de qualquer sentido ideológico, do caráter político «tout courts», embora o leitor possa, por sua livre e espontânea vontade, adaptá-los a determinada situação, segundo o tipo de significado que lhes quiser dar. Isto é, o contexto social funciona enquanto estrutura da obra, intrínseca a ela, dimensão do texto no texto, e não como fator propulsor da história. Ao tomar contacto com Alvaro Guerra e Júlio Moreira, o leitor perceberá logo que está diante de uma «nova ficção portuguesa», em que ressalta a preocupação construtora e ordenadora do sentido do mundo e do homem.

INFORMAIS:

1. A educação dos filhos passou por grandes mudanças, de uns anos para cá. O progresso da psicologia abriu novas e excelentes perspectivas para a educação das crianças, preparando-as para uma juventude e uma vida adulta de muito maior equilíbrio e maturidade. É justamente isso que Rose Vincent e Roger Mucchielli, da Universidade de Paris, nos mostram no livro «Como Conhecer e Educar Nossos Filhos», lançado pela

Bestseller, uma leitura destinada especialmente aos pais; não contém linguagem excessivamente técnica nem hermética. Livro escrito para ser compreendido e aplicado, numa tradução de Jessie Freire Gomes dos Reis, à altura do original.

2. Em segunda edição, já está nas livrarias o livro de Antônio Cândido «Literatura e Sociedade». Partindo de uma abordagem eminentemente sociológica da literatura nacional, o autor revisita o seu livro de uniformidade e dida-

tismo difíceis de encontrar em obras similares. Alguns dos passos decisivos de nossa literatura são analisados no livro, que examina a influência do meio social sobre a obra de arte e a desta sobre o meio, estudos os «Estímulos da criação literária», análise a literatura no Brasil durante os dois primeiros séculos da nossa literatura, a função do escritor na sociedade atual etc. Se possível, voltaremos a falar desta obra importante, lançada pela Cia. Editora Nacional, em nosso comentário longo, tão logo a «ordem cronológica» de recebimento de livros nos permitir.

3. Renato May, um dos mais lucidos e ativos de todos os críticos italianos do cinema, vem escrevendo sobre a arte que o apalxona desde 1938. Traduzido em vários idiomas, mostra-se também incansável como professor do Centro Sperimentale de Cinematografia de Roma e de diversas universidades italianas. «A Aventura do Cinema», mais um lançamento da vitoriosa coleção «Biblioteca Básica de Cinema», sob a direção de Alex Viany, da Editora Civilização Brasileira, reúne dois dos mais importantes trabalhos de May: «A Aventura do Filme» e «Cinema e Linguagem». Através

deles, o leitor tem uma visão do cinema nos seus mais variados aspectos: como linguagem, imagem, som, só técnica variada e televisiva. Livro de interesse não só para os especialistas, como para todos os que vêm no cinema um elemento de atração.

4. Harold Brand, professor de Genética, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, lança, pela Editora FTD, o livro «Problemas de Genética». A obra, tratada com toda a seriedade que a matéria merece,

o seu parecer sobre o romance, escreveu que “o escritor latino-americano, vivemos num contexto de miséria e analfabetismo, de subdesenvolvimento enfim, sente-se obrigado quase a escrever um livro de denúncia, reivindicatório, etc., etc” (p. 1). Murilo Rubião achou o texto ofensivo à pátria e o encaminhou ao diretor da Imprensa Oficial que o censurou e proibiu. Segundo Laís Corrêa de Araújo, essa foi uma “Atitude de alcagüete, de ‘dedo-duro’” (p. 1). Sendo assim, a escritora recusou-se a permanecer no *Suplemento*, entretanto continuava publicando ensaios esporadicamente.

Como o *Suplemento* intentava um trabalho que abrangesse todas as artes, o teatro também marcou presença com textos de Jota D’ Ângelo. Num total de dezoito ensaios, em cinco, ele compara o Método de Stanislavski com as proposições de Bertold Brecht, apontando semelhanças e diferenças. Transcreve ainda, em três ensaios, entrevista de Lee Strasberg, e escreve sobre a situação do teatro no Brasil e em Belo Horizonte, chamando atenção para a participação do poder público, no sentido de patrocinar espetáculos bem como finalizar obras em locais, à época, inacabados como o Teatro Francisco Nunes, no Parque Municipal. Numa época em que se deveria calar, como lembra Coelho (2005 b)⁶, Jota D’Ângelo escreve os artigos “Da participação obrigatória” I e II” sobre a participação política do teatro como uma arte que, apesar da censura e restrições impostas, proporciona o debate, a polêmica, refletindo seu tempo, pois se vivia numa época revolucionária, uma fase de exceção (D’ ÂNGELO, 1966 a, p. 12; 1966 b, p. 3).

Também se encontra no *Suplemento* uma coluna dedicada ao cinema. Essa coluna teve quarenta e sete ensaios assinados por Carlos Armando, trinta e cinco ensaios, nos anos de 1966 a 1967, por Marco Antônio Gonçalves de Rezende, Paulo Augusto Gomes, vinte e quatro, além de Ricardo Gomes Leite, com onze ensaios, José Márcio Penido, Victor de Almeida, Schubert Magalhães e outros tantos. A coluna inicia-se em outubro de 1966, com o texto “Uma nova imagem do cinema mineiro”, de Marco Antônio Gonçalves de Rezende. Não só o cinema brasileiro mas também o internacional merecem atenção dos ensaístas. Geralmente, os textos ocupam uma página inteira, trazem ilustrações que podem ser cenas de filmes ou fotos de cenas de diretores e/ou

⁶ Informação verbal.

atores. Em um número bem grande de textos, são assuntos tratados nas colunas os filmes de Orson Welles, Luis Bruñel, Samuel Fuller, Federico Fellini, Godard, Glauber Rocha, Humberto Mauro, o cinema mineiro, o cinema novo, os cineclubes, cinema e literatura, filmes brasileiros etc. Comentam-se ainda festivais internacionais de cinema como o de Moscou realizado em outubro de 1969, o de San Sebastian, em junho de 1969, o cinema americano experimental, filmes de faroeste.

Esse número significativo de ensaios da coluna deve-se também, entre outros, ao fato de que, em Belo Horizonte, desde os anos 50, o cinema faz parte da vida cultural da cidade. O Centro de Estudos Cinematográficos, criado em 1951, tendo à frente Cyro Siqueira e Jacques do Prado Brandão, e contando com a participação de nomes como Silviano Santiago e Carlos Kroeber que publicavam a partir de 1954, a *Revista de Cinema*, por exemplo, juntamente com o Cineclube Belo Horizonte e o Cineclube Universitário. A *Revista de Cultura cinematográfica e claquete*, além da Escola de Superior de Cinema da Universidade Católica, Cineclube Universitário e do Centro Mineiro de Cinema Experimental movimentavam a vida cultural, tendo se tornado centros de discussão sobre cinema (RIBEIRO, 1998).

A série “Lusitana Gente”, a cargo de Oscar Mendes, inicia-se em 10 de outubro de 1975 e prossegue até agosto de 1976, perfazendo um total de quatorze publicações. Essa série, como o próprio nome indica, traz especificamente ensaios críticos acerca de escritores portugueses então contemporâneos como Antônio Quadros, Augustina Bessa-Luís, Ferreira de Castro, Joaquim Paço D’Arcos, José Luís Cajão, Luiz Forjaz Trigueiros. Somente Fernando Pessoa, que também merece um ensaio na série, localiza-se em outra época na historiografia literária.

No ensaio “Antônio Quadros: contista”, o autor, após escrever sobre o trabalho de criação crítica, elogiando Antônio Quadros e arrolando vários de seus textos críticos, focaliza o trabalho desse último como contista. Atém-se à obra *Anjo bom, anjo negro*, publicada em Lisboa, em 1973, em parceria com Antônio Maria Pereira. Além de resenhar alguns contos, chama atenção para o fato de que Antônio Quadros consegue liberdade estética não se prendendo a “modismos e técnicas mirabolantes” ou ao realismo e ao naturalismo, mas criando uma obra em que o realismo transporta para o mundo interior e invisível.

“Fernando Pessoa por si mesmo” é o texto que informa sobre o convite que Oscar Mendes recebera do Consulado Português para proferir conferência em comemoração aos quarenta anos da morte de Fernando Pessoa. Assim, o ensaísta refere-se à leitura que fizera do livro de Antônio Quadros, *Fernando Pessoa - a obra e o homem* e do livro de João Gaspar Simões, *Fernando Pessoa- sua vida e sua obra*. Tece elogios ao livro de Antônio Quadros e ao estudo minucioso que faz sobre o poeta, sua heteronímia e seus romances policiais, muitos inacabados, faceta essa pouco conhecida de Fernando Pessoa, assim como suas idéias políticas e religiosas.

Ferreira de Castro, que prestou serviço em África como soldado, é tido como africanista. Oscar Mendes dedica estudo ao seu último livro *Os Fragmentos*, que traz artigos censurados durante a ditadura salazarista, e ao romance *O intervalo*. No artigo “A Aldeia Nativa”, segundo Mendes, o autor revela suas reflexões sobre o patriotismo e o amor à cidade natal. Em contrapartida, n’*O intervalo*, a personagem central é um revolucionário anarco-sindicalista cujas aspirações “não cabem nos limites de uma pátria” e ele vai atuar nos movimentos operários na Espanha revolucionária e republicana. Nesse livro há, segundo o ensaísta, descrições bem escritas dos ambientes operários e aldeões, de lutas em 1934, do movimento revolucionário dos operários e mineiros espanhóis subjugados pela guarda-civil republicana.

Além do romance *O intervalo*, *Na pista do marfim e da morte*, de 1945, de Ferreira de Castro, uma espécie de reportagem e livro de memórias durante o período em que viveu em África, é outra obra que merece ensaio na série.

José Luís Cajão (1975) aparece no texto que tem como título “Feitiço africano”, em que o ensaísta disserta acerca do encantamento que as terras exóticas, no caso a África, provoca no “homem branco, principalmente o europeu, com uma carga enorme de cultura milenar” (p. 10). Escreve ser o “feitiço” que a terra estranha possui o principal assunto do romance *A Estufa*, de José Luis Cajão. Diz tê-lo conhecido pessoalmente, em 1972, quando acompanhou Joaquim Paço D’Arcos a uma radiotelevisão portuguesa em que seria entrevistado por Luís Cajão. Oscar Mendes, quinze dias depois, também fora por ele entrevistado para falar de suas impressões sobre a visita que fizera a Angola e Moçambique dias antes. Oscar Mendes o encontrara novamente, em 1974, em casa de

Joaquim Paço D’Arcos. O romance *O feitiço africano* surgiu da experiência de Cajão que, em 1958, partiu para a Ilha de Príncipe, ficando lá por três anos. Seu livro fora proibido pelo governador da província, Silva Sebastião. O romance narra o drama de um português que não resiste aos encantos da África, representada pela amante, mas o preconceito impede de viver verdadeiramente o amor que sente por ela. O personagem principal volta para Portugal, e ela suicida-se. Além disso, o romance descreve a paisagem africana com detalhes, afirma Oscar Mendes.

Os contos, os ensaios e crônicas do escritor José Luís Forjaz Trigueiros são estudados em duas séries. Na primeira, “Forjaz Trigueiros: cronista”, após elogiar a escrita de Forjaz Trigueiros, Mendes atém-se ao livro de crônicas *Monólogo em Éfeso* e às crônicas: “*No sutil país dos pintores sem mãos*”, em que traça um perfil do povo português, “*Os novos cultos*”, acerca do pedantismo lingüístico, “Fuga”, em que descreve paisagens e narra suas andanças por Algarve do Sonho Azul e por Itália e Grécia. Em “É Nossa Lisboa do Eça”, o cronista descreve um passeio sentimental que faz pelos lugares por onde andaram e em que viveram personagens de Eça de Queirós.

Na segunda, “Forjaz Trigueiros - o contista”, elogia a análise psicológica presente em *O carro do feno*, livro de contos e novelas de Forjaz Trigueiros, destacando alguns contos como “A esmola” em que se descreve a atitude de escritores indolentes que abandonam o ofício e passam a viver nos cafés por conta dos amigos. *Estória dum outro mundo* caracteriza a Lisboa no período da Segunda Guerra Mundial, na figura de um conde refugiado, vivendo sonhos de grandiosidade num tempo de dificuldades. Oscar Mendes ainda resenha “Díptico do amor sem rosto”; “Quem conta um conto”; “O mesmo”; “Um homem no topo do mastro”.

Augustina Bessa-Luís, em dois ensaios, tem focalizadas suas obras *Santo Antônio*, 1973, em que faz um estudo do homem, autor e orador Santo Antônio e *As pessoas felizes*, publicada em 1975. Em *Santo Antônio*, Oscar Mendes introduz seu ensaio narrando a vida do português Santo Antônio de Pádua ou Santo Antônio de Lisboa, disserta sobre prováveis histórias folclóricas que giram em torno do santo. Passa, numa segunda parte a analisar o livro de mesmo nome de Augustina Bessa-Luís, publicado em 1973. Após tecer inúmeros elogios à romancista, Oscar Mendes escreve ter a autora escrito o livro depois de uma viagem que fez pelos lugares onde viveu e pregou Santo

Antônio. A obra não se presta simplesmente a uma biografia, mas é um estudo psicológico do homem, do autor e do orador. Para demonstrar sua argumentação, o ensaísta transcreve partes da obra de Bessa-Luís.

Oscar Mendes informa ter conhecido Augustina Bessa-Luís, em 1972, na cidade do Porto. Segundo o autor, no ensaio, “As infelizes pessoas felizes”, a obra *As pessoas felizes* é um painel da burguesia, do homem do povo e daqueles humildes que se relacionam com a burguesia do Porto. A obra inova na sua concepção técnica, pois não tem enredo ou personagem central, mas compõe um painel em que a narradora conduz o leitor. Destaque é dado à variedade de caracteres das personagens femininas e aos aforismos que revelam posturas filosóficas, a mordacidade e ironia da autora em relação às mulheres, ao povo do Porto, já demonstrada pelo título da obra que revela o paradoxo e o quanto a aparente felicidade e o ajustamento dos burgueses são enganosos.

Joaquim Paço D’Arcos aparece em quatro séries numeradas por algarismos romanos, a saber: dois ensaios focalizam *Minhas memórias da minha vida e do meu tempo*, de 1973, dois acerca da obra teatral do autor, como *Boneco de trapos*, *O cúmplice*, *Paulina vestida de azul*, *A ilha Elba desapareceu*, *O crime inútil*, *O braço da justiça*. Esses dois textos são extratos retirados do livro *Um brasileiro lê Joaquim Paço D’Arcos* de Oscar Mendes e Antônio Maria Pereira, publicado em Lisboa, em 1972.

Oscar Mendes escreve que o conhecimento da obra de Paço D’Arcos só se completa quando se conhece a obra teatral em que analisa “casos psicológicos e fenômenos sociais” (MENDES, 1975, p. 1). Após comparar a recepção do texto romanesco e da performance teatral, dando maior relevo a esta, o ensaísta refere-se à divisão que Paço D’Arcos faz de sua obra teatral em dois ciclos: o primeiro que engloba as peças *Boneco de Trapo*, *O Cúmplice*, *O Ausente* e *Paulina vestida de azul*. Elogia cada uma das peças e comenta as representações teatrais de cada uma, com exceção de *Boneco de Trapo*, ainda não encenada.

No próximo ensaio, Oscar Mendes detém-se ao segundo ciclo que se compõe das peças *A Ilha de Elba desapareceu*, *O crime inútil*, *O braço da justiça* e *Antepassados vendem-se*. As duas primeiras, segundo informa Oscar Mendes, ainda não tinham sido representadas devido à censura que sofreram. A primeira apresenta tema político,

critica-se o sobe e desce de oligarquias e libertadores numa ilha imaginária que se localiza na América Latina, mostrando que em política só se mudam as peças mas a ditadura e a falta de caráter permanecem acima das ideologias e dos governantes. Em *O crime inútil*, há apenas quatro personagens, três revolucionários que fogem de uma prisão e uma mulher que os acolhe. O crime é justamente o assassinato do chefe do grupo, um ditador, e a posterior condenação à morte dos outros personagens. O restante da peça se passa então na pós-morte, num julgamento além-túmulo, é aí que todos podem dar as explicações, as razões do crime. Por fim, Oscar Mendes comenta a técnica teatral utilizada e a crítica social mais acerhada e universal das peças.

“As ‘Memórias’ de Joaquim Paço D’Arcos” I e II são dois ensaios críticos sobre *Memórias da minha vida e do meu tempo*, publicadas em 1973. Nessa obra, o autor narra fatos da infância que se passaram em Angola e Macau, além das travessias que faz para chegar a esses lugares e mesmo voltar a Portugal. Seu pai era marinheiro e fora designado como governador do distrito de Moçâmedes e posteriormente de Macau. Em Macau, teve como professor Camilo Peçanha, quando leu os cânones da Literatura Portuguesa e pôde solidificar sua formação literária.

Oscar Mendes nesses ensaios, além de fazer uma resenha detalhada, informa, em dois deles, conhecer pessoalmente os escritores portugueses a que dedica os textos, revelando estreito contato com o meio intelectual português, tendo viajado, inclusive, pelo país. Além disso, como muitos escritores portugueses, também ele esteve em terras africanas, o que estreita as semelhanças e a proximidade entre eles.

Ainda sob a responsabilidade de Oscar Mendes há as oito séries “O livro estrangeiro”, que vai de janeiro de 1975 a abril de 1976. Geralmente ocupando as páginas, oito, dez ou onze. Nessas séries, Oscar Mendes publica ensaios críticos de obras de autores de várias nacionalidades: inglesa, espanhola, francesa, alemã, a saber: Curzio Malaparte, Raymond Leopold Bruckberger, José Maria Souvion, Philipp Vandenberg, Hermann Hesse, Alejandro Nuñez Alonso, León Arthur Elchinger, José Maria Blanco y Crespo. Após o nome sublinhado da série, aparecem títulos relativos aos livros a serem comentados, por exemplo “A Maldição dos faraós”, livro de mesmo nome do alemão Philipp Vandenberg, “Um exilado romântico”, a respeito de José Maria Blanco y Crespo (José Maria Blanco White), espanhol de Sevilha, nascido em 1775, exilado na

Inglaterra por ocasião da invasão da Andaluzia por franceses. “Convite à esperança” é sobre o bispo de Estrasburgo e seus livros *Le retour de Poncé Pilate* e *L’ Eglise provoquée au courage*.

Em 1975, inicia-se uma nova série a cargo de Oscar Mendes: “O livro espanhol”. Porém, de vida efêmera, essa série compõe-se apenas de quatro publicações, das quais o escritor espanhol Viño Manuel Garcia merece atenção em três artigos. O primeiro, sob o título “Romance de um inadaptado”, traz uma breve biografia desse poeta e romancista, frisando o fato de ele pertencer à nova geração e não ter participado da guerra civil espanhola, embora vivesse sob “o tumulto e o rescaldo das lutas partidárias” (p. 10). O texto promove um estudo do romance *Lá perdida del centro*, publicado em 1963, em que se narra o drama psicológico de Manuel, um personagem que não se adapta à vida, um anti-herói fracassado que busca seu centro sem conseguir atingi-lo e ainda sofre pela amada Cristina, prima de um amigo seu que, por essa ser de classe social mais elevada, o amor torna-se assim impossível.

O segundo texto, de título “O romance espanhol atual”, faz uma resenha do livro *Novela espanhola actual*, de Viño Manuel Garcia, publicado em 1967. Nesse livro, o autor, Viño Manuel Garcia, estuda os romancistas que despontam na literatura espanhola pós-guerra civil. Oscar Mendes, nesse segundo artigo, faz uma crítica ao romance social de cunho testemunhal e destaca aqueles escritores que conseguiram superar esse gênero, buscando uma literatura voltada para a interiorização e o autoconhecimento do homem, preocupada com as técnicas, a realidade invisível e universal e as formas de expressão. “As Sonatas de D. Ramón” é um texto em que o ensaísta estuda as quatro sonatas: “*Memórias amáveis de seu tão dileto marquês*”, (Marquês Xavier de Bradomin), de D. Ramón Mara del Valle-Inclán, a saber: Sonata da primavera, Sonata do estio, Sonata de outono e Sonata de inverno.

“Letras Européias”, a cargo de Antônio Fonseca Pimentel, inicia-se em junho de 1967 a pedido de Murilo Rubião e prossegue até 1969. Nessa série, o autor dedica-se à literatura e a línguas de diversas nacionalidades como a russa, italiana e a brasileira. “Letras Européias” ocupa em geral uma página, traz o título, o nome do responsável e, logo abaixo, um *release* do que vai ser apresentado no texto. Normalmente, as resenhas,

em torno de nove, são pequenos trechos em que se comentam lançamentos, enquetes, críticas saídas em revistas literárias, visitas ou mortes de escritores, entre outros assuntos. As publicações dessa série são poucas, somente sete. As primeiras aparecem em 1967, nos meses de junho, novembro e dezembro. No ano de 1968, sai apenas uma resenha em março e, em 1969, as “Letras Européias” aparecem duas no mês de janeiro, outras em fevereiro e março.

O responsável pela série, Antônio Fonseca Pimentel, mineiro de Ouro Fino, à época, além de escritor e tradutor, trabalhava como assistente do diretor de pessoal e gerência administrativa e estava, nos anos de 1967 a 1968, em Roma. Atuara em missão para a ONU e FAO (The Food and Agriculture Organization of the United Nations, ou seja, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), por três anos, de 1963 a 1969. Esteve também em Costa Rica, como professor de administração no Instituto Centro-Americano de Administração Pública, onde começou seu estudo sobre a ONU, resultando no livro *A Paz e o Pão (Desafio às Nações Unidas)*, publicado em 1971, pela Fundação Getúlio Vargas (PIMENTEL, 1971, p. 11). Na última série, de março de 1969, ele informa que, terminadas as missões com a ONU e a FAO, retornará ao Brasil, passando a residir em Brasília, oferecendo, portanto, endereço e telefone para possíveis contatos com os leitores.

Chama atenção o fato de a literatura e o teatro brasileiros serem incluídos como objeto de crítica numa coluna dedicada às artes européias, no entanto, quando se considera o percurso e o lugar de onde escreve seu autor pode-se compreender essa inserção. Residindo em Roma, A. Fonseca Pimentel escreve para o *Suplemento* muitos textos relativos à movimentação literária na Itália, faz referências a jornais literários italianos, a visitas de escritores a Roma, ao Papa, entre outros assuntos. Porém, sua coluna não se limita à literatura italiana, escreve resenhas também a respeito do teatro e da literatura francesa, russa, brasileira e até portuguesa. A série prima pelo global e tem como peculiaridade a transcrição de trechos em italiano e francês, o que caracteriza um público leitor específico, culto e bilíngüe.

Embora esta pesquisa focalize apenas a relação Brasil/Portugal, é importante destacar que há no *Suplemento* como se podem ver outras relações entre outras literaturas. As literaturas de outras línguas como a espanhola, a francesa, a russa e a italiana, a

japonesa também figuram no periódico. As séries fixas como “Roda Gigante” e “Letras Europeias” são, pois, um dos lugares em que as referências às literaturas de outros países aparecem. Além disso, o *Suplemento* conta também com intelectuais que atuam no exterior e cumprem a função de correspondentes, trazendo para o Brasil o que de novo estava acontecendo no mundo, a exemplo de Antônio Fonseca Pimentel.

Atentamos para os nomes das séries, pois ao lado de “Lusitana Gente”, temos séries intituladas como “O livro Estrangeiro”, “O livro e Espanhol” e “Letras Europeias”. Pode-se perceber, então, um jogo com a posição do adjetivo: de um lado, a série “Lusitana Gente” se recebesse como título “gente lusitana” poderia significar um distanciamento, demarcando um limite mais restrito e referindo-se mais especificamente ao povo português; de outro, com o título “Lusitana Gente”, a série diz respeito mais à literatura de língua portuguesa, portanto, remetendo para uma comunidade maior e mais próxima. Enquanto os outros títulos reportam às letras e aos livros, essa se reporta à gente, ao povo lusitano, procurando não marcar as letras portuguesas como diferença mas fazendo parte de uma mesma comunidade, de uma fratria, que engloba várias gentes, mesmo as não portuguesas, pois essas poderiam carregar traços lusitanos, mesmo que não tenham nascido em Portugal. Assim, também os brasileiros e os povos de países africanos que foram colonizados pelos portugueses poderiam ser considerados “lusitana gente”.

Nesse sentido, justificam-se os estudos que a série traz das obras de escritores portugueses que têm forte ligação com o continente africano, por exemplo, o romancista português Ferreira de Castro, que por ter trabalhado na África quando fora militar, é considerado um africanista. Além de Ferreira de Castro, também José Luís Cajão e Joaquim Paço D’Arcos tiveram experiências em África, que são retratadas em seus romances. O primeiro nos romances *O feitiço Africano* e Paço D’Arcos em *Memórias da minha vida e do meu tempo*. Também Oscar Mendes, responsável pela série, passara pela África, em viagem a Angola e Moçambique e fora entrevistado sobre essa viagem numa radiotelevisão portuguesa por Luís Cajão. Assim, também o brasileiro faz parte dessa comunidade de “lusitana gente” que escreve ensaios e romances acerca de suas experiências em África.

A série “Lançamentos”, que apresenta pequenas resenhas de lançamentos de livros nacionais e estrangeiros, inicia-se em 7 de agosto de 1971, prosseguindo no ano de 1972, aparece apenas uma vez em 1973 e regularmente nos anos de 1975 e 1976. A série estende-se até 1990. Não traz assinatura do responsável e figura na página ao lado de ensaios críticos a respeito de outros lançamentos. Entretanto, na série de 1º de janeiro de 1972 há a assinatura de Manoel Lobato. Em 1975, algumas séries trazem os subtítulos “Nacionais” e “Argentinos” em que se comentam lançamentos de livros brasileiros e argentinos. A título de exemplo, em 1971, a série apresenta os lançamentos de livros da Editora Vozes, como *Fundamento secular cristão do desenvolvimento*, de Dovelino Koch, entre outros, e também, *Família Pássaro e outros bichos*, de Gerald Durrel, *O pirilampo na cidade*, de Donald Harrington, ambos traduzidos por Áurea Weissenberg, lançados pela editora Expressão e Cultura Ltda.

Há ainda outras séries de vida efêmera como “Plantão Literário”, a cargo de Mello Cançado, conhecido como professor Mello Cançado, mineiro de Pará de Minas. Antônio Augusto de Mello Cançado foi figura de destaque nos cursos de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, além de ocupar vários cargos no governo estadual e federal na área de educação. A série surge em 1975, com apenas três publicações, sendo duas no mês de julho e uma no mês de setembro. Uma delas trata de literatura infantil, referindo à obra de Francisco Marins, *A fazenda monte alegre*, *Grotão do café* e *Clarão*. Outras se referem às obras de Alphonsus de Guimaraens, à movimentação intelectual de Patos de Minas com sua editora e academia de letras, a *Livros das selvas* de Monsenhor José Pena, a *Um padre, um ovo e um cão*, do Bispo Dom José Andrade Coimbra e à *Antologia de Paracatu e Patos de Minas*, de Oliveira Mello entre outros assuntos.

“Literatura mineira desde às origens” tem início em 14 de junho de 1975 e prossegue até 8 de setembro de 1979. Como nossa pesquisa abrange somente uma década, ativemo-nos apenas aos anos de 1975 e 1976 o que perfaz um total de sessenta e oito séries. Como o próprio nome diz, essa série vai privilegiar a literatura mineira, buscando em autores de outros séculos a origem da literatura do estado, bem como a constituição de sua identidade. Ocupando geralmente apenas uma coluna da página, dividindo espaço a partir de 1976 com a série “Memorandum”, aparecia em torno de quatro a cinco vezes por mês.

Na série, resenham-se obras de autores do século dos inconfidentes. Apresenta-se inicialmente um parágrafo com a biografia do escritor, informando data e lugar de nascimento. Entre os que merecem resenhas estão: Santa Rita Durão, Diogo de Vasconcelos, José Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Bárbara Heliodora, José de Rezende Costa, ou ainda outros menos conhecidos, mas que também nasceram no século XIX: Felisberto Caldeira Brant, Francisco de Mello e Franco, Bernardo Pereira de Vasconcelos, Joaquim José de Lisboa, Teófilo Otoni, Bernardo Guimarães, Júlio Ribeiro, Afonso Arinos de Mello e Franco, Silviano Brandão, Afonso Pena, Arduíno Bolívar etc. Grande parte dessas primeiras séries referentes aos árcades trazem como bibliografia, no final da coluna, os vários volumes da *Coletânea de Autores Mineiros*, organizada por Mário de Lima, em 1922 e publicada pela Edição da Imprensa Oficial. Há ainda outros escritores mais contemporâneos como Avelino Fóscolo, Álvaro Viana, Augusto de Lima, Carlinhos Lellis e muitos outros ainda. Em todas as séries há, no final do texto, a bibliografia que se refere tanto às informações acerca do escritor em foco, apresentadas na resenha, quanto aos trechos transcritos de obras ou poemas.

A série “Memorandum”, assinada pelas abreviaturas P.M., vai de 1976 a 1978, ocupando quase toda a página, divide espaço com a série “Literatura mineira desde as origens”. “Memorandum” também se dedica a pequenas resenhas de livros recém-publicados, acontecimentos como concursos literários, encontros de escritores, notícias literárias de outros países e uma pequena entrevista de uma a duas colunas em que se pergunta para o escritor “Como vai a poesia brasileira?”.

Existem ainda as séries “Literatura clássica japonesa” e “Literatura infantil”. A primeira compõe-se de dez textos e fica a cargo da escritora, arquiteta e pintora Eico Suzuki. São apresentados estudos com os seguintes títulos: “O Romance de Guênji e a mulher na literatura clássica japonesa”, “Literatura clássica japonesa” I, II, e III (Era Nara (645-794 d.C.)), “Literatura clássica japonesa” (2ª fase I, II e III) e “Literatura contemporânea japonesa”.

No primeiro texto, de 1969, após traçar uma historiografia da literatura japonesa, a ensaísta vai abordar a literatura feminina japonesa no *Romance de Guênji*, com seus

cinquenta e quatro volumes, escrito em 1010. Percebe-se a intenção didática de Eico Suzuki ao iniciar a série procurando as origens da literatura japonesa.

Já em 1975, o ensaio ainda aborda as primeiras manifestações literárias do Japão, estuda-se a Era Nara (645-794 d.C.) da literatura japonesa. Quando não havia a escrita, a literatura era memorizada pelas mulheres que tinham a função de kataribe, narradoras, guardiãs do saber literário. Em 1976, retomando o artigo publicado em novembro de 1976, a ensaísta aborda, em dois artigos, agora a Época Heian (794-1192), época de paz e segurança, segundo a autora. E no artigo seguinte atém-se à literatura feminina do século onze, da corte Gagaku, destacando as obras de Seishômagon e das cinco poetas Murássaki Shikibu, Izumi Shibu, Akazome Êmon, Uma-no-Náishi e Isse.

Nas próximas séries são abordadas as eras Kamakurá (1192-1333) em que se destacam as artes militares, o Muromati (1338-1568), quando há o florescimento do teatro Nó, em que se busca a harmonia entre o canto, instrumentos e dança com o mínimo de movimento e o máximo de efeito. E ainda, a era do apogeu da Poesia em Cadeia ou Rênga e a era Azuli, iniciadas em 1568, época do mestre Sen-no-Riku (1521-1591), da dança kabuki, da transição do romance ao conto, da literatura clássica à popular, da literatura infantil.

Para as séries seguintes, Eico Suzuki promete ensaios acerca da Era Edo (1603- 1867) em que o teatro Nó será a arte oficial da aristocracia, mostrando a ascensão econômica e cultural da burguesia, romances populares, poesia haikai e teatro kaburi. Entretanto, a série não prossegue. Mas, o estudo minucioso e esse desejo de continuar a série revelam a intenção da ensaísta firmada no didatismo, buscando informar e formar os leitores brasileiros a respeito da literatura japonesa, voltando-se para a literatura das primeiras eras.

“Literatura infantil”, iniciada em primeiro de novembro de 1975, vai até outubro de 1976, a cargo de Euclides Marques de Andrade, num total de oito textos. Na série, resenham-se obras literárias infanto-juvenis e noticiam-se ganhadores de concursos. Nela, além de resenha, transcrevem-se trechos tanto em português como em francês e inglês de ensaístas, autores e obras e autores como: *O caraoco*, de Mariza Andrade Maia Botelho; *O circo viramundo e o palhaço estouro*, de Graziela Lydia Monteiro;

ganhadores do Prêmio João de Barro, de literatura infantil de Belo Horizonte, em 1975; *Novas aventuras de Bibi Meia Longa*, tradução de Orígenes Lessa; *15 minutos de poder*; *O Tesouro da montanha*, de Vicente Guimarães (Vovô Felício); *O Guarani para crianças*, de André Carvalho e Céllius Aulieus; *Novas aventuras de Bibi Meia Longa*, da sueca Astrid Lindgren, *A alegria de Josefina*, de Maria Gripe; *Angélica*, de Lygia Bojunga Nunes.

Em “Violência, teatro infantil, renascer de cada um”, de cinco de maio de 1976, Euclides Marques resenha o artigo “O perigo de certas histórias infantis”, da psicóloga Marília Pires Cavalcanti, publicado no *Estado de Minas*, em nove de maio de 1976. Nessa série, são citados vários textos da literatura infanto-juvenil universal como *Pinóquio*, *Chapeuzinho Vermelho*, bem como outros estudos de psicólogos acerca dessa literatura e de seus personagens. *A viagem do barquinho*, de Sylvia Orthof, bem como obras de outras autoras mineiras de teatro infanto-juvenil também fazem parte das referências dessa resenha. Já em “A Linguagem da criança e o teatro”, o autor resenha o livro de peças infanto-juvenis do paulista Oscar Von Pfuhl. Em “Os Grandes são estranhos”, resenha o livro *Hugo e Josefina*, da sueca Maria Gripe, editado pela editora Nórdica, em 1976. *Dr. Clorofila contra Rei Poluidor*, de Márcio Sampaio e *Gagarino o menino bimundi* e *Casulância*, de Márcio Almeida, fazem parte da última série que se intitula “Atualidade de dois escritores mineiros”.

O autor tem sempre a preocupação em transcrever partes dos livros que resenha, quando esses são em línguas estrangeiras. Certamente, pela profundidade dos assuntos tratados, as resenhas não são direcionadas às crianças, mas aos letrados, aos professores, psicólogos e escritores também de literatura infanto-juvenil, tendo-se em vista que, como observado anteriormente, aparecem transcrições em inglês e francês. Além disso, os livros resenhados têm publicação recente, demonstrando o *update* do ensaísta, sempre atento ao mercado editorial e a seu tempo.

“Gente” acontece apenas de janeiro a abril de 1975, perfazendo um total de sete. A série ocupa uma coluna à direita da página junto a “Lançamentos” ou a outras páginas e apresenta pequenos parágrafos com subtítulos em caixa alta relativos aos assuntos abordados. Os assuntos giram em torno da movimentação literária e intelectual de escritores e artistas nacionais e estrangeiros. Nela, estão presentes Jorge Amado,

Vinícius de Moraes, Gabriel Garcia Marques, Fritz Teixeira de Sales, João Antônio, o escritor português Adalino Cabral, a revista argentina *Crisis*, exposições de artes plásticas, movimentação editorial, concursos literários, premiações etc.

Por tratar-se de um periódico que procura divulgar a literatura dos jovens, é significativa a participação dos novos que aparecem em séries às vezes efêmeras como “O escritor mineiro quando jovem”, “Os novos de toda parte”, “Novos em antologia”. Todas essas séries além de divulgarem escritores jovens de Minas e de outros estados acabaram, conseqüentemente, por realizar uma antologia de novos do país. Segundo Werneck (1992), a redação oficial do *Suplemento*, na sala Carlos Drummond de Andrade, no prédio da Imprensa Oficial, tornou-se um ponto de encontro entre os jovens escritores e os já consagrados como Emílio Moura, Bueno de Rivera e esporadicamente Henriqueta Lisboa.

“O escritor mineiro quando jovem” inicia-se em julho de 1969 e termina em janeiro de 1970, perfaz um total de doze séries, numeradas por algarismos romanos. A coluna volta-se para jovens escritores mineiros da capital e do interior do estado. Os dois escritores responsáveis pela série são Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino. A primeira ocupa duas páginas e traz um longo ensaio sobre Luís Gonzaga Vieira, com o título “Luís Gonzaga Vieira: por uma literatura mal-comportada”. A série caracteriza-se como uma entrevista-depoimento-reportagem, apresentando manchetes-títulos, *release*, subtítulos, fotos do escritor e trechos de sua obra ou poemas. As doze séries focalizam os seguintes escritores: Sérgio Sant’Anna, Libério Neves, Joaquim Branco, Lázaro Barreto, Márcio Sampaio, Sebastião Nunes, José Francisco Rezek, Valdimir Dias, Ronaldo Werneck, João Cabral de Melo Neto e Sérgio Roberto Duarte Tross.

“Os novos de toda parte” fica sob responsabilidade de autores diversos como Humberto Werneck e Carlos Roberto Pellegrino, assinando juntos quatro séries, ou Humberto Werneck sozinho ou com outros como Jaime Prado Gouvêa, e ainda, Luís Gonzaga Vieira, Sérgio Tross, Luis Márcio Vianna e Duílio Gomes. A série começa em 31 de janeiro de 1970 e vai até novembro do mesmo ano, num total de oito. Semelhante à série “O escritor mineiro quando jovem”, essa também apresenta depoimentos de escritores, preferencialmente de outros estados, ou mineiros já em diáspora, tais como: Eliane Zagury, Luís Márcio Vianna, Ariel Marques, José Guilherme Merquior, Moacyr

Scliar, Afonso Henriques Neto, Lucienne Samôr, Anderson Braga Horta, Duílio Gomes, Miguel Jorge, Myriam Campello, Farida Issa, Antônio Carlos Braga, Elias José, Ivan Rocha, Caio Fernando Abreu, Walden Camilo de Carvalho, Osvaldo André de Mello. A série também traz manchetes-títulos, *release*, fotos do escritor e trechos de sua obra ou poemas e uma biografia, tudo isso traça um perfil do autor depoente. Segundo Humberto Werneck, em entrevista a mim concedida em julho de 2005, essa série surgiu a partir de “O escritor mineiro quando jovem”, pois a idéia era ampliar os depoimentos e as entrevistas para escritores de outros estados.

“Novos em antologia”, vai de 1975 a 1976, sendo a maior parte da série dedicada à poesia. Apresenta um poema do autor e um parágrafo com a sua biografia. São apresentados poetas do interior de Minas ou de outros estados tais como Wilson Pereira, Ivan Passos Bandeira da Motta, Ruy Guilherme Merheb, Giselda Laporta Nicolelis, João Francisco Soares, Bráulio Maria Schoegel, Gabriel Bicalho, Maria das Graças Rios de Melo, Ricardo Rodrigues Marques, Júlio Oliveira, José Maria Pereira, Wilson do Nascimento.

Há um significativo número de páginas dedicadas a depoimentos de familiares de autores brasileiros e, principalmente mineiros, de renome. A cargo de Zilah Corrêa de Araújo, essa série traça um perfil dos escritores e da vida literária sob a perspectiva doméstica e familiar. (COELHO, 2005 b) Em geral, a esposa, o marido, a irmã, filha ou filho fazem o depoimento, abordando aspectos da vida pessoal e literária do escritor: Maria Luiza Machado faz depoimento sobre Aníbal Machado; Heitor Grillo, sobre Cecília Meireles, Antônio Luiz Moura, sobre Emílio Moura, Abigail de Oliveira Carvalho depõe sobre Henriqueta Lisboa, entre outros. A série biográfica traz a foto do escritor e ilustração a bico-de-pena, além de poemas ou trechos de obras, e estrutura-se em forma de entrevista. Esses depoimentos revelam ao público o escritor sob o ponto de vista de seus familiares, sob o ponto de vista íntimo, doméstico, privado, construindo dessa forma uma história da literatura mineira e mesmo de Minas.

Outras séries e páginas que prosseguem por mais de uma semana também são constantes no *Suplemento*. Muitas vezes um ensaísta apresenta um texto longo que é então dividido em parte I, II e assim por diante.

1.2 Edições especiais

As edições especiais é outra característica do *Suplemento*. Em papel especial, às vezes com capa plastificada e papel *off-set* ou acetinado, bastante elaborada graficamente, essas edições comemorativas foram reeditadas devido ao sucesso dos temas ou autores destacados; “‘Marília’: 200 anos”, “Eduardo Frieiro: 40 anos de literatura”, “Affonso Arinos Centenário”, “Literatura e Artes: Os Novos”. Essas edições foram organizadas e editadas por Laís Corrêa de Araújo. Na edição “1819-1969 Bárbara Heliadora”, a co-organização e co-edição foram de Laís Corrêa de Araújo e Rui Mourão. A edição “Mário de Andrade, Minas e os mineiros”, organizada e editada por Laís Corrêa e Fernando Corrêa Dias, “Cid Rebêlo Horta: 50 anos”, por Fernando Corrêa Dias. Eduardo de Paulo era um dos artistas plásticos que trabalhavam nas ilustrações e nas capas dessas edições especiais.

A edição especial de primeiro aniversário, lançada em 2 de setembro de 1967, contou com nomes como Carlos Drummond de Andrade, Benedito Nunes, Francisco Iglesias, Dalton Trevisan, Haroldo de Campos, Henriqueta Lisboa, Silviano Santiago, Nélida Piñon, e outros. No coquetel de comemoração oferecido pelo *Suplemento*, compareceram vários escritores e autoridades políticas. Entre elas, o governador Israel Pinheiro, o prefeito Luís de Souza Lima, o reitor da UFMG, Gerson Bóson, e outras autoridades, o que demonstra não só a aceitação do periódico por parte da sociedade intelectual e política de Belo Horizonte como também o espaço que já demarcara no primeiro ano de existência.

O número especial em edição dupla dedicado aos jovens escritores e artistas, de janeiro a fevereiro de 1968 é, segundo Werneck (1992, p. 180), um dos mais importantes. Além de promover uma arqueologia cultural foi uma espécie de radiografia daquela nova geração que atuava em vários jornais e revistas, como *Ptyx*, *Vereda*, *Estória*, *Texto*, *Porta* etc. Murilo Rubião, nesse número especial, traça um eixo e uma identidade para uma geração de jovens que se originava de variados grupos – a Geração *Suplemento*.

Murilo Rubião, Ernesto Manuel de Melo e Castro e Arnaldo Saraiva organizaram os dois números especiais dedicados aos novos da Literatura Portuguesa, intitulados “Portugal a literatura nova”, parte I e II. Lucas Raposo foi o diagramador. O sucesso e a

repercussão foram importantes, principalmente em Portugal, que Lucas Raposo teve que fazer várias remessas para lá. Entretanto, o número também causou problemas, foi visto como provocativo por parte do governo Salazar, necessitando até da interferência de Otto Lara Rezende, adido cultural naquele país.

Essas edições especiais e comemorativas traçavam um painel da literatura e das outras artes, testemunhando assim um diálogo entre as diferentes manifestações artísticas bem como se configurando como uma importante fonte da memória literária de Minas e do país.

Abrir as portas do *Suplemento*, abrir literalmente a sala Carlos Drummond de Andrade para aqueles novos artistas para conviverem com outros já estabelecidos deu ao periódico um papel aglutinador de uma geração. A Livraria do Estudante, numa galeria na Rua Espírito Santo, esquina com Tupis, a Cantina do Lucas, no Edifício Maleta, eram pontos de encontro dessa geração. Naquela livraria os novos receberam ilustres visitantes como Clarice Lispector, o psicanalista Roberto Freire, acompanhado de Chico Buarque de Holanda, Henfil que lançou lá seu primeiro livro *Hiroxima, meu humor*. O romance *Os novos*, de Luiz Vilela, lançado em 1971, retrata a atividade dessa nova geração que se preocupava com a literatura, com problemas existenciais e com política naqueles tempos difíceis de ditadura (WERNECK, 1992, p. 168, 181).

Aglutinando a nova geração e promovendo a convivência com os já estabelecidos, o *Suplemento* também teve seus problemas. Tratava-se, antes de tudo, de um periódico que fazia parte de um jornal oficial, era, nas palavras de Werneck (1992), “Recebido compulsoriamente em repartições públicas nos grotões do estado” (p. 182). Em muitos lugares o que se publicava era, às vezes, mal interpretado e muitas reclamações eram direcionadas ao governador Israel Pinheiro ou ao diretor da Imprensa Oficial, Paulo Campos Guimarães.

1.3 As crises

Em 1967, Affonso Romano de Sant’Anna publica, no *Suplemento Literário*, o poema “O poeta mede a altura do edifício” em que chamava o Empire State Building de “pênis maior do mundo”. Houve protestos de juízes, religiosos e promotores de vários lugares

de Minas Gerais. Mas, segundo Ildeu Brandão, citado por Werneck (1992), a perspicácia de Paulo Campos Guimarães, então diretor da Imprensa Oficial, contornou não só essa situação como outras que ocorreram naquele período de ditadura do governo Garrastazu Médice (p. 182).

O escritor Duílio Gomes é um dos componentes da Geração Suplemento e afirmou, em entrevista, que “as crises não faltaram na vida do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, sempre provocadas por questões políticas ou de moral e sempre fomentadas, é claro, por setores conservadores e ligados à literatura igualmente conservadora e de má qualidade”.⁷

Murilo Rubião deixou a direção do encarte em janeiro de 1969 para trabalhar em outro setor na Imprensa Oficial. Segundo Duílio Gomes (2006) sua saída foi ocasionada por pressões políticas, pois naquele momento vivenciava-se uma forte ditadura militar. Murilo Rubião chamou Rui Mourão para assumir seu cargo, entretanto, também por questões políticas, ele foi impedido de assumir. Libério Neves, que já fazia parte da comissão de redação do periódico juntamente com Laís Corrêa de Araújo, tornou-se interinamente o secretário do *Suplemento* até o mês de maio, quando Ildeu Brandão foi nomeado para o cargo. Em 1971, foi a vez de Ângelo Oswaldo de Araújo Santos que atuou até 1973, quando partiu para Paris, para estudos. Assumiu, a seguir, a direção do periódico Mário Garcia de Paiva que convocou Maria Luiza Ramos para trabalharem juntos. Sob pressões políticas e censuras que vinham ocorrendo desde a época de Ângelo Oswaldo, o *Suplemento* sofreu cortes em suas publicações. Logo após, em janeiro de 1975, nomeou-se o escritor Wander Piroli que, com propostas inovadoras, acabou causando polêmica. Em maio do mesmo ano, Wander Piroli discordou das modificações que se pretendiam realizar no *Suplemento*, como por exemplo, abrir espaço para os escritores da Academia Mineira de Letras, eternos opositores do periódico. Wander Piroli pediu demissão, houve uma debandada de colaboradores, e o fato repercutiu nacionalmente. A publicação do jornal foi interrompida a partir do número 454, de 17 de maio de 1975, voltando a circular somente em 7 de junho desse

⁷ Cf. Entrevista em Anexo.

ano, sob a direção de Wilson Castelo Branco que permaneceu até 1983 quando é então foi nomeado o escritor Duílio Gomes.⁸

Como se pode verificar o *Suplemento* passou por várias crises, entre elas, a de 1973, quando ocorria um movimento contrário aos intelectuais que atuavam no periódico. Assim, na leitura que fizemos de algumas notas no *Jornal de Minas* do ano de 1973, pôde-se verificar, na versão desse periódico, que houve um escândalo na Imprensa Oficial com acusações de desvio de verbas.

O *Jornal de Minas* publicou, em 2 de dezembro de 1973, nota que mostra a movimentação com despesas realizadas pelo diretor da tesouraria, Paulo Campos Guimarães, acusado de usar o dinheiro da Imprensa Oficial para pagar despesas particulares. A administração da Imprensa Oficial é acusada também de abrigar subversivos, de agressões a funcionários, alcoolismo, entre outras. As acusações atingem Murilo Rubião que também é citado. As notícias se estendem até o final do ano de 1973, vários funcionários deram seus depoimentos como o antigo porteiro e então atual gráfico Kleber Tito Guimarães, Gentil Afonso Rodrigues, Maria Dulce de Almeida Moreira. No final do ano, após o inquérito realizado, o *Jornal de Minas* publica o resultado das investigações - houve uma investigação na Imprensa Oficial, o tesoureiro Nidival José da Silva foi detido pelo DOPS e acusado, ficando preso por cerca de um mês.

Essa crise reforça a imagem de Murilo Rubião como uma figura emblemática para o *Suplemento*. Nesse sentido, podemos atentar para esse fato de grande repercussão, narrado por Humberto Werneck em entrevista a mim concedida em 2005. Houve um roubo de linotipos na Imprensa Oficial, e o funcionário que fora acusado tentou inverter a situação e acusar não só o diretor como todos os funcionários da Imprensa Oficial.

Tendo seu nome sempre associado ao *Suplemento*, qualquer fato era a Murilo Rubião comunicava-se qualquer fato. Assim, diante da repercussão do caso, embora Murilo Rubião não estivesse mais à frente do *Suplemento*, era referência para muitos escritores, portanto, ele recebeu inúmeras cartas e telegramas de apoio diante das acusações que ele

⁸ Cf. "Os secretários depois de Murilo Rubião (1966 a 1970)". *Suplemento Literário*, v. 20, n.1000, Edição Especial, 30 nov. 1985, p. 3.

e a Imprensa Oficial sofreram: cartão de Adão Ventura, datado de 7 de janeiro de 1974; de Magalhães Pinto, então senador, entre outros. Segundo cartas de Humberto Werneck, que estava em Paris nessa época, e de Ângelo Oswaldo, certo Alfeu Barbosa encabeçava campanha difamatória de “um órgão da imprensa marrom de Belo Horizonte” contra todos que faziam parte da Geração Suplemento, taxando-os de homossexuais e comunistas (WERNECK, 1992, p. 183).

Alfeu Barbosa foi funcionário da Imprensa Oficial, era de direita, conforme respondeu nos Duílio Gomes quando lhe indagamos a respeito do assunto. Era “suplementofóbico” neologismo usado pelo contista mineiro que evidencia a atuação repulsiva desse funcionário. E o entrevistado acrescenta que ele era também “anticomunista, ligado aos setores de repressão, principalmente do DOPS de Belo Horizonte”. Foi ele quem permitiu a entrada do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) na Imprensa Oficial durante uma madrugada, quando arrombaram a porta do *Suplemento*, espalharam documentos depois de procurarem nos arquivos e gavetas “textos comunistas”. Informou-nos Duílio Gomes (2006) que, devido à repressão e à censura, os jornais não puderam manifestar-se claramente contra o acontecido, publicaram-se apenas algumas notas, mas ficou evidente que se corria risco escrevendo literatura. E acrescentamos que a cultura corria risco à época, que a literatura representava perigo para o poder político.

A carta de 3 de dezembro de 1973, escrita por Ângelo Oswaldo, que também estava em Paris, mostra seu total estarecimento diante das notícias que recebera de Belo Horizonte. Essas informavam sobre a atuação de Alfeu Barbosa contra o *Suplemento*, podiam, segundo o missivista “prever uma onda de repressão contra o jornal, já tão sofrido e asfixiado”. Além de remeter palavrões ao *Jornal de Minas*, Ângelo Oswaldo se vê indignado com o que foi divulgado em relação ao *Suplemento*, classificando-o como “ninho de vermelhos”, “homossexuais e ambiente constrangedor”. Envia também solidariedade a Paulo Campos Guimarães, então diretor da Imprensa Oficial. Em carta de 5 de dezembro de 1973, também de Paris, endereçada a Murilo Rubião Werneck escreve que soube, através de Ângelo Oswaldo, a respeito da difamação de Murilo e de todos os membros do jornal. E ainda, leu recortes do *Estado de Minas*, *Jornal do Brasil* e “dessa coisa inominável chamada *Jornal de Minas*” acerca do assunto, ficou, portanto, indignado.

As duas correspondências, além de retratarem os problemas enfrentados pelo periódico diante de certa intelectualidade belorizontina dos nos 70, deixam entrever o papel aglutinador exercido por Murilo Rubião para os jovens literatos de então como Humberto Werneck e Ângelo Oswaldo. Apesar de o escritor não estar mais à frente do *Suplemento Literário* é a ele que se dirigem. Lamentando os infortúnios, em certa parte da correspondência Werneck escreveu:

... você mexeu com muita gente, Murilo, quando se propôs fazer e fez o melhor suplemento literário do país. Houve o caso do Ruy, de que fui testemunha, houve toda sorte de pressões. Tudo isso provocando e comprovando que o SLMG cumpria sua função de agitar idéias, promover a literatura e as artes. Mesmo assim, mesmo nos tempos de maior pressão, sempre foi possível fazer um suplemento decente, digno. Você deu chance aos novos, acreditou na gente. Não esqueceremos, tenha certeza. (Paris, 5 dez. 1973, p. 1)

Além dessa crise, a censura também tinha participação dentro do *Suplemento*. Mário Garcia Paiva juntamente com Maria Luiza Ramos, então à frente do periódico, viram, em 1973, a publicação completa apenas do primeiro *Suplemento* especial dedicado ao conto brasileiro que pretendia contar com 24 publicações, em dois números, com dezessete páginas. O segundo número saiu apenas com oito páginas. Esses números, segundo informa artigo publicado na *Revista Veja*, em 19 de dezembro de 1973, haviam desaparecido da gráfica da Imprensa Oficial, tendo voltado sem algumas páginas, após terem sido inspecionados no Palácio da Liberdade, sede do governo de Minas Gerais.⁹

Por volta de 1975, quando Wander Piroli então nomeado secretário e propunha mudanças no periódico, como já foi mencionado, houve uma forte campanha contrária promovida por intelectuais ligados à Academia Mineira de Letras, à associação mineira “Amigas da Cultura” e ao Instituto Histórico de Minas Gerais. Liderava o movimento contrário, o presidente da Academia Mineira de Letras, o escritor Vivaldi Moreira, que tivera artigo recusado pelo *Suplemento*. Duílio Gomes (2006) informou-nos que os escritores da Academia não tinham acesso ao jornal porque suas produções não tinham qualidade literária. Entretanto, numa manobra política, uniram-se a membros da censura política e “conseguiram neutralizar o jornal. Não houve, na verdade, uma intervenção

⁹ Cf. “Letras suspeitas”. In: *Suplemento Literário*, v.20, n.1000, Edição Especial, 30 nov. 1985, p. 4.

militar, mas uma coação muito forte para afastar da redação os que eles chamavam de ‘subversivos’”.¹⁰

Nessa época o governador do estado era Aureliano de Mendonça Chaves, o diretor da Imprensa Oficial, Hélio Caetano da Fonseca. Wander Piroli escreve sua carta de demissão usando a seguinte frase de renúncia “Não quero ser o coveiro do ‘Suplemento Literário do Minas Gerais’” (*apud* GOMES, 2006). Sua demissão causou repercussão nacional e muitos setores da cultura se manifestaram. Assume então como secretário do periódico Wilson Castelo Branco. Libério Neves, membro da Comissão de Redação, também se demite. Nas pastas que Murilo Rubião guardou, são inúmeros os documentos de apoio ao *Suplemento*, como bilhetes e cartas de intelectuais de renome e recortes de jornais, noticiando o fato. Houve manifestações em defesa do *Suplemento* em *o Pasquim*, *O Estado de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, entre outros, além evidentemente, de jornais mineiros como o *Cataguases*, *Estado de Minas*, *Diário de Minas*, *Jornal de Minas*.

No Rio de Janeiro, Nélide Piñon encabeça uma manifestação de apoio a Wander Piroli, da qual participaram vários intelectuais, como Ari Quintela, que dirigiu telegrama ao governador Aureliano Chaves, lamentando o ocorrido. Segundo artigo de *O Globo*, de 28 de maio de 1975, a crise no periódico surgiu porque a nova direção do *Minas Gerais* queria abrir espaço a intelectuais da Academia Mineira de Letras, mas o forte cunho vanguardista impedia acesso a esses escritores. Já *O Estado de São Paulo*, de 29 de maio de 1975, reproduzindo a fala de Sérgio Sant’Anna, escreve que a crise representa o “clímax de uma pressão que vinha sendo exercida há muito tempo, com censura e cortes nos trabalhos publicados e a proibição de outros trabalhos”. Os títulos dos artigos dos jornais que noticiam a crise são contundentes: “Sem censura - Tática lacerdista e Suplemento em ‘nova’ fase” (*Jornal de Minas*, 28 de maio de 1975), “Minas reage à mudança em jornal” (*Jornal do Brasil*, 27 de maio de 1975), “Suplemento muda e traz protestos” (*Estado de Minas*, 28 de maio de 1975), “O golpe literário no *Suplemento Literário de Minas*” (*O Estado de São Paulo*, 30 de abril de 1975), “Tremenda sacanagem, tem jeito não” (*O Pasquim*, 30 de maio a 5 de junho de 1975), dentre outros.¹¹

¹⁰ Cf. Entrevista em Anexo.

¹¹ Cf. Arquivo 1, Gaveta 6, Subsérie “A crise no SLMG”, pasta 107, no Acervo de Escritores Mineiros.

O *Suplemento* era muito prestigiado fora de Minas Gerais e mesmo no país. Dalton Trevisan, por exemplo, como lembrou Werneck (2005), considerado um escritor muito reservado, chegou a colaborar duas vezes. A primeira, em 1967, com a página intitulada “Três mistérios” que traz os contos “A noiva”, “Os três presentes” e “Nhá Zefa”. A segunda vez, em 1968, com a mesma página “Três mistérios” que, além dos três contos de 1967, são acrescentados “O Leão”, “No sétimo dia” e “Retrato de Katie”.

Conforme relembra Affonso Romano de Sant’Anna, em bilhete, sem data, endereçado a Murilo Rubião, remetido da Universidade da Califórnia, o periódico era enviado gratuitamente a vários brasilianistas. Muitos enviam elogios e agradecem o recebimento. Além desses, muitos brasileiros que à época eram professores visitantes em universidades estrangeiras tinham no *Suplemento* uma fonte de consulta e pesquisa, material didático usado com alunos estrangeiros. Há vários depoimentos nesse sentido nas cartas enviadas a Murilo Rubião.

Nesse período, também, muitos dos nossos intelectuais brasileiros, principalmente aqueles que eram professores em universidades, tiveram que deixar o país e trabalhar no exterior. O *Suplemento Literário do Minas Gerais* foi o ponto de contato com a cultura brasileira. Diversos depoimentos que constam nas pastas de Murilo Rubião mencionam o periódico como ponto de referência para as aulas ministradas no exterior. Rui Mourão, por exemplo, deixara a Universidade de Brasília, em protesto à demissão de colegas de trabalho por motivos políticos. Atuando na Universidade Houston, em Nova Orleans, nos Estados Unidos, escreve a Murilo solicitando exemplares do jornal, pois esse era o único material didático de Literatura Brasileira que contava no exterior para ministrar suas aulas. Assim também o fazia Affonso Romano de Sant’Anna que estava lecionando em Strathmore, nos Estados Unidos, e escreve a Murilo, no mesmo bilhete mencionado, sem data, dizendo que distribuía os exemplares do periódico aos seus alunos: “Acredito na função de tais publicações, principalmente junto às novas gerações. Foi em suplemento que eu comecei, e embora mesmo hoje não seja nada, foi ali que aprendi muito, ali que tive os meus primeiros rascunhos”. Silvano Santiago envia carta em 12 de maio de 1967, de Nova Jersey, dizendo do prazer em receber o periódico e, em um P.S., narra que, devido à publicação do poema de sua autoria

“Alguns Floreios”, no *Suplemento*, Carlos Drummond lhe enviou o longo poema “INa/grade/cimento”.

Guilhermino César, lecionando em Coimbra no ano de 1969, escreve uma carta demonstrando o quanto o *Suplemento* tinha um efeito positivo para aqueles que estavam fora do país, funcionando como material didático para professores brasileiros que lecionam Literatura Brasileira em outros países.

Coimbra, 2 de janeiro, 1969
Meu caro Murilo,
Feliz Ano Novo

Recebi os exemplares do *Suplemento* em que aparece a entrevista dada à Zilah.¹² Vejo que ela me pintou mais bonito do que sou realmente; imaginações de romancista, sem dúvida nenhuma.

Tenho grande interesse em receber o *Suplemento* em Coimbra, onde meus alunos de Literatura Brasileira (cerca de cem) vivem à míngua de informações sobre o que se passa em Minas. Estão cansados do Nordeste, mas é sempre o Nordeste que lhes vem, por intermédio do Rio. Mande dois exemplares para: G.C. - Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra. Coimbra. Portugal. Garanto que terão muito bom destino.

O velho Lapa¹³, que mora a dois passos de Coimbra, costuma almoçar no restaurante em que faço as refeições. Temos conversado muito; e V. tem sido lembrado com muita saudade.(...) Quando saí de Porto Alegre deixei recomendado que não se esquecessem de V. e do *Suplemento*.

Li o discurso do Aires¹⁴. Fiquei com uma lágrima no canto do olho. Que saudade!

Do Velho

amigo de sempre
Guilhermino

A despeito de todos os problemas enfrentados pelo *Suplemento*, ele sobreviveu até os dias atuais e completa os seus quarenta anos em 2006. A participação de intelectuais de renome, juntamente com os novos, fez com que o *Suplemento* se tornasse um periódico cada vez mais participativo e respeitado.

¹² Zilah Corrêa de Araújo publica um texto sobre Guilhermino César cujo título “Visita a Guilhermino César em Porto Alegre” remete à visita que fizera ao escritor que residia, desde 1943, em Porto Alegre, trabalhando como professor de Literatura Brasileira e Ministro do Tribunal de Contas daquela cidade. Desde 1964, ele vai lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Coimbra. C.f. *Suplemento Literário*, v. 4, n. 167, 8 nov. 1969, p. 3.

¹³ Manuel Rodrigues Lapa.

¹⁴ Aires da Mata Machado aposenta-se, sendo substituído por Rui Mourão.

CAPÍTULO II

A PRESENÇA PORTUGUESA

A presença do português no Brasil, datada oficialmente de 1500, a despeito das opiniões e ações adversas não deixa de ser um marco. A chegada da frota de Cabral, além de “inserir” o Brasil na modernidade, deixou-lhe inúmeras heranças, marcas e cicatrizes que constituem a identidade do país. Sem dúvida, uma das heranças mais evidentes é a língua. Embora haja atualmente diferenças, brasileiros e portugueses entendem-se muito bem lingüísticamente. E esse favorecimento lingüístico é um fator importante de aproximação entre os dois países.

Segundo afirma Junqueira (2002), assim como houve momentos de acirrada disputa entre os dois países, houve também um período de intenso estreitamento das relações. Esse estreitamento deu-se em um momento de crise para os dois países, de 1940 a 1974, durante o período da ditadura, em Portugal, e, no Brasil, de 1964 a 1985. Nessa época o Brasil tornou-se refúgio para intelectuais portugueses opositores ao regime, que deixaram Portugal fugindo da ditadura salazarista. Entre eles, vieram para o Brasil, João Sarmiento Pimentel, Novais Teixeira, Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro, Manuel Rodrigues Lapa, Eduardo Lourenço, Jorge de Sena, Fidelino Figueiredo e tantos mais. Além desses, Ferreira de Castro que aqui esteve entre 1911 e 1919, no Amazonas, Vitorino Nemésio, que atuou de 1950 a 1960 em algumas universidades brasileiras e, na década de 90, Ernesto de Melo e Castro.

Esses intelectuais atuaram não só como professores universitários, mas também como jornalistas, artistas plásticos, poetas e escritores. Podemos citar, como exemplo dessa atuação, um grupo significativo de matemáticos que atuou em Pernambuco, nas décadas de 1950 a 1960 (CANDIDO, 2002, p. 19). Antonio Candido compara esse “exílio voluntário” dos portugueses no Brasil com a missão intelectual que aqui desempenharam os franceses, os italianos e os alemães na Universidade de São Paulo, em 1934.

Essa troca de experiências sejam literárias, pessoais ou políticas é, portanto, intensa por várias razões; além do aspecto lingüístico, Brasil e Portugal viviam, de 64 a 74, situação

semelhante em relação aos governos ditatoriais. Intelectuais de lá e de cá sofreram censuras e perseguições dos governos autoritários que lhes tolheram a liberdade de expressão. Sem dúvida, os portugueses encontraram no Brasil, através do espaço que lhes abriram os jornais, revistas, grupos e universidades um meio de divulgação e expressão literária, artística e, mesmo, profissional.

As diversas atuações dos portugueses no Brasil, seja primeiramente em 1500, até os dias atuais, passando, principalmente pelas décadas de 1940 a 1970, em muito contribuíram para a formação da identidade brasileira. Apesar das agruras e fissuras que a relação Brasil/Portugal causou, houve sempre uma esforçada cordialidade entre os dois países.

Não se podem negar as semelhanças, as identificações e as afinidades entre Brasil e Portugal, assim como são também inegáveis as diferenças, os desagrvos e um velado revanchismo presente nas “piadas de português”, tão difundidas nos meios populares e na mídia como um todo. Nas piadas, nota-se um desejo de negação da paternidade e da identificação do brasileiro com o português. Este último, visto como o pouco inteligente, o desavisado, o ignorante. Entretanto, essa visão do português pelo brasileiro não é unilateral. Também em Portugal, o brasileiro foi visto como o selvagem, o primitivo, o ignorante e rude.

Mas não devemos fixar nossa atenção apenas nas agruras, pois estamos focalizando aqui a atuação de intelectuais, pessoas esclarecidas, sensíveis que, portugueses ou brasileiros, sabem ler as relações entre os dois países de outra forma. Nesse sentido, muito se tem falado e pouco se tem feito. Antonio Candido (2002), por exemplo, relembra os famosos almoços, em São Paulo, de João Sarmiento Pimentel em que freqüentavam brasileiros e portugueses. Havia ainda em São Paulo um jantar da oposição, todos os dias 5 de outubro. Para Candido (2002), esses almoços e jantares foram o germe da criação do jornal oposicionista, *Portugal Democrático*, editado em São Paulo.

Inúmeros são os momentos e períodos de forte atuação de intelectuais portugueses no Brasil. Neste trabalho, focalizamos um desses períodos, mais especificamente, o período de 1966 a 1976, a atuação de intelectuais portugueses no *Suplemento Literário do Minas Gerais* e os desdobramentos dessa relação através de cartas, visitas, viagens, bilhetes e, principalmente, amizades que perduraram por anos. Esse contato do grupo mineiro com os portugueses, representado pelo poeta Melo e Castro, se efetuou por

ocasião de sua visita ao Brasil, em setembro 1966, quando o poeta fez uma turnê por vários estados, inclusive Minas Gerais, proferindo conferência na Faculdade de Filosofia da UFMG. Esse primeiro contato parece ter servido como estímulo ao diálogo entre mineiros e portugueses, uma vez que, logo após, o periódico do *Minas Gerais* trazia um primeiro texto a respeito da Literatura Portuguesa, intitulado “Poesia de vanguarda: informação de Portugal”. Esse ensaio, assinado por Márcio Sampaio e publicado em 22 de outubro de 1966, trata da visita de E. M. de Melo e Castro ao Brasil. Dando continuidade ao diálogo iniciado, segue então o ensaio “Nova biografia de Bocage”, de Heitor Martins, em 12 de novembro de 1966, de Nelly Novaes Coelho, “A Torre da Barbela”, acerca da obra de Ruben A., publicado em 31 de dezembro de 1966.

As primeiras participações portuguesas no periódico mineiro, no entanto, aparecem somente a partir de 1967. O poema “A corrida em círculos”, publicado em 18 de fevereiro de 1967, acompanhado de foto de Ana Hatherly, é um desses primeiros textos. Na mesma página, há ainda um questionário com dez perguntas referentes à estética da autora. Prossegue-se então a presença portuguesa com o texto “As Amigas dos países. Tipo e: deslocação por metáfora e metonímia”, de Ana Hatherly; o ensaio “Românticos, clássicos e cibernéticos”, de Melo e Castro, e “Crítica portuguesa”, de Eduardo do Prado Coelho, acerca da obra de Gastão Cruz.

Embora centremos nossa atenção, neste trabalho, para as relações entre os grupos de vanguarda portuguesa com a Geração Suplemento, é importante ressaltar que os contatos entre brasileiros e esses portugueses já existiam, conforme atestam a atuação de intelectuais como Edgar Braga, José Lino Grunewald, Haroldo de Campos e Pedro Xisto que tiveram suas publicações no segundo número da revista portuguesa *Poesia Experimental 2*, e no suplemento do *Jornal Fundação, Artes e Letras*, em 1966.¹⁵ Do lado português, Jorge de Sena e E. M. de Melo e Castro também publicaram poemas na revista brasileira de vanguarda *Invenção*.

Em que pese a presença portuguesa em revistas literárias brasileiras, não se pode deixar de levar em conta a importância da participação desses portugueses no *Suplemento*

¹⁵ C.f. *Poesia Experimental*. Cadernos e catálogos da Poesia Experimental portuguesa (anos 60) Disponível em: <<http://po-ex.net/galeria/displayimage.php?album=3&pos=0>>. Acesso em 26 maio 2006.

Literário do Minas Gerais na composição de um quadro bem demarcado das relações literárias entre Brasil e Portugal. De acordo com Castro (1995), essa participação conta com um total de setenta e quatro publicações de textos literários além de uma série de entrevistas de escritores brasileiros com escritores portugueses, de artigos críticos e/ou teóricos a respeito de temas literários brasileiros e portugueses.

Essas relações, no entanto, não se limitaram apenas a publicações de textos no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, mas manifestou-se também em encontros como a já citada viagem de E. M. de Melo e Castro, em 1966; e de Ana Harthely, em 1968, ao Brasil, passando por Belo Horizonte. Esse diálogo acentua-se também do lado português, culminando com a divulgação do *Suplemento Literário do Minas Gerais* em Portugal.

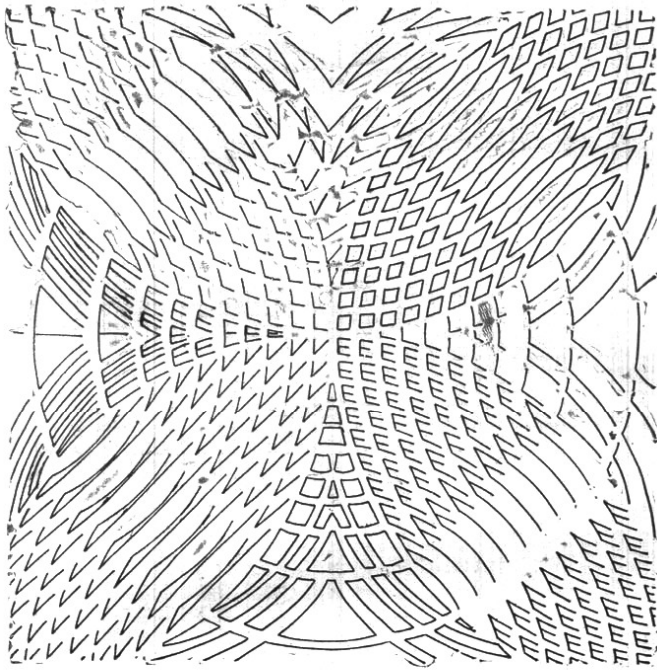
Reforçando essa relação, dois números especiais do periódico, 1º e 8 de março de 1969 (n. 131 e n. 132), são dedicados aos novos escritores portugueses de vanguarda. Esses números, encapados com as cores vermelho e verde da bandeira portuguesa e com o nome Portugal em negro, sobre um fundo vermelho, provocaram reações adversas e hostilidades por parte do governo Salazar. O governo ditatorial português entendeu isso como provocação: de um lado, esses números traziam jovens intelectuais de vanguarda que faziam parte do grupo de oposição ao governo; de outro, encadernados com as cores da bandeira portuguesa, trazendo o nome do país em negro, esses suplementos pareciam lembrar luto pela situação em que se encontrava Portugal. Em consequência, a distribuição do periódico foi proibida e E. M. de Melo e Castro, intimado pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) a não divulgar o *Suplemento Literário do Minas Gerais*. Ana Hatherly, que mereceu destaque nesses números, também foi convidada pela Embaixada Brasileira em Portugal para conversar a respeito do assunto. E nosso adido cultural naquele país, Otto Lara Rezende, teve que intervir junto ao governo português.

Essa reação do governo português, no entanto, reflete a importância da literatura na década de 60. Afinal, em que pese a ditadura e a patrulha intelectual, esse período foi rico em manifestações culturais e movimentos de vanguarda. Essas manifestações culturais e artísticas atuavam como frente de oposição ao regime político, não só em Portugal, como também no Brasil, que vivia uma situação semelhante. Como relata

PROSA PROSA

ou primeiras notas para uma revisão crítica da prosa criadora portuguesa

E. M. de Melo e CASTRO



E. M. de Melo e Castro — Tipografia criadora n.º 12 — 1969

MINAS GERAIS

**suplemento
literário**

BELO HORIZONTE — SABADO, 1.º DE MARÇO DE 1969
Av. Augusto de Lima, 270 — Ano IV — N.º 131 — Preço NC: \$ 0,20

(Número especial organizado com a colaboração dos escritores Arnaldo Sáenz e E. M. de Melo e Castro. As ilustrações são dos artistas mineiros: Eliana Rangel, Maria do Carmo Viveacqua Martins (Madu), José Márcio Brandão, Anamélia Lopes de Moura Rangel, Márcio Sampaio, Carlos Wolney, Lilliane Dardot).

**PORTUGAL
A LITERATURA NOVA (I)**

1. A prosa como prosa, como técnica específica de escrever, de criar e transmitir informações. Não a prosa "romance", "novela" ou "conto". Não a querela dos gêneros literários, descuidando o veículo que possibilita esses "romances", essas "novelas", esses "contos", e simultaneamente os transmite, desde um emissor (o escritor) até um plural receptor (os leitores).

Para se falar de prosa criadora é necessário fazer um esforço que nos desprendia do que sempre se tem feito entre nós nesta matéria, ou seja, falar da História do romance etc., ou falar das idéias supostamente encerradas nas obras que se pretende estudar. Quanto à prosa, quanto à escrita da prosa, quase sempre nada se diz de específico, ou quase nada. Isto é, considera-se adjetivamente a "limpidez do estilo", a "garra do prosador", a "fluência do verbo", o "ecrânulo do léxico", a "prosa escorrelta", o "realismo da descrição", a "melodia" ou a "harmonia do discurso", em suma aquilo a que se chama de "bom português" ou de "belas páginas", mas que ninguém sabe rigorosamente o que é!

O que me proponho inquirir nestas notas é antes, o português como linguagem escrita, como meio substantivo ou seja, como fim de criação, como idioma em que se criam coisas novas para a vida dos homens. Meio substantivo esse também capaz de propiciar e refletir as vicissitudes e tensões que compõem os problemas peculiares da vida de quem fala e usa esse idioma.

2. Ao dizer prosa criadora, surge o problema da poesia. Vulgarmente quando se diz criação, diz-se poesia, que a prosa é principalmente descritiva. Ao dizer prosa criadora lança uma ponte entre essas duas técnicas de escrever: a Poesia e a Prosa; entre essas duas técnicas de olhar e perceber o mundo: a Poesia e a Prosa. Ao fazê-lo não me interessa muito dar mais definições de Poesia e definições de Prosa. Ao fazê-lo afirmo que sendo técnicas diferentes de usar a mesma via de informação — neste caso o Português escrito — ambas essas técnicas, dentro mesmo da sua autonomia de recursos, são sujeitas de serem usadas criadoramente, isto é de um modo diferente do elemental repetir de fórmulas esvaziadas pelo uso, por muito úteis que elas sejam no dia a dia.

Tudo depende, pois, do teor informacional dos textos. Este, o teor informacional, depende por sua vez do grau de organização ou desorganização desse texto. Isto é, o texto obedece cegamente às leis convencionais da escrita e da formulação de pensamentos ou mensagens, as possibilidades de conter novas informações diminuem consideravelmente. Justamente porque essas leis são convencionais e a validade sociológica dessas convenções deve ser sistematicamente posta em causa pela atividade criadora, seja em que ramo da atividade do homem for, se de fato a fase dessa atividade recair sobre as suas coordenadas criadoras.

Se o teor informacional da prosa for alto, a prosa será portanto mais criadora que uma prosa redundante, de baixo teor, isto é, em que se diz de um modo já propriamente conhecido, a que tanto o emissor como o receptor já muito bem conhecem, sem que nada do novo seja portanto de algum modo originado durante essa transmissão a essa recepção de informações. A prosa de nula informação pode ter todos os atributos de uma "bela página" acima referidos, sem que isso lhe aumente o teor informativo, porque não é por qualidades desse tipo que se pode medir esse teor. Este mede-se antes na avaliação do poder reflexivo da escrita sobre si própria e na adequação do tratamento dos seus próprios problemas de veículo substantivo, em relação aos problemas da vida dos homens entre os quais estabelece relações de comunicação. E esta é a mais profunda diferenciação entre Poesia e Prosa: a Poesia tende a ser um aprofundar e desenvolver das probabilidades da sua própria via de realização, a linguagem, ou seja, as potencialidades totais do idioma que utiliza. A Prosa tende para o exercício das possibilidades da língua, isto é, da linguagem, como não confundir "probabilidade" e "possibilidade", assim como distinguir entre linguagem e língua, à maneira de Saussure.

3. Prosa prosa. Uma prosa que seja prosa, onde existe ela em português, em 1967? Não tivemos um James Joyce. Não tivemos um Proust. Tivemos um Eça de Queiroz. Temos o Eça — diz-se — "falando como nós falamos, escrevendo como gostaríamos de escrever. Atualíssimo, o Eça — atualíssimo! Vivendo o que nós vivemos, agindo como agimos etc. etc. Um orgulho para nós e nossa família; — a que o Eça escreveu há mais de 90 anos é ainda atual, atual,

E. M. de Melo e CASTRO

MINAS GERAIS

suplemento literário

BELO HORIZONTE — SABADO, 8 DE MARÇO DE 1969
Av. Augusto de Lima, 270 — Ano IV — N.º 132 — Preço NCr\$ 0,20

SÃO OS LÁBIOS, AS SUAS LETRAS...

António Ramos ROSA



São os lábios, as suas letras e esta mão que destiza. Esta janela e esta mesa... O que eu desejo, o que eu escrevo não é a claridade, nem o meu olhar. Um imperceptível movimento, um antegosto...

Não. O meu desejo só o saberei no sabor das palavras com que o persigo e o vou perdendo...

Qual o seu hábito? De pedra e de água. É aqui mesmo que o saboreio, onde o ignoro.

Bafo de animal — rio. Mão calma. Instantânea força sábia. Tentá-la!

Mão que tempera o sono. Dorso que sôbe da água. Duas ou três palavras para captá-lo nu e vivo.

Um lápis. Um papel deslumbrante. Tudo consinto, ó lisa força que amacia os músculos e o olhar. O pulso flexível e palpitar da sombra para a vivaz vertigem!

Não há razão para desesperar. Não posso ser senão o que sou no momento em que adiro e ardo!

PORTUGAL

A LITERATURA NOVA (II)

(Número especial organizado com a colaboração de Arnaldo Saravia e E. M. de Melo e Castro. As ilustrações pertencem aos jovens artistas mineiros Maria do Carmo Viveiros, José Alberto Nemer, Pompéia Brito Rocha, José Márcio Brandão, Irene Abreu e Márcio Sampaio).

Os dois números da publicação coletiva POESIA EXPERIMENTAL foram publicados em Lisboa respectivamente em 1964 e 1966. Mas o trabalho conceitual muito antes com investigações isoladas sobre o fenómeno da linguagem a estrutura da escrita e a criação poética. O que esses cadernos vieram claramente demonstrar é que escrever criativamente é desenvolver as possibilidades do idioma que se usa levando-o até ao nível da investigação internacional, isto é, tornando-o mais penetrante mesmo para além das suas limitações geográficas. Além disso, escrever para dizer o que já se sabe, escrever sem enriquecimento semântico é puramente inútil. Hoje todas as funções criadoras da escrita podem realizar-se mais eficaz e rapidamente por meios eletrónicos (exemplo: documentação, processamento de dados, registo de informações, arquivo, etc.). Resta portanto o saldo maior ou seja a utilidade intrínseca de escrever, a mecânica estrutural de organização e próprias relações sintáticas entre objetos e sinais de modo a desencadear novos conteúdos de significação, ou a estabelecer renovadas perspectivas de contacto entre os homens. Caso contrário entra-se na repetição depauperante ou nas variações exaustivas de informação nula que são as redundâncias e as retóricas que já a ninguém interessam. Continuar a cultivar literariamente a literatura herdada é agir contra a inteligência e contra o homem que escreve e o homem que lê: todos nós afinal. Por outro lado, os meios de comunicação de que dispomos propõem ao artista criador uma nova perspectiva semiológica para as suas investigações e criações, pois o que antes ficava na torre de marfim do poeta, "muito insulhado" hoje pode e deve ser imediatamente proposto, comunicado e usado pelas grandes massas, populações aderindo as obras e as descobertas significativas e funções insuspeitadas pelo seu autor, membro afinal dessa mesma massa (exemplo típico: a poesia concreta e a publicidade).

Uma exigência de investigação e experimentação com os meios de comunicação entre os homens (linguagem) não pode portanto limitar-se em métodos e motivos. Daí que a poesia como investigação total das possibilidades de comunicação adquira uma tonalidade investigadora e experimental invadindo campos que na metodologia estética tradicional lhe são alheios. A poesia experimental nos seus aspectos fonéticos confunde-se com a música, nos seus aspectos visuais e gráficos invade por vezes o domínio das artes plásticas demonstrando assim como são caducas as compartimentações da atividade artística.

As experiências visuais com a escrita (poesia concreta) definiram uma sintaxe especial de justaposição e combinatoria, propondo portanto bases geométricas, espaciais e matemáticas, enquanto que a poesia fonética utilizando métodos combinatorios vai à procura da renovação expressiva do alfabeto dos sons puros.

Em Portugal apenas os aspectos visuais, sintáticos e semióticos foram postos em causa de uma forma sistemática, tendo a poesia fonética até agora ficado para trás. Para traçarmos um breve esquema do desenvolvimento da poesia experimental portuguesa devemos reportar-nos ao clima intuosamente criador e ativo do pós guerra em Lisboa por volta de 1950. Três posturas básicas se definiram nessa época: a lirica tradicio-

nal à procura de renovação (grupo da Távola Redonda. Nomes que ficaram: António Manuel Couto Viana e David Mourão Ferreira); Os surrealistas (António Maria Lisboa e Mário Cesariny de Vasconcelos) e a revista ARVOUE (António Ramos Rosa, Raul de Carvalho e Fágio Gonçalves). Esta última revista propôs uma forma de realismo evoluído e principalmente através da obra de António Ramos Rosa a poesia portuguesa encontra em termos de modernidade um caminho de interiorização da experiência do real, diferente em tonalidade e alcance da presença lúctar de Fernando Pessoa.

Todo este movimento foi estudado em detalhe na Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa por mim organizada em colaboração com Maria Alberta Meneses, cuja segunda edição data de 1961. (Nessa Antologia que tem mais de 500 páginas, constam obras de 72 poetas?).

Entre a extraordinária efervescência poética desse período e o momento atual assistimos ao aparecimento de obras independentes significativas e típicas do despertar para a consciência do experimental poético, através de vários caminhos: Maria Alberta Meneses, redução fenomenológica; João Rui de Sousa, interiorização da consciência do social; Natália Correia, investigação sobre o poder mágico da palavra escrita e falada. Em 1961 surge um grupo de jovens que coletivamente levantam problemas linguísticos na arte de escrever Poesia através da publicação "Poesia 61". Em 1962 eu próprio publico a primeira manifestação de poesia concreta em Portugal, na seja o meu livro IDEOGRAMAS.

O grupo que publica POESIA EXPERIMENTAL I e II não era constituído por jovens estreantes à procura de afirmação pessoal, antes por poetas já com obra de pensador investigador publicada e reconhecida nos meios culturais portugueses (ou melhor, todos já tinham sido alvo dos insultos da crítica estereotipada e caduca desses mesmos meios de que João Gaspar Simões é o corolário portuense). Assim, em POESIA EXPERIMENTAL I colaboraram António Ramos Rosa, Herberto Helder, António Aragão, António Barahona da Fonseca (o mais novo e vindo do surrealismo) Salette Tavares e E.M. de Melo e Castro. Nesse I Caderno, predominam as experiências sintáticas e semióticas, enquanto no II Caderno com vasta colaboração de poetas novos portugueses e autores da vanguarda internacional, predominam as experiências visuais e gráficas.

Em 1967 a primeira equipe de POESIA EXPERIMENTAL encontra-se desfeita e cada poeta trabalha isoladamente na sua pesquisa pessoal de renovação do ato poético. No entanto, surge o movimento OPERAÇÃO em que pela primeira vez em Portugal se considera o ato criador numa rigorosa perspectiva semiológica e estruturalista. O método estrutural de análises e sínteses consecutivas das unidades morfológicas e simbólicas da escrita é desenvolvido em obras de caráter visual no Album OPERAÇÃO I (Ana Hatherly, António Aragão, José Alberto Marques, Pedro Xisto e E.M. de Melo e Castro). Em OPERAÇÃO II Ana Hatherly faz uma investigação sistemática sobre as estruturas poéticas através do ato da escrita. Os lançamentos de POESIA EXPERIMENTAL I e II e de OPERAÇÃO foram acompanhados de exposições, happenings e de uma "conferência oblieta" nas Galerias Divulgação, III e Quadrante, em Lisboa.

POR

TU

GAL

A
LITERATURA
NOVA



MINAS GERAIS

suplemento
literário

Castro, ao se referir à sua primeira viagem a Belo Horizonte, a patrulha aos intelectuais era incisiva.

A viagem foi possibilitada pela Embaixada do Brasil através do então adido cultural, o escritor Odylo Costa Filho. Mas o PIDE (Polícia Política de Salazar) não gostou do convite que me foi dirigido e tentou impedir a sua concretização. O mês de agosto de 1966 gastei-o em Lisboa esperando impacientemente a, nestes casos, necessária autorização para sair de Portugal. Por fim ela chegou, certamente graças ao empenho do adido cultural, mas no avião para o Rio de Janeiro fui acompanhado por um agente disfarçado que se propunha a guiar-me no Brasil... por eu desconhecer o país! (CASTRO, 1995, p. 66).

Em Portugal, o período salazarista, iniciado pelo golpe militar em 1926 e efetivado em 1932, instaura o fascismo no país. A ditadura militar inicialmente surge sob o pretexto de sanar o caos econômico e político gerado pela Primeira República. No início de sua atuação, Salazar recebe apoio, devido ao sucesso da sua política financeira, o que não impede a ditadura militar de promover o terrorismo, a tortura, a delação e o exílio de muitos intelectuais e políticos de oposição. Assim, após trinta anos de instauração do fascismo, Portugal caracteriza-se como um país que explora de forma desumana as colônias, vendendo a mão de obra nativa a outros países. (NETTO, 1986, p. 27, 28). Com a crise econômica agravada, as péssimas condições de vida da população e a ditadura política, ocorrem várias manifestações de populares, de universitários, de intelectuais e de partidos políticos opositores.

Apesar das pressões internas, produzidas por diversos setores da sociedade, e dos movimentos de libertação das colônias, somente nos anos 70, começa-se a derrocada do fascismo no país. O fim do fascismo ocorreu gradativamente após a morte de Salazar, quando já estava no poder o seu sucessor, Marcelo Caetano. Com o movimento conhecido como a *Revolução dos Cravos*, em 25 de abril de 1974, a ditadura sofreu seu golpe final e foi instaurado um processo de mudanças políticas.

No Brasil, por sua vez, movimentos literários engajados na oposição política pregavam uma literatura revolucionária, como o CPC (Centro Popular de Cultura). Os movimentos de vanguarda, como o Concretismo, a Poesia-Práxis, o Poema-Processo e o Tropicalismo também procuravam uma atuação política no sentido de modernizar a produção artística do país. Assim, duas atitudes do poder em relação à arte ocorrem

nesse período: de um lado, há a censura e a perseguição a qualquer manifestação oposicionista; de outro, há a cooptação de intelectuais por órgãos governamentais, tentando dessa forma direcionar a produção artística.

Essa atuação de intelectuais em órgãos oficiais, todavia, parece ser constante em Minas Gérias. Nos anos 20, o grupo mineiro de *A Revista* teve seus primeiros passos delineados no *Diário de Minas*, órgão do Partido Republicano Mineiro, o que já evidencia que a ligação entre os intelectuais e o poder não é novidade em Minas desde aquela época. Nos anos 60, essa prática perdura através da ação do grupo da Geração Suplemento, composto por Murilo Rubião, Affonso Ávila, Laís Corrêa de Araújo, Ildeu Brandão, Wander Pirolli, Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Libério Neves, Humberto Werneck, Ângelo Oswaldo e outros, que assume importante papel atuando no periódico que acompanha o *Minas Gerais*, um órgão oficial de divulgação de leis, decretos e atos administrativos do governo do Estado (ANDRADE, 1998, p. 28-34).

Murilo Rubião, por exemplo, ao retornar, no fim do governo de Juscelino Kubistchek, da Espanha, onde exercia o cargo de chefe do Escritório Comercial do Brasil em 1960, é convidado pelo governador udenista Magalhães Pinto para atuar no Palácio da Liberdade. Por ser amigo do pessedista Juscelino Kubistchek desde os anos 30, quando trabalhava numa livraria alemã na Rua da Bahia, no entanto, recusa o convite. Em 1950, Murilo Rubião fora o chefe do comitê de imprensa da campanha do amigo a governador para, depois da vitória, tornar seu chefe de gabinete. De volta ao Brasil, opta então, em 1966, por trabalhar na Imprensa Oficial, cuja redação era comandada por José Bento Teixeira Sales, tendo como secretário Raul Bernardo Nelson de Senna que estava à frente do governo de Minas no período de 1966 a 1971.

Uma outra constante em Minas é atuação dos intelectuais mineiros por meio da formação de grupos, uma tradição que tem também em sua história os grupos dos inconfidentes e dos simbolistas. No século XX, temos os modernistas de *A Revista*, de *Verde*, passando por *Tendência*, com Fábio Lucas, Rui Mourão e Affonso Ávila, que se desdobra na revista *Vocação*, passando pela Geração Complemento com Silviano Santiago e Ivan Ângelo. É importante observar que, nos anos 60, Minas conta com revistas como *Estória*, *Ponto*, *Porta*, *Pró-textos*, *Ptyx*, *Texto e*, *Vereda* de Belo Horizonte, *Agora*, de Divinópolis, *Frente e Revixta*, de Oliveira e *SLD*, de Cataguases.

E é exatamente nesse período que, sob a direção de Murilo Rubião, o *Suplemento Literário* mantém esse contato estreito com os escritores de Portugal. Aqui se deve destacar a figura e o papel do intelectual Murilo Rubião e seu trabalho à frente desse *Suplemento*. A existência desse *Suplemento* e a sua identidade deve-se essencialmente à maneira como Murilo Rubião o projetou e o conduziu e, mais, o modo como agregou ao seu lado grupos de escritores, principalmente jovens escritores, os já consagrados e, como destacamos neste trabalho, escritores portugueses de vanguarda.

Para a geração de novos escritores, Murilo Rubião era um enigma, como disse Humberto Werneck ¹⁶, por não ser reconhecido, não ter livro que ainda tivesse feito sucesso, muitos pensavam que ele não existia. Só em 1965, quando da publicação de *Os Dragões* é que a crítica literária, através de Antonio Candido o reconhece. O próprio Antonio Candido, escrevendo de Poços de Caldas, desculpa-se por não ter dado a devida importância a Murilo Rubião já em 1947, quando saíra o *Ex-mágico*. Candido (1986) afirma que ficara “admirado, sobretudo, com aspectos que não conhecíamos então, ou que só depois apareceram na literatura. (...) E isso tudo dá ao seu livro uma tal atualidade, que só agora vejo como você estava desde há muitos anos, e sem que eu percebesse” (p. 6). Esse desconhecimento chegava ao ponto de Murilo Rubião, por exemplo, dizer que o poeta paulista, Mário de Andrade, por gostar dele, esforçava-se para gostar do que ele escrevia (WERNECK, 2005). Murilo Rubião em entrevista a Maria Luiza Ramos (1988) informa que :

Eu enviei alguns originais a Mário de Andrade, não só porque éramos amigos, mas porque assim fazia a maior parte dos escritores que começaram a carreira literária depois da Semana de Arte Moderna. Eu acho interessante observar que, por mais que ele simbolizasse a vanguarda no Brasil, Mário de Andrade recebeu com reserva a minha maneira particular de ver o mundo. Ele, sempre se interessou por acompanhar de perto a produção literária de jovens escritores, me fez sentir que, no meu caso, tratava-se de uma literatura pela qual ele se interessava, em princípio, como homem de erudição, mas que não lhe dizia nada de especial (p. 2-3).

¹⁶ Mesa-Redonda *O Suplemento Literário do Minas Gerais*, realizada na Serraria Souza Pinto por ocasião do Salão do Livro de 11 a 21 ago. 2005, Belo Horizonte. Nessa mesa, do dia 15 de agosto, participaram a professora Haydée Ribeiro Coelho, Humberto Werneck, Márcio Sampaio e Sebastião Nunes. Affonso Ávila também apareceu rapidamente, proferindo umas poucas palavras, representando Laís Corrêa de Araújo que não pôde comparecer por motivo de doença.

De acordo com Antonio Candido (1975), o papel do intelectual, sua atuação e consciência são de extrema importância para a constituição de uma literatura, de uma cultura nacional, o que nos faz pensar no papel do intelectual Murilo Rubião no *Suplemento Literário* e em sua ação junto com os escritores novos, os já consagrados e os portugueses com que os mineiros viriam a dialogar no espaço do *Suplemento do Minas Gerais*. Nesse sentido, há ainda que se pensar que lugar ocupa esse intelectual, em um país periférico, assumindo uma posição também periférica em relação ao poder ou mesmo dele participando ativamente, como os nossos intelectuais mineiros da década de 60. Haja vista o surgimento do *Suplemento Literário*, periódico que como o próprio nome diz, aparece como suplemento a um jornal oficial do governo de Minas. Por fim, parece-nos de fundamental importância discutir, sob o olhar de Antonio Candido, que literatura nacional e que nação se constitui, uma vez que, segundo Eduardo Lourenço (2001), ao negar a paternidade portuguesa através do “parricídio permanente”, o Brasil voltou-se mais para outras culturas européias e, nos séculos XX e XXI, para países que atuam cultural e economicamente de maneira hegemônica. Há que se pensar que nação é a brasileira, atravessada por hibridismos, por trocas culturais muitas vezes conflituosas e tensas.

Nesses termos, parece-nos relevante destacar que a coleção do *Suplemento Literário do Minas Gerais* pode ser lida como a expressão de um tempo, de uma memória. Representa um momento artístico e é objeto significativo da cultura, justificando a leitura dos vários textos que o percorrem e o seu estudo detalhado. Sua importância deriva não só como órgão de efetiva produção literária de um período da literatura brasileira, como também da literatura portuguesa. Afinal, o *Suplemento Literário* foi um meio de divulgação de uma literatura que se via censurada pelos governos de ditadura dos dois países, principalmente, pelo governo português.

Neste trabalho, o que se quer buscar é compreender o papel do *Suplemento Literário do Minas Gerais* como espaço de manifestação não só da literatura brasileira, mas também da portuguesa. Ao pensar esse espaço, parece-nos importante refletir sobre o retorno dos conceitos de centro e periferia na relação Brasil/Portugal, no período da colonização, e nessa nova relação que se estrutura dentro do espaço do *Suplemento Literário*, marcado pelas trocas literárias, buscando compreender as representações de nação, tanto brasileira como portuguesa nos textos que se constituíram como trocas literárias nesse

espaço de convivência. Que desafios oferecem a leitura dos intelectuais portugueses de 60 aos “rastros de todos aqueles diversos discursos disciplinadores e instituições de saber que constituem a condição e os contextos da cultura?” (BHABHA, 1998, p. 229).

2.1 Os portugueses no *Suplemento Literário*

As nações todas são mystérios.
Cada uma é todo o mundo a sós.
Ó mãe de reis e avó de impérios,
Vella por nós!
(Fernando Pessoa, *Mensagem*)

Pretendemos ler o diálogo entre portugueses e brasileiros no *Suplemento Literário do Minas Gerais* pensando a respeito da atuação literária do grupo português em seu país e na “sua ex-colônia” - o Brasil. Num país que virava as costas para a Europa, num momento de ditadura, num Portugal que se caracterizava naquele período como país periférico em relação ao contexto mundial, perguntamo-nos que papel tem a literatura diante da decadência de um país com um passado glorioso? Em que essa produção literária à margem do poder exhibe as fissuras, as ruínas e as fraturas de um Portugal decadente?

É interessante perceber a dimensão que o *Suplemento Literário do Minas Gerais* assumiu. Assim, criado para suprir a falta de notícias em regiões mineiras aonde não chegavam jornais, funcionou, nesse período, como um espaço da publicação para o intelectual português. E ainda falar de dentro de um jornal oficial de escritores que eram considerados pelo governo português como de esquerda, aqueles que ofereciam perigo ao regime político. Intelectuais considerados não apenas como ameaça ao poder constituído, no caso o salazarismo, mas como ameaça às representações constituídas e consolidadas como forma de legitimar esse poder e sua permanência. São esses escritores que encontraram guarida no Brasil e um meio de divulgação de suas produções literárias.

É neste sentido que se pode ler a catastrófica recepção dos *Suplementos* de 1.º e 8 de março (n.º. 131 e 132), números especiais de dedicados a Portugal. A intenção do grupo

de Minas era homenagear Portugal, o fazer icônico, como observamos, representava um Portugal de luto. As manifestações de repúdio podem, segundo E. M. de Melo e Castro, ser encontradas no acervo Murilo Rubião, na UFMG, nas correspondências dele próprio, de Ana Hatherly e dos os mineiros Murilo Rubião, Laís Corrêa de Araújo, Otto Lara Rezende (CASTRO, 1995, p. 68-69).

Ainda que se reconheça, como o faz Arnaldo Saraiva e de E. M. de Melo e Castro, que o *Suplemento* cumpre uma função de divulgação literária, atento “ao que de mais avançado e criador existe na arte da escrita”, não se pode negligenciar o impacto político provocado no governo português. Assim se manifesta Melo e Castro, quando retorna a Lisboa em março de 1968 e se depara com o *Suplemento Literário* e um livro de contos de Murilo Rubião:

O Suplemento do Minas Gerais, a que eu quase assisti ao nascimento, quando estive em Belo Horizonte em Setembro (sic) de 1966, é um empreendimento impressionante, quer pela rigorosa organização de cada número, quer pela atenção viva ao que de mais avançado e criador existe na arte da escrita como, pelo que no seu conjunto constitui (sic): uma imagem de uma inquietação e uma consciência criadora coletiva. (Carta a Murilo Rubião, Lisboa, 5 de março de 1968, p. 1).

É essa importância atribuída ao *Suplemento* por Melo e Castro que o faz, ao ler a carta que Murilo Rubião enviara a Ana Hatherly, informando-lhe da intenção de homenageá-la no periódico, escrever-lhe sugerindo que se fizesse um número dedicado à poesia e prosa de vanguarda portuguesa. E, para tanto, reúne então uma série de material representativo, demonstrando a confiança no periódico mineiro como veículo apropriado para a manifestação literária dos escritores portugueses que se sabe resistiam ao regime salazarista e encontravam dificuldades de publicação em seu país.

Desse modo, diante da imagem que a historiografia literária oficial teve e divulgou da Literatura Portuguesa, de Camões, Eça de Queirós a Fernando Pessoa, privilegiando a maneira como esses escritores enalteciam com sua literatura a nação portuguesa, surgia a possibilidade de manifestação de uma literatura produzida por opositoristas em um Portugal dos anos 60 que fervilhava sob a ditadura salazarista.

Por um lado Salazar, na crença de uma soberania nacional, procurava, em seus discursos didaticamente estruturados, criar a imagem de uma nação una, muitas vezes lida por

outros países, inclusive o Brasil, e divulgada pelo poder português. Por outro, vemos desde Gil Vicente, em *Auto da Índia*, e, em *Farsa de Inês Pereira*, e depois Camões, com sua contravoz, o ‘Velho do Restelo’, e a Geração de 1870, com o revolucionário Antero, uma nação lida e representada por escritores como aquela que se apresenta derrotada e falaz, por possuir um passado histórico glorioso, mas que se vê sob ameaça.

Por outro lado, um outro discurso, o literário, que se insurgia e minava essa suposta unidade nacional, instaurando o descontínuo, construindo, no cotidiano, uma identidade nacional diferente, que ganhava espaço além das fronteiras e voltava de forma provocativa através, principalmente, dos dois números dedicados a Portugal.

Nesse período, principalmente a poesia foi palco de manifestações anti-salazaristas. Os intelectuais, semelhantemente aos da Geração Coimbrã de 1870 são oriundos, em sua maioria, do meio universitário. Temos o grupo da revista *A Poesia Útil* de 1962, com Manuel Alegre, Fernando Assis Pacheco, o da publicação *Poemas Livres*, com nomes como Eduardo Guerra Carneiro, Manuel Alberto Valente e Armando Silva Carvalho. Quanto ao movimento da *Poesia 61*, figuram escritores como Gastão Cruz, Fíama Hasse Pais Brandão e Luiza Neto Jorge. Um terceiro grupo, mais ligado à poesia brasileira, responsável pela revista *Poesia Experimental*, de cunho concretista, tem figuras como Ernesto de Melo e Castro, António Aragão e menos intensamente, Heberto Helder e Ramos Rosa.

Esses intelectuais promoveram a divulgação das idéias de cunho revolucionário por natureza que culminaram na Revolução de 25 de Abril. São eles que viveram a inquietação diante de uma imagem de país idealizada pela oficialidade e buscaram repensar Portugal. Um Portugal que se debate entre o eterno estigma de país orgulhoso de suas conquistas *ultramares* e a constatação da pequenez e abandono do país *intramares* e *intramargens*. Um país que, como o anjo de Klee, tem “o rosto dirigido para o passado... e vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína...,” (BENJAMIN 1985, p. 226) que vê apenas glória na memória póstuma, porque o agora se lhes apresenta imóvel, pois o peso da História é por demais árduo. Nos dizeres de José Cardoso Pires (1977):

Lá vai o português. Lá vai o português, diz o mundo, quando diz, apontando umas criaturas carregadas de História que formigam à margem da Europa.

Lá vai o português, lá anda. Dobrado ao peso da História, carregando-a de facto, e que remédio – índias, naufrágios, cruces de padrão (as mais pesadas). Labuta a côdea do sol-a-sol e já nem sabe se sonha ou se recorda. Mal nasce deixa de ser criança: fica logo com oito séculos (p. 25).

O papel de reescrever a História, nesses termos, cabe à literatura, mais especificamente aqui, a literatura dos anos 60. A viagem ao passado que os escritores portugueses empreendem representa o desejo incessante de busca de autocompreensão e autoconhecimento. Daí a marca primeira dessa literatura e de sua experimentação formal e estilística. Desde poetas ligados ao Concretismo a poetas e romancistas contemporâneos como Augusto Abelaira e Saramago, todos têm a marca portuguesa, todos escrevem sobre a terra, reescrevendo-a, ou melhor, escrevendo-a.

2.2 Brasil/Portugal: relações

As barbas e os bigodes assim dados
a respeito desta
terra conquistada

em que se plantem a cana e o vento
tanto dá
tudo alimenta

e que se plantem missa e submissos
ou saldem no porto
os compromissos

mas vem de lá e esta premissa é vã
na terra conquistada
ontem hoje ou amanhã.

(Libério Neves, *Descobrimento*)

Uma relação real, adulta (...), entre os nossos dois países como *cultura*, só pode existir com base no reconhecimento de um estado de coisas que, em vez de nos aproximar, institui ou perpetua a separação que, por boas ou más razões, afastou as nossas culturas uma da outra.

(Eduardo Lourenço)

Para Benedict Anderson (1989, p.34), a nação define-se como uma comunidade imaginada, competindo à imprensa, juntamente com o romance (literatura) as formas de imaginá-la. Homi Bhabha (1998), em sintonia com Anderson, pressupõe a narrativa como fundamento da existência da nação. Pode-se, assim, não só pensar a relevância e o papel da imprensa oficial e da imprensa privada no Brasil, como também salientar o papel do intelectual como narrador da nação brasileira.

O intelectual no Brasil sempre negociou seu espaço de atuação com o poder. O nosso primeiro texto escrito, nosso discurso fundador, é endereçado ao El-rei D. Manuel e nele se inicia a representação do Brasil para o colonizador, para o rei, para o poder. O Brasil nasce, pois de um desejo do rei de representá-lo. Antes de existir como nação, o Brasil teve, primeiramente, o seu registro europeu através da *Carta*. Certidão de origem, ela demarca o início da existência do Brasil para o Velho Mundo, para a cultura letrada. Ao papel fundador da palavra escrita do escrivão del-rei, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, todavia, segue a imprensa em geral e, nesses casos, a posição que o intelectual sempre ocupou como mediador junto ao poder, propiciando a criação de uma comunidade imaginada, sob os auspícios do colonizador ou sob os auspícios do poder.

Nesse sentido, a imprensa e a literatura configuram-se como discursos fundadores de uma nação representando-a, ou mesmo inventando-a, disseminando-a. A nação é, portanto, uma comunidade imaginada nas letras. E cabe ao intelectual o papel de narrá-la através da imprensa, da literatura, enfim, através das artes. Sob essa compreensão, podemos refletir o espaço aberto, nos idos de 60, pelo *Minas Gerais*, órgão do governo do Estado, sob a direção do professor Paulo Campos Guimarães, aos jovens intelectuais. Nas páginas de seu *Suplemento*, de 66 a 76 os intelectuais mineiros e portugueses de vanguarda vão travar um diálogo que terá seus desdobramentos em cartas, visitas e censuras. Serão publicados poemas, ensaios, excertos de romances, contos de portugueses ligados à literatura que buscava uma renovação das letras brasileiras e portuguesas.

Sob o olhar da relação Brasil/Portugal, pode-se, de antemão, adiantar que esses intelectuais buscam, a despeito de todas as marcas e traumas da colonização, instaurar um diálogo e uma parceria e estão política e culturalmente vivendo momentos que engendram semelhanças - no Brasil, ditadura militar, em Portugal - ditadura salazarista

e tanto aqui quanto lá, vivenciam uma literatura de vanguarda - o Concretismo, a Poesia Práxis, a publicação de revistas de grupos - que busca a expressão de um tempo presente diante do espanto da tecnologia e da censura.

É interessante notar que, em 64, dez anos antes do término da ditadura portuguesa, no Brasil, inicia-se também por um período ditadura, tendo muitos dos escritores brasileiros do *Suplemento* sofrido constrangimentos e perseguições políticas como os do grupo *Tendência*.

2.3 Brasil/Portugal: nem um pouco irmãos

Antonio Candido (1975) afirma, no prefácio à primeira edição de *Formação da Literatura Brasileira*, que a nossa “literatura é recente, que se gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir”. Assim, a literatura brasileira é “galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas e, comparada às grandes, é pobre e fraca” (p. 9,10). Esse tipo de comparação privilegiava as literaturas hegemônicas, tidas como paradigmas, situando as outras, as literaturas de países colonizados, e mesmo a de Portugal, como herdeiras, dependentes, inferiores ou imitação, de segunda classe, retardatárias.

Aparecida de Fátima Bueno (1999, p. 29, 30) discorda de Antonio Candido sob dois aspectos: primeiramente no que se refere à Literatura Portuguesa, pois, segundo ela, essa já vem de uma tradição de oito séculos, não podendo, portanto ser considerada “arbusto secundário”, uma vez que já produzira obras de relevo como as de Camões e Fernando Pessoa. Além disso, segundo Bueno, essa visão de Candido reproduz conceitos como literatura nacional, originalidade, tradição literária o que, em se tratando de países periféricos e colonizados como o Brasil, tem outros sentidos. Esses países são jovens, dependeram econômica e culturalmente de uma metrópole, portanto, a tradição literária a ser construída passou necessariamente pelos aspectos da influência, da dependência, do modelo cultural. Sendo assim, as discussões teóricas da Literatura Comparada e o conceito de intertextualidade, anotado por Julia Kristeva, vêm trazer outro olhar para essas questões, pois o que antes era lido como dependência, imitação,

atraso, dívida, passa a ser compreendido como um processo dialógico de absorção e transformação, de releitura, de recriação.

Mais adiante, em “Literatura Empenhada”, Antonio Candido (1975) elege para a literatura brasileira alguns “momentos decisivos”, na sua formação, construção ou “consolidação”. Assim, inicia sua obra destacando o momento árcade com seus intelectuais *ilustrados* como o primeiro em que se pensou uma literatura nacional, pois seria esse o germe do desejo de se ter uma literatura “brasileira”. O crítico qualifica sua obra *Formação da Literatura Brasileira* como “uma história dos brasileiros no seu desejo de se ter uma literatura” (p. 26).

Além dos poetas árcades, intelectuais como Santa Rita Durão, Basílio da Gama e Caldas Barbosa são lembrados, por sua estreita ligação com a metrópole, e por sua preocupação com a cor local. Antonio Candido (1975) chama atenção para a “tomada de consciência dos autores quanto ao seu papel, e à intenção mais ou menos declarada de escrever para a sua terra, mesmo quando não a descreviam” (p. 26).

Outra afirmação bastante contundente de Antonio Candido refere-se à dependência ou a busca de independência da literatura brasileira em relação à portuguesa. Para o crítico, é ponto pacífico que a literatura brasileira é “ramo da portuguesa”, são, pois “literatura comum”. Surgem, daí, possíveis discussões a respeito da colonização portuguesa no Brasil e de suas implicações, além de uma leitura do Brasil como nação inserida numa modernidade e, sujeita às influências e confluências culturais da Europa e da América Latina. A identidade brasileira, nesse sentido, faz-se de confrontos, diálogos, inter-relações, alteridades.

A recepção de uma obra de arte tem, necessariamente, que atravessar o passado e a tradição e, portanto, não há como negar a identidade que se constitui no fazer literário, por meio do diálogo com a tradição. Sabendo, no entanto, que uma identidade não é unívoca e acabada, mas sempre em construção, podemos então pensar a brasileira como em confronto com outras identidades, portanto, plural. E, se uma identidade só se dá num processo dialógico de confronto com a alteridade, num jogo especular de semelhanças e diferenças, como pensar a identidade brasileira em relação a Portugal?

Como se dá a identidade brasileira se Portugal não se configura a princípio, como um problema para o país? (LOURENÇO, 2001, p. 156-161).

Anderson (1989, p. 146,156) nos dá uma pista dessa identidade quando afirma que tanto o Brasil como as colônias da América Hispânica tinham, evidentemente, após a colonização, a mesma língua da metrópole. Logo, a língua, antes de ser um instrumento de exclusão era um convite a participar da comunidade imaginada. E, junto à dominação das coroas portuguesa e espanhola, da imposição de um tempo utopicamente simultâneo, as nações colonizadas, sob influências do Liberalismo e do Iluminismo criaram seus movimentos de independência.

Desse modo, procedeu-se à criação de nações à imagem e semelhança das metrópoles colonizadoras, ou pelo menos, daquilo que a Europa imaginava para a colônia. No período pós-colonial, emerge a literatura de fundação que acaba por reforçar uma dependência cultural. As literaturas de fundação da nacionalidade na América Latina, portanto, na esteira de Jameson (1986) e de sua categorização do primeiro e terceiro mundos, seriam alegorias nacionais. Nesse sentido a literatura de fundação tem um senso pedagógico e idealista, em que a homogeneidade conciliatória reforça paradigmas.

Nesse sentido, a literatura possibilita a construção do imaginário brasileiro e a suposta independência em relação a Portugal. Após o Grito do Ipiranga ou a resolução literária alencariana do casamento da índia Iracema (terra-mãe) com o português Martim (pai-dominador) ou mesmo a relação da portuguesa Ceci (mulher castradora) com o índio Peri (terra pura a ser dominada) tudo estaria resolvido. Qualquer castração, ressentimento, exploração ou dizimação estaria resolvida a partir do momento em que houvesse uma relação, nesse caso, sexual entre dominador e dominado.

Sendo assim, o sexo, com sua conseqüente miscigenação racial, e a literatura funcionariam como antídotos que pudessem apagar as dores, os traumas e os ressentimentos. No imaginário cultural português e brasileiro, somos países irmãos, o que já nos soa estranho, pois se não houve o “parricídio” do colonizador houve uma suposta familiaridade em que todos se tornam irmãos sem pai, sem totem, mas com muitos tabus, certamente. Tabus esses que permanecem recalçados e aparecem no

silêncio ou no velamento dessas relações conflituosas. Sem o reconhecimento da paternidade instaura-se a fratria, fundando nossa irmandade, e apagando nossas diferenças. Só se percebe que a relação pai dominador e filho dominado não é algo tão tranqüilo, como se pretende mostrar, quando, no meio popular, o português, aqui, e o brasileiro, lá, são motivos e piadas e anedotas que conotam o mal-estar.

No Brasil, por exemplo, o Romantismo, procurando criar uma comunidade nacional imaginada, acaba por repetir ou espelhar-se na metrópole, colocando nas florestas brasileiras um índio como representação de um cavaleiro medieval, em pleno século XIX, inventando uma memória, uma tradição literária que não é nossa. Nesse século falar de nação era buscar uma identidade. Foi através da literatura, lugar privilegiado do valor social, que se procurou legitimar essa identidade, pois essa tinha uma função mediadora entre o Estado e a nação, a literatura era um significante vazio que promovia um encontro entre o poder e o conhecimento (MOREIRAS, 1999, p. 287).

No século XX, o modernismo de 22, revendo o passado, numa viagem à herança cultural barroca, tenta recriar a identidade nacional, promovendo aquilo que Fernando Correia Dias (1975), referindo-se ao grupo modernista mineiro, chama de “tradição repensada”. Não havia preocupação em romper com o passado, antes, procurava-se valorizá-lo de forma crítica. Assim, a literatura árcade, a arte barroca foram revisitadas numa permanente necessidade de construção da identidade pela retomada da tradição e numa tentativa de reconquista do país.

Sabe-se que também do lado português a relação com o Brasil não é harmoniosa. No século XIX a denominação “brasileiro” referia-se a pessoas desqualificadas que vinham para a colônia a fim fazer fortuna. Quando esses brasileiros voltavam para seu país de origem é que poderiam, com sua fortuna, comprar uma identidade e ser reconhecidos socialmente. A obra de Camilo Castelo Branco, por exemplo, é povoada de brasileiros caricatos - homens rudes, novos-ricos em busca de raparigas de famílias decadentes que pudessem, através de casamentos por interesse, lhes vender um nome, uma fidalguia.

Retomando esse aspecto, o professor Rodrigues Lapa (1975), em “Para uma boa compreensão entre portugueses e brasileiros”, texto publicado no *Suplemento Literário* observa:

Por muito tempo vigorou em Portugal um conceito depreciativo do brasileiro, que nos era fornecido pelo português enriquecido e boçal, que voltava à pátria, dando uma imagem grotesca das gentes di lá, nos costumes, no traje, na linguagem. O conhecimento do Brasil foi-nos dado através dessa imagem grosseiramente deformada. O português sentiu nessa caricatura uma violação; e tendo da sua própria cultura uma idéia inteiriça e certamente errônea, não perdoou esse desvio dum padrão que se habituara a considerar inatingível (p. 4).

Esse brasileiro representa uma classe social portuguesa sem cultura letrada, sem tradição e sem fidalguia. Quando volta a Portugal, está enriquecido através de suas atividades, nem sempre lícitas, no Brasil. Torna-se o novo rico, podendo assim comprar o que deseja.¹⁷ Entretanto, a ostentação exagerada da riqueza e a sua ignorância o tornam uma figura deslocada, ridicularizada, apatriada. Daí o codinome brasileiro. Ele não é mais o português, porque emigrou, não é um nativo do Brasil, porque não nasceu nesse país, portanto, recebe uma nova identidade, a de itinerante, de reemigrado, de marginal, periférico, a de brasileiro.

A emigração, às vezes, pela situação inicial de “expulsão” do país de origem e posterior exílio, é dolorosa e traumática. Nesse sentido, pode-se pensar no exílio, em sentido amplo, entendendo-se que a emigração, ainda que não seja por razões estritamente políticas, não deixa de ser um estar fora, com todas as suas implicações pessoais e políticas. Assim, o desejo de retorno passa a ser uma consequência das dificuldades de ambientação. No Brasil, nunca houve nem por parte dos portugueses, nem por parte dos italianos, japoneses e poloneses, por exemplo, um projeto de construção de um país. Todos os que aqui chegavam acreditavam na utopia de enriquecimento fácil e no retorno possível. De acordo com Pereira, citada por Alvim (1998):

No caso dos portugueses, (...) mas não só deles, essa volta era ainda vista como indissociável da riqueza que seria amealhada no Brasil. Apoiados em inúmeros exemplos de conterrâneos que vieram para cá no quadro de colonizadores, no período da mineração e do açúcar, os portugueses que partiram depois de 1850 acreditavam que em alguns anos como imigrados conseguiriam pecúlios significativos, os quais os fariam retornar em triunfo. Muitos voltaram, mas poucos enriqueceram (p. 284).

¹⁷ Os imigrantes portugueses em grande parte adotam a cidade do Rio de Janeiro como residência, tornando-se comerciantes de atacado e varejo (ALVIM, 1998, p. 285).

Todavia, Eduardo Lourenço (2001) não lê a emigração portuguesa como efetivamente uma emigração, pois não é fundada na dor do exílio e na esperança de uma vida melhor e conseqüente impossibilidade de retorno. Para Lourenço, no caso português, apesar da imposição econômica a que foi forçado o imigrante e do despovoamento de Portugal, não houve o desejo de construção de um outro país. Antes, o português que para aqui viera apenas transferiu a metrópole para a colônia. Apesar de passar de senhor, de colonizador a empregado, na maioria das vezes, a “emigração para o Brasil nunca foi vivida por Portugal como uma ferida, mesmo inconfessada, mas como uma saída providencial” (p. 51). Ainda que se defina como “uma saída providencial”, esse “estar fora” não nega a possibilidade do sentimento de exílio.

Ao discutir a relação entre as metrópoles e as colônias, atentando para o forte controle exercido pelas metrópoles, Anderson (1989) observa que “em parte alguma houve qualquer tentativa séria de reinstaurar o princípio dinástico nas Américas, a não ser no Brasil” (p.61). Para o autor, esse seria um caso único e, mesmo assim, estaria fadado ao fracasso, se não fosse pela emigração mais representativa, aquela de D. João VI, em 1808. Como herança desse auto-exílio imposto à família real que, fugindo das invasões napoleônicas, viveu no Brasil por treze anos, o rei D. João VI deixou seu filho D. Pedro I do Brasil a reger a Colônia. Nesse sentido, a transferência da metrópole para o Rio de Janeiro, quando a coroa portuguesa estava ameaçada, e o posterior retorno da família real, acabaram por fundar “o princípio dinástico” que, de certa forma, reproduziu a relação entre metrópole e colônia. Isso parece explicar, em certo sentido, a independência brasileira da metrópole sem fraturas, uma independência negociada, o parricídio, e o conseqüente imaginário de duas nações irmanadas.

Lourenço (2001, p. 137-145) declara que o diálogo entre Brasil e Portugal nunca existiu, e o que há é a representação de uma realidade imaginária em que cada um a seu modo cria ou uma fraternidade ou uma paternidade alucinatória. Para o crítico, o Brasil parece cometer um parricídio permanente, imaginando-se como uma nação sem pai. Essa “rasura” vem de longas datas, herança da relação conflituosa entre os portugueses que aqui aportaram e dos que lá ficaram. Discurso do ressentimento, o apagamento da memória lusitana pelo Brasil instaura outras origens e outras identidades como a do índio, a do negro, a da imigração européia, italiana, por exemplo, e a asiática. Mas também Portugal não reconhece o *status* de filho para o Brasil, há um silenciamento que

nega essa relação ou uma hipotética fraternidade em que ambos os países se dizem irmãos.

Vem daí a opção pelo apagamento da passagem do português pelo país sob o signo da independência em 7 de setembro de 1822. A independência, como ato fundador da identidade brasileira, inventa outros mitos de origem, nega e tenta apagar a marca portuguesa. Essa tentativa de recalçamento é também tentativa de negação de uma origem, de um passado, de um trauma que se prefere ignorar, apegando-se ao mito da fraternidade entre o Brasil e Portugal.

No *Suplemento Literário*, encontram-se vários textos que encenam esse mito da fraternidade entre colonizador e colonizado. Para exemplificação, trago o texto “Nova ficção portuguesa”, um ensaio sobre o livro *Os Mastins*, de Álvaro Guerra, publicado na coluna “Roda Gigante”, assinada por Laís Corrêa de Araújo. Nesse texto, comentando sobre o desconhecimento do português sobre a literatura brasileira, afirma-se:

... Ainda recentemente, segundo depoimento de um escritor jovem, após viagem a Portugal, muito pouco de nossa literatura, arte, ensaios críticos etc..., é conhecido no chamado país-irmão. (...) Dessas informações, concluímos que o Brasil continua, pelo menos no conceito mais geral do povo português, apenas como a “terra da promessa” ou como antiga “província ultramarina”. Mas é bem verdade que também nós conhecemos muito pouco da literatura portuguesa da atualidade (...) (ARAÚJO, 1968, p. 6, 17).

Também nas correspondências de brasileiros enviadas a Murilo Rubião, quando esses estavam em Portugal, vê-se a manifestação do desconforto em relação ao desconhecimento mútuo.

Devo te dizer que me fartei de fazer relações públicas e pedir colaborações para o Suplemento, mas pelo visto o Brasil ainda é demasiado longínquo, sob o ponto de vista dos literatos, para significar interesse imediato. Entretanto, continuarei a procurar. Cá entre nós, acho que a imagem da árvore de patacas ainda persiste no inconsciente coletivo dos nossos patrícios, pelo que qualquer relação é causa de sensação e pasmo e de espanto. (Carta de Maria Lúcia Lepecki, Lisboa, 3 de maio de 1973, p.1).

Em contrapartida, o discurso português sobre o Brasil configura-se de forma onírica. Para Portugal, o Brasil é um país irmão “por não ousarmos chamar-lhe filial”, afirma

Eduardo Lourenço (2001, p. 137). O Brasil faz parte de uma tradição discursiva que se baseia na mitificação da “aventura humana” do descobrimento do paraíso reencontrado, do éden.

Na realidade, todos os povos se massacram, mais ou menos, perante o seu próprio olhar ou o dos outros. Mas a perfeição com que o Brasil consumou essa metamorfose não tem igual em nenhuma outra cultura conhecida. Desde que nasceu, desenhou-se no olhar dos que nele desembarcaram como uma região paradisíaca. Nenhum desmentido da natureza ou da história - terras desérticas ou florestas da aurora do mundo - (...) conseguiu anular essa primeira visão do paraíso sobre a terra que encontramos em Pero Vaz de Caminha e Jean de Léry. (LOURENÇO, 2001, p. 157)

Nesse sentido, o Brasil nunca foi visto como colônia como o foi Angola, Moçambique e S. Tomé ou mesmo outros países da hispano-américa. Para aqui D. João transferiu sua corte durante as invasões napoleônicas e de cá saiu quando achou por bem. A intervenção portuguesa no Brasil, os genocídios aqui cometidos e a perturbação da continuidade histórica do país são marcas que aparentemente já foram resolvidas ou apagadas. A opção por ignorar essa intervenção e a busca de uma origem indígena, negra ou migratória tão somente, coloca o país como um filho bastardo que tem com seus antepassados portugueses uma relação cordial, harmoniosa, mas nunca dialógica.

Entretanto, segundo Lourenço (2001), esse “disfarce” revela muito mais proximidade que distanciamento em relação a Portugal. A permanente comunicação com os portugueses refletia o modo como os brasileiros procuravam, com sua atuação no *Suplemento Literário*, manter um diálogo com seu passado. Esse diálogo, como já foi escrito anteriormente, manifestava-se por meio tanto de visitas, como de publicação de ensaios, de poemas e nas correspondências trocadas. A troca de cartas de Ana Harthely com Murilo Rubião diz muito do desejo brasileiro rever o Portugal, de rever sua origem, de rever sua identidade.

Sendo assim, uma série de indagações são propostas a partir de então: Que papel tem o *Suplemento Literário do Minas Gerais* não só para a literatura brasileira, mas também para a portuguesa? Como os escritores portugueses e brasileiros liam essa atuação? Como são representados o Brasil e Portugal nesses textos? Como o escritor português lia seu livre acesso a um periódico brasileiro em oposição à censura que sofriam suas

publicações em seu país de origem? Que sentimentos poderão estar presentes nesses textos de escritores que se viam impedidos de expressão em seu país?

Pode-se ler o *Suplemento Literário* como uma busca de resgatar através do diálogo entre Brasil/Portugal a interlocução que sempre se tentou promover. A atuação de intelectuais brasileiros e portugueses nos anos 60 que, a despeito das diversidades, se unem em torno de projetos comuns, dizem de si como discursos de minorias em países periféricos. Antônio Ferro, que estivera várias vezes no Brasil e convivera com os modernistas de 22, citado por Arnaldo Saraiva no ensaio, “A revista ‘Atlântico’ e a cultura lusa e brasileira”, publicado no *Suplemento*, afirma:

Revelar Portugal novo aos brasileiros. Revelar o novo Brasil aos portugueses. A maior parte dos mal-entendidos, das incompreensões entre portugueses e brasileiros origina-se nos erros do velho intercâmbio oficial ou privado, no teimoso comércio das antiguidades... (FERRO *apud* SARAIVA, 1968, p. 12).

Afinal, se o Brasil nunca se percebeu verdadeiramente filho do português ou do índio, o brasileiro teve suas terras serem invadidas por europeus e habitadas por negros que para cá vieram forçados. Quanto aos antigos habitantes, os índios, em sua grande maioria, simplesmente foram dizimados.

CAPÍTULO III

PORTUGUESES NO SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS

Como já foi escrevemos anteriormente, iniciei esse trabalho seguindo as pistas deixadas pelo poeta Ernesto Manuel de Melo e Castro no artigo “Memórias, fragmentos e recomposição”. (CASTRO, 1995, p. 66). E, como é peculiaridade da pesquisa em fontes primárias, somos conduzidos por aquilo que vai sendo apresentado à medida que a leitura se efetiva. Adotamos o critério cronológico, ou seja, iniciamos a leitura do ano de 1966 e prosseguimos até 1976, perfazendo, portanto, o período de dez anos a que nos propusemos pesquisar inicialmente. Assim, num primeiro momento, fomos à procura da produção portuguesa no *Suplemento*, principalmente aquela dos jovens escritores ligados à poesia de vanguarda portuguesa. Verificamos que há um número significativo de participações de jovens escritores portugueses tanto na publicação de textos poéticos quanto na de textos teóricos. Entretanto, chamou atenção ainda a presença de outros escritores que não pertenciam ao grupo de vanguarda português, incluindo aí os canônicos. Esses e aqueles apareciam não só com a publicação de poemas e fragmentos de romances e contos como também sendo objetos de resenhas e ensaios de críticos brasileiros, destacando os das professoras Maria Lúcia Lepecki e Nelly Novaes Coelho.

Maria Lúcia Lepecki, na década de 60 e início de 70, era professora de Literatura Portuguesa na USP e, desde o final de 1970, reside em Portugal, lecionando na Faculdade de Letras de Lisboa.¹⁸ Como foi também responsável pela presença portuguesa no periódico, dedicou-se principalmente ao estudo de autores portugueses, publicando quarenta e um ensaios no *Suplemento Literário*, focalizando, entre outros, escritores como Álvaro Guerra, Augusto Abelaira, Camilo Castelo Branco, Domingos Monteiro, Eça de Queirós, Faure da Rosa, Fernanda Botelho, José Rodrigues Miguéis, Luiz Forjaz Trigueiros, Manuel da Fonseca, Maria Judite de Carvalho, Mário Henrique Leiria, Natália Correia, Ruben A., Vergílio Ferreira.

¹⁸ Cf. Entrevista em Anexo.

Já Nelly Novaes Coelho, que exercia a crítica literária desde 1959, no *Estado de São Paulo*,¹⁹ esteve em Portugal como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian quando fazia a tese de doutoramento na USP, no período de 1964 a 1967. Seu pós-doutorado também foi realizado em Portugal no ano de 1971.²⁰ No *Suplemento Literário do Minas Gerais* era também assídua, publicando ensaios, sendo vinte e dois dedicados a autores portugueses como Alexandre Pinheiro Torres, Aquilino Ribeiro, Augusto Abelaira, Assis Esperença, Eduarda Dionísia, Eduardo Lourenço, Fernando Namora, Fernando Pessoa, Jacinto do Prado Coelho, Joaquim Paço D’Arcos, José Cardoso Pires, Mário Henrique Leiria, Ruben A., Vergílio Ferreira, Fernando Namora, José Cardoso Pires, entre tantos.

Há outros ensaístas que também se dedicam ao estudo da Literatura Portuguesa. Affonso Ávila, Affonso Romano de Sant’Anna, Duílio Gomes, Fábio Lucas, Laís Corrêa de Araújo, Leodegário A. de Azevedo Filho, Oscar Mendes, Rui Mourão e tantos mais assinam artigos, cujo assunto são obras portuguesas.

Além dos brasileiros, há também portugueses que publicam ensaios como Arnaldo Saraiva, E. M. de Melo e Castro, Eduardo do Prado Coelho, Joaquim Montezuma de Carvalho, João Gaspar Simões. Eduardo do Prado Coelho, por exemplo, assina “Crítica portuguesa”, resenha ao livro de poemas de Gastão Cruz *A Doença*, publicado em 1963. O professor Joaquim Montezuma de Carvalho assina quatorze artigos sobre a literatura de várias nacionalidades, por exemplo: “Junqueiro e Pérez-Bonalde”, “No centenário de Don Ramón Menéndez Pidal”, “Dostoievski: leitura para magistrados”, “Gonzaga na Ilha de Moçambique”. Já João Gaspar Simões publica apenas dois textos, “Romantismo e verbalismo”, a respeito da obra de Henriqueta Lisboa, transcrito de *Letras e Artes*, do suplemento de *A manhã*, em 12 de agosto de 1951, e “Rainer Maria Rilke e o lirismo da língua portuguesa”, também publicado em *Letras e Artes*, em 22 de outubro de 1950. O texto é sobre a monografia *Rilke – o poeta e a poesia* de Cristiano Martins, publicado em 1949 pelo Movimento Editorial Panorama de Belo Horizonte.

¹⁹Nelly mostra os rumos da literatura infantil.

Disponível em :<<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2003/espaco30abr/0perfil.htm>>. Acesso em: 4 jul. 2006.

²⁰C.f. Currículo Lattes. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787893P6#Formacaoacademica/Titulacao>>. Acesso em: 4 jul. 2006.

No decorrer da pesquisa, chamou-nos atenção a presença do professor Manuel Rodrigues Lapa, um português que, apesar de não fazer parte do grupo de jovens intelectuais, publica muitos ensaios no periódico, merecendo até uma homenagem com dois números especiais, organizados por Rui Mourão.

3.1 Manuel Rodrigues Lapa por brasileiros

Manuel Rodrigues Lapa foi professor da Faculdade de Letras de Lisboa, teve uma atuação intelectual em seu país povoada de controvérsias. Ainda como contratado, fez críticas ao ensino universitário em seu país, e, em 1933, fora afastado, retornando logo após prestar concurso. É novamente afastado, em 13 de maio de 1935, por fazer críticas ao governo de Salazar. Passou então a se dedicar ao jornal de oposição democrática *O Diabo* e a editar, pessoalmente, segundo informa no texto, “Biobibliografia do pesquisador”, as coleções “Textos Literários” da revista oposicionista *Seara Nova* e os “Clássicos” da editora Sá da Costa (LAPA, 1975, p.2). As edições “Textos Literários”, de cunho didático, são pequenos livros que posteriormente foram reeditadas, quando Rodrigues Lapa morava em Belo Horizonte, como *Historiadores Quinhentistas*, *Quadros da história trágico-marítima* etc (IGLÉSIAS, 1975, p.1-2).²¹ Preso em 1949 e libertado após pagamento de fiança, em 1954, viajou, juntamente com Miguel Torga e Adolfo Casais Monteiro para participar do Congresso Internacional de Escritores, em São Paulo. Optou por vir para Brasil em 1957, lecionando em diversas universidades brasileiras como nos estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Em Minas Gerais, na Universidade Federal de Minas Gerais, permaneceu por mais tempo, pois a partir de Belo Horizonte poderia se deslocar com mais facilidade para realizar suas pesquisas nas cidades históricas. Além disso, realizou grande parte das pesquisas no Arquivo Público Mineiro. Foram seus alunos Affonso Romano de Sant’Anna, Heitor Martins, Ivana Versiani, Silviano Santiago, Terezinha Alves Pereira. (MARTINS, 1975, p.11-12). Heitor Martins, no trecho que introduz seu texto publicado em homenagem ao professor Lapa, expressa sua gratidão:

²¹ Manuel Rodrigues Lapa (1897-1989) Tábua Biográfica.

Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cedae/Exposicoes/Expo_JSena/lapa.html>. Acesso em: 05 jul. 2006.

... Cremos que assim, mais do que produzindo uma apologia à maneira dos elogios de varões ilustres, estamos sendo fiéis à lição de trabalho que recebemos do Mestre. Minha geração - mais que qualquer outra do Brasil - deve-lhe uma especial gratidão: alguns de seus vultos representativos, cujos nomes vão se firmando entre os mais importantes da jovem crítica brasileira (...) foram em classe ou fora dela alunos do Professor Lapa. Talvez eu, de entre todos, seja o que mais lhe tenha a dever, pelo que ele representa de honestidade intelectual, presença humana e exemplo vivo das qualidades que formam o verdadeiro Mestre. H.M. (MARTINS, 1975, p.11).

Já se dedicava à pesquisa acerca dos inconfidentes mineiros quando morava em Portugal. Em 1937, por exemplo, organizou a edição de *Marília de Dirceu e mais poesias* para a editora Sá da Costa, e em 1942, revista e ampliada, editou-a com o título *Obras completas de Tomás Antônio Gonzaga*, em São Paulo.

Recebe apoio intelectual no Brasil, provavelmente contou com uma bolsa de pesquisador da CAPES, pois endereçou relatórios a esse órgão de fomento e às autoridades universitárias, conforme afirma em depoimento no texto “Biobibliografia do pesquisador”. No Brasil, tem uma produtividade intelectual bastante vasta, entre os livros estão: *As Cartas Chilenas: um problema filológico*, publica em 1958, com prefácio e colaboração do brasileiro Afonso Pena Júnior, *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*, sai, em 1960, as duas obras são publicadas pelo Instituto Nacional do Livro. *Cantigas d’Escárnio e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*, edição crítica, em 1965, pela Vigo Editorial Galáxia, *Miscelânea de língua e literatura portuguesa medieval*, publicada em 1965, pelo Instituto Nacional do Livro ²² (LAPA, 1975, p.2).

Além dessas obras, Rodrigues Lapa participou aqui de congressos, simpósios e publicou artigos em periódicos diversos como *Anhemi*, *Revista do Livro* e, no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, no qual assinou vinte e seis ensaios.

Manuel Rodrigues Lapa foi reconhecido pelo seu trabalho como professor de Literatura Portuguesa e como intelectual que se voltava para assuntos literários e filológicos brasileiros. Em 1974, no dia 21 de abril, em Ouro Preto, é condecorado com a Medalha da Inconfidência Mineira, em reconhecimento às suas pesquisas sobre do século XVIII

²²Manuel Rodrigues Lapa (1897-1989) Tábua Biográfica.
Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cedae/Exposicoes/Expo_JSena/lapa.html>. Acesso em: 5 jul. 2006.

do Brasil. O intelectual retorna a Portugal somente após o 25 de abril desse mesmo ano, quando ocorreu a queda do salazarismo. Falece em Anadia, em 28 de março de 1989. Teve posterior reconhecimento e atualmente é tido como intelectual respeitado. Em 1983, foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante. Mereceu inclusive um instituto que leva seu nome, inaugurado em 31 de janeiro de 1993, tendo vários fundadores, como sua viúva Inês Lapa, António Alçada Baptista, David Mourão-Ferreira, Manuel Alegre, Mário Soares, Miguel Torga, Óscar Lopes, entre tantos mais.²³

Em 1º e 8 de março de 1975, Rui Mourão organiza dois números especiais do *Suplemento* dedicados ao professor Rodrigues Lapa. Nesses, intelectuais como Affonso Ávila, Afonso Pena Júnior, Antonio Candido, Augusto de Campos, Francisco Iglesias, Melânia Silva Aguiar e outros escrevem sobre a obra e o intelectual Manuel Rodrigues Lapa. Intelectuais galegos também têm textos publicados sem tradução, no periódico, em homenagem ao professor Lapa: “Poesia aldraxenta e pro estatária na idade média? Poesia revolucionária tamém?”, de Xesús Alonso Montero, e “No Homenaxe a un grande escritor e amigo”, de Salvador Lorenzana (MONTERO, 1975, p.2; LORENZANA, 1975, p.2-3).

A presença de Manuel Rodrigues Lapa no *Suplemento* merece destaque. Afirma Rui Mourão que essa homenagem vem como prova de reconhecimento e gratidão pelas pesquisas que empreendeu sobre a Inconfidência Mineira.

Mais ainda, a figura do professor português, que vai se delineando nos textos do *Suplemento Literário*, contribui para se tentar entender a relação que o brasileiro e o português mantêm. Relação essa que, apesar de acontecer num período pós-colonial ainda traz resíduos de um tempo em que imperava a hierarquia, conduzida por uma visão colonizador/colonizado, centro/periferia.

No texto de apresentação do número especial, Rui Mourão escreve que:

²³ Alguns fundadores do Instituto Rodrigues Lapa. Disponível em: < <http://www.irlapa.ua.pt/fund.html> > Acesso em: 5 jul. 2006.

Rodrigues Lapa não é apenas um português que, interessado em rastrear o passado lusitano no Brasil, tenha contribuído para a elucidação de aspectos fundamentais de nossa história. Ele é o amigo que por muitos anos adotou a nossa terra, aprendeu a admirar o nosso povo e soube contribuir, com o exemplo do trabalho esclarecido em Faculdades de Letras, para a modernização do nosso ensino. (MOURÃO, 1975, p. 2)

Mais adiante, Rui Mourão enaltece sua luta pela liberdade, a busca incessante pela verdade, o que, no seu ponto de vista, o tornou um intérprete autorizado da Inconfidência Mineira, e completa, “Tiradentes é um dos mais felizes instantes de sua identificação com a nossa emoção de brasileiros”. Destaca a sua atitude desmitificadora e salienta que apesar possuir “aquela contundência dos que amam a franqueza total, não exige diferença de tratamento para com ele” (MOURÃO, 1975, p. 2).

Assim, o leitor vai conhecendo um Manuel Rodrigues Lapa que o Brasil faz questão de lembrar, pois, antes de tudo é amigo, nos dizeres de Mourão. Aparece como aquele que vem rever a história do Brasil, afirma e confirma, por exemplo, através das pesquisas a autoria de Tomás Antônio Gonzaga das *Cartas Chilenas*, o que era ainda motivo de dúvidas e polêmica antes de seu trabalho. A autoria das *Cartas Chilenas* era atribuída por outros estudiosos, antes da pesquisa de Rodrigues Lapa, a Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga em parceria. Além disso, em seus estudos, Lapa retoma personagens do século XVIII do país como Alvarenga Peixoto, Bárbara Eliodora e Tiradentes.

Nos vários textos escritos para os dois números especiais dedicados a Rodrigues Lapa, elogios são reforçados. Todos os ensaios demonstram a gratidão e enaltecem a atuação política do professor em Portugal bem como os trabalhos que aqui realizou desfazendo erros e enganos. Francisco Iglesias (1975), no texto “Labor e lucidez de Rodrigues Lapa”, considera professor Lapa como um dos filólogos e historiadores portugueses que se destacam naquele século. E, como faz a maioria dos articulistas do *Suplemento*, lamenta o fato de haver pouco intercâmbio cultural entre os dois países:

... se a literatura portuguesa começa a ser cultivada por brasileiros, é pouco o que se sabe da produção erudita. Da historiografia, por exemplo. Os famosos colóquios luso-brasileiros nunca produziram a desejada aproximação, que era o mínimo diálogo pelo oficialismo de que se revestiam, notadamente da representação portuguesa (IGLESIAS, 1975, p.1-2).

Iglesias (1975) tinha a esperança que, com a abertura após a queda de Salazar, o diálogo entre Brasil e Portugal se efetivasse. Assim, do ponto de vista do diálogo, após o subtítulo “Autor e homem público”, lembra a atuação de Manuel Rodrigues Lapa. Traça uma pequena biografia do estudioso, desde os problemas que lhe aconteceram na Universidade de Lisboa até à enumeração das obras por ele publicadas. Ressalta, como o título do artigo evoca, o seu labor, o seu trabalho incansável e sua produção numerosa, resultado de esforço e sacrifícios, pois lembra que, se muitas vezes professor Lapa trabalhou por prazer, outras o fez por necessidade. Além disso, em busca de documentos pelas cidades históricas, teve que se sujeitar a estradas precárias e a arquivos desorganizados. Volta, no final do texto, a ressaltar a militância política de Rodrigues Lapa e diz esperar com interesse a publicação da obra *As Minhas Razões*, prometida pelo filólogo e historiador, em que iria expor suas idéias políticas e narrar os percalços por que passou durante a ditadura salazarista. Realmente, em 1983, Rodrigues Lapa publica a obra, *Minhas Razões - memórias de um idealista que quis endireitar o mundo*.

24

O ensaísta faz algumas observações sobre as ditaduras e as conseqüências que essas trazem para os intelectuais. Francisco Iglesias elege, na parte que tem o subtítulo “Historiador Mineiro”, Rodrigues Lapa mais como historiador que filólogo pois, segundo Francisco Iglesias, para o professor português História é busca da verdade. E, remetendo-se ao historiador francês da “Escola dos Annales”, Marc Bloch, afirma que quem tem aptidão para a História é quem “vive o seu tempo, participa de seus problemas e ansiedades” (IGLESIAS, 1975, p.2).

Por fim, enumera as suas obras, destacando os ensaios publicados no *Suplemento*, chamando atenção para aspectos inovadores de seus textos e para as novidades que apresenta como a má interpretação de Cláudio Manuel Gonzaga sobre a Guerra dos Emboabas, por exemplo. Reforça a sua objetividade, a busca da verdade e a incansável pesquisa, à cata de documentos, percorrendo não só cidades mineiras, como também, o Rio de Janeiro, Lisboa e Paris. E, por ter em Portugal uma historiografia “viciada por falsificações patrióticas”, adepta a milagres e messianismos é de se esperar, nas palavras de Iglesias, que o intelectual opte por um posicionamento racionalista e intransigente.

²⁴ C.f. Manuel Rodrigues Lapa (1897- 1989). Tábua Biográfica. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cedae/Exposicoes/Expo_JSena/lapa.html>. Acesso em: 26 jun. 2006.

Sendo assim, busca sempre a verdade mesmo que essa desconstrua saberes já cristalizados, não se deixando levar por sentimentalismos mas optando pelo cientificismo objetivo, como num laboratório, sem se envolver com o objeto em estudo. Assim, justifica o historiador mineiro os textos em que Rodrigues Lapa, apesar de colocar Tiradentes como centro da Conjuração Mineira, o faz por ser esse realmente um fato comprovado, uma verdade. Além disso, se não menciona Aleijadinho como artista de destaque na cultura mineira e brasileira não é porque aquele se trata de ficção mas, por fugir à sua temática. E termina referindo-se ao fato de que já que naquela época, se valorizava a contribuição de “*brazilianists*”, explicando serem esses estudiosos dos Estados Unidos que se dedicavam a assuntos brasileiros, era necessário, segundo o ensaísta, valorizar os portugueses e, especificamente, o estudioso português que já fizera esse trabalho voltado para nosso país.

Em “Crítica de atribuição a dois”, Barbosa Lima Sobrinho (reprodução do texto publicado no *Jornal do Brasil*, em 15 de fevereiro de 1959 e também na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*) escreve sobre o diálogo empreendido por Rodrigues Lapa e Afonso Pena Júnior acerca das *Cartas Chilenas*, provando entre outras razões que o estilo barroco de Cláudio Manuel da Costa o impediria de ser o autor do poema satírico. (SOBRINHO, 1975, p. 2-3)

Afonso Pena Júnior, indicado por Celso Ferreira da Cunha, escreveu o prefácio da obra *Cartas Chilenas: um problema histórico e filológico*. Barbosa L. Sobrinho aponta entre outras qualidades e características do professor Manuel Rodrigues Lapa a sua sisudez, severidade em contraste com o “remoque jovial e florido” de Afonso Pena Júnior que fez o prefácio. Rodrigues Lapa acrescentou também a seu livro dois capítulos de Pena Júnior em que disserta sobre a estilística, a linguagem e as peculiaridades das *Cartas Chilenas*, como mais um dado a auxiliar sua tese de que a autoria da obra é de Gonzaga.

Afonso Pena Júnior é outro brasileiro que também elogia o trabalho de Rodrigues Lapa, informando inclusive que muitos dos documentos que trouxera de Portugal foram esclarecedores para o estudo das *Cartas Chilenas*. Em “Prefácio às ‘As cartas chilenas’: trecho”, apresenta alguns esclarecimentos quanto aos nomes, funções e papéis de personagens que aparecem na obra satírica, os quais foram realizados a partir dos documentos trazidos pelo professor português. (PENA JÚNIOR, 1975, p. 8-11.)

Nesse texto, Pena Júnior informa sobre as situações da obra e do tempo em que foi escrita além de narrar o modo como realizou seu trabalho e pesquisa para escrever o prefácio à obra de Lapa. Pena Júnior aceitou escrever o prefácio desde que esse não fosse elogioso, mas cooperativo, chegando mesmo a discordar quanto à data das *Cartas Chilenas*. Assim como o português, o brasileiro também saiu à cata de acervos e arquivos, leu obras de outros acerca do poema e da época em que fora escrito. Nesse sentido, permitiu-se discordar de Rodrigues Lapa que situa a produção das *Cartas* à época do governo de Cunha Menezes. Empreendeu, pois, também um estudo aprofundado e afirma que aquelas foram escritas após a era Cunha Menezes. Faz crítica ao texto de Rodrigues Lapa por esse apresentar, segundo suas pesquisas, informações que não seriam verdadeiras: “Não me parece que o douto Rodrigues Lapa tenha seguido aí os métodos seguros da sua crítica. Multiplicam-se as hipóteses, muitas delas inseguras, e algumas a se contradizerem, coisa de todo inesperada de argumentador tão competente e capaz.” (PENA JÚNIOR, 1975, p. 9). Entretanto, afirma que tal discordância é de ordem secundária e que talvez o “mestre” tenha razão, pois é de todo difícil precisar a data de *Cartas Chilenas*.

Affonso Ávila em, “O problema das *Cartas Chilenas*”, destaca o valor histórico e político das *Cartas Chilenas* e elogia também o rigor científico usado pelo professor português para esclarecer a autoria dessa obra, aliado à análise estilística e à rigorosa pesquisa que realizou Rodrigues Lapa nos arquivos em Minas. Apesar de haver na obra *As Cartas chilenas: um problema histórico e filológico* pontos ainda a serem esclarecidos, e apontados pelo próprio autor, isso não desqualifica sua obra e seu trabalho, e o Brasil tem, pois uma dívida para com esse pesquisador, afirma Ávila. Em oposição ao que escrevera Francisco Iglesias a respeito da isenção de Rodrigues Lapa em relação a seu objeto de pesquisa, Affonso Ávila considera que, a despeito do rigor que emprega na análise literária e na defesa de autoria das *Cartas Chilenas*, o perfil de Tomás Antônio Gonzaga apresentado por Rodrigues Lapa peca pelo excesso, pois:

Buscando talvez criar clima de maior convicção para o desenvolvimento de sua tese, Rodrigues Lapa excede a verdade histórica pintando-nos um Gonzaga exageradamente sóbrio, infenso mesmo àquele apuro de elegância denunciado no inventário de seus bens. Por outro lado, Cláudio aparece marcado pelo caráter fraco e pela tibieza das atitudes, quando se sabe de sua participação saliente nas confabulações da Inconfidência e da maneira corajosa que celebrou os paulistas na sua narrativa “Guerra dos Emboabas” (ÁVILA, 1975, p. 7).

E ainda, talvez, interessado mais pelo lado literário dos textos, Rodrigues Lapa deixou de lhe apontar o caráter político, “prenúncio da nacionalidade em formação”, observa Affonso Ávila.

Manuel Rodrigues Lapa é também lembrado por Rolando Morel Pinto e por Tarquínio José Barbosa de Oliveira. O primeiro no ensaio “Vida e obra de Alvarenga Peixoto”, e o segundo em “O livro que faltava”. Nesse último, Barbosa de Oliveira disserta sobre *Vida e obra de Cláudio Manuel da Costa*, de autoria de Rodrigues Lapa e aplaude o pesquisador pelos inéditos de Alvarenga Peixoto que descobrira e editara, poeta esse que em vida só publicou três poemas. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto* traz, além da biografia, os poucos poemas publicados e outros inéditos do poeta inconfidente. Pinto Morel lembra o trabalho de pesquisa do professor português e sua coragem de ir a busca da verdade, desfazendo assim certezas em torno da vida e da obra de Alvarenga Peixoto, pondo junto à obra anexa uma quantidade razoável de cartas e documentos que comprovam suas hipóteses. Assim, por exemplo, Rodrigues Lapa contesta afirmações anteriormente expressas por outros críticos e põe a público poemas que se encontravam ainda manuscritos, pois o que era publicado de Alvarenga Peixoto era a sua poesia laudatória, ou por interesse do poeta ou por vaidade do “homenageado”. Entretanto, Rolando Morel Pinto relembra que a retirada de três poemas do autor da edição elaborada pelo professor Lapa vai ao encontro do texto apresentado por Domingos de Carvalho Silva, “O homem e o estilo”, publicado no *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*, em 16 de setembro de 1961. Mas finaliza enaltecendo Rodrigues Lapa: “Se nesse caso a lição do prof. Lapa não chegou a convencer, o mesmo não se pode afirmar das demais correções que ele propõe aos textos divulgados” (PINTO, 1975, p.12).

A professora Melânia Silva de Aguiar (1975), em “Verdade e poesia na obra de Rodrigues Lapa”, inicia seu texto citando Rodrigues Lapa quando esse, no prefácio a *Sátiras* de Nicolau Tolentino, afirma que a verdade dos poetas é diferente da verdade dos historiadores. Para ela, baseando-se nos vários prefácios que o pesquisador português escreve, ele consegue aliar as duas verdades em sua obra, ao lado de uma profundidade histórica coloca o pitoresco, o cômico, o satírico, o pormenor, próprios da poesia. E, prosseguindo na argumentação do estudo da história como busca da verdade,

a ensaísta cita trecho de *Historiadores Quinhentistas*, de Rodrigues Lapa em que ele argumenta que é importante para o seu trabalho, comparado ao dos historiadores antigos e modernos, o conhecimento dos lugares onde os fatos aconteceram, para não se incorrer na imaginação fértil e no sobrenatural como explicação histórica. Nesse trecho, ele afirma que viu batalhas em terra, navegou por mares, viu navios despedaçarem-se, enfim, tornou-se um homem experimentado. Melânia Aguiar chama atenção para o fato de que ele veio para o Brasil e para Minas. E, apresentando-o mais explicitamente como aquele que vem redimensionar a história do século XVIII, ela escreve: “O século XVIII mineiro, sepultado em tantas incompreensões e distorções históricas, como que à espera de mão poderosa que dissipasse parte das sombras que o envolviam e lhe restituísse o brilho, avulta de sua pena sob luz inteiramente nova” (AGUIAR, 1975, p.10).

Por fim, Melânia Aguiar destaca também o trabalho estilístico de Manuel Rodrigues Lapa e se surpreende com sua postura e linguagem ao mesmo tempo sóbrias, objetivas e poéticas, apresentando um homem sensível. Elogia ainda suas firmeza, serenidade e modéstia, e, mais uma vez, a constante busca da verdade.

A partir dos textos de brasileiros sobre Rodrigues Lapa é possível traçar uma biografia do pesquisador, pois neles se informa desde seu nascimento, em 1897, em Anadia, passando pela vida de estudante, quando, vocacionado à pesquisa, cabulava aulas para ir à cata de documentos em arquivos e acervos: “Nasceu com o faro para rastrear acontecimentos e personagens históricos, possuindo aquele dom divinatório dos verdadeiros pesquisadores”, afirma Pena Júnior em “Prefácio ‘Às Cartas Chilenas’: trecho” (1975, p.8-11). Os textos referem-se à vida acadêmica conturbada na universidade, quando já se configurava como um intelectual que ousava criticar o próprio ensino de seu país, na verdade um patriota que lutava por ideais de liberdade. Mesmo após sua posterior prisão pelo regime ditatorial, não se cala, pois se dedica ao jornal de oposição e a editar trabalhos de cunho literário. Escolhe vir para o Brasil, o que não poderia ser diferente, pois já estudara a cultura brasileira quando residia em Portugal. Aqui, realiza trabalhos não poupando esforços, diante das estradas precárias de Minas Gerais, em busca de documentos e arquivos, pois a verdade está nos arquivos, nos documentos, afirmam, por exemplo, Francisco Iglesias e Rui Mourão (IGLÉSIAS. 1975, p. 1-2; MOURÃO, 1975, p.1). Seus estudos são esclarecedores não só pelas consultas que realiza em nossos acervos como também pelas que fez em Portugal. Nesse

sentido, ele é apresentado como aquele que vem rever a história cultural e literária do país, consertar erros, esclarecer pontos obscuros e mesmo inovar, trazendo novas informações: “a revelação dos cinco sonetos do ms 8.610 da Biblioteca Nacional de Lisboa por Rodrigues Lapa, em 1959, deslocou os dados da partida: Alvarenga Peixoto, com esses sonetos, ombreia com os maiores poetas brasileiros de seu tempo” (RAMOS, 1969, p.2).

Nos textos dos brasileiros, o perfil do pesquisador português vai se formando, se por um lado há gratidão, dívida em relação a esse português que escolhe o Brasil para morar, por outros há os que apontam alguns problemas nas suas análises, ainda, que de maneira sutil e bastante elogiosa. Ele é apresentado como um ativista político que, por discordar da política de opressão, escolhe o Brasil e aqui empreende um trabalho que para uns críticos é científico, isento de posições pessoais e, para outros, ele se deixa levar por posições deturpando, por exemplo, a imagem de Tomás Antônio Gonzaga, ou cometendo enganos como no caso da data da escrita de *Cartas Chilenas*.

Entretanto, a despeito das discordâncias apontadas, o professor Manuel Rodrigues Lapa, na maior parte dos textos críticos, figura como um pesquisador que vem ao país para desfazer lendas, enganos, esclarecer dúvidas, “corrigir a história”, enfim, promover aquilo que em todos os textos do *Suplemento Literário* se reclama - o diálogo entre os dois países. Ele representa pois uma possibilidade de estreitamento das relações entre Brasil e Portugal. Nesse sentido, a gratidão e a dívida são palavras recorrentes nos ensaios. Destaca-se ainda a maneira como conduz as pesquisas, primando seus trabalhos pelo ineditismo, racionalidade, cientificismo, perfeccionismo que o tornam um historiador que busca a verdade e um filólogo inovador.

3.2 O Brasil para os portugueses

3.2.1 Brasil por Manuel Rodrigues Lapa

Os vinte e seis ensaios que Manuel Rodrigues Lapa publicou no *Suplemento Literário do Minas Gerais* giram em torno das pesquisas que realizava acerca dos poetas inconfidentes e personagens afins. Textos como “Cinco sonetos de Alvarenga”, “A História, os ‘estoriadores’ e o caso de Bárbara Eliodora”, “Um perfil de Tiradentes”,

“Roteiro de pistas para uma pesquisa histórica em Minas Gerais”, “O poeta é o inconfidente” e outros fazem parte dessa antologia que se encontra no periódico.

Procuramos destacar nos textos aquilo que se relaciona diretamente com o diálogo Brasil/Portugal e com as visões que o pesquisador português expressa sobre o país. Chamamos atenção que o fato de Rodrigues Lapa voltar-se para o estudo da produção poética e cultural brasileira já se configura como um diálogo, mas é preciso que esse diálogo seja descrito em suas peculiaridades, pois expressam visões de um português em relação ao Brasil.

O texto “Um perfil de Tiradentes” é o discurso que Rodrigues Lapa preparara para a solenidade do recebimento da Medalha da Inconfidência. Não chegou a proferi-lo, segundo se informa na apresentação, por motivos protocolares, entretanto, publicou-o no *Suplemento*. Também na apresentação ao texto está escrito:

Terá algum interesse a sua publicação, pois nela como que transluz o pressentimento das ocorrências políticas que advieram do golpe militar de 25 de abril em Portugal, Tiradentes terá a sua estátua em Lisboa, assim como as terá provavelmente em Luanda e em Lourenço Marques. Bem as merece (1975, p. 1).

Dirigindo-se ao Governador, remete à conferência anterior que fizera havia dezesseis anos em Ouro Preto, em que destacava o heroísmo de Tiradentes. Declara seu afeto e admiração pelo “Proto-mártir brasileiro”, pois a pesquisa que realizou “com o afã de descobrir a verdade”, deu-lhe uma visão diferente daquele que, “por motivos inconfessáveis”, tomou conhecimento nos meios portugueses. Elogia a honestidade e a retidão de caráter e narra episódio da ligação de Tiradentes com o português, também de Anadia, Francisco Xavier Machado que lhe traduziu a *Constituição da República da América*. E, num arroubo de pessoalidade expressa seu desagrado por não ter nascido no mesmo dia em que morrera Tiradentes. Rodrigues Lapa nasceu em 22 de abril de 1897.²⁵ Para reforçar seu apreço e identificação geográfica e histórica com o alferes, lembra que teve um avô chamado José que andara pelo Brasil. Justifica sua identificação, pois sempre se solidariza com os oprimidos, os ofendidos. Assim, chegou mesmo a visitar o Pombal, como são conhecidas as ruínas da Fazenda do Pombal, em

²⁵ Veja também a esse respeito o texto “O livro que faltava” de Tarquínio José Barbosa de Oliveira (1975, p. 5.) que aborda sobre esse desejo de Rodrigues Lapa de nascer na mesma data da morte de Tiradentes.

São João del-Rei, lugar onde nasceu Tiradentes, e lá se inspirou para escrever um livro sobre a vida do alferes, livro esse que não pôde concluir. Ele observa, de forma a chamar atenção, que essa visita deveria ser feita por todos os brasileiros, que, entretanto não o fazem.

Escreve que há pontos obscuros na biografia de Tiradentes que precisam ser esclarecidos, como a sua ida a Portugal. Elogia o Alferes pela sua busca de liberdade e justiça. Observa que, se antes incompreendido pelos seus contemporâneos, o alferes é naquele momento tido por ele como um gênio. Cita trecho em que Frei Raimundo Penaforte, confessor de Tiradentes, qualifica-o como “um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a mesma natureza. Entusiasta, (...) empreendedor, com o fogo de um D. Quixote, habilidoso” (PENAFORTE *apud* LAPA, 1975, p. 1).

Finaliza, agradecendo a medalha e reforçando a sua identificação com os ideais de justiça e liberdade, representados pelo alferes. Remete, conforme atenta o texto de apresentação, para a situação política de Portugal: “Assumo inteiramente essa responsabilidade, a que minha condição de português dá, neste momento que atravessa minha Pátria, particularíssimo relevo” (LAPA, 1975, p. 1). Cita, endossando, trecho de Tarquínio de Oliveira em que escreve sobre as relações de Tiradentes com Portugal por ocasião da Inconfidência Mineira: “A luta verdadeira não era romper com Portugal. Lá e cá se iniciava a luta pela liberdade. Hoje, que outros vínculos se estabelecem com o pequeno e grande país, certamente cá e lá Tiradentes há de ser pioneiro de novos horizontes da civilização” (OLIVEIRA *apud* LAPA, 1975, p. 1). E confirma que os ideais de Tiradentes permanecem vivos em Portugal, onde há discípulos que “desejam edificar novas Pátrias”. Certamente Rodrigues Lapa considera-se um discípulo do Alferes pelo que já expôs no texto dizendo de sua identificação.

Entretanto o final do discurso é surpreendente, pois apesar de ter Tiradentes até como um herói português, contando inclusive com discípulos, expressa uma visão arraigadamente portuguesa em relação ao Brasil. Ele escreve:

Nada mais exato. Efetivamente, a mensagem de Tiradentes está viva ainda no espaço português, onde os seus discípulos desejam edificar novas pátrias. O estilo que adotamos com o Brasil é esse mesmo: consentir de bom grado que os povos sacudam a tutela e se governem por si mesmos. E se para tanto se põe como condição que os filhos falem a mesma língua e sigam os costumes dos pais, então o povo da Guiné tem direito à sua autonomia (LAPA, 1975, p. 1, grifos acrescentados).

Em seguida, já no próximo parágrafo, após referir-se à merecida autonomia da Guiné, narra um fato que o professor suíço Jean Ziegler lá assistiu, fato esse também esclarecedor da posição de Lapa como herdeiro de um país colonizador:

... em plena selva, no internato de Campanha, os estudantes, em livros portugueses impressos na Suécia, seguiam cursos de cultura e literatura portuguesa e entoavam estrofes do imortal Camões.

Esta velha semente portuguesa, lançada à terra por bons pomareiros, ainda floresce e dá frutos de bom sabor. Criou o Brasil e há de criar outros Brasis por esse mundo afora. Para a glória de todos nós, da língua e da cultura que representamos e defendemos. E glória também a Tiradentes, que nos mostrou, com sacrifício da vida, que assim é que deve ser. (LAPA, 1975, p. 1)

Nos trechos destacados, deixa-se entrever a contradição portuguesa diante dos países colonizados. Por um lado, Rodrigues Lapa admira Tiradentes, tendo-o como um herói nacional português, a ponto de exportá-lo, prevendo homenagem a ele nos países de África como nas cidades de Luanda e Lourenço Marques, atual Maputo, ex-colônias portuguesas, já independentes em 1975, quando da publicação desse texto. Por outro, afirma a condição para que os países colonizados “sacudam a tutela e se governem por si mesmos”: falar a mesma língua e seguir hábitos e cultura da metrópole. Nesse sentido, Rodrigues Lapa apresenta como ilustração o fato de africanos da Guiné declamarem em plena selva, versos de Camões. Não há distanciamentos para Lapa entre a mitificação de Tiradentes como herói que lutou por seu país e o desejo de permanência de uma língua e cultura portuguesas nos países colonizados por Portugal. Há um desejo de imortalidade aliado a um reconhecimento do direito à autonomia desses países, ainda que essa autonomia seja uma concessão da metrópole para as colônias, seja algo consentido, permitido. Assim, Brasil e Guiné têm para o português o mesmo estatuto, são representações da língua e da cultura portuguesas num outro continente.

Sem dúvida é o texto “Para uma boa compreensão entre portugueses e brasileiros”, publicado primeiramente no *Jornal do Brasil*, em 13 de junho de 1957, que mais esclarece e explicita essas posições portuguesas em relação ao Brasil já independente, entretanto, ainda visto sob o ponto de vista do português que aqui esteve para colonizar. Rodrigues Lapa inicia seu texto remetendo a uma conferência que proferira havia três anos em Belo Horizonte em que um jornalista se retirara assustado por ter ouvido o conferencista “demolir um por um os vultos de Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa”. Segundo escreve, o jornalista temia que Tiradentes fosse também demolido por Rodrigues Lapa. Narra esse fato para dissertar acerca dos mitos e lendas que foram criados no Brasil em torno dos inconfidentes com a função de heroicizar fatos e personagens brasileiros que se opuseram a Portugal. Segundo Lapa (1975), a lenda tem funções, uma delas é reforçar “os alicerces duma nação emancipada”. Entretanto, é necessário que as lendas sejam desvendadas, pois a mentira e os desenganos não justificam “um nacionalismo obcecado”. E prossegue referindo-se a uma visão tradicionalista e passadista de alguns brasileiros que pensam que a dependência ainda perdura, visão essa que se apega à língua comum entre Brasil e Portugal e dela faz bandeira de defesa contra influências estranhas ao país, mas, em contrapartida desvalorizam a luta pela emancipação do Brasil.

Frente a esta posição dos que negam a História, em obediência a uma brasilidade mais ou menos jacobina, há também os que aceitam em globo a experiência histórica, trazendo dentro deles um complexo, uma espécie de nostalgia dos bons tempos passados, como se o Brasil fosse apenas o país que o português criou. Essa atitude parece-me tão falsa como a primeira, com a desvantagem de ser moralmente mais condenável por traduzir uma espécie de subserviência para com senhores que deixaram há muito de o ser (LAPA, 1975, p. 4).

Cita ironicamente exemplo de “passadistas” que vão à Europa, encantam-se com Portugal e quando voltam ao Brasil estão cheios de elogios a este “grande pequeno país, que deu mundos ao mundo, deslembrados das pequeninas misérias da História, dos sacrifícios da Colônia, do despotismo dos Governadores, do martírio de Tiradentes” (LAPA, 1975, p. 4) Chama atenção para o fato de tal atitude acabar por “alentar certas tendências de antibrasileirismo que se notam em alguns ambientes portugueses” (p.4). E conclui que o Brasil só poderá ser compreendido em suas diferenças, e mesmo em sua superioridade, por certa camada culta de portugueses, pois o conceito de brasileiro como boçal, que imperou no século XIX e que, na verdade, era um adjetivo usado para o

português migrante que retornava e fazia triste figura em seu país, acabou por deixar em Portugal um conceito depreciativo do brasileiro, provocando confusões, desentendimentos e ignorância, prejudicando, pois as relações entre os dois países:

Por muito tempo vigorou em Portugal um conceito depreciativo do brasileiro, que nos era fornecido pelo português enriquecido e boçal, que voltava à pátria, dando uma imagem grotesca de gentes *di lá*, nos costumes, no traço, na linguagem. O conhecimento do Brasil foi-nos dado através dessa imagem grosseiramente deformada. O português sentiu nessa caricatura uma espécie de violação; e tendo da sua própria cultura uma idéia inteiriça e certamente errônea, não perdoou esse desvio de um padrão, que se habituara a considerar inatingível. Daqui partiu toda uma série de incompreensões e confusões, que têm sido altamente nefastas para um e outro povo. O problema mais sério é o da língua.

Ao português custa ainda acreditar que se esteja a processar no Brasil a formação de uma língua diferente (LAPA, 1975, p. 4, grifo do autor).

Entretanto, apesar dessa dissertação sobre a diferença de costumes, de língua do Brasil em relação à antiga colônia, Lapa afirma que custa ao português admitir a diferença lingüística e, aqui no Brasil, a situação não se mostra distinta, pois o distanciamento da linguagem falada em relação à linguagem escrita também causa espanto. Nesse aspecto, Rodrigues Lapa faz uma interpretação inadequada em relação ao aspecto lingüístico do Brasil, pois quando afirma que “Foi contra isso que protestou Mário de Andrade, que teve a simpática audácia de pôr os personagens dos seus livros a falar a linguagem impura de *Macunaíma*” (LAPA, 1975, p. 4, grifo acrescentado) não consegue compreender que a intenção de Mário de Andrade, nacionalista, era demarcar uma posição diferenciada para o brasileiro, o herói sem nenhum caráter que engloba todos os caracteres é para o modernista a definição do brasileiro, multifacetado, múltiplo, resultado das três raças ou mais que fizeram esse país.

Rodrigues Lapa disserta em alguns parágrafos finais acerca da linguagem brasileira, diferente da portuguesa, e ainda, da diferença que impera no Brasil entre a língua falada e a escrita, a que denomina “bilingüismo forçado”. Discorda de uma proposta de convênio ortográfico defendida em 1945, exemplifica com o uso do “c” etimológico em palavras como “director”, uma vez que mesmo em Portugal essa letra não é pronunciada. Assim, sugere que a supressão deva partir de seu país. Essa argumentação parece ir ao encontro de um olhar apaziguador das diferenças entre Brasil e Portugal, reconhecendo o direito de 62 milhões de escreverem sem a letra “c” que não se

pronuncia, ao final, podemos observar, no entanto, e a consciência de que ainda existe um olhar da metrópole sobre a colônia:

Sendo assim, por que não tomarmos nós a iniciativa de suprimir esse parasita dispensável obrigando um povo de 62 milhões a fazê-lo em benefício dum povo de 8 milhões? É que existe em nós a consciência de que somos a velha matriz, donde se gerou a florente civilização brasileira: e deste preconceito tutelar nascem os grandes males (LAPA, 1975, p. 4).

Nessa passagem, Rodrigues Lapa reconhece a consciência de seu lugar, como português, juntamente com outros portugueses, uma vez que se coloca dentro de um “nós” português, em relação à língua portuguesa, ainda que critique esse lugar, afirmando-o como um “preconceito” e encerre o seu texto desejando que “verdade, justiça, sinceridade e bom senso” prevaleçam sobre esse “velho preconceito”.

Além disso, a identificação que tem com Tiradentes em muito diz do momento político que vivia Portugal. Tendo vindo para o Brasil em razão de sua oposição à ditadura salazarista, Rodrigues Lapa toma o Alferes como modelo de liberdade e luta contra a tirania do poder. Entretanto, quando se expressa sobre o Brasil, sua posição é de colonizador, de português na colônia. Nesse sentido, é interessante ressaltar sua referência a Tiradentes, não como alguém que luta contra a Coroa Portuguesa, mas como um herói da liberdade que, inclusive, fez discípulos em Portugal: “Senhor Governador do Estado de Minas Gerais, a medalha que recebi de V. Exa., e com a qual me sinto honrado, significa para mim, como é natural, uma identificação plena com os ideais de justiça e liberdade que foram os de Tiradentes” (LAPA, 1975, p. 1).

3.3 Outros portugueses

3.3.1 Ernesto Manuel de Melo e Castro

Além de Rodrigues Lapa outros portugueses também têm no *Suplemento* um veículo de expressão. O poeta Melo e Castro afirma que o periódico foi “o instrumento de comunicação com o exterior mais eficaz e mais empenhado da vanguarda portuguesa” (CASTRO, 1985, p. 69). Ele atenta para o fato de que em Portugal se vivia um momento politicamente difícil para a manifestação literária. Sendo assim, é no *Suplemento* que vamos encontrar, como já escrito anteriormente, a presença portuguesa

não só daqueles poetas e escritores canônicos como outros contemporâneos ou ainda aqueles que se ligavam a diferentes correntes estéticas como o neo-realismo e o surrealismo. Mas, sem dúvida, os que pertenciam à Poesia Experimental é que iniciam um diálogo e uma relação entre brasileiros e portugueses. Os escritores e poetas de outras épocas e os contemporâneos, que eram objeto de ensaios críticos, certamente eram escolhidos pelo grupo e pelos críticos que tinham acesso ao periódico, como Maria Lúcia Lepecki, Nelly Novaes Coelho, formando assim uma antologia que revela não somente um critério de escolha, mas também uma eleição daqueles mais representativos da Literatura Portuguesa. Além disso, reproduzir trechos ou mesmo dedicar um ensaio crítico a um poeta português, por exemplo, era resultado de pesquisas que vinham sendo realizadas ou de leituras prévias, era enfim, resultado de certo encantamento pela Literatura Portuguesa. Quando nos referimos a escritores e poetas de outras épocas, estamos pensando em Luís de Camões, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco. Embora atualmente Fernando Pessoa seja atualmente bastante conhecido, em 60 ainda era quase um desconhecido no Brasil. Francisco Iglesias (1967), por exemplo, em “Fernando Pessoa economista” (p. 2), afirma que o poeta tornara-se conhecido no país há pouco tempo, pois antes se publicavam apenas textos esparsos e só após a edição de suas obras completas é que um público brasileiro maior pôde ter acesso a sua obra.

Entretanto, quando nos referimos aos poetas e escritores do grupo de Poesia Experimental, referimo-nos especialmente àqueles que, residentes em Lisboa, em sua maioria, estudantes universitários formavam uma geração insatisfeita política e literariamente e procuravam criar uma estética em sintonia com o mundo. Em sintonia com o seu tempo em que se discutiam teorias da informação, da comunicação visual, da semiótica, do estruturalismo, a Poesia Experimental portuguesa procurava instaurar uma estética inovadora à medida que trabalhava com o próprio código, predominando pois a função metalingüística. Questionando o código e vivendo Portugal um período contraditório em meio à abertura internacional ao lado da repressão política interna, os poetas da vanguarda portuguesa de 60 buscaram no experimentalismo lingüístico a expressão de um sentimento de incertezas e desconforto com o *status quo* (TORRES, 2005). Dessa forma, combatiam o sentimentalismo da Literatura Portuguesa num período que dele se valia a política salazarista como forma de opressão e como arma usada para sensibilizar o povo em relação às guerras nas colônias da África, afirma Rui

Manuel Torres, citando *Textos 176*.²⁶ Nesse sentido, a crítica literária inicialmente não o compreendeu, rejeitando-o. A Poesia Experimental Portuguesa procurou no universalismo um diálogo que não conseguia ser travado em seu país.

Nesses termos, aponta Rogério B. Silva (2005, p. 13), foram muito importantes os contatos empreendidos anteriormente com os poetas concretos brasileiros, com os do Poema-Processo de São Paulo e com os de outros lugares que estavam ligados à poesia concreta como Affonso Ávila, principalmente. Incluem-se também entre outros Ubirasçu Carneiro da Cunha, Lázaro Barreto e Joaquim Branco. Destacando em sua tese de doutoramento a poesia dos paulistas, afirma Rogério Silva (2005) que a Poesia Concreta brasileira tornou-se, via Poesia Experimental Portuguesa, “um instrumento de abertura cultural e política dentro do contexto fechado do regime de Salazar” (p. 15). E acrescenta que, por meio do movimento português, os brasileiros tornaram-se conhecidos internacionalmente. Temos, pois, novamente o português projetando o Brasil no cenário mundial, se antes, vieram em busca de novas terras, agora, vêm em busca de uma nova nação, uma nação literária.

Assim, o diálogo da poesia portuguesa de vanguarda com o Brasil já vinha se efetivando desde o final dos anos 50, e o *Suplemento Literário do Minas Gerais* faz o contato com o movimento quando esse já se encontrava num período bastante produtivo, tendo em Melo e Castro um dos seus teorizadores. Chama atenção o fato de que, no *Suplemento*, em 1969, ele publique somente “Um Texto e 6 postextos”, do livro *Versus-in-versus* e sete ensaios. Melo e Castro, já bastante conhecido no meio intelectual brasileiro ligado à poesia de vanguarda, tem contato com os mineiros quando em viagem pelo Brasil passa por Minas para conhecer Ouro Preto, o poeta Affonso Ávila e outros grupos que por aqui despontavam no cenário cultural belorizontino (CASTRO, 1995, p. 66).

O primeiro ensaio no *Suplemento* que se dedica à poesia portuguesa de vanguarda é “Poesia de vanguarda: informação de Portugal”, publicado em 1966, assinado por Márcio Sampaio que fizera uma entrevista com Melo e Castro. Após apresentar detalhadamente um histórico da Poesia Experimental Portuguesa, são transcritos trechos da entrevista feita com Melo e Castro. Nesses trechos, o poeta português situa a Poesia

²⁶ Cf. Poesia Experimental Cadernos e Catálogos da Poesia Experimental Portuguesa (Anos 60).Disponível em: <<http://po-ex.net/galeria/index.php>>. Acesso em 5 jun. 2005.

Experimental na tradição portuguesa dos cancioneiros medievais, no barroco e em *Orfeu*, aliado à sua inserção na atualidade tecnológica. Aplauda ainda a colaboração de estrangeiros o que, segundo Castro, contribui para a universalidade do movimento. Assim, dá importância ao contato com os concretos brasileiros, pois para ele, os “Concretistas do Brasil estão criando um português de circulação internacional, enquanto nós, de Portugal, estamos redescobrimo um português nosso, mas de integração européia” (CASTRO *apud* SAMPAIO, 1966. p. 2.).

E quanto ao contato com os mineiros, toma-o como proveitoso e diz que poderá ser importante para os portugueses, pois “o seu mergulho numa realidade regional” (p.2), junto ao alto nível de criação que ele diz ter podido verificar, “é um bom exemplo de que a poesia de intervenção só num grau de exigência de pesquisa e total não transigência com superficiais comunicações com a massa pode ser viável e desejável” (p. 2), o que segundo Melo e Castro está de acordo com o que pensam os experimentalistas portugueses.

Sobre a Poesia Experimental, a poesia de vanguarda brasileira e portuguesa, Melo e Castro publica “Românticos, clássicos e cibernéticos”, em 1967; “Notícia sobre a poesia experimental portuguesa” e “Prosa e prosa: ou primeiras notas para uma revisão crítica da prosa criadora portuguesa”, em 1969, em duas edições dedicadas à nova literatura portuguesa. E ainda “A poesia de vanguarda no Brasil” em 1969 além de dois ensaios acerca da poesia barroca “A poesia barroca”, 1968, e “Lúcido lúdico”, 1972.

Esses ensaios podem ser lidos como manifestos do grupo, uma vez que, oficialmente, não houve a publicação de textos teóricos com essa característica. Neles há uma explicitação teórica do momento que viviam e de como a tecnologia e as novas linguagens influenciavam a arte, enfim, o movimento da poesia de vanguarda portuguesa e sua relação com a poesia brasileira. Além disso, nesses textos, há um histórico que passa pela Poesia Experimental até Operação, seu início, suas influências, intelectuais participantes, obras publicadas, intervenções como a PO_EX na Galeria Quadrante, em Lisboa, as repercussões, a não-aceitação da crítica literária portuguesa, bem como a preocupação constante em classificar essa poesia como uma poesia de cunho universal.

Sobre o Brasil, os textos lêem a estética da radicalidade de Oswald de Andrade em *Pau-brasil*, a Antropofagia, o Poema-Processo e a Poesia Concreta situando esses movimentos em relação à poesia de vanguarda portuguesa. Há a identificação da Poesia Experimental portuguesa com os movimentos de vanguarda do modernismo brasileiro de 22, bem como com a poesia barroca. Quanto ao Modernismo, preza-lhe o cosmopolitismo que vê presente na obra de Oswald de Andrade, mas tem restrições às propostas de Mário de Andrade, pois o considera um poeta de gabinete, preso aos postulados do Parnasianismo, embora o renovasse nas rimas e nas inusitadas imagens que criava. Mas é, sem dúvida em Oswald que está, no seu ponto de vista, os gérmenes da Poesia Concreta e do Poema-Processo e de toda a renovação estética que então se processava na poesia. Reforça que nessa nova perspectiva, a participação do leitor é essencial, pois cabe a ele reinventar o ato de leitura do poema. A identificação com a poesia de vanguarda no Brasil, deve-se, como se pode perceber pela leitura dos ensaios, não por aquilo que o país oferece de caracteres estéticos próprios, mas por aquilo que é semelhante como, a incompreensão e não aceitação da crítica. Além disso, o caráter universal, cosmopolita e globalizado dos movimentos brasileiros “permite” que esses estejam avançados em relação ao movimento português que se volta mais para a Europa que para o resto do mundo.

Por volta de 1962 a Poesia Concreta, através do ideograma transformou a poesia brasileira de importação dos parnasianos e simbolistas de antes de 1922 numa poesia de exportação internacional, indo ao encontro da civilização vertiginosa de informação crescente em que vivemos.

Esse trabalho, realizado principalmente pelos irmãos Campos (Haroldo e Augusto), por Décio Pignatari e por Pedro Xisto não é todavia plenamente compreendido no Brasil, onde a influência criadora que é hoje a Poesia Concreta internacional, ultrapassando barreiras políticas e lingüísticas, desde os países da cortina de ferro ao Pacífico, passando por toda a Europa Ocidental (CASTRO, 1969, p. 5).

Quanto aos dois textos “A poesia barroca” e “Lúcido lúdico”, já mencionados anteriormente, em que disserta sobre o barroco, Melo Castro, no primeiro, faz referência a três obras publicadas no Brasil, a saber: *Poesia Barroca-Antologia* (introdução, seleção e notas de Péricles da Silva Ramos); *Apresentação da poesia barroca*, de S. Spina e Maria Aparecida Santilli e *Resíduos Seiscentistas em Minas*, de Affonso Ávila. Para o ensaísta, as três obras, apesar de diferentes, reconhecem a necessidade de se estudar mais detalhadamente o papel do barroco para a cultura de língua portuguesa, incluem-se aí Portugal e Brasil. Embora importado de Portugal, o barroco no Brasil tem

um significado maior, pois corresponde às primeiras manifestações de autonomia da arte brasileira, afirma Melo e Castro. Entretanto, adverte que interessa para o homem do século XX a “potencialidade dinâmica da idéia de Barroco” (1968, p.7), assim, é necessário que em Portugal ele seja reestudado como vem acontecendo no Brasil.

O Barroco, pelo seu caráter de dinamismo e abertura, por sua oposição ao ideário clássico, segundo o poeta, ultrapassa o período histórico em que é geralmente situado, permanecendo até os dias atuais. Sendo assim, é mister que a literatura barroca, tanto brasileira quanto portuguesa, pela sua pouca visualidade em comparação com a arquitetura barroca, sejam retiradas do esquecimento pela crítica literária que se baseia inadequadamente em métodos franceses para estudar a literatura barroca portuguesa. Melo e Castro cita o prefácio de S. Spina como modelo de abordagem crítica e a sua antologia também como modelo para que outras se publiquem, por exemplo, os dois volumes de *Fênix* e os cinco de *Pontilhão de Apolo*.

Para corroborar esse argumento, faz referência à entrevista de Haroldo de Campos, publicada no *Jornal de Notícias* do Porto, em que o poeta brasileiro afirma a necessidade de um “levantamento rigoroso crítico-analítico e de processamento dos elementos lingüísticos e estruturais da Poesia Barroca-Portuguesa” (CASTRO, 1968, p.7) para que, entre outros, se possa levantar as raízes da Poesia Experimental Portuguesa e da Poesia Concreta no Brasil. Esse assunto, observa Melo e Castro, já havia sido discutido com Haroldo de Campos em São Paulo. E foi esse tipo de levantamento que fez Affonso Ávila em Minas, permitindo que se possa determinar a influência e as nuances do barroco português no Brasil, chegando hoje a ser “a festa barroca a base da sensibilidade estética e social do brasileiro” (p. 7). Além do mais, a obra de Affonso Ávila estende-se até aos dias atuais, quando procura identificar a herança e as influências barrocas na poesia de vanguarda de Minas.

Já no texto “Lúcido lúdico”, Melo e Castro (1972, p.6-7) procura, a partir da idéia de jogo, de carnaval, de lúdico, questionar dogmas em relação ao ato de brincar, visto como transgressor, portanto, impulsionador da vanguarda e já presente na arte barroca. Cita o artigo “O elemento lúdico nas formas de expressão do Barroco”, de Afonso Ávila, publicado na revista *Barroco*, número 2, em que o autor propõe o lúdico como

categoria crítica e acredita que esse poderá ser um “conceito operacional-chave para a reavaliação da atividade criativa atual” (1972, p.7).

Pode-se ver que para Melo e Castro, o Brasil está teoricamente à frente em se tratando da poesia de vanguarda. Além disso, os ensaios deixam perceber que as relações tanto com os paulistas como com os mineiros eram estreitas nesse período. O poeta português estava a par da movimentação editorial no país e lia o que se referia à vanguarda poética, tomando inclusive como modelo os livros aqui publicados.

3.3.2 Ana Hatherly

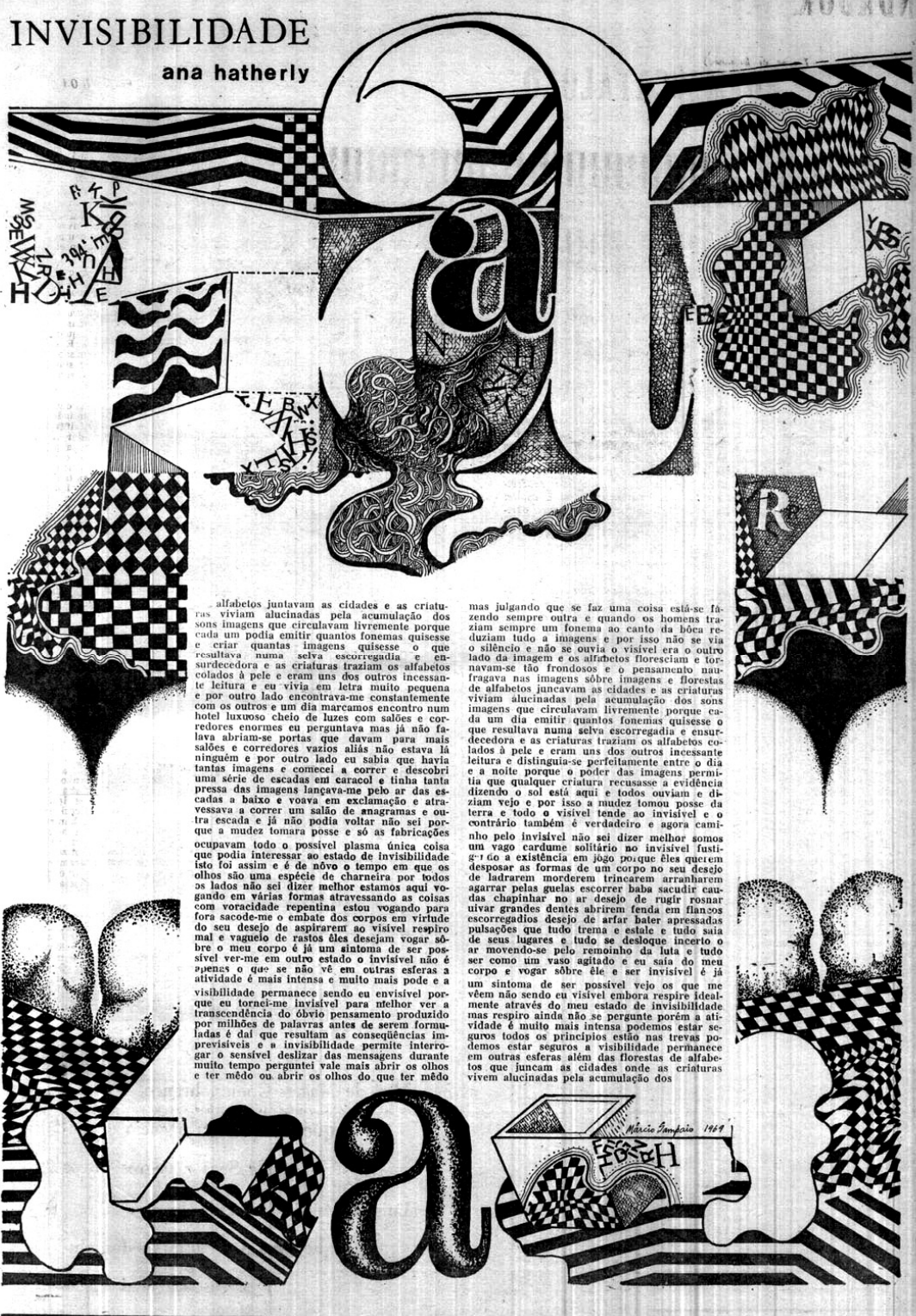
Quanto aos textos literários portugueses do *Suplemento*, destacamos os de Ana Hatherly que publicou quatorze textos: uma crônica intitulada “Psicologia noturna das massas”, quatro contos e nove poemas. Merece destaque o cuidado gráfico que o *Suplemento* teve na publicação dos poemas do grupo de jovens escritores portugueses. Como busca de uma nova linguagem poética, a Poesia Experimental, principalmente, trabalhava, de uma forma lúdica, com o espaço da página, e muitos dos poemas são ideogramas, que apresentavam talvez certa dificuldade de reprodução. No entanto, foram publicados nas páginas do jornal de forma bastante cuidadosa. Além disso, a maioria deles foi acompanhada de ilustrações de mineiros, essas se destacam pelo traçado e pela dificuldade de reprodução. Márcio Sampaio (2005), em depoimento,²⁷ disse que muitas vezes quando na gráfica iam reproduzir as ilustrações, borrava tudo.

A presença de Ana Hatherly no *Suplemento* se intensifica se focalizarmos os ensaios escritos a partir de suas obras e das entrevistas. A primeira, em 1967, que Ubirásçu Carneiro da Cunha realiza através de correspondência e a segunda, em 1969, “Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly”, que Laís Corrêa de Araújo faz com a escritora por ocasião de sua visita ao Brasil. Além das entrevistas, Ubirásçu C. Cunha escreve sobre a poesia de Ana Hatherly, Fernando Mendonça acerca do livro *O Mestre*; Lázaro Barreto sobre *Anagramático* e Lúcia Helena sobre *As Tisanas*.

²⁷ Informação verbal.

INVISIBILIDADE

ana hatherly



alfabetos juntavam as cidades e as criaturas viviam alucinadas pela acumulação dos sons imagens que circulavam livremente porque cada um podia emitir quantos fonemas quisesse e criar quantas imagens quisesse o que resultava numa selva escorregadia e ensurdecadora e as criaturas traziam os alfabetos colados à pele e eram uns dos outros incessante leitura e eu vivia em letra muito pequena e por outro lado encontrava-me constantemente com os outros e um dia marquei encontro num hotel luxuoso cheio de luzes com salões e corredores enormes eu perguntava mas já não falava abriam-se portas que davam para mais salões e corredores vazios aliás não estava lá ninguém e por outro lado eu sabia que havia tantas imagens e comecei a correr e descobri uma série de escadas em caracol e tinha tanta pressa das imagens largava-me pelo ar das escadas a baixo e voava em exclamação e atravessava a correr um salão de anagramas e outra escada e já não podia voltar não sei porque a mulher tomara posse e só as fabricações ocupavam todo o possível plasma única coisa que podia interessar ao estado de invisibilidade isto foi assim e é de novo o tempo em que os olhos são uma espécie de charneira por todos os lados não sei dizer melhor estamos aqui voando em várias formas atravessando as coisas com voracidade repentina estou voando para fora sacode-me o embate dos corpos em virtude do seu desejo de aspirarem ao visível respiro mal e vagoio de rastos eles desejam voar sobre o meu corpo é já um sintoma de ser possível ver-me em outro estado o invisível não é apenas o que se não vê em outras esferas a atividade é mais intensa e muito mais pode e a visibilidade permanece sendo eu envisível porque eu tornei-me invisível para ntelhor ver a transcendência do óbvio pensamento produzido por milhões de palavras antes de serem formuladas é daí que resultam as conseqüências imprevisíveis e a invisibilidade permite interrogar o sensível deslizar das mensagens durante muito tempo perguntei vale mais abrir os olhos e ter medo ou abrir os olhos do que ter medo

mas julgando que se faz uma coisa está-se fazendo sempre outra e quando os homens traziam sempre um fonema ao canto da boca reduziam tudo a imagens e por isso não se via o silêncio e não se ouvia o visível era o outro lado da imagem e os alfabetos floresciam e tornavam-se tão frondosos e o pensamento naufragava nas imagens sobre imagens e florestas de alfabetos juncavam as cidades e as criaturas viviam alucinadas pela acumulação dos sons imagens que circulavam livremente porque cada um podia emitir quantos fonemas quisesse o que resultava numa selva escorregadia e ensurdecadora e as criaturas traziam os alfabetos colados à pele e eram uns dos outros incessante leitura e eu vivia em letra muito pequena e por outro lado encontrava-me constantemente com os outros e um dia marquei encontro num hotel luxuoso cheio de luzes com salões e corredores enormes eu perguntava mas já não falava abriam-se portas que davam para mais salões e corredores vazios aliás não estava lá ninguém e por outro lado eu sabia que havia tantas imagens e comecei a correr e descobri uma série de escadas em caracol e tinha tanta pressa das imagens largava-me pelo ar das escadas a baixo e voava em exclamação e atravessava a correr um salão de anagramas e outra escada e já não podia voltar não sei porque a mulher tomara posse e só as fabricações ocupavam todo o possível plasma única coisa que podia interessar ao estado de invisibilidade isto foi assim e é de novo o tempo em que os olhos são uma espécie de charneira por todos os lados não sei dizer melhor estamos aqui voando em várias formas atravessando as coisas com voracidade repentina estou voando para fora sacode-me o embate dos corpos em virtude do seu desejo de aspirarem ao visível respiro mal e vagoio de rastos eles desejam voar sobre o meu corpo é já um sintoma de ser possível ver-me em outro estado o invisível não é apenas o que se não vê em outras esferas a atividade é mais intensa e muito mais pode e a visibilidade permanece sendo eu envisível porque eu tornei-me invisível para ntelhor ver a transcendência do óbvio pensamento produzido por milhões de palavras antes de serem formuladas é daí que resultam as conseqüências imprevisíveis e a invisibilidade permite interrogar o sensível deslizar das mensagens durante muito tempo perguntei vale mais abrir os olhos e ter medo ou abrir os olhos do que ter medo

HEGEL E A FALÊNCIA DA ARTE

(FRAGMENTOS DE UM ENSAIO)

José Paulo NETTO

1
Como ironizou Francastel, tornou-se ativamente de *bon ton* especular sobre a morte da arte (1).

Mas é de suspirar que, por detrás do *bon ton*, haja alguma realidade mais funda. Por exemplo: nada mais sério que a preocupação de Axelos, a observar que a arte "perderá a sua existência em proveito da técnica" (in Marx, *Pensar de la Technique*). Ou ainda o ceticismo com que Adorno encara a arte hodierna (in *Disonância*, p. ex.).

Entretanto, a constatação de uma crise estética se torna ainda mais brilhante quando passamos da análise para a praxis artística de nosso tempo: de Joyce a Butor, a característica da arte mais recente é o *littimo*. Talvez seja este o sintoma mais evidente da Crise-

2
Os anúncios de um Dilúvio qualquer, no qual a arte não teria lugar na Arca, são antigos. Detectando bem, Platão caberia aí (a fusão de critérios estéticos, epistemológicos e políticos como fábula axiológica, entre outras normas).

Mas a origem do prenúncio da crise contemporânea tem raízes mais próximas. É de observar, por exemplo, que muitos dos arautos atuais da "morte da arte" filiam-se a uma orientação bem nítida: o hegelianismo (ou neo-hegelianismo, como queiram). É isto não é gratuito: porque é efetivamente em Hegel que o fim da arte encontrou a sua mais acabada sistematização e solidificação. Toda reflexão fundada no hegelianismo, que não superou seu *finalismo sistemático*, só pode levar a uma concepção liquidacionista em relação ao estético.

3
A apreensão da estrutura da Estética de Hegel (2) só é possível se se a considerar no contexto histórico-cultural no qual se insere e do qual é a mor culminação: há que notar que Hegel sumaria — superando — definitivamente a escalada técnica que começou com Kant e desagou em Schelling (3).

A estética kantiana (expressa na Crítica da Faculdade de Julgar) — embora represente em certos aspectos um retrocesso em relação a Herder — alterou fundamentalmente a história da estética. Com Kant, "a análise filosófica da atividade do sujeito estético, tanto em seu comportamento produtivo quanto em seu comportamento estético receptivo, se coloca finalmente no centro do método e do sistema" (4). Entretanto, preso ao idealismo subjetivo, Kant não pôde postular o estatuto do conteúdo, e se perdeu num formalismo abstrato, de que decorre a fundação da arte como fim a-histórico.

A transição que se efetua em Schiller e chega a Schelling — um idealista objetivo — não permitiu, também, a resolução desta problemática. É bem verdade que Schelling, diretamente influenciado por Schiller, intenta perceber o papel da realidade objetiva na configuração contemporal. Mas, com ele, esta tentativa recua ao nível de um neo-platonismo.

Hegel supera toda esta elaboração, por volta de 1820 (5). Sua Estética pode ser vista como uma crítica a Kant, a quem ultrapassa em dois pontos capitais:

a) legitimando a *objetividade* da obra de arte: a unidade

afinalizada — entre liberdade e necessidade — opera-se na realidade mesma;

b) dotando, por consequência, a obra de arte de uma dimensão histórica.

Estes dois caracteres, inéditos na estética da filosofia clássica alemã, se fundam no núcleo do hegelianismo: a *consideração da arte como uma etapa do processo da exteriorização (objetivação) do Espírito absoluto*. Paradoxalmente, é aí que Hegel vai encontrar um índice para balizar a evolução da arte: sua Estética se formula propondo a obra como uma dialética entre a idéia abstrata e a forma sensível que a encarna. A obra perfeita é aquela em que há total equilíbrio entre a idéia (conteúdo) e a expressão (forma). Em verdade, "Hegel vê... a especificidade do estético no fato de que a essência aparece adequadamente no fenômeno" (6). Como se trata-se de uma estética *cratística* (6-A).

Na análise histórico-sistemática, este índice dará a Hegel condições para compreender a evolução da arte sob a seguinte sucessão: arte *simbólica*, na qual a idéia abstrata não é passível de ser tornada completamente sensível (civilização hindu, chinesa, egípcia); arte *clássica*, na qual há equilíbrio entre a idéia e sua representação (a arte da pólis grega); arte *romântica*, na qual a idéia não se pode mais realizar por meios sensíveis (a arte da Europa Ocidental após a queda de Roma).

Um excerto resume: "a arte simbólica buscava realizar um união entre a significação interna e a forma exterior; a arte clássica encontrou este equilíbrio; a arte romântica, essencialmente espiritual, superou-o" (7).

Depois de estatuir a obra de arte como um produto cultural pelo qual "o homem procura exprimir a consciência que tem de si mesmo" (8), Hegel conclui que a arte romântica é a última etapa evolutiva da arte (9).

4
Hegel distingue três estádios na objetivação do Espírito absoluto: arte, religião e filosofia. Estes três estádios se enclavam às fases estruturais de sua lógica: intuição, representação e conceito. Posto que a história é a história da objetivação do Espírito absoluto, "a estética significa a aparição do Espírito absoluto ao nível da intuição; a religião o exibe ao nível da representação, e a filosofia ao do conceito" (10).

Então, tanto a arte como a religião e a filosofia têm a mesma funcionalidade no processo histórico: abrir ao homem a via à consciência de sua verdadeira natureza. Entretanto, em Hegel, trata-se de níveis diferentes de conhecimento (consciencialização): o conceito é mais verdadeiro, mais próprio ao conteúdo — totalmente espiritual — do que a intuição e a representação.

E, no momento em que elaborava finalmente o seu sistema, cria realizada a junção sujeito-objeto (fundamento do saber total), cria já reconciliado (totalmente objetivado) o Espírito absoluto com a história reconciliada encarnada na emergência do Estado Prussiano. Por consequência, urge um tipo de conhecimento tão concreto (e, por isto mesmo, tão meditado, em oposição ao abstrato) que apreendesse o Espírito absoluto em sua realidade e pureza, tal qual é essencialmente, não na intuição ou na representação, mas em seu *conceito*. E o conceito é

sempre Instituto do discurso filosófico.

Ora, aqui a arte silencia: é de sua própria natureza objetiva-se, realizar-se sensivelmente; perdido para sempre e paraíso da arte clássica, em que conteúdo e forma se harmonizaram, a arte não mais tem a dizer — *ela não pode exprimir totalmente o Absoluto que, agora, superando o modo sensível, exige a interioridade da representação; situação-se, assim, no pensamento puro*.

Não se trata da "morte" da arte: ela não perece. Somente, a *totalidade* (natureza) da expressão transmuta: da arte à religião e à filosofia. Ou, em linguagem hegeliana: da intuição à representação e ao conceito.

Simplesmente, a arte não tem que dizer: seu conteúdo, por seus meios peculiares, é inexprimível. A arte não acabou. Faliu.

5
Em contexto nenhum é tão brilhante o conflito (ou contradição), já sobejamente assinalado — mormente pelos marxistas — entre o método e o sistema de Hegel.

Aqui o conflito é brutal: de um lado, uma aguda percepção da função da arte (que ele chama "moralizadora"), que se deve basicamente à valorização hegeliana do processo do trabalho humano; outro, o enquadramento do fenômeno no estético na cadeia dos estádios das etapas de objetivação do Espírito absoluto.

Mais ainda: em Hegel há, por vezes, uma análise excelente, simultaneamente genérica e sistemática, da emergência histórica de certos gêneros (veja-se, p. ex., o que ele tem a dizer sobre a comédia). Sobretudo, cabe a ele ter ressaltado — em oposição à mistificadora "teoria do belo natural" — a idéia de que a natureza que aparece como objeto estético não é puramente um dado "natural", mas uma área

em que ocorre a interação entre a natureza e a sociedade.

Todos os méritos (de que os apontados são apenas os mais representativos) são da conta do método hegeliano. Debitam-se ao sistema as fragilidades: a impotência em fundar a autonomia do estético, o não esclarecimento das conexões entre verdade e beleza, o envolvimento do que considera "realidade objetiva" numa aura de misticismo etc.

A tônica do sistema é o *finalismo* (é necessário sublinhar que o método *nada* tem a ver com isto, malgrado as argumentações de Althusser). O sistema, contrariando totalmente a tendência epistemológica contida no método, erigiu-se artificial e artificialmente, levando a uma *miséria alemã*. É dentro do sistema que a *teoria da falência da arte emerge*.

O método, por muito insuficiente que ainda fosse, por causa de seu idealismo, implica uma conclusão oposta: o que ele reconhece como natureza do estético — a expressão da consciência que o homem tem de si mesmo — basta para legitimar a arte como *essencial* à sociedade humana (isto é, evidentemente, uma dimensão do humanismo inerente à visão hegeliana, humanismo que o sistema sufocou).

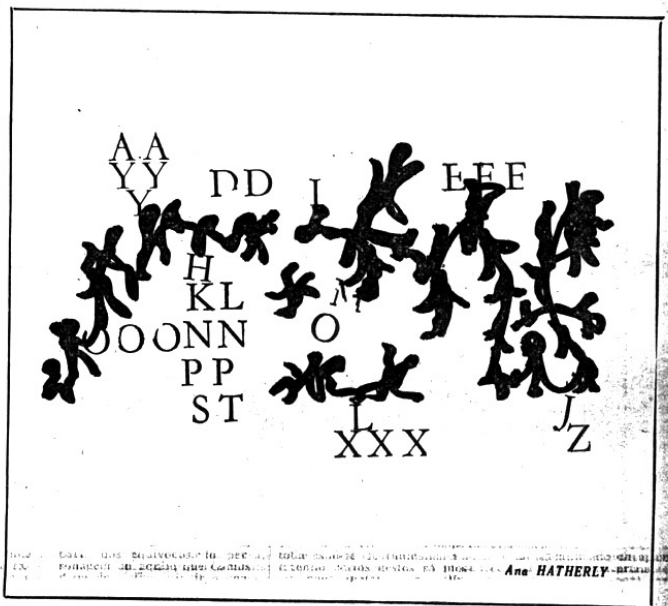
Ora, se em Hegel a conclusão da falência da arte explica-se pela prepotência ilegítima do sistema — pelo seu finalismo — o mesmo não se pode afirmar das modernas teorias sobre a "morte" da arte.

Agora, subjaz a estas "teorias" um fundo claramente anti-humanista, essencialmente irracionalista e reacionário. A discussão delas não cabe aqui. Mas cabe ressaltar que, hoje, o equívoco hegeliano é tão injustificável quanto inatentável: já existe uma formulação estética — pensamos em Lukács — que abandonou o sistema hegeliano para se ater ao "núcleo racional" do seu método.

Qualquer equívoco, hoje, portanto, não pode se furar a uma severa julgo — bem diverso daquele que a posteridade tributou a Hegel — do processo histórico.

NOTAS

- 1) In *Art et Technique*, bib. Médiations, Paris, pág. 221.
- 2) Versão francesa de Gilbelin, ed. Aubier, 4 vols., 1944. Há excelente tradução portuguesa, de Orlando Vitorino, em 7 vols., Guimarães Ed., Lisboa.
- 3) Cf. Lukács, *La estética de Hegel*, in *Aportaciones a la Historia de la Estética*, trad. Sacristán, Grijalbo, México, 1966.
- 4) Idem, *ibidem*, pág. 125.
- 5) Sobre a cronologia da Estética, cf. Lukács, *op. cit.*, págs. 131-132.
- 6) Idem, *ibidem*, pág. 142.
- 6-A) "... é o conteúdo que na arte desempenha o papel decisivo". Estética, ed. portuguesa, IV, pág. 331.
- 7) Roger Garaudy, *La Pensée de Hegel*, ed. Boudas, Paris, 1966, pág. 168.
- 8) *Esthétique*, I, pág. 56. É de valor notar que Lukács remonta daí a função da arte como autoconsciência da humanidade.
- 9) *Cfr.*, na ed. portuguesa, vol. IV, págs. 316-331.
- 10) Lukács, *op. cit.*, pág. 143.



3.4 As entrevistas

Com o título “Ana Hatherly”, Ubrasçu C. Cunha apresenta onze perguntas que enviara à escritora portuguesa em 1967. Antes, porém, na página anterior, escreve a apresentação - “Ana Hatherly: poeta português do andrógino primordial” em que informa ter Ana Hatherly desenvolvido a teoria do andrógino primordial, defendida por Aristófanes no Banquete de Platão, ter sofrido influência de Antônio Quadros e Álvaro Ribeiro e ter procurado desenvolver uma pesquisa da linguagem e da forma.

Quanto à entrevista, faz-lhe perguntas que vão desde a “Qual corrente poética a que pertence?”, “Defende a poesia ‘engagée’?”, “Pensa que o surrealismo de língua portuguesa libertou ou continua ligado às origens bretonianas?” (são três as perguntas relacionadas ao surrealismo) até “Qual a sua opinião sobre a moderna poesia brasileira?” e “Acha que basta haver a identidade de língua para haver identidade de tendências poéticas?”, “‘A minha Pátria é a língua portuguesa’ disse Fernando Pessoa. Em que medida concorda com o poeta?”.

Vamos nos ater às duas últimas perguntas por se tratar da relação entre a poesia portuguesa e a brasileira. Sobre a moderna poesia brasileira, Ana Hatherly responde que ela tem um papel importante e que a conhece relativamente bem, mas diz ser inexplicável o afastamento entre a moderna poesia brasileira e portuguesa. Reafirma o que Melo e Castro e Arnaldo Saraiva também abordam em seus textos - o contato entre brasileiros e portugueses fora proveitoso para os portugueses e acredita que também para os brasileiros. Mas acha que a “lição do Concretismo” fora mal apreendida pelos portugueses, assim também o surrealismo talvez fizera falta ao Brasil.

A respeito da identidade poética que proviria da identidade lingüística, Ana Hatherly afirma que “Forçosamente lidando com a mesma língua, mesmo poetas diferentes encontrarão facilmente afinidades” (1967, p. 5). Entretanto, não considera uma regra, mas um condicionamento, poderá pois ser ultrapassada. Ela afirma ainda que concorda com Fernando Pessoa, mas o que se vive naquele momento é diferente do que viveu Fernando Pessoa e, além disso se tem “uma noção diferente de Pátria” (p. 5), procura-se pois, uma difícil universalização da linguagem, a que ela chama de “semântica

universal”. Nesse sentido, considera inestimável a contribuição da vanguarda brasileira e diz que ela e os poetas portugueses de vanguarda trabalharam para isso.

A retomada da afirmativa de Fernando Pessoa de que “minha Pátria é minha língua” pelo brasileiro Ubirásçu C. Cunha, quando entrevista a portuguesa Ana Hatherly, busca uma resposta que aborde a identidade Brasil/Portugal sob o aspecto lingüístico e levanta uma questão muito debatida no *Suplemento* – em que medida Brasil e Portugal falando línguas semelhantes têm uma estreita identidade cultural? Se a língua é uma cultura, em que medida semelhanças lingüísticas muito próximas entre Brasil e Portugal também seriam semelhanças culturais, identitárias? Por que há um distanciamento entre os dois países apesar da proximidade lingüística?

Derrida (2003, p. 81), ao tratar de termos como exílio, deportados, expulsos, fronteiras esbarra na questão da língua, seja no sentido amplo ou estrito. Afirma o pensador que os desenraizados, os nômades, os exilados têm em comum duas nostalgias que são seus mortos e sua língua. A língua seria uma espécie de segunda pele, “um *chez-soi* móvel” que resiste aos deslocamentos porque o sujeito a traz consigo e a reconhece como “*sua última pátria*”, a última morada, um pertencimento.

Em contrapartida, no dizer de Derrida, ela é uma *experiência de expropriação*, pois a “língua materna” é a língua do outro, mas também uma condição de *exapropriação*, à medida que a língua do exilado não é mais um produto apropriado, no duplo sentido do termo. Não é própria para a sua situação de exilado, nem é própria, no sentido de que não é mais uma língua de seu pertencimento, uma vez que sua língua, a língua materna, na situação de exilado, torna-se um resíduo, afirma-se como silêncio (DERRIDA, 2003, p.79-81).

Nesse sentido, quando Ubirásçu Carneiro pergunta a Ana Hatherly sobre a identidade lingüística, citando Fernando Pessoa, podemos compreender o dizer de Derrida (2003) “língua dita ‘materna’ já uma ‘língua do outro’” (p.79). Ainda que Derrida se refira ao exilado que vai para um universo lingüístico distinto daquele em que nasceu, um universo que fala uma língua diferente da sua. Esse saber acerca da língua do exílio parece poder se aplicar, posto que a língua portuguesa de que fala Ubirásçu é uma língua que, embora uma duas pátrias, Portugal e Brasil, possibilita o questionamento

acerca da identidade entre esses países. Isso faz sentido, no entanto, se compreendermos, com Derrida, que a língua portuguesa do Brasil é uma expropriação, do ponto de vista do português degredado, pois esse quando viera aqui para colonizar não estava mais na sociedade portuguesa. Além disso, se considerarmos a observação de Hartherly, no texto de Laís Corrêa “Conversa (longa e agradável) com Ana Hartherly” (1969), de que um povo leva tempo a se fazer, segue que o povo brasileiro que se constitui em torno da língua portuguesa cria uma nova língua portuguesa, no sentido mesmo de Hartherly que compreende a língua como criação lúdica. E ao fazer isso, expropria o português da sua língua, antes materna, agora silêncio, distinguindo assim as duas línguas, dando-lhe o sentido da *exapropriação*, pois a língua portuguesa do Brasil não é mais a própria, é diferente, pertence ao outro e não a si mesmo.

Nesses termos, Ana Hartherly pode concordar com Fernando Pessoa, colocando-se como portuguesa, em sintonia com os portugueses, mas reconhece que o sentido de pátria mudou e, portanto, discordar de Fernando Pessoa e afirmar o sentido novo de “Pátria”. Não está nessa recusa também uma recusa de ver o Brasil como partilhando da mesma cultura? É o que nos parece se a poeta prefere dar uma resposta evasiva diante daquele que procura sua identidade, uma resposta evasiva que se esconde por trás do conceito de universalidade que, segundo Hartherly, os poetas buscam encontrar. Também Melo e Castro quando indagado por Márcio Sampaio sobre sua relação com os brasileiros se remete aos Concretistas de São Paulo pelo que oferecem de uma língua universal, “um português de circulação internacional”, responde (CASTRO *apud* SAMPAIO, 1966, p. 2) .

Sem dúvida, em se tratando do caráter internacional da Poesia Experimental Portuguesa, é sabido da influência do Concretismo brasileiro e do europeu na poesia portuguesa. Segundo Rogério Barbosa da Silva (2005, p. 95), o início do movimento da Poesia Concreta como um movimento internacional se deve ao encontro entre Décio Pignatari e o suíço-boliviano Eugen Gomringer, em 1956, na Europa. Pignatari faz uma visita a Portugal, após encontrar-se com Eugen Gomringer. Embora Melo e Castro e José Alberto Marques, na introdução que escrevem à *Antologia da poesia concreta em Portugal*, tenham declarado que essa visita não tenha tido “resultados significativos imediatos”, essa fora uma forma de apresentação a Portugal do que estava acontecendo no resto do mundo. Além disso, houve a publicação, em 1962, de *Poesia Concreta*,

livreto com os poemas do grupo Noigrandes, pela embaixada do Brasil em Lisboa, como informa João Almino (*apud* ABDALA JUNIOR, 2003, p. 137). Rogério Barbosa (2005, p.114) afirma que a Poesia Concreta, quando chegara a Portugal, já encontrara um clima de “inquietação e busca de expressão poética nova” que vinha sendo desenvolvido desde 1950. Ana Hatherly chega a chamar o experimentalismo poético que desenvolvem em Portugal em 60 de “Concretismo euro-brasileiro”, referindo-se evidentemente à forte influência que sofreram dos brasileiros e dos europeus (TORRES, 2005, p.19,20,41).

Fernando Namora também se manifesta na entrevista que concede a Euclides Marques Andrade, em São Paulo, quando aqui estivera pela primeira vez, a respeito da língua portuguesa no Brasil e em Portugal e da relação entre os dois países (NAMORA *apud* ANDRADE, 1968, p. 6). Quando Euclides Marques lhe pedira opinião sobre a candidatura conjunta de Jorge Amado e Ferreira de Castro ao prêmio Nobel de literatura, ele respondera que não lhe parecia acertado que um ou outro representasse duas literaturas de um povo que era por si diferente. Em sua resposta, Fernando Namora desconsidera a possibilidade de autores brasileiros ou portugueses serem capazes de representar as duas literaturas, dadas às diferenças entre as literaturas brasileira e portuguesa. Nessa resposta, o ficcionista português, ligado à prosa neo-realista, não reconhece a semelhança entre as duas literaturas ainda que admita que ambas sejam representantes da cultura de língua portuguesa.

Nesse sentido, considera justificável a apresentação da candidatura conjunta não porque cada um represente uma literatura nacional - brasileira ou portuguesa - mas porque, para o autor, o que está em jogo não são a nacionalidade ou a identidade das literaturas de língua portuguesa, mas o “prestígio das culturas de língua portuguesa” (p. 6). Observe que nessa fala, Fernando Namora destaca a “cultura” no plural, afirmando sua diversidade, e a língua no singular, pressupondo sua identidade. Nesses termos, louvar o caráter solidário da candidatura conjunta, independentemente de quais fossem os outros, os escritores escolhidos, preservando o nível literário e a “ressonância universalista de suas obras”, implica reafirmar não a identidade dos povos, dos escritores, de sua nacionalidade e muito menos de sua irmandade propagada por uma mesma língua que geraria uma mesma cultura, mas a “consagração”, termo utilizado pelo autor, que é devida às “culturas de língua portuguesa”. Interessante destacar e frisar aqui que a

condição para a proposição conjunta de autores de língua portuguesa para o Prêmio Nobel não diz respeito àquilo que caracterizaria essas literaturas em sua identidade, como literaturas nacionais, mas o seu caráter universal, a sua identidade com uma literatura que não se marca pelo nacional, uma vez que o que se pretende é o “prestígio das culturas de língua portuguesa”, o que implica reconhecer que a identidade Brasil/Portugal tem sua base na partilha da mesma língua materna.

O desejo de saber a opinião do português sobre o Brasil não está presente apenas naquele período dos anos 60, mas permanece por mais tempo. Também Sophia Mello Breyner recebe, em 1978, de Wlamir Ayala um questionário a respeito de suas impressões sobre o Brasil, após a sua segunda viagem que realizara ao nosso país (AYALA, ago. 1978, p. 8). Ayala faz a pergunta que poderia ser dirigida a todos os portugueses que vinham ao Brasil e eram entrevistados – qual a sua impressão sobre o Brasil? A que ela responde da seguinte forma: “O Brasil é outro mundo. É necessário vê-lo com olhos virgens. Renascer neste país e apreciá-lo com uma ótica liberta de padrões convencionais. Esta minha viagem é uma experiência exaltante” (BREYNER, *apud* AYALA, 1978, p. 8).

Sophia Mello Andresen responde que assim como viajara à Europa para ver terras, também viera ao Brasil para ver terras. Sendo assim, enxerga o país como uma terra ainda virgem e narra de forma poética o seu desembarque, durante a madrugada, em Recife, com suas cores e perfumes. Quanto ao Rio de Janeiro, descreve-lhe a paisagem: “A paisagem do Rio, ampla e feérica, excede sobretudo ao cair da tarde, o que eu poderia imaginar” (p. 8). Mas o que lhe chamou atenção foi a convivência das diferenças, de plantas, de raças, de cultura, a que denomina “ecumenismo” que se estende desde a flora, com árvores que vieram da Índia, trazidas por portugueses ou vindas do Japão, até às pessoas de diferentes partes do país.

Esse questionário que responde Sophia Melo, junto a “Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly”, de Laís Corrêa e o texto de Fábio Lucas “Perspectiva Lusitana”, em que narra de forma lírica a viagem que fizera a Portugal, refletem um sentimento que Alberto Costa e Silva (2003, p. 47, 56) aborda em seu texto “Brasil, Portugal e África”- a saudade.

Fábio Lucas, por exemplo, escreve:

Ao chegar a Lisboa, a gente traz a sensação de que vai redescobri-la, tanto já ouviu falar de cenários, episódios e pessoas. Tem-se inicialmente o impacto da beleza monumental de muitos edifícios, numa variedade de estilos que marcam épocas diferentes.

Depois a gente se acostuma com a cidade movimentada, cheia de bares e cafés. Todos eles cheios de gente. Um jornal fala da presença de Rubem Braga na primeira página, “um dos escritores que melhor escrevem em português.” Tão Brasil, penso, ao lembrar-me de um verso de Mário de Andrade (LUCAS, 1973, p. 11).

Assim, afirma Costa e Silva (2003), tanto para o brasileiro quanto para o português existe uma visão idealizada de lá e de cá. Para os brasileiros, Portugal é o *locus amoenus* que remete à origem, ao lugar de onde vieram os antepassados, ainda que também tenham vindo de outros lugares como a África ou aqui já estivessem como os índios. Acrescentamos que o brasileiro, em geral, a não ser que tenha uma ascendência direta, quando perguntado de que povo descende, ele certamente responderá que é do português, e ainda que saiba que entre seus antepassados haja índios e negros, ele dirá que é fruto de uma miscigenação entre índio ou negro com o português. Exceto nos casos em que a ascendência seja de outra nação européia, como por exemplo, a italiana e a alemã, a ascendência portuguesa sempre prevalece no imaginário do brasileiro,

Portanto, viajar para o Portugal, “voltar-se” para Portugal seja através de um português que aqui visita, seja através de sua literatura, ou através de uma viagem, como fizera Fábio Lucas, tem um sentido saudosista, um *déjà vu*, assim como tem também para o Portugal esse “voltar-se” para o Brasil. Vem-se e vai com uma pré-visão do que será encontrado, embora essa muitas das vezes se depare com uma realidade bem diferente da que se esperava.

Há uma “curiosidade mútua”²⁸ entre os dois povos e cada um busca no outro encontrar a si mesmo, refletido nos costumes, nos hábitos, na língua, busca-se portanto no português uma identidade, ainda que se saiba que essa é híbrida, é no elemento português que ela se firma, se sustenta, mesmo que de forma esquizofrênica, num misto de admiração e ressentimento, de comparação em que se quer enxergar uma

²⁸ Expressão usada por Benjamin Abdala Júnior como subtítulo à “Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias”, que escreve ao livro *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. (2003, p.10).

superioridade brasileira. Expressões como “país-irmão”, “antiga metrópole” retornam nos discurso brasileiro quando nos referimos a Portugal.

“Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly”, sob responsabilidade de Laís Corrêa de Araújo, é a narrativa do encontro que o grupo do *Suplemento* tivera com a poeta portuguesa. Merece destaque o título, além da foto que acompanha o texto, pois essa já nos dá indícios de como se realizou o encontro. Aliás as fotos que acompanham os ensaios no *Suplemento* como um todo, seja pelo diálogo que promovem com o texto ou pela forma como são apresentadas, mereceriam um estudo à parte. Não é nosso objetivo aqui realizar tal estudo, entretanto, a foto do encontro, que fora regado a chá, estampa “a longa e agradável conversa” que provavelmente acontecera na sala em casa do casal Laís e Affonso Ávila. Lá estava também Murilo Rubião. Esse encontro, como Laís Corrêa informa no título, foi uma conversa, e se falou de tudo, desde Poesia Experimental, arquitetura de Brasília até comidas típicas. Há uma oscilação entre o caráter público e privado desse encontro; se o título remete para o privado, a publicação da narrativa e da foto remetem para o público, pois essa última exhibe o interior de uma residência. Além disso, os assuntos tratados também vão do público ao privado; discutiram a filiação da poeta à vanguarda portuguesa, a participação feminina, o papel do surrealismo na então contemporânea poesia portuguesa, e assuntos de caráter íntimo, como por exemplo, daquilo que Ana Hatherly gostava: bordar, cozinhar, arrumar a casa, receber amigos, caminhar, praticar esportes, no dizer de Laís Corrêa, quis saber “femininamente” de outros interesses de Ana Hatherly que não o da “dura e solitária vida da literatura”.

Jacques Derrida em, *Da hospitalidade* (2003, p.21-23), afirma que para se ter direito à hospitalidade é necessário uma casa, uma linhagem ou um outro grupo familiar ou étnico que receberá um grupo familiar ou étnico. Para se oferecer hospitalidade, portanto, é preciso de um lugar, de um grupo a acolher aquele que chega. E ao hóspede pede-se um “nome próprio que nunca é puramente individual” (p. 21-23). Nesse sentido, podemos ler a fotografia que o texto exhibe, pois além do ambiente de uma sala aconchegante, ao lado de Ana Hatherly estão aqueles escritores que representam também um grupo – o da geração de novos do Brasil, atuantes no *Suplemento*. Chamamos atenção para o fato de que Laís escreve em nome de um nós, usando a primeira pessoa do plural e também em nome de si própria, no início e em outras partes

CONVERSA (LONGA E AGRADÁVEL) COM ANA HATHERLY

Luis Corrêa de ARAÚJO

Meu conhecimento de artes plásticas é, confesso, bastante restrito, mas o primeiro encontro que tive com Ana Hatherly, a escritora, poeta, crítico de música e de arte de Portugal, uma das figuras mais expressivas do movimento de vanguarda "Poesia Experimental", me lembrou imediatamente o quadro "A Primavera", de Botticelli. Via diante de mim o mesmo rosto expressivo, as mesmas afiladas, os cabelos de um louro discreto, os olhos suaves mas observadores (postos, porém, num azul vivo) daquela famosa figura pré-renascentista. Entretanto, mais que uma sugestão de primavera, de flor frágil, de presença amena, descobri-se logo em Ana Hatherly a acuidade de uma inteligência aberta a tudo, pronta ao diálogo, à opinião incisiva, ao debate franco, segura de si e consciente de seu tempo. Entre os goles de um chá quente ("adoro o chá, que bebo em grandes quantidades e preparo com mil requintes", disse-me ela — e inclinatamente me envergou) do meu conversamos, ou melhor, Ana falou-me de tudo, com desenvoltura e boa vontade. Em não saber por que ela teria vindo ao Brasil, embora os contatos mantidos anteriormente entre a nova geração portuguesa e a nossa fossem de molde a despertá-la, a despertá-la, um interesse por um contato mais vivo, mais próximo. Contou-me:

— A minha viagem ao Brasil teve início num convite que me foi feito pelo Centro Português da Universidade de Brasília, para que eu realizasse nessa Universidade um curso sobre literatura portuguesa contemporânea. A Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa subsidiou a minha destinação ao Brasil e deu-me oportunidade de visitar outras Universidades brasileiras, onde, preferi dizer, palestras e pude contar com alunos e professores da maneira para mim mais útil e grata.

Em Belo Horizonte, Ana Hatherly falou sobre o surrealismo, lembrou-me, em três agradáveis palestras, despertando grande entusiasmo dos estudantes presentes pelo movimento literário francês. Mas a literatura portuguesa, infelizmente pouco divulgada no Brasil (apesar da língua das mesmas raízes culturais), teria interessado aos alunos?

— Sim — disse ela — notei um grande interesse pela literatura portuguesa contemporânea, a qual, infelizmente, é pouco ou pouco conhecida, dada a enorme falta de material que lutam alunos e professores. Encontrei os professores sem livros para darem seus cursos, as bibliotecas com muitas prateleiras vazias de literatura portuguesa, assim como muitas livrarias. Sem dúvida a razão destas lacunas é complexa e não compete a mim analisá-la. Mas pelo que me diz respeito, vou fazer todos os possíveis para proporcionar, sempre que puder, a esses professores e a essas bibliotecas, o contato com as publicações portuguesas mais recentes e relevantes. Foi de resto uma promessa que fiz e espero poder cumprir.

Concordamos em que a divulgação da literatura portuguesa no Brasil é precária; poucos privilegiados conhecem o que de novo se faz em Portugal, a distribuição de obras é parca e rara, parecendo, ao público em geral, que a cultura naquele país parou em Eça de Queiroz ou, no máximo, em Aquilino Ribeiro. Outros conhecem os romances de Fernando Namora e José Rodrigues Miguéis, escritores com leitores certos no Brasil. Mas o que há de vanguarda, de novo, de atual?

— O movimento cultural, intelectual, em Portugal, é muito intenso em Lisboa e tam-

bém no Porto e em Coimbra. Os movimentos de vanguarda vão se afirmando. Sucedem-se as publicações de livros de teatro, de sorte, exposições, concertos, recitais, etc. etc. Neste momento há em Portugal um elevado número de excelentes poetas, prosadores, dramaturgos, pintores, escultores, arquitetos, músicos, bailarinos, atores etc. Não gosto de citar nomes (pode-se pecar por omissão!), mas aqui vão alguns, ao acaso: Maria Tereza Horta, Flávia Hassel Brandão, Luísa Neto Jorge, Eunice Munhoz, António Aragão, Salette Tavares, António Barahona da Fonseca, António Ramos Rosa, José Alberto Marques, Herberto Helder, Almeida Faria, Álvaro Guerra, Maria Helena Vieira da Silva, Ana Maria Botelho, Jorge Pezinho... a lista é enorme, como vê, em diversos setores da cultura portuguesa. No campo da poesia, vêm causando a melhor e maior impressão o movimento da "Poesia Experimental", iniciado por Mello e Castro, que já esteve no Brasil e aqui com vocês. Com Mello e Castro é que vim realizando também um outro trabalho de vanguarda: Operação (já publicados a 1 e 2), em que fazemos pesquisas sobre teorias do estruturalismo linguístico.

Notando que diversos nomes femininos tinham sido citados por Ana, tivemos curiosidade em saber se as mulheres participam de fato da cultura portuguesa atual.

— Sim, afirmou, em todas estas atividades as mulheres desempenham papel importante. Diria mesmo dominante, como de resto em outras atividades profissionais. A mulher, desde a operária a professora catadrática, é a espinha dorsal de Portugal, como de resto sempre foi, desde as Descobertas. E agora que os tabus sociais vão caindo um a um, as oportunidades são cada vez maiores para todos, sem distinção. E por isso que a mulher se evidencia agora: danças não tinha tanta oportunidade. Nama palestra que proferi na Livraria da Enciclopédia de Brasília, subordinada ao título "A Mulher Perante a Cultura", desenvolvei precisamente esse aspecto da sociedade portuguesa contemporânea.

Mas era preciso que Ana nos falasse um pouco de si mesma. Quando como teria começado a escrever? Confienciou-nos:

— Comecei por um ato de desespero. Estava me preparando para seguir a carreira musical, que foi interrompida por uma doença grave, que me

correu todas as hipóteses de trabalho na música (era intérprete, especializando-me em música barroca, fizera o curso de composição e de estílica). Com isto, fiquei imobilizada muito tempo e o médico me ofereceu de presente uma caneta-tinteiro e ordenou-me que "escrevesse". Aceitei o conselho e no fim deste ano (1958) publiquei "Um Ritmo Perdido", logo seguido de "As Aparências", em 1959, "A Dama e o Cavaleiro", 1960, "Nove Incursões", 1962. Com a publicação da novela experimental "O Mestre", em 1963, iniciei aquilo a que chamo a minha fase de pesquisa, que prossegui com a publicação de "Sigma", 1965, "Estruturas Poéticas", 1967, "Eros Frenético", 1968. Tenho neste momento no prelo dois livros: "38 Pisanas" e "A Detergência Morosa".

Além disso tudo, convém lembrar que Ana Hatherly é tradutora, crítico musical e de ballet de vanguarda em Lisboa ("Diário Popular", jornalista free lancer em quase todos os outros jornais portugueses, também desenhista de esculturas. Aliás, nesse último setor, deverá fazer a sua primeira exposição individual em outubro, na cidade do Porto. Mas devíamos, queríamos, saber também que impressão tivera ela do Brasil, nesse giro um pouco rápido por algumas de nossas cidades.

— O que mais me impressionou no Brasil; Brasília e a filosofia do "deixa-pra-lá". Ambos são uma noção de espaço: Brasília é um espaço que se cria por ocupação; "deixa-pra-lá" é a criação do espaço à volta do indivíduo. Não se preocupar, não deixar que as coisas, as pessoas, as situações, os problemas, se apoderem de nós. Deixar espaço para o repouso e para a fantasia. Brasília ocupa o espaço para criar dimensão. "Deixa-pra-lá" relaxa o tempo. O Brasil diz-se que oscila entre estes dois polos, o da realização máxima e da realização mínima. Verifiquei também mais uma vez como é lenta a afirmação do homem no mundo, na terra, como é lento e difícil assegurar a sua simples permanência sobre o solo. Os homens podem criar rapidamente cidades mas um povo cria-se muito lentamente. O mais alto edifício do mundo se constrói num ritmo dez, mil vezes mais rápido que o mais simples ser humano. É isso que me impressiona. Brasília é incongruente e magnífica. Incongruente na terra ampla e grave. É uma espécie de "unquillage" desta terra. De resto, todos os edifícios que vi no Brasil, mesmo

os mais altos arranha-céus, me deram uma sensação de leveza, ou serei dizer? de provisoriedade. Como se a terra suportasse o paciente esse abertimento sublime dos homens: a construção. Aqui se vê como a criação é de fato um ato lúdico: é criação de tudo, mesmo da fala. Ouvi pessoas falar, para quem esse ato ainda era um jogo autêntico, as palavras em suas bocas eram como coloridos berlindes (interrompimos: a tradução brasileira é "bola de gude" atirados para um esquema com divertimento e ansiedade, com a verdade, inusitada noção do criação, que é um misto de jogo e crise. Brasil também é 1967 e crise.

Para quem esteve tão pouco tempo entre nós, não é uma opinião acurada, precisa? E o que cultural brasileiro?

— Culturalmente achei o país em grande atividade, melhor, com grande interesse nessa atividade. A minha permanência não foi, porém, suficientemente longa nas cidades que visitei — Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Ouro Preto, Salvador. Recife — para me aprofundar com justiça do vigor das atividades culturais nestes Estados do Brasil. Mas pareceu-me que em São Paulo e em Belo Horizonte que existe o mais intenso movimento cultural. Ele existe também, naturalmente, no Rio e em Salvador e mesmo em Brasília, mas de outro modo, segundo me pareceu. O que mais me encantou em Belo Horizonte, por exemplo, foi a possibilidade de contar com os jovens escritores. É através da vanguarda intelectual dum país que se podem avaliar as suas possibilidades futuras e o que me foi dado conhecer em Minas encheu-me de certeza de que, pelo menos nas terras, o futuro do Brasil se apresenta brilhante. Quanto ao ambiente das Universidades que visitei, esse foi o mais estimulante possível para mim. O contato foi fácil e, mais que isso, intenso. Verifiquei que o interesse dos jovens pela cultura é enorme. A sua vontade de conhecer não tem limites, o que me leva a desejar para todos os jovens brasileiros que semelhante estado de espírito encontre todas as oportunidades de afirmação e realização de quem val necessário.

Pergunta-me se fica bem citar alguns nomes, alguns amigos que fez, e é claro que achamos ótimo. Ana, então, prosseguiu:

— De entre todos os jovens escritores que conheci em Minas gostava de salientar os

prosadores José Márcio Penido e Luiz Vilela, os poetas de "Vereda", Ubiracy Carneiro da Cunha, Libério Naves, Elmo de Abreu Rosa, Valdimir Diniz, Henry Corrêa de Araújo, colocados sob a égide de Guimarães Rosa (declarada). Isto quanto aos muitos jovens, porque está claro que sou uma admiradora incondicional de Murilo Rubião, que considero um contista prodigioso, de Luis Corrêa de Araújo (institui protestar!), de Afonso Avila. Tive o prazer de conhecer durante a minha estadia em Belo Horizonte muitos outros escritores, assim como a jovem, aludida e talentosa professora Maria Lúcia Lepecki, que viajou comigo desde Portugal, e que tinha estado em Lisboa a fazer um trabalho de pesquisa sobre os ficcionistas portugueses contemporâneos e onde deixou a melhor impressão. Não posso deixar passar esta oportunidade sem proclamar meus votos de amizade e de apoio ao vosso Suplemento, que considero o mais interessante, interessado e informado de todos os suplementos brasileiros que conheço, e são muitos. A difusão do Suplemento do Minas é enorme em Portugal e despertou o interesse de muitos meios intelectuais portugueses.

Agradecemos a "colher-de-cha" (Ana, a expressão da qual quer dizer "elogio" e, bem femininamente, quisemos saber de outros interesses seus, menos culturais, mais vida comum, a suavizar a dura e solitária tarefa da literatura. Contou-nos:

— Gosto de tudo o que é bom e tem qualidade. Gosto de conversar. Prático esporte também: equitação, esgrima, natação, sempre que é possível. Mesmo o estudo (eterno!) das línguas clássicas, latim e grego, é um hobby para mim. Mas sobretudo o bordado, a tapeçaria de petit-point. Se é difícil? Nem sei mais: faço tanto! Os estofos das cadeiras em minha casa são quase todos bordados por mim. Adoro grandes arrumações, grandes limpeza periódicas. Adoro a casa, sou muito arrumada e metódica. Também gosto de cozinhar, de preparar elaboradas refeições para os meus amigos ou para a minha família. A minha casa é o meu santuário e a minha oficina. Sou caseira, mas é minha casa, ninguém vem sem ser convidado. Jamais. Necessito de muito silêncio e de muito espaço. Sou muito constante, nas amizades e nos hábitos, mas preciso de uma grande margem para poder oscilar livremente. Viajo muito, real e metaforicamente. Quando tenho grandes problemas a resolver, faço grandes caminhadas a pé — 2, 3, 4 horas! — ou sento-me a bordar e ouvir música. Também toco piano e órgão. Leto muito e escrevo centenas de cartas por ano.

Gulosamente, interessamos pela cozinha e fizemos uma série de perguntas sobre o tipo de alimentação portuguesa, que não é assim tão diferente da nossa. Haveria algo na comida brasileira de que tivesse gostado?

— O que eu mais gostei de comer no Brasil foi palmito e do que menos gostei foi de mamão, cujas sementes me pareceram indescritíveis bichos da primeira vez que os vi, no tabuleiro do pequeno almoço, embora eu goste muito de animais...

O chá acabara, a noite vinha, fria e pedindo um sono longo. A conversa também foi longa e, sobretudo, agradável. Ana Hatherly precisava partir. Mas não o podia fazer sem que lhe pergúnássemos ainda: leva saudade do Brasil? A que ela, bem portuguesa, respondeu:

— Pois, pois...



Ana Hatherly em companhia de Luis Corrêa de Araújo, Afonso Avila e Murilo Rubião.

do texto, por exemplo ela usa “eu” e quando informa que quis saber sobre assuntos femininos está falando em nome de um “eu mulher” que, além de ser também intelectual, tem uma inserção individual, familiar e cultural.

“A hospitalidade consiste em interrogar quem chega”, essa, afirma Derrida (2003, p.25, 27), “é a questão do sujeito e do nome como hipótese da geração”. Ana Hatherly, embora na maior parte do texto fale de si, respondendo em primeira pessoa do singular, para os mineiros, ela representa, ao mesmo tempo, um grupo e um ser individual. Quando Laís Corrêa, relatando a conversa que teve com a poeta acerca da pouca divulgação de livros portugueses no Brasil e do desconhecimento da maioria dos brasileiros da literatura de Portugal, lhe pergunta: “Mas o que há de vanguarda, de novo, de atual?”. Ana Hatherly enumera os nomes dos jovens escritores da vanguarda portuguesa. Na pergunta seguinte, Laís Corrêa solicita que ela fale um pouco de si. O hóspede é antes de tudo um estrangeiro e como tal, para que seja recebido, é preciso que se saiba seu nome, afirma Derrida. O estrangeiro é “levado a declinar e garantir sua identidade, como testemunha diante de um tribunal” (DERRIDA, 2003, p. 25).

Deve-se aí talvez a publicação da conversa entre o grupo do *Suplemento* e Ana Hatherly, e mais, a apresentação que Laís Corrêa faz da poeta, descrevendo-a fisicamente, passando para os leitores do periódico a impressão de que se estava diante de um ser ficcional, etéreo, frágil, pois a compara um quadro de Botticelli. Entretanto, ela mesma se surpreende, pois, durante a conversa, Ana Hatherly iria se revelar uma mulher segura, inteligente, atuante, viva, engajada num movimento de vanguarda, na Poesia Experimental Portuguesa.

Portanto, a identidade da hóspede vai sendo traçada durante a conversa e apresentada para o leitor pelo olhar feminino de Laís Corrêa de Araújo que com a escritora também se identifica por estarem naquele momento numa mesma busca estética. Haja vista a amizade que as duas escritoras travam posteriormente através de correspondências. E assim prossegue apresentando um breve currículo da poeta, ela é tradutora, desenhista, escultora, crítica musical e de *ballet*, jornalista *free lancer* etc.

A somar-se a tudo isso, a pergunta que lhe fazem sobre o Brasil, a vida cultural brasileira, suas impressões sobre algumas cidades, a comida brasileira, além de conter implicitamente um desejo de identificação, de elogios de um português em relação ao país como um todo, tem também o sentido de demarcação de um espaço. Para o hóspede são colocadas fronteiras, pois ainda que bem recebido está num lugar que não é o seu, ele é um estrangeiro e aquele que recebe é soberano em sua casa, “Não há hospitalidade, no sentido clássico, sem soberania de si para consigo, mas, como também não há hospitalidade sem finitude”, lembra Derrida. (p.49) Assim, nas perguntas que são dirigidas à poeta são abordados temas que dizem da relação entre Brasil e Portugal. A primeira diz da pouca divulgação da Literatura Portuguesa no Brasil para o público em geral, ficando restrita apenas a um pequeno grupo privilegiado. Tema esse aliás recorrente nos textos do *Suplemento*. Ana Hatherly então se compromete a sanar esse problema, apesar de sabê-lo mais complexo do que parecia.

Quanto ao Brasil como um todo, ela observa que dois aspectos a impressionaram: Brasília e a filosofia do “deixa pra lá”. No primeiro, cria-se o espaço para a ocupação, um espaço da “realização máxima”, pois redimensiona o geográfico, um espaço individual criado a partir de uma idéia pessoal, em função do social; no segundo, a noção do espaço volta-se para o indivíduo, pois se nega àquilo que o rodeia. Pressuposto na filosofia do “deixa pra lá”, recusa-se o público, pois as condições externas ao indivíduo não devem perturbá-lo. Afirma-se, assim, o espaço a seu serviço, traduzido nas expressões da autora “para o repouso e para a fantasia”. Segue a compreensão de que ambas as impressões lhe pareçam espaciais, pois se um, no caso de Brasília, é o espaço dimensionado para a ocupação de todos; o outro, a filosofia do “deixa pra lá”, inaugura o espaço de ocupação do próprio indivíduo. Parece-lhe surpreendente uma mesma cultura que cria Brasília em toda sua exuberância e criatividade, seja capaz de viver o “deixa pra lá”. Brasília como referência é tomada como maquiagem do país e a filosofia do “deixa pra lá” a que se refere talvez seja a alegria e a descontração do brasileiro que parece não se preocupar com os problemas, pois tem uma visão mais leve, menos sisuda, menos grave diante da realidade. Ela conclui que é rápida a construção de cidades e espaços, mas criar um povo demanda um tempo maior. Assim, conclui mais uma vez que a criação é um ato lúdico, e estranha o

jogo lúdico que o brasileiro faz com a linguagem oral, para ela a criação no Brasil “é uma misto de jogo e crise. Brasil também é jogo e crise” (p.4), Ana Hatherly pontua.

Entretanto, em termos culturais, suas opiniões são bastante otimistas, diz ter visto uma atividade intensa em todo o país, mas, nas atividades literárias, destaca Minas pelo encontro que teve com jovens escritores de vanguarda. E, pergunta a Laís Corrêa se poderia citar nomes, o que sua interlocutora incentiva. Assim, na entrevista são citados, além do próprio *Suplemento Literário* como órgão que muito presa e que goza de prestígio e boa recepção em Portugal, os nomes daqueles que o faziam, nele publicavam ou pertenciam a grupos como o “Vereda”. Então ela lista nomes como Luiz Vilela, Ubiraju C. da Cunha, Libério Neves, destaca Murilo Rubião, Laís C. de Araújo, Affonso Ávila. Lembra também Maria Lúcia Lepecki que estivera pesquisando em Portugal e a acompanhara naquela viagem ao Brasil.

O texto finaliza quando, conduzida por Laís Corrêa que quis saber “femininamente” da vida comum da poeta, ela passou a falar do que gostava de fazer e de como lidava com a literatura e com a vida cotidiana. Laís Corrêa quis saber sobre a comida portuguesa, do que concluiu que não é tão diferente da existente no Brasil. E ainda se Ana Hatherly gostara especialmente de alguma comida brasileira. Por fim, a pergunta que sugere uma espécie de laço com o Brasil: se ela levaria saudades do país e ela responde de uma forma tipicamente portuguesa com um “pois, pois”.

3.5 Os de lá e os de cá: quem somos nós?

A publicação de textos literários do grupo de jovens portugueses restringe-se apenas aos números 131 e 132, fascículo especial dedicado à nova literatura portuguesa. Se no número 131, há somente poemas e contos, no número 132, há também os ensaios de Melo e Castro, Arnaldo Saraiva e Jorge Peixinho, respectivamente: “Notícia sobre a poesia experimental portuguesa em 1968”, “A Poesia portuguesa depois de 1950”, “Música e notação”.

Também publicaram poemas nos números especiais 131 e 132 Álvaro Neto, Antônio Barahona da Fonseca, Antônio Ramos Rosa, Arnaldo Saraiva, Fiana Hasse Pais

Brandão, Herberto Helder, José Alberto Marques, Liberto Cruz, Luisa Neto Jorge, Maria Alberta Menéres, Natália Correia, Salette Tavares, Gastão Cruz. Almeida Faria, Arthur Portela Filho, Álvaro Guerra. Arnaldo Saraiva, Baptista Bastos, Fernando Mendonça, João Bonifácio-Serra, Jorge Peixinho, José Alberto Marques, José Viale Moutinho, Ruben Andresen Leitão, Y.K Centeno publicaram textos em prosa. Desses, como já dissemos, Arnaldo Saraiva, Fernando Mendonça e Jorge Peixinho publicaram também textos teóricos e os demais prosa poética ou fragmentos de romances.

3.6 Arnaldo Saraiva

O número de ensaios teóricos acerca da literatura portuguesa como um todo no periódico é bastante significativo, o que reforça o seu caráter didático e teórico em relação à arte literária. Como já foi destacada neste trabalho, a série “Lusitana Gente”, a cargo de Oscar Mendes dedica-se especificamente ao estudo de autores portugueses. Além dessa série, outros intelectuais publicam sobre a literatura em Portugal. Não somente aqueles pertencentes ao grupo do *Suplemento* mas também aqueles que tinham acesso facilitado ao periódico. Podemos citar como exemplificação artigos e resenhas do professor Edgar Pereira: “As palavras poupadas”, “Aparição - um romance vertical”, “Surrealismo português”, “O Mandarim”, “Sá-Carneiro, uma projeção no tempo e no espaço”. Além dele há Aires da Mata Machado Filho, Carlos Burlamáqui Kopke, Doralice M. B. C. Moscheta, Ivana Versiani, Luís Gonzaga Vieira, Maria do Carmo Ferreira e outros.

Em “A Poesia portuguesa depois de 1950”, Arnaldo Saraiva publica um detalhado panorama histórico da poesia em Portugal desde 1950 até aqueles dias de 1969. Assim, escreve sobre vários movimentos de poesia desde grupos e revistas *Távola Redonda*, *Graal*, *Árvore*, *Vértice*, *Poesia 61* e *Poesia Experimental*. Situando os movimentos poéticos no contexto histórico cultural português e mundial, Arnaldo Saraiva caracteriza a geração da então nova poesia, seu movimento editorial, a marcante presença feminina na poesia como as de Sophia Andresen, Natércia Freire e Merícia Lemos. Citando as influências que aqueles jovens poetas sofreram, o articulista também se atém à da poesia brasileira em Portugal, estendendo a outros escritores o que E. M. de Melo e Castro afirma em seus artigos anteriormente citados neste trabalho.

... a grande influência estrangeira na poesia dos últimos 25 anos foi a do Brasil: divulgada, a partir de 1930, por Ribeiro Couto, José Ozório de Oliveira, Manuel Anselmo e Alberto de Serpa, a poesia brasileira tem vindo a ser cada vez mais digerida em Portugal, sobretudo desde o momento em que Alberto da Costa e Silva ali editou duas antologias (uma dos novíssimos, outra do concretismo) e depois que ali foi lançada a *Quaderna* de João Cabral de Melo Neto, a que se seguiram livros ou antologias de Murilo Mendes, Drummond etc., além dos já existentes de Cecília Meireles e Bandeira. Salienta-se a influência de Bandeira sobretudo em poetas ultramarinos - que merecem um estudo à parte - a de Drummond em António Ramos Rosa, Egito Gonçalves e Vasco Miranda; a de João Cabral em Alexandre O'Neill, Sophia Andresen, Gastão Cruz e Armando da Silva Carvalho (CASTRO *apud* SARAIVA, 1969, p. 2).

“A *Revista Atlântico* e a cultura lusa e brasileira” é outro artigo assinado por Arnaldo Saraiva. Após lembrar que a movimentação cultural do ano de 1967 fora intensa para a comunidade luso-brasileira com congressos, viagens, conferências, ele se ressentiu por não ter havido referência aos vinte e cinco anos da *Revista Atlântico*, que existia desde 1941, que foi uma tentativa de ligação entre a comunidade lusa e a brasileira. O texto informa que a revista, teve, na primeira fase, 200 páginas e era editada pelo Secretariado da Propaganda Nacional de Lisboa (depois SNI) e pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (depois DNI e NA), do Rio de Janeiro. A revista contou também com Manuel Lapa como diretor artístico e José Osório de Oliveira como secretário de redação, que, segundo Saraiva, muito se empenhou para aproximar os dois países, divulgando a cultura brasileira em Portugal.

Relembra também a revista *Atlântida* (1915-1920) que foi uma busca de João de Barros e João do Rio de aproximação luso-brasileira.²⁹ Entretanto, *Atlântida* pôs “pela primeira vez em prática um programa sério e inteligente, muito mais do que sentimental, de aproximação das culturas portuguesas e brasileiras sem com isso procurar sobrepô-las ou sequer aglutiná-las” (SARAIVA, 1968, p.12). Antônio Ferro fora o diretor de *Atlântida* e sabendo dos erros das tentativas oficiais de aproximação procurava com a revista um efetivo diálogo, escreve Saraiva. E lamenta que o programa de intercâmbio proposto pela revista não tenha sido retomado. Cita as palavras iniciais de Antônio Ferro que resumem a proposta de *Atlântico*: “Revelar Portugal novo aos brasileiros. Revelar o novo Brasil aos portugueses. A maior parte dos mal-entendidos, das

²⁹ Arquivo de cultura portuguesa contemporânea. Disponível em: <http://acpc.bn.pt/colecoes_autores/n11_barros_joao.html>. Acesso em: 12 jul. 2006.

incompreensões entre portugueses e brasileiros origina-se nos erros do velho intercâmbio oficial ou privado, no teimoso comércio das antiguidades...” (FERRO, *apud* SARAIVA, 1968, p. 12).

Ainda no final do artigo, Arnaldo Saraiva faz referência a uma cláusula do acordo de 1941 que criou a revista. Essa, segundo o autor, referia-se à “divulgação do livro português e do livro brasileiro em Portugal”, cláusula essa não cumprida pelos dirigentes de *Atlântico*. E cita uma proposta de um leitor que lera no *Jornal do Brasil* de 4 de fevereiro de 1969 que dizia sobre o corte das relações entre Brasil e Portugal, pois assim se evitariam despesas, entretanto, Saraiva ironiza que só se pouparia tempo para criar comunidades “tão necessárias como a luso-brasileira”.

Esse texto é um dentre vários que abordam um dos temas mais recorrentes no *Suplemento* - o desencontro, o afastamento, a falta de diálogo e desconhecimento entre Brasil e Portugal. E mais, a parca divulgação das literaturas de ambos os países. Tanto textos assinados por brasileiros quanto assinados por portugueses reclamam dessa relação que se lhes parece deixar muito a desejar. É interessante que as lamentações, as expressões de desagrado diante do distanciamento, estejam presentes justamente em textos e ensaios que abordam assuntos relativos à Literatura Portuguesa, pois de certa forma esses textos já são uma tentativa de diálogo, estão num periódico que intenta promover um estreitamento das relações, pois nele a presença portuguesa é significativa.

A começar pelas entrevistas que, após se pedir aos escritores portugueses que dessem sua impressão sobre o Brasil, há aquelas perguntas que indagam quais os escritores brasileiros que conhecem, quais os influenciaram, quais os que estão lendo e, por fim, como explicam a razão do desconhecimento de ambas as literaturas. A Fernando Namora, por exemplo, Euclides Marques Andrade pergunta sobre a repercussão da arte e literatura portuguesa no Brasil. E o romancista português responde que :

_Urge oferecer ao Brasil uma visão mais ampla e correta do que somos - através do convívio com a nossa cultura e com a nossa determinação num futuro melhor. Mais do que nunca, importa divulgar no Brasil as nossas letras, as nossas artes, a nossa ciência e a nossa técnica (NAMORA *apud* ANDRADE, 1968, p. 6).

Bastante otimista, ele afirma que, num “dever consciente”, o estudo obrigatório da literatura portuguesa nas universidades intensifica o conhecimento, afinal, prefere-se estudar a literatura atual, pois essa pode oferecer uma visão da realidade. Destaca as dificuldades em relação ao acesso aos livros portugueses e deseja que a Literatura Portuguesa atinja um público maior que o universitário:

Estudam-na quase sem livros, que só ocasionalmente lhes chegam às mãos, mas estudam-na com nítida receptividade. A nós compete, com bom senso e decisão, dar ao Brasil o que os núcleos universitários ainda nos pedem e, a partir deles, ir ao encontro de todo o público brasileiro (1968, p. 6).

Também Ana Hatherly (1969, p. 4) aponta a dificuldade que os meios universitários enfrentam em relação ao acesso aos livros:

... notei um grande interesse pela literatura portuguesa contemporânea, a qual, infelizmente, é pouco conhecida, dada a enorme falta de material com que lutam alunos e professores. Encontrei os professores sem livros para darem seus cursos, as bibliotecas com muitas prateleiras vazias de literatura portuguesa, assim como muitas livrarias (HATHERLY, 1969, p.4).

Além das entrevistas, o descontentamento em relação à distância cultural entre Brasil e Portugal aparece também nos outros artigos em que se faz um estudo analítico das obras de escritores portugueses. Os ensaios de Nelly Novaes Coelho demonstram tal descontentamento. Em “Situação da arte em Portugal”, que comenta o lançamento de “Situação da arte (inquérito junto a artistas e intelectuais portugueses)”, ela escreve:

Para o público brasileiro tão carente de contato com a cultura portuguesa contemporânea (embora a recíproca não seja verdadeira...), a leitura desta coletânea de depoimentos reveste-se da maior importância... pois equivale a um diálogo vivo e objetivo (COELHO, 1968, p. 16).

Em “A torre da Barbela”, a ensaísta, escrevendo sobre o romance homônimo de Rubem A., elogia o autor e lamenta o pouco contato do Brasil com Portugal: “Significativo sintoma da pujança do atual romance português (infelizmente tão mal conhecido do leitor brasileiro por falta de um intercâmbio cultural maior...)” (COELHO, 1966, p. 4).

Também Laís Corrêa de Araújo, quando, na “Roga Gigante,” escreve sobre Rubem A., expressa os mesmos sentimentos em relação à pouca divulgação da Literatura Portuguesa no Brasil. Ela afirma que há um consumo razoável de livros lançados em

Portugal, porém, são traduções, facilitadas pelas semelhanças lingüísticas e por uma convenção internacional. E, se no Brasil conhece-se apenas Fernando Namora, Alves Rebelo, José Rodrigues Miguéis, não se encontram nas livrarias autores que trabalham numa nova experimentação temática e lingüística, como acontece com Ruben A., por exemplo, em *A torre da Barbela*. Assim, na condição de leitora, reclama a não-distribuição adequada desse romance no Brasil pela Livraria Portugal, editora que lançou o livro, restringindo desse modo o acesso apenas aos amigos do escritor. No subtítulo “O Autor”, descreve a personalidade de Ruben A., de acordo com o ponto de vista de Lúcia Machado de Almeida que, segundo Laís Corrêa, estivera em Portugal há pouco tempo. Além disso, remete ao encontro que tivera com ele também Murilo Rubião, que lhe dissera que não conversaram sobre literatura. Informa ao leitor que Melo e Castro fora “o primeiro a ‘exigir’ de nós que lêssemos o livro de Ruben A. por considerá-lo o melhor romancista português vivo” (ARAÚJO, 1967, p. 3).

Esse detalhamento do texto é destacado aqui apenas com o intuito de reforçar o fato de que para a geração que trabalhava no *Suplemento*, representada aqui por Laís C. Araújo, havia um interesse acentuado em relação à literatura que se produzia em Portugal. Queremos destacar também o papel de Melo Castro como um mentor intelectual desse empreendimento. Além de orientar leituras, organizar, junto com Arnaldo Saraiva e os mineiros, os números especiais dedicados à nova literatura de Portugal, acreditamos que a criação do periódico ainda que tenha partido de um desejo do governo de Minas, já estava incipiente naquele grupo que se encontrara com Melo Castro em 1966. Certamente as discussões com o poeta sobre a vanguarda literária tanto do Brasil quanto de Portugal deixaram nos mineiros um desejo de expressão. E foi através do *Suplemento* que viram a possibilidade de divulgação dessa literatura.

A busca de identificação entre os brasileiros e portugueses também se deixa entrever nos mínimos detalhes como nos destaques que a ensaísta faz, por exemplo, escrevendo que Ruben A. nascera em Lisboa, “curiosamente, na Praça Rio de Janeiro”, ao fato de trabalhar naquele momento no Instituto de Cultura Brasileira da Universidade de Lisboa, de escrever, entre outras obras, *Tratados e Atos Internacionais Brasil-Portugal*. E ainda, quando faz a análise da obra, a ensaísta frisa que “Ruben A. escreve neste livro uma quase história de Portugal e que as damas e cavaleiros do livro são os dignos representantes de uma mentalidade portuguesa (que encontramos reproduzida ainda

hoje em carbono nas Minas Gerais)” (ARAÚJO, 1967, p.3). Na parte “Comentários”, afirma que se falou sobre um “espírito mineiro” perceptível no romance a que Affonso Ávila chamou de “residualmente barroco-português”, há que falar também sobre a linguagem, pois em alguns momentos pensa-se estar lendo Guimarães Rosa, para confirmar, cita um trecho de *A torre da Barbela*. E, comparando Rosa a Ruben A., ela atenta para a renovação lingüística que também procede o escritor mineiro, renovação que passa pelo sertão, lugar que, por “todas as deficiências de trânsito e comércio se conservam intatos muitos dos símbolos verbais da estrutura lingüística portuguesa” (p.3). A identificação não passa tão somente pelo passado, pelo que tem o país de tradição portuguesa preservada, principalmente em Minas, mas também pelo presente, pelo momento que viviam os dois países:

... sentimos que a torre da Barbela poderia situar-se perfeitamente na província de Minas, tantas conexões podemos apalpar em seu texto entre o espírito português e o nosso: o mecanismo da mediocridade trabalhando por um monopólio psicológico, através da preservação da tradição desfibrada (“*idéias de liberdade e outras promessas vindas de fora iam dando cabo da reputação do país*”) da monotonia de atitudes (“*o ópio aqui é a chatice*”), da continuidade de uma padronização de idéias (“*quantas lutas não travara o Cavaleiro para se manter vivo naquele mar de incultura? Quantas vezes não o quiseram exterminar pó ele revelar idéias diferentes das dos outros?*”). É a nacionalidade portuguesa vista criticamente, com grande senso de humor, com piedade e carinho, com ironia e amor, projetada como é na realidade (entre o passado glorioso, o presente restrito e a esperança de um futuro), que resume deste “A torre da Barbela”, criação de um espírito extremamente culto, consciente, evoluído, cósmica e autenticamente moderno, que realiza programaticamente a proposição de Fernando Pessoa: “o lirismo só continuará sendo a nossa feição predominante, se formos capazes de ter feição predominante” (ARAÚJO, 1967, p. 3, grifos da autora).

Já Sérgio Sant’Anna em “Um romance português”, resenha do livro *Bolor* de Augusto Abelaira, na coluna *Equipe*, se expressa da seguinte forma acerca da relação com Portugal:

Se ‘Bolor’ e Augusto Abelaira valem como amostragem de romance que se faz hoje em Portugal, por que não um maior contato entre nós, que falamos, vivemos este mesmo ‘código secreto?’ Um contato calcado na cultura e não fundado sobre os erros, falsidades ou sentimentalismos diplomáticos (SANT’ANNA, 1970, p.7).

Laís Corrêa de Araújo (1968) no texto “Nova ficção portuguesa”, dedicado ao livro *Os Mastins*, de Álvaro Guerra, informa que um estudo estatístico que engloba os anos de

1955 a 1959 anunciava que o Brasil gastara uma quantidade razoável de dinheiro na importação de livros portugueses, o que se constata que o Brasil foi o grande consumidor de livros de Portugal, perfazendo um total de 87% das obras exportadas. Entretanto, como exportador de livros para Portugal, o Brasil ocupa apenas o 17º lugar. Até a presente data do texto, não acredita que a situação tenha mudado. Laís Corrêa cita a fala de um escritor jovem que em viagem a Portugal lhe declarara que “muito pouco de nossa literatura, arte, ensaios críticos etc... é conhecido no país-irmão” (p.6). Esse jovem escritor encontrou com certa dificuldade nas livrarias portuguesas apenas obras de Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Carlos Drummond, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, esses três últimos ainda mais raros. Assim, conclui Laís C. Araújo (ARAÚJO, 1968):

... o Brasil continua, pelo menos no conceito mais geral do povo português, apenas como a “terra da promessa” ou como “antiga província ultramarina”. Mas é bem verdade também que nós conhecemos muito pouco da literatura portuguesa da atualidade: os livros mais vendidos, em edições lusas, são as traduções, sendo pouco divulgados os escritores_ especialmente os mais novos_ daquele país. Salvo Fernando Namora, Miguel Torga, José Rodrigues Miguéis, Alves Rebelo e no ensaio de história literária, Manuel Rodrigues Lapa, o que conhecemos da literatura de vanguarda ou de hoje da terra portuguesa? Talvez a obra de Ruben A. (A torre de Barbel, comentada nesta seção) e quase mais nada. Agora, a Editora Prelo começa a lançar uma série de trabalhos novos ou pelo menos novos para nós) procurando fazer uma boa divulgação no Brasil e nos envia livros de Baptista Bastos (*O passo da serpente*) de Franco de Souza (*O espelho e a pedra*), de Álvaro Guerra (*Os Mastins*) de Júlio Moreira (*A execução*), entre outros (p.6).

Tentativas para que o relacionamento entre brasileiros e portugueses fosse estreito houve várias, a começar pelo próprio *Suplemento Literário do Minas*, pelas ações do grupo a ele ligado e de intelectuais que, em todas as partes do Brasil tentaram intensificar o contato, seja através de viagens a Portugal, seja através de ensaios e resenhas de obras de autores portugueses. As viagens de E. M. de Melo e Castro em 1966 e de Ana Hatherly, em 1967, são emblemáticas dessa tentativa de aproximação. Embora tenham vindo convidados pela Universidade de Brasília, as suas passagens por Minas Gerais e o contato com o grupo do *Suplemento* em muito aqueceu o intercâmbio. Uma das tentativas que merecem destaque é a criação da Editora Quíron, cujo dono era o português Floriano Costa Durão e tinha Nelly Novaes Coelho como assessora e conselheira cultural, conforme se constata na carta de Nelly Novaes Coelho a Murilo Rubião (COELHO, 1972), bem como no texto “Escritos portugueses”, de Rui Mourão,

publicado no *Suplemento* (MOURÃO, mar. 1974, p. 10). A estréia da editora foi com os livros *Escritores Portugueses, Aquilino Ribeiro-jardim das tormentas-gênese da ficção aquiliniana*, 1973, ambos de Nelly Novaes Coelho. Seguiram-se posteriormente *O próprio poético*, de E. M. de Melo e Castro, em 1973, *Bibliografia de Fernando Pessoa*. 2.ed., em 1975, de Carlos Alberto Iannone, *Camões e a poesia brasileira*. 2. ed. Gilberto Mendonça Teles, 1976. Além dos portugueses, também os mineiros tiveram acesso à editora, como Murilo Rubião que publicou *O convidado* em três edições, a primeira em 1978, e duas em 1979, sendo uma delas como a palavra contos acrescida ao título. Rui Mourão publicou *Cidade Calabouço*, em 1973 e 1978. Laís Corrêa de Araújo foi a tradutora de *Augusto Frederico Schmidt*, de Jon M. Tolman, em 1976, e Fábio Lucas lançou *O caráter social da Literatura Brasileira* também em 1976.

Estiveram em Portugal vários intelectuais brasileiros. Fábio Lucas escreve suas impressões de viagem em “Perspectiva Lusitana”. Ele estivera em Lisboa para conhecer alguns romancistas e lá levava um questionário de Roberto Drummond a ser publicado no *Estado de Minas*. Ubirassu Carneiro da Cunha também viajou a Portugal, por volta de maio de 1967, lá tendo contato com Ana Hatherly e com outros intelectuais.

Ao Brasil vieram, como já foi mencionado anteriormente, E. M. de Melo e Castro, Ana Hatherly, Ruben A., que era funcionário da Embaixada do Brasil em Lisboa; Joaquim Paço D’Arcos que visitara a redação do *Suplemento Literário* em outubro de 1976.³⁰ Além desses, escritores que se relacionaram com o grupo *Suplemento*, outros optaram por morar no Brasil nesse período ou mesmo posteriormente como fizera Melo Castro que para cá viera em 1996, lecionando na Universidade de São Paulo até 2001.

Benjamin Abdala Júnior (2003, p.9-35) lembra que sempre houve viagens de intelectuais brasileiros e portugueses mesmo em situações adversas. Remetendo-se ao ensaio “Pequena diáspora lusitana”, de Eduardo Lourenço, ele anota que há uma solidariedade comunitária, um comunitarismo compartilhado entre portugueses e brasileiros, mesmo em períodos ditatoriais, assim, não há uma situação de exílio, por

³⁰ Cf. PAÇO D’Arcos visita o Suplemento Literário. *Suplemento Literário*. v. 11, n. 525, 16 out. 1976, p. 4.

exemplo, quando portugueses contrários à política salazarista para aqui vêm, mas um retomar de algo já conhecido, familiar.

Para o português, “o Brasil é a realização das utopias, o futuro imaginado”, argumenta Costa e Silva (2003, p. 48). Quando para aqui vêm, os portugueses trazem consigo a imagem de um paraíso perdido, terra da promessa, descrita há séculos por Pero Vaz de Caminha. Daí se espanta com a modernidade de Brasília, por exemplo, com a mistura de raças e com o caráter híbrido do brasileiro, como se admiraram Ana Hatherly e Sophia Melo Andresen, ou ainda com o caráter alegre e descontraído do povo, com o “deixa pra lá” que aponta Hatherly, com o avanço cultural, com o aspecto universal da Poesia Concreta, como ressalta Melo e Castro. O Brasil continua sendo o oásis, o espaço de fuga diante das dificuldades portuguesas, situação essa que vem desde a chegada de D. João VI, em 1808, repetindo-se no decorrer da história dos dois países.

Celso Lafer (2003, p. 69-98) ressalta que a relação Brasil/Portugal não é de ex-metrópole ou ex-colônia como acontece com outros países da América Latina com a Espanha ou mesmo Portugal, ou com os países da África, por exemplo. A relação que perdura vem de longas datas. D. João VI quando sai do Brasil em 1821, aqui deixa seu filho D. Pedro I e em 1822, em acordo com o pai, o filho proclama a independência. Não houve conflitos entre a metrópole e a colônia como em Angola. A independência do Brasil foi um acordo político entre pai e filho. D. João VI sai do Brasil, mas a Coroa Portuguesa aqui permanece na presença de D. Pedro I. Assim, no imaginário do povo português, o Brasil ainda continua como uma grande extensão territorial portuguesa.

Assim, vir para o Brasil é procurar encontrar-se no outro uma imagem de si, uma continuação, entretanto, diante das diferenças, há um discurso contraditório do português. Se, por um lado, ele reconhece identidade, afinidade, por outro, vê incompatibilidade, desconhecimento, desafeto (COSTA E SILVA, 2003). Ele sente-se expropriado, não se sente em casa, mas atendido sob os apelos da hospitalidade, no sentido de Derrida, que sempre afirma seu lugar de estrangeiro, impedindo-o de se reconhecer no brasileiro.

Para Eduardo Lourenço (2003, p. 37-45), o Brasil nunca representou uma terra de exílio para o português, principalmente para aqueles que saíram no período da ditadura salazarista, representa a terra de acolhimento, de abrigo. Para cá veio um pequeno grupo de intelectuais que, segundo Lourenço, não chega a ser uma diáspora e sim “uma pequena constelação de expatriados” (p. 40). Nesse grupo incluem-se aqueles que, segundo depoimento de Antonio Candido (2002, p.19-39), constituiu a “missão portuguesa”: Adolfo Casais Monteiro, Agostinho da Silva, Antônio José Saraiva, Carlos Maria de Araújo, Castro Soromenho, Eudoro de Souza, Fernando Lemos, Fidelino de Figueiredo, Jaime Cortesão, João Alves das Neves, Jorge de Sena, Manuel Rodrigues Lapa, Miguel Urbano Rodrigues, Novais Teixeira, Paulo de Castro, Rebelo Gonçalves, Rentes de Carvalho, Sarmiento Pimentel, Sidónio Muralha, Vítor de Almeida Ramos.

Esse desejo de mútuo reconhecimento perdura nos textos do *Suplemento*. Tivemos a curiosidade de ler alguns textos publicados em anos posteriores ao período que nos propusemos pesquisar. Assim, pudemos ver que Minas Gerais, com suas cidades históricas, por exemplo, continua sendo o cartão postal a ser apresentado aos portugueses pelo que conserva ainda da tradição colonial dos séculos XVII e XVIII. Reforçando o que escrevemos sobre o desejo do olhar português para o Brasil, temos no *Suplemento Literário* uma entrevista realizada por Jorge Fernando dos Santos, essa já em 1983, com três escritores portugueses de um grupo de onze que visitavam o país. Esses três são aqueles que se dirigiram para Minas Gerais com o intuito de conhecer as cidades barrocas, a saber, José Saramago e sua então esposa Isabel Nóbrega e o poeta Pedro Tamen. Não vamos nos ater a essa entrevista, entretanto, a trazemos aqui apenas com o intuito de reforçar o tipo de comportamento que têm os intelectuais brasileiros, sobretudo os mineiros que atuam no periódico, diante do escritor português que visita o país. Acompanhando as perguntas que buscam a opinião, certamente positiva, em relação ao Brasil, há outras acerca do afastamento e do desconhecimento de ambas as literaturas, demonstrando que essas questões perduram para os brasileiros.

CAPÍTULO IV

BRASIL/PORTUGAL: RELAÇÕES EPISTOLARES

Iniciei este trabalho, pesquisando o que há em estudos teóricos sobre correspondência. Pude verificar que a bibliografia teórica sobre epistolografia é escassa. Assim, seguindo o mesmo caminho de outros pesquisadores, procurei o embasamento necessário pelo viés teórico das biografias, autobiografias, diários, memórias. Nesse sentido recorri aos estudos de Foucault sobre a escrita de si e de Phillipe Lejeune sobre a autobiografia. Se, por um lado, falta material teórico, por outro, há uma quantidade bastante significativa de cartas de intelectuais que já foram publicadas pelos remetentes, pelos destinatários, ou por terceiros. Além das já publicadas, há um outro número de correspondências em acervos públicos ou particulares. Este é o caso das correspondências existentes no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG relacionadas à movimentação do *Suplemento Literário*, fundo Murilo Rubião. Testemunhas da criação, crise e sobrevivência desse periódico, essas correspondências, pela sua heterogeneidade, compõem um quadro importante que retrata a afluência em torno do *Suplemento*. Entretanto, para este capítulo, vamos nos deter apenas na leitura das cartas trocadas entre os mineiros Murilo Rubião, Laís Corrêa de Araújo e a portuguesa Ana Hatherly. Isso se deveu a quantidade maior de correspondências trocadas entre Ana Hatherly e os dois mineiros e ao fato de que a poeta portuguesa teve um papel importante na relação que se estabelecia entre o *Suplemento* e os portugueses. Todavia, como o objetivo é apenas o estudo da relação Brasil/Portugal, outras cartas também serão cotejadas à medida que os assuntos nelas tratados se referirem a essa relação.

Assim, as correspondências de brasileiros a Murilo Rubião como as de Affonso Romano de Sant'Anna, Ângelo Osvaldo, Humberto Werneck, Murilo Mendes, Otto Lara Rezende, Rui Mourão e Silviano Santiago, por exemplo, não serão cotejadas neste texto, mas foram referidas em outras partes do trabalho quando se fez necessário. As cartas das professoras universitárias e críticas literárias Maria Lúcia Lepecki e Nelly Novaes Coelho serão lembradas porque muito há nelas a respeito da Literatura Portuguesa e dessa relação entre os mineiros e os portugueses. Nelly Novaes Coelho,

por exemplo, ocupa no *Suplemento Literário* um espaço significativo, publicando ensaios sobre a Literatura Brasileira e a Literatura Portuguesa, principalmente a então literatura contemporânea. Além disso, sua estada em Lisboa por volta de 1971 quando fez estágio de três meses para pesquisa para Livre Docência como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian³¹ e os contados que lá fizera com a intelectualidade contribuíram para enriquecer as relações entre o *Suplemento* e os escritores portugueses novos.

Maria Lúcia Lepecki, por sua vez, também atuou em Portugal como relações públicas do periódico mineiro, lá conseguindo, segundo informa em carta, colaboradores regulares como, por exemplo, Eduardo do Prado Coelho.³² Entretanto, parece que essa colaboração não se efetivou pois o crítico publicou apenas uma única vez o ensaio “A Doença, poemas de Gastão Cruz, coleção novos poetas, Portugália, Editora, 1963”, numa coluna intitulada *Crítica portuguesa* (COELHO, 1967, p. 6). Todas as suas correspondências que englobam o período de 1969 a 1975, vêm de Lisboa, uma vez que já havia se mudado para Portugal em 1970. As cartas têm um caráter informativo, pois, além de descrever suas impressões sobre a terra portuguesa, escreve também acerca da recepção que o *Suplemento* tinha e sobre sua atuação como intermediária entre o periódico e os intelectuais portugueses.

Nossa história literária começa com a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, texto importante para a historiografia no sentido mais amplo e, mesmo, é a nossa inscrição no mundo dos civilizados. E essa é ainda uma marca importante na primeira relação estabelecida entre Brasil e Portugal, relação essa pautada na representação do Brasil pelos portugueses, que têm um olhar específico sobre o país.

Reinaldo Martiniano Marques (1992) inicia seu texto sobre a *Carta* de Caminha e os modernistas referindo-se à postura teórica de Otávio Paz em relação à busca da origem dos latino-americanos, fadados à orfandade. Segundo Marques, essa busca, “sina dolorosa” e ao mesmo tempo sedutora, deve-se à situação histórica de “nascimento”, pois à América Latina foi imposto um “pai colonizador padrasto”. Nesse sentido, para a América Latina restou uma constante exigência de invenção, de representação da

³¹ C.f. Nelly Novaes Coelho, Biografia. Disponível em: <<http://www.geocities.com/~rebra/autoras/13texp.html>>. Acesso em: 26 maio 2006.

³² Carta a Murilo Rubião, Lisboa, 18 fev. 1969.

realidade, da origem. E dentre os vários meios de invenção da origem, no Brasil, a *Carta* é um dos mais recorrentes. Ela é o primeiro texto escrito que ao mesmo tempo explica a origem e a inscreve no imaginário do país e do mundo. Historicamente, a *Carta* representa a inscrição do Brasil na modernidade, pois só quando o “nascimento” do país é certificado pelo documento escrito é que ele passa a existir para o mundo civilizado enquanto signo a ser preenchido segundo os moldes desse mundo.

A *Carta* é, portanto, um evento discursivo inscrito num contexto histórico e social a que cabe refletir a relação emissor-receptor. As cartas inauguram um destinatário, são sempre um dizer para o outro em que alguém se põe a dizer para outrem. E, por ser dirigida a outro, ela cumpre uma função que, no caso, será o objetivo específico do texto. Assim, por que escrever uma carta? Essa relação é atravessada pelo poder, primeiramente o poder atribuído ao escriba Pero Vaz. É atribuído a ele não só o poder da escrita mas também o de criar realidades e representá-las através do signo lingüístico destacando o lugar de onde escreve, enquanto representante del-rei D. Manuel. Além disso, há a presença forte do destinatário nessa carta. É a ele que essa escrita se dirige, é para prestar informações ao rei que Caminha produz seu texto. Para isso ele deve postar-se ao lado do rei e traduzir em signos aquilo que o Mundo Novo representa para ele que tem o intuito colonizador: expansão de terras e riquezas além-mar.

Dessa forma, a escrita de Pero Vaz de Caminha é uma escrita régia, escrita do poder que, num jogo discursivo retórico, descreve o que o rei encontra nesse Novo Mundo. Caminha vê, escreve e descreve o que o rei espera que se encontre na Nova Terra e é também pautado pela literatura de viagens preexistentes à *Carta* e pelo imaginário quinhentista. Assim, interpreta os gestos dos indígenas, bem como a pintura em seus corpos. É peculiar a passagem em que Caminha interpreta a linguagem gestual do índio que aponta para o colar do capitão, para o castiçal e para a terra como a desejada informação/confirmação de que havia na Nova Terra muito ouro e prata. A *Carta* dessa forma repete e reflete um desejo e um modo especular de ler o mundo. Sendo assim, ela é uma escrita do simulacro que encena a presença-ausência do poder que se instaura na Nova Terra através da palavra escrita. Nos dizeres de Marques (1992) é “uma escrita especular, no sentido de que se trata do texto de um poder – o do escriba e sua escrita-para o poder” (p. 50, grifos do autor).

Tomando de empréstimo a relação de poder existente entre o escriba e o rei, pretendemos ler a troca de correspondências entre mineiros da Geração Suplemento com os escritores portugueses. Objetivamos, com isso, compreender as circunstâncias em que esses intelectuais, representados preferencialmente por Murilo Rubião e Laís Corrêa de Araújo, iniciam um diálogo com a antiga metrópole. Evidentemente que o contexto histórico, social e político dos anos 60 tanto para o país quanto para Portugal são diferentes dos quinhentos. Poderemos ainda investigar em que medida, nesse diálogo epistolar, intelectuais portugueses e mineiros repetem posições consolidadas ou encenam as contradições que permeiam toda relação entre colonizador e colonizado ou, por outro lado, rompem com paradigmas nessa releitura e reinvenção do Brasil. Analisando essa questão será possível verificar de que formas há a ficcionalização do eu e mesmo do outro nessas cartas.

4.1 Correspondências: exercícios de si

Foucault, no texto “A escrita de si”³³ ao traçar um estudo sobre a organização do saber aponta como principal alvo na utilização das técnicas de conhecimento a busca de um saber sobre si mesmo, para se compreender o que se é. Nesse sentido, as técnicas de si, aquelas em que o indivíduo volta para si seja individualmente ou contando com ajuda, são estudadas sob dois pontos de vista: da filosofia grega do período helenístico e dos princípios cristãos da cultura greco-romana. Foucault indaga qual é esse si, o que é esse si, de que se deve cuidar e em que consiste esse cuidado.

Por ser um pronome reflexivo o “si” traz em sua essência a duplicidade, portanto, a busca de si esbarra num movimento dialético entre o mesmo e o outro. Nesse sentido, dentro das técnicas de si, no período helenístico, a escrita tem um papel importante, pois tomar notas sobre si mesmo inclui outros procedimentos como escrever tratados, hypomnematas, cartas. Foucault (s/d.) define a escrita como um ato de se escrever para si e para outrem. Assim, se o diálogo como forma de descobrir a verdade da alma antes era oral, através da escrita, passa a ter outra forma de expressão, principalmente nas correspondências. O “si” passa então a ser objeto para o qual se volta, sobre o qual se escreve, se refere, enfim, passa a ser o assunto, o tema, o objeto da escrita.

³³ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor*. Lisboa, s/d., p. 128-160.

A escrita é um treino de si, um exercício pessoal de reflexão, de releitura que reativa a meditação e tem, segundo Foucault (s/d.) apresenta-se de duas formas: os hypomnematas e as correspondências. Como sabemos, os hypomnematas são inicialmente os livros de registros e anotações tanto contábeis quanto. Pessoais que se transformam, ao longo do tempo, em “livro de vida”, em que se anotam citações, reflexões, trechos lidos ou ouvidos para posterior leitura e meditação (p.134,135).

Se os hypomnematas são testemunhos, reflexões de fatos dos quais não se participou, apenas se presenciou, leu ou ouviu; as correspondências, ao contrário, são relatos do já vivido, de experiências ou do que se deseja viver. Os hypomnematas têm uma projeção para o futuro, embora se constituam de fragmentos do passado, anotações para a leitura posterior. A carta, ainda que traga planejamentos futuros, tem no passado e no presente o seu tempo referencial e sua projeção é para o passado.

A releitura dos hypomnematas visa sempre uma meditação no presente, voltado para o passado, para a tradição, para o valor do já dito, já reconhecido, já escrito. Segundo Sêneca, citado por Foucault (s/d.), a correspondência e os hypomnematas se assemelham, pois além de serem ambos exercícios pessoais, escritas de si e para si, tanto num quanto noutro, a releitura tem um aspecto reflexivo. (s/d, p. 145) A carta tem dupla função, pois atua enquanto texto dado a leituras para aquele que a escreve e para aquele que a recebe.

As correspondências têm sua matéria prima nos hypomnematas. Embora a marca principal da carta seja o fato de ser uma escrita que existe em função do outro, endereçada a outrem; não deixa de ser também um exercício pessoal; uma escrita de si, uma anotação que se pode consultar posteriormente; pois quando o eu se representa nas cartas, busca pensar o que escreve e, assim, refletir sobre si mesmo.

A correspondência tem duplo efeito, atua tanto naquele que escreve quanto naquele a quem é endereçada. Além de ser para o outro é também a maneira do eu se manifestar, se apresentar a si mesmo e ao outro, ou aos outros, uma vez que muitas correspondências ultrapassam o círculo do privado e tornam-se públicas, como é o caso das cartas de intelectuais, ao serem publicadas.

A carta é também um olhar que se lança ao outro e se oferece ao seu olhar pelo que de si se apresenta. Ao outro é dada a função de deus interior, conhecedor da nossa alma. Nesse sentido, a carta se distancia dos hypomematas, pois se esses são constituídos a partir de anotações de discursos dos outros, daquilo que se leu ou se ouviu, essa se constitui essencialmente do discurso do eu. Nas cartas, o si atua enquanto sujeito de ação, e é em relação ao si que o discurso existe; suas ações, seu corpo, os fatos cotidianos são todos objetos de interesse, mas a razão da carta é também o partilhar com o outro as experiências, as visões de mundo, as vivências.

É, portanto uma espécie de diálogo *tête-à-tête*, porém realizado de uma outra forma que implica a ação do tempo, o acaso e o distanciamento físico. Talvez seja essa a razão de o corpo estar presente nas correspondências de forma intensa, seja nas notícias acerca da boa ou má saúde, seja nos deslocamentos como viagens e passeios, sensações, sofrimento físico, seja nas relações do corpo com a alma e a mútua influência de um no outro.

Os fatos corriqueiros e os extraordinários também aparecem nas cartas como forma de atestar a qualidade do viver. Anotar o dia-a-dia como uma espécie de diário, descrevendo as atividades vulgares além de funcionar como um exame de consciência, um cuidado de si é também um desejo de que aquilo que se apresenta ao outro na correspondência coincida com o olhar que se tem sobre si mesmo. O outro, assim como o eu, é também uma representação. Antes de mais nada, a carta encena uma relação dialógica em que enunciador e enunciatário são todos imagens, representações.

Atualmente a correspondência entre escritores já é para a crítica literária mais que um texto em que se encenam sujeitos que se comunicam de forma especial. A correspondência é, antes de tudo, um processo de escritura e de leitura, um processo de representação, uma memória. Pautada na subjetividade, a correspondência tem como princípio de comunicação um eu-enunciador, o texto e um eu-receptor que, presente como destinatário, embora ausente fisicamente no momento da enunciação, está presente no texto, pois é a ele que esse se dirige o enunciador, é para ele que esse texto é endereçado e escrito. Nesse sentido, a correspondência encena uma ausência-presença.

As cartas preenchem uma ausência (DAUPHIN *apud* LYONS, 1999, p. 64), pois há um ritual de troca, de prazer e de sacrifício de se escrever e enviá-las. Assim, ao se escrever carta, obedece-se a certas normas. Na esteira de Phillipe Lejeune em “Pacto Autobiográfico”, Cécile Dauphin postula o “Pacto epistolar”, uma espécie de “contrato assinado de modo tácito por aqueles que se correspondem” (*apud* LYONS, 1999, p. 59-75).

A freqüência com que os missivistas se correspondem, o tom com que o texto é escrito, os assuntos permitidos ou proibidos, o lugar de onde se escreve, seu estado de espírito, muitas vezes expresso no texto das cartas, a extensão das mesmas, as formas de tratamento, os cumprimentos, as despedidas, a maior ou menor intimidade no decorrer da relação epistolar, os *post-scriptum* no final da página ou do lado, à margem, tudo isso caracteriza o texto da correspondência como um texto codificado com formas próprias, carregadas de especificidade.

As correspondências devem, portanto, ser vistas na sua particularidade, próximas ao diário pessoal e às memórias pelo que nelas tem de expressão de sentimentos íntimos e aparente espontaneidade. As cartas são expressões de experiências, troca de idéias, informações, comentários de vida, das circunstâncias da enunciação, aconselhamentos. Constituem uma gama de teores comunicativos, trazem consigo o outro, e muitas vezes, o longo caminho que percorrem para chegar ao destinatário, além do lugar onde o remetente habita. Nas cartas o tempo, o lugar e a pessoa a quem são endereçadas estão presentes como situações próprias de enunciação. Trazem ainda mais, em cada relação epistolar há duas identidades que vão se constituindo uma para outra e mesmo para si próprias, pois o primeiro leitor de uma correspondência é o seu remetente.

A correspondência encerra sempre um diálogo, uma relação, pois ela só existe porque há um outro a quem é endereçada, há o tempo de espera da resposta, um possível arrependimento e a reação daquele que a recebe. É um movimento de ida e vinda contínuo.

A prática epistolar é um gênero textual e quando se pensa nessa prática realizada por intelectuais, ela toma maior interesse pois essa documenta a constituição de um pensar, de uma cultura, de experiências tanto pessoais quanto literárias e/ou políticas. Muitas

cartas de escritores chegaram a fazer tanto sucesso quanto suas obras literárias, como as de George Sand, Byron, primorosas pelo seu estilo, as de Rosseau e Voltaire, Proust, Gide, Claudel. Em Língua Portuguesa, podemos citar Camilo Castelo Branco que, ainda em vida publicou, uma parte de seu epistolário. Em 1874 é lançada a *Correspondência Epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camilo Castelo Branco*.

O interesse pelas correspondências em geral, principalmente, a de intelectuais deve-se, como já escrito acima, à sua proximidade ao diário íntimo ou às memórias, pois, aparentemente, nas cartas há menos elaboração textual e mais espontaneidade, mais franqueza e menos censura. Entretanto, uma vez que o diálogo textual das cartas aproxima-se da oralidade, elas se ligam à arte da conversação com incursões em assuntos domésticos, discussões estéticas e políticas. Aparentemente, não há nas cartas um público leitor mas apenas o amigo a que elas se dirigem. Entretanto, o fato de os escritores arquivarem suas correspondências para serem futuramente publicadas após sua morte, ou mesmo publicá-las ainda em vida, revela a consciência que têm em relação ao papel que desempenham enquanto intelectuais e a importância que as cartas que escreveram ou receberam têm em si enquanto textos e enquanto um conjunto que cria perfis intelectuais, históricos e literários a partir dos assuntos nelas tratados.

4.2 Geração Suplemento: missivistas

Quando pensamos em correspondências de intelectuais que fazem parte da Geração Suplemento não podemos deixar de comparar seus missivistas com aqueles do Modernismo, pois a troca de cartas entre mineiros e portugueses teve uma função semelhante às de Mário de Andrade com seus correspondentes, uma vez que contribuíram para a identidade do *Suplemento Literário* e do grupo.

Cabe, portanto, observar a importância que o exercício da troca de cartas tem para os escritores de outras épocas como o Modernismo, por exemplo. As correspondências de Mário de Andrade endereçadas a Carlos Drummond de Andrade, que se iniciam em 1924, acabaram por contribuir de forma bastante peculiar para a conduta do grupo mineiro e para o perfil de *A Revista*. Após 1924, ocasião da primeira visita da caravana paulista a Minas, Mário de Andrade e Carlos Drummond iniciaram uma intensa correspondência que, dividida em dois tempos de 1925 a 1939 e de 1942 a 1945, muito

enriqueceu o modernismo mineiro. É famoso o conselho que Mário de Andrade deu aos mineiros para criar uma revista misturando o mais possível o modernismo da nova geração e o passadismo dos outros. (*apud* BUENO, 1992, p. 35). Mário de Andrade foi, assim, uma espécie de guru para várias gerações de intelectuais. Vale lembrar que ele atuou em vários campos da cultura assim, foi uma espécie de conselheiro para muitos artistas de várias áreas. Nesse sentido, recorrer a essa forma de comunicação representava para jovens intelectuais uma busca de interlocução que pudesse lhes guiar no caminho que iniciavam.

Como um missivista contumaz, Mário de Andrade tinha consciência do papel intelectual que lhe atribuíam as novas gerações e os amigos. Prova disso é o cuidado com que arquivou e guardou as cartas que escreveu e recebeu. É preciso destacar as instruções que deixou para a abertura dos pacotes de correspondências e divulgação dessas após sua morte. Buscando preservar a intimidade alheia, Mário de Andrade deixou ordens para que as cartas recebidas só fossem abertas e publicadas cinquenta anos após sua morte (MORAES, 2001, p. 9).

Esse volumoso arquivo já chamara atenção de Antonio Candido quando afirmara anos após a morte de Mário de Andrade, que sua correspondência encheria volumes, seria o maior “monumento do gênero em língua portuguesa” e permitiria uma visão completa de sua obra e seu espírito. (*apud*. MORAES, p.9). Esse arquivo, atualmente a cargo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, demonstra o quanto esse recurso era utilizado por intelectuais modernistas e mesmo por outros em épocas posteriores.

Como já foi escrito anteriormente nesse trabalho, Murilo Rubião representa uma figura de proa para a geração daqueles que fizeram o *Suplemento Literário*. Em torno desse intelectual se aglutinou um grupo de jovens escritores e muitos outros já experientes. Algumas amizades literárias já existiam antes da efetivação do periódico, mas muitas foram criadas a partir do convívio na Imprensa Oficial.

Entretanto, como toda geração de intelectuais, também essa tem seus meandros e suas ramificações. O *Suplemento* é apenas uma das manifestações dessa geração, se é a mais substancial e a mais importante, há outras como encontros nos bares, nas livrarias, nos

corredores da Faculdade de Direito, passeios pelas avenidas de Belo Horizonte, viagens a Portugal e ao Brasil, e muito mais. E é desses encontros e viagens que a amizade entre mineiros e portugueses se estreitam. A visita de Ernesto Manuel de Melo e Castro ao Brasil, em 1966, e a posterior visita de Ana Hatherly em 1968, muito contribuíram para que o relacionamento entre brasileiros e portugueses se prolongasse seja através de correspondências, seja através de troca de poemas e contos.

A identificação dos mineiros com os jovens escritores portugueses de vanguarda, principalmente, foi imediata, à medida que tanto os de lá quanto do de cá viviam regimes políticos de exceção. Além disso, poeticamente estavam ambos em busca de uma nova forma de expressão e a vanguarda foi o caminho que encontravam para escrever. Se num primeiro momento a ditadura no Brasil não foi tão intensa, como afirma Sussekind (2004), em Portugal, ela já vinha atuando de forma mais incisiva, já era, à época, uma ditadura de longa história, com um aparato repressor há muito montado.

Há que lembrar aqui a viagem de Melo e Castro ao Brasil, que foi adiada várias vezes, pois o governo de Salazar em muito dificultou a vinda do poeta ao Brasil. Mesmo sendo liberado Melo e Castro, no avião, foi acompanhado por “um agente disfarçado da PIDE de Salazar” (CASTRO, *apud*, MIRANDA, 1995, p. 66).

A presença portuguesa no *Suplemento* não se limita à publicação de trabalhos literários dos portugueses de vanguarda. Um número significativo de publicações de escritores portugueses que pertencem a outras épocas, muitos deles já canônicos, faz parte do quadro da Literatura Portuguesa presente no periódico. Outro dado relevante que atesta o diálogo entre a Geração Suplemento e a Literatura Portuguesa são as correspondências trocadas entre os mineiros e os portugueses, que englobam desde aquelas de uma a três ou quatro páginas, a cartões de Natal e Ano Novo e a cartões postais.

4.3 Entre mineiros e portugueses: brasileiros

Há que se destacar também as correspondências de mineiros que faziam parte do grupo e daqueles que não faziam. E até mesmo cartas de escritores de outros estados, pois todas trazem informações acerca do que vinha acontecendo naquele período. Os problemas enfrentados pelo *Suplemento*, as crises por que passou, sejam de cunho econômico, político ou administrativo, ou mesmo problemas pessoais dos escritores, todos estão presentes nas correspondências. Muitas vezes um desabafo acaba por desenrolar um fio que dirige o olhar do pesquisador para a situação política, histórica ou mesmo imaginária em que se vivia naquela década de 60. A troca de cartas entre mineiros e portugueses mais do que um dizer sobre Minas Gerais e os mineiros, é um dizer sobre o Brasil e dos brasileiros na sua relação com Portugal.

Houve um número relevante de cartas trocadas entre brasileiros e Murilo Rubião. Entre eles estão as duas críticas literárias que mais se correspondem com ele- Maria Lúcia Lepecki e Nelly Novaes Coelho. A primeira envia-lhe seis e a segunda, trinta e sete cartas; as quais Murilo Rubião arquivou cuidadosamente em pastas. Há ainda correspondências de um número variado de pessoas, desde poetas iniciantes como Lucienne Samôr aos já consagrados escritores e críticos como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Murilo Mendes, Antonio Candido e de amigos que já despontavam no cenário intelectual como Ângelo Oswaldo, Affonso Romano de Sant'Anna, Caio Fernando Abreu, Eliana Zagury, Humberto Werneck, Heitor Martins, João Gilberto Noll, Rachel Jardim, entre tantos outros.

Um número significativo de intelectuais brasileiros estava, nos anos 70, lecionando em universidades fora do país, principalmente nos Estados Unidos. Esses escreviam para Murilo Rubião, pois, como alega Affonso Romano em bilhete, sem data, vindo da Universidade da Califórnia, o *Suplemento* era, entre os poucos recursos didáticos a respeito da literatura brasileira contemporânea, o que utilizavam em suas aulas, distribuindo-o para os alunos estrangeiros. Escrevem solicitando a Murilo Rubião o periódico ou, quando enviam artigos e textos literários, acabam também por contar em carta um pouco a quantas andava a vida fora do país. Assim escrevem, por exemplo, Affonso Romano em 21 de abril de 1969, de Iowa; Adão Ventura que estava lecionando

na Universidade do Novo México; Luiz Vilela, também em Iowa, Humberto Werneck, em 5 de dezembro de 1973, de Paris, Guilhermino César, em 2 de janeiro de 1969, de Coimbra; Rui Mourão, de Houston, em 4 de julho de 1967, Silviano Santiago, em 12 de maio de 1967, em doutoramento, escreve de Nova Jersey; e outros mais. E há também pessoas que escreviam agradecendo por ter recebido o *Suplemento*, ou cobrando o envio de exemplares atrasados. Algumas chegavam até a comentar artigos ou poemas publicados.

Murilo Rubião organizou minuciosamente suas pastas de correspondências, classificou-as, por exemplo, em Correspondência de colegas (1931-1941) com quarenta e dois documentos Correspondências de amigos e conhecidos (1935-1966), composta de duzentos e dois documentos, Correspondência feminina (Amigas etc) (1936-1960), com cento e noventa e sete documentos e ainda a pasta Documentos Avulsos. Essa organização permite que se trace um caminho percorrido pelo *Suplemento Literário*, pois há correspondências de várias partes do mundo, desde cidades do interior de Minas, de outros estados, de outros países como Gainesville, Londres, Saint Louis, Toronto, Moçambique, San Diego, Texas, Berna etc. Todas essas cartas compõem um quadro que permite vislumbrar a movimentação desse grupo que realizou o *Suplemento*.

4.4 Ana Hatherly: uma missivista da lá

Dentre os portugueses Ana Hatherly é quem mais escreve a Murilo Rubião. Ela também escreveu para outros mineiros e, num gesto que demonstra a consciência do valor historiográfico que tece a troca de correspondência entre os intelectuais, a poeta doou para o Acervo de Escritores Mineiros, da UFMG trinta e quatro cartas que recebera de escritores mineiros. O montante do material da doação perfaz um conjunto de trinta e cinco correspondências, entretanto, há entre elas um cartão timbrado da Fundação Calouste Gulbenkian, *Revista Colóquio Letras*, com data de 8 de outubro de 1973, escrito numa caligrafia apressada, que exhibe a assinatura de Luís Amaro, Francisco Luís Amaro, poeta e bibliógrafo português que, à época, atuava como secretário da *Revista Colóquio Letras*. Neste cartão, o poeta informa que teria reenviado há dias a Ana Hatherly uma carta de Laís Corrêa de Araújo, mas, por falta de tempo não escreveu também para desejar-lhe o restabelecimento após o acidente. Em 1973, Ana Hatherly sofreu um sério acidente de carro, ficando convalescente por dois meses. Deseja-lhe

então a rápida recuperação da saúde e a breve retomada do envio de artigos para *Revista Colóquio Letras*. Assina como admirador e amigo atento e, num P.S. à esquerda, informa que o professor Jacinto do Prado Coelho por quem soube do acidente encarregou-o de transmitir também seu desejo de melhoras e cumprimentos. Não sabemos a razão de este cartão estar entre a correspondência dos mineiros mas podemos aventar a hipótese de que Ana Hatherly colocou junto o cartão porque há nele uma referência ao trânsito que a carta de Laís Corrêa percorreu até chegar a ela.

A maior parte da correspondência recebida por Ana Hatherly é de Laís Corrêa de Araújo, Murilo Rubião, algumas de Ubirassu Carneiro da Cunha, Lázaro Barreto, uma do poeta, crítico literário e colaborador do *Suplemento* Márcio Almeida de Oliveira e outra de Paulo Bernardo Ferreira Vaz, desenhista, ilustrador e estudante de edição de livros e ainda uma de Affonso Ávila, outra de Rui Mourão. Não tive acesso ao diálogo completo realizado através dessas cartas, pois no Acervo de Escritores Mineiros encontram-se apenas aquelas enviadas. Entretanto, se todos esses intelectuais que aparecem no conjunto do material doado por Ana Hatherly escreveram-lhe, certamente a poeta lhes respondeu e talvez a troca de correspondência tenha prosseguido por mais tempo, mas essas devem estar de posse de seus titulares. Certamente seria interessante pesquisar essas outras cartas, mas isso extrapola o trabalho a que nos propomos, centrado no material que se encontra depositado no Acervo de Escritores Mineiros.

Além de Ana Hatherly há também no Acervo de Escritores Mineiros correspondências de poetas e críticos literários portugueses como E. M. de Melo e Castro, de José Viale Moutinho, António Barahona Fonseca, Luiz Veiga Leitão, Joaquim Paço D'Arcos, Fernando Namora, Manuel Rodrigues Lapa, Eduardo do Prado Coelho, Amâncio Marques, A. Fonseca Pimentel, Mário Gonçalves Viana, Gustavo Perez Brandão, pai de Fiama H. Brandão, Eduardo Prado Coelho, Paula Almada Negreiros.

Nas correspondências dos mineiros com os portugueses, podem-se ler perfis literários que delineiam a relação Brasil/Portugal através do *Suplemento*, pois a relação com Portugal não se deu somente através da correspondência dos mineiros com intelectuais portugueses, mas também com brasileiros que, por razões diversas, escreviam de Portugal. Seja porque lá trabalhavam como o escritor Guilhermino César e também Maria Lúcia Lepecki que lá atuaram como professores, ou Otto Lara Rezende, adido

cultural do Brasil naquele país no período de 1967 a 1969. Outros, como, por exemplo, Ubirascu Carneiro da Cunha, por estar em viagem à Europa passando por Portugal escrevem-se as impressões acerca do país e do povo como.

Ana Hatherly enviou onze cartas a Murilo Rubião, e ele, quatorze para a escritora. As quatorze cartas de Ana Hatherly endereçadas a Laís Corrêa de Araújo também fazem parte da pesquisa. Além dessas, há cartas de outros escritores portugueses para Murilo Rubião e as trinta e quatro correspondências que Ana Hatherly recebeu de mineiros. Entretanto, para este texto, serão focalizadas apenas as correspondências de Ana Hatherly para Murilo Rubião e para Laís Corrêa de Araújo.

4.5 Murilo Rubião: um missivista de cá

Se a carta é um olhar que se lança e se oferece ao outro, pode-se afirmar em relação a Murilo Rubião que seu desejo não era de se expor uma vez que escreve pouco de si e quando escreve é de maneira apenas informativa, passando de relance por assuntos pessoais. Suas cartas são modestas, discretas e curtas, assim como o eu nela representado.

Você, a esta hora, já deve ter recebido as fotos e alguma coisa sobre os meus livros. Obra pobre, pequena e inútil. Sou escritor de trabalhos inéditos: três novelas e dois livros de contos que, penso, jamais serão publicados. O que não importará em graves prejuízos para a literatura do meu país. Sem falsa modéstia (Belo Horizonte, 10 out. 1968).

Não se preocupe, minha querida amiga, com essas coisas pequenas e muito menos com a impossibilidade de publicar artigo sobre este modesto escritor. Modesto e apagado, porém com a coragem suficiente para defender o que ele admira e realiza (Belo Horizonte, 5 jul. 1969).

Murilo Rubião escreve para Ana Hatherly de uma posição que oscila entre o contista e o editor do *Suplemento*. Numa correspondência formal, enviada pela Comissão de Redação, datada de 22 de janeiro de 1969, cumprimentando a amiga como “Prezado confrade Ana Hatherly”, Murilo Rubião assina como Secretário do *Suplemento Literário*. Nessa carta, de linguagem também bastante formal, a poeta é informada que se fará, a três de setembro, uma edição especial do periódico em comemoração ao seu

terceiro aniversário. E desejando organizar um número “realmente expressivo do atual momento da Literatura Brasileira, com a participação dos nomes de maior responsabilidade, a Comissão de Redação toma a iniciativa de solicitar a ilustre amiga um poema ou contos inéditos, ...” (p. 1) para o qual remunerarão a quantia de cinquenta cruzeiros novos.

O curioso desta carta é que, a despeito da formalidade, ela traz, manuscrito a tinta azul um pequeno parágrafo em que se lê:

Ana Hatherly,

O número “Literatura Nova de Portugal” sofreu atraso e sairá na primeira semana de março. Tenho andado doente. Escreverei. Um abraço
Murilo

Esse parágrafo manuscrito revela despojamento, informalidade e amizade entre Murilo Rubião e Ana Hatherly. Outro aspecto curioso da carta é o fato que o objetivo do número especial de terceiro aniversário será mostrar a atual literatura brasileira, e a portuguesa Ana Hatherly é convidada a fazer parte dessa antologia.

Embora na correspondência de 25 de outubro de 1969 a cumprimente como “Ana Hatherly, minha paciente amiga” e na de 13 de outubro de 1974 se despeça com um “abraço afetuoso do seu amigo”, ele também tem um tom formal e escreve, às vezes, como o diretor do *Suplemento* que solicita trabalhos de portugueses para publicar. Contudo, em que pese essa formalidade, fala de si e de sua obra, portanto as posições de escritor e de editor estão presentes nas cartas. Como escritor apresenta-se “bastante modesto”, dono de uma “obra pobre, pequena e inútil” que lança livros e os envia a escritora para que os aprecie e os divulgue em Portugal. Entretanto, além de diretor do *Suplemento* e um escritor modesto, ele também se apresenta como amigo e admirador. Entre ele e a poeta há uma troca intensa de amabilidades. Ela se diz sua discípula, nomeia-o mestre e ele um admirador, como em 5 de julho de 1969, quando Murilo Rubião se despede com “Um abraço muito afetuoso do seu amigo e incondicional admirador” (p. 1).

Há que se perguntar o porquê desses modos de representação nas cartas. Seria uma característica do mineiro, a discrição e a timidez? Qual a necessidade de se mostrar

dessa forma? Uma posição de subalternidade? Um pedido humilde do olhar ameno e do aplauso do outro? Uma outra hipótese é o fato de ser uma correspondência entre um homem e uma mulher e, culturalmente, estas falam muito mais facilmente de seu lado pessoal que aqueles.

Nas cartas de Ana Hatherly para Murilo Rubião a escrita de si cumpre um papel preponderante, pois muito do eu é exposto, referido, comentado. Entretanto, nas de Murilo Rubião, há um eu mais contido. Algumas peculiaridades chamam atenção ao compararmos as correspondências. As de Murilo Rubião são datilografadas, algumas em papel timbrado do *Minas Gerais, Suplemento Literário*. São geralmente apenas uma folha com seis parágrafos, no máximo. Umhas poucas têm algumas palavras ou trechos manuscritos, revelando uma releitura cuidadosa do que se datilografou e preenchendo partes que poderiam causar mal entendidos ou ficar ambíguas.

As cartas de Ana Hatherly são também datilografadas, somente os cartões são manuscritos, e aquelas giram em torno de duas páginas, passam também por revisão, pois há nelas alguns traços manuscritos para separar palavras ou rabiscos que corrigem letras mal traçadas, revelando o cuidado formal com as mesmas.

Murilo Rubião é bastante contido em suas correspondências e chega mesmo em carta de 10 de outubro de 1968 a pedir desculpas pelo estilo telegráfico, pois devido a problemas de saúde que vinha enfrentando passou a semana em repouso, portanto, não pôde escrever antes. Também em carta de 26 de fevereiro de 1968, pede desculpas por demorar a responder às cartas da poeta, por seu silêncio. Pede-lhe que não o tome como desapareço, pois a cada dia que passa mais a admira e revela que tem prazer em escrevê-lhe. Agradece a antologia que ela lhe enviou e escreve que, “sem querer fazer lisonja, confesso que os dois contos que mais admirei foram o seu e “O Cágado”, de Almada-Negreiros” (p. 1). Muito pouco da vida pessoal dele é colocado nas cartas, o leitor atual fica sabendo apenas que ele enfrentou problemas renais, que tinha em vista uma cirurgia e que sofreu por problemas amorosos pelo término do noivado, pois ele menciona em carta de 25 de janeiro de 1969 que “Também o coração (o outro) andou fora do lugar. E um amor primaveril não é nada bom para um homem da minha idade que, voluntariamente, aos quarenta anos, preferiu eleger como norma de vida, a solidão” (p. 1). Murilo Rubião fora noivo uma professora universitária de Histologia.

Talvez em outras correspondências Murilo Rubião tenha se exposto mais e revelado mais detalhes de sua vida pessoal. Contudo, tive acesso somente às seis cartas doadas pela escritora que se encontram no Acervo de Escritores Mineiros.

A viagem de Ana Hatherly ao Brasil foi bastante anunciada nas correspondências de ambos. Na mesma carta de 26 de fevereiro de 1968, Murilo Rubião pergunta se ela virá na primavera, entre parênteses escreve “(abril)”. E em resposta, em 6 de março de 1968, Ana Hatherly informa-lhe que virá ao Brasil, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa e convidada pela Universidade de Brasília para ministrar um curso sobre literatura portuguesa contemporânea. Reservará alguns dias para ficar em Belo Horizonte e “conhecer algumas pessoas, você, por exemplo”.

Já no ano anterior, em setembro de 1967, de Ouro Preto, Murilo Rubião em dois parágrafos diz que ainda não podia escrever-lhe mas receava que ela chegasse a Belo Horizonte e ele não tivesse “mandado umas linhas. Para dizer da minha admiração”. Promete escrever e adianta que já está de braços abertos, bem abertos, reforça, para recebê-la nas portas de sua cidade. E brinca “Sem a chave tradicional, coisa prosaica, sem sentido”. E em resposta, em 24 de outubro de 1967, Ana Hatherly escreve estar encantada com Murilo Rubião e com suas obras e declara-se ansiosa para ter com o contista grandes “conversas fantásticas” (referência à sua narrativa), pois a sua vinda ao Brasil estaria dependendo apenas de formalidades legais uma vez que “Já me tarda essa viagem, sinto que me faz falta”.

Entretanto, por ironia, Murilo Rubião e Ana Hatherly tiveram alguns contratemplos e o encontro demorou um pouco a acontecer. Ele escreve: “Também lamentei o nosso desencontro: Belo Horizonte, Ouro Preto. O último em Brasília, que lá cheguei no dia seguinte da sua partida”. (Belo Horizonte, 10 out. 1968, p. 1) Como se vê, ele sempre viajou para os lugares que Ana Hatherly visitou no Brasil, entretanto, não conseguia estar com ela. Felizmente, em casa de Laís Corrêa de Araújo e Affonso Ávila houve um encontro dos intelectuais do *Suplemento* com Ana Hatherly, nesse, Murilo Rubião esteve presente como comprova a foto publicada no *Suplemento* (ARAÚJO, mar. 1969, p. 4).

Um assunto que é bastante abordado tanto nas cartas de Murilo Rubião quanto nas de Laís Corrêa de Araújo a Ana Hatherly é o suplemento especial dedicado à literatura nova portuguesa. Além do fato de que os números 131 e 132 terem causado problemas em Portugal, aqui no Brasil, quando de sua confecção, houve o desaparecimento de todas as fotos e desenhos dedicados aos prosadores portugueses, conforme atesta carta de 25 de janeiro de 1969, de Murilo Rubião.

Além disso, o contista demonstrou sua indignação com os comentários que houve em Portugal acerca do destaque que recebeu a poeta no número do *Suplemento* dedicado à literatura nova portuguesa.

Coisa de cidade pequena e não de grande metrópole. Se nele demos maior destaque aos trabalhos de Ana Hatherly não foi, absolutamente, por amizade e sim porque consideramos você um dos ficcionistas e poetas mais importantes da vanguarda portuguesa. Com relação a omissões, não nos cabe culpa alguma. Os trabalhos foram selecionados por Arnaldo Saraiva- a maior parte- e Melo e Castro. A minha parte (e de Laís Corrêa de Araújo) foi pequena, dada o meu restrito conhecimento da literatura moderna de Portugal (Belo Horizonte, 5 jul. 1969).

4.6 De Ana Hatherly para Murilo Rubião

As cartas da escritora portuguesa além de notícias literárias como o lançamento da próxima *Antologia do Conto fantástico Português*, das suas *39 Tisanas*, trazem desabafos e ela também escreve de si mesma, de um acidente de carro, das viagens, da volta a Portugal quando esteve na Inglaterra por dois anos, de suas angústias pessoais, da morte e doença de sua única filha, sempre revelando carinho e ternura, preocupação com a saúde de Murilo Rubião.

Ana Hatherly tinha uma doença no olho direito, tremiam-lhe as pálpebras e o globo ocular, chegando mesmo a sentir uma espécie de espasmo ou convulsões, causando paralisia de parte do rosto e do pescoço, como ela escreve em carta. Em muito lutou contra essa doença e muito a ela se referiu nas cartas, pois era impedida de ler e escrever. Em carta de 19 de março de 1969, brinca com a doença, ao enviar texto “Invisibilidade” para o *Suplemento* comemorativo de terceiro aniversário, acha-o oportuno, pois quase já não enxergava, embora saliente que a visibilidade de que trata

no texto seja outra. E acrescenta que acontecerá em Lisboa na Galeria Quadrante a sua primeira exposição, e como não está enxergando declarará que tem “o complexo de Camões (poeta Barolho)”.

Um cartão e duas cartas datadas de 1967 são as primeiras comunicações escritas de Ana Hatherly a Murilo que encontrei no Acervo de Escritores Mineiros. No cartão timbrado, manuscrito, frente e verso, datado de 19 de maio de 1967, vindo de Lisboa, a poeta agradece por ter recebido exemplar do *Suplemento*, escreve ter lido com maior interesse e envia-lhe um livro seu. Pergunta sobre o recebimento das revistas de vanguarda *Operação 1* e *2* que ficaram a cargo de E. M. e Castro enviá-las a Murilo Rubião e Affonso Ávila. Informa acerca da visita de Ubirasçu Carneiro da Cunha e lamenta que a entrevista que lhe concedera, publicada no *Suplemento*, por falta de informação adequada, tenha dado uma idéia *tão desajustada* dela e de seu trabalho literário. Escreve ter divulgado o livro de contos de Murilo Rubião, noticia que virá em breve ao Brasil e intenta visitá-lo. Termina o cartão com um *cordialmente* e assina. Esse cartão já traz marcas que permanecerão durante todo o período em que ela troca correspondências com Murilo Rubião. A missivista sempre se coloca como uma admiradora do contista e de forma muito humilde apresenta-se a ele.

Em 1967, Ana Hatherly escreve ainda várias vezes para Murilo Rubião; datadas de 24 de outubro, chegam de Lisboa duas páginas datilografadas em resposta à carta de Murilo Rubião de setembro que havia sido enviada à poeta para Inglaterra, onde esteve durante os meses de agosto, setembro e outubro. Ela informa que sairá em breve a *Antologia do conto fantástico português séculos XIX e XX* a qual enviará ao contista. Envia junto à carta um texto e pergunta se Murilo Rubião quer publicá-lo no *Suplemento*, acrescentando que o texto é divertido. No sexto parágrafo da carta Ana Hatherly presta uma reverência ao contista ao escrever: “E deixe-me dizer-lhe: eu adorei sempre meus mestres e todos os mestres me adoram. Eu sou o ideal de todos os mestres (...)” (p. 2).

Ao elogiar o mestre, também se auto-elogia, se diz uma discípula ideal que os mestres adoram. Esse será daí para frente o tom com que Murilo Rubião será referenciado nas cartas da poeta. Ela tem para com seu endereçado uma atitude de respeito e admiração e toma-o sempre como o mestre, colocando-se como discípula. E em carta sem data,

escrita de Ouro Preto, em setembro de 1967, Murilo Rubião lhe responde “Tenho a impressão que poderia amar a discípula, eu que já fui professor e nunca mestre” (p. 1).

Na mesma carta de 24 de outubro de 1967, Ana Hatherly pergunta por que Ubrasçu teria vindo para o Brasil sem se despedir dela, escreve ter gostado dele mas suspeita que ele não tenha gostado dos portugueses. Observa que Ubrasçu Carneiro da Cunha é uma pessoa frágil e acrescenta “isto aqui é muito violento e as pessoas rudes”. Acerca de sua estada em Inglaterra gostaria de dividir e contar muito a Murilo, afinal fez muitas experiências e visitou centros avançados de arte, assistiu a filmes e comprou “roupas prodigiosas” que ele certamente gostaria. Finaliza a carta com um “muito obrigado” por ele ser tão simpático com ela e um “Bem haja”.

Em 22 de novembro de 1967 Ana Hatherly envia a Murilo um pequeno cartão manuscrito acompanhando a antologia que prometera enviar-lhe na carta de 24 de outubro. Afirma que em sua opinião “ninguém é compreensível a Murilo” e que continua sempre a falar dele. Pergunta por que o livro de Murilo Rubião não é distribuído em Portugal e informa que muita gente séria o comprou.

O grau de intimidade das cartas vai cada vez mais se intensificando e as entradas das primeiras cartas e cartões passam de “Caro Murilo Rubião”, “Caríssimo Murilo Rubião” a simplesmente “Murilo Rubião” e as despedidas vão desde “Muitas e afetuosas lembranças da sua admiradora e amiga” a “Cuide-se, Murilo, viu? Abraço” ou a um simples e corriqueiro “Até breve”, revelando já o despojamento e o abandono da formalidade presente nas primeiras cartas. Permanece, desde os primeiros cartões até a última carta que li de 27 de outubro de 1973 um tom cordial de amizade e afeto de Ana Hatherly para com Murilo Rubião.

O que há de comum em todas as cartas de Ana Hatherly além do tom são os assuntos nelas tratados: há sempre referência à obra de Murilo Rubião, a artigos em revistas de literatura em Portugal acerca de sua obra, à viagem da poeta ao Brasil. E, como não podia deixar ser referido, o assunto da homenagem que o *Suplemento Literário* prestou à poesia de vanguarda portuguesa. Esse número especial que causou constrangimentos diplomáticos entre os dois países, foi realizado também através das correspondências.

Já na carta de 22 de fevereiro de 1968, Murilo Rubião informa a poeta que lhe prestará uma homenagem nas páginas do periódico e solicita-lhe uma série de dados, desde foto, dados bibliográficos, poemas, artigos, contos, num total de oito itens, cuidadosamente enumerados. E em 25 de janeiro de 1969, escreve novamente a Ana Hatherly para informar-lhe do atraso que sofreu o número sobre a literatura nova de Portugal, devido ao desaparecimento de todo o material como fotos, desenhos e textos. Como o relacionamento missivista entre Murilo Rubião e Ana Hatherly era baseado numa admiração mútua e num elogio constante que beirava a sedução, quando ele lhe pede textos para publicar no número especial, deixa entender, como se pode ver nas cartas, que esse seria em homenagem a ela “Gostaríamos de **lhe** prestar (nas páginas do SL) uma pequena homenagem e fazer a sua apresentação ao público mineiro e brasileiro” (Belo Horizonte, 26 fev. 1968, p. 1, grifo acrescentado). E em 5 de julho de 1969 reafirma o que escrevera.

E, em verdade, o número especial era para ser dedicado exclusivamente a você e o motivo seria a sua viagem ao Brasil. Todavia, aceitando uma sugestão do E. M. de Melo e Castro, sugestão para a qual pedi sua aprovação no Hotel Del Rei, em Belo Horizonte, resolvi ampliar o projeto. Como lamento não ter ficado com a idéia original (p. 1).

E em carta de 06 de março de 1968, a poeta escreve se dizendo encantada com o que o *Suplemento* irá fazer e agradece o interesse pelo seu trabalho, pois é uma grande honra para ela. Envia junto o material solicitado para publicação. Entretanto, os números especiais, de primeiro e oito de março de 1969, organizados por Arnaldo Saraiva, E. M. de Melo e Castro, Laís Corrêa de Araújo, Affonso Ávila e outros, fora dedicado à literatura portuguesa então contemporânea e não só a Ana Hatherly, nele comparecendo vários escritores. Como já foi escrito neste trabalho esse periódico foi interpretado como provocação política pelo governo Salazar e vários autores foram à Embaixada Brasileira em Portugal para conversar com o adido cultural Otto Lara Rezende, entre eles Ana Hatherly. Além de provocação política, o periódico causou ciúmes entre escritores portugueses que nele não apareceram ou pouco apareceram. A poeta viu a não aceitação do *Suplemento* como despeito, ciúme por parte de seus conterrâneos, por ela ter sido uma das escritoras mais destacadas nos números. Sabendo do alarde que o *Suplemento* dedicado à jovem literatura portuguesa provocou, escreveu ter sido acusada de “ter feito uma auto-promoção descarada obrigando-vos com astúcia e artimanhas a publicarem

tantos textos meus”. E ironiza “De facto, com a vossa generosidade esqueceste o despeito dos menos favorecidos com a vossa preferência...” (Lisboa, 19 març. 1968).

E em carta de 7 de abril de 1969 informa que escreveu a Laís Corrêa de Araújo acerca do escândalo provocado pelo *Suplemento* especial, sendo acusada de ter obrigado os mineiros dedicarem-no a ela. Sendo assim, a imprensa portuguesa recusa a fazer referência ao periódico, necessitando da intervenção de Otto Lara Rezende, porém sem resultados, ela informa. Atribui a esse fato a dificuldade que estava encontrando em publicar em Portugal seu artigo sobre Murilo Rubião. Além disso, a referida exposição na Galeria Quadrante, segundo escreve, acabou por provocar manifestações contra ela. Sendo assim, por estar em meio a uma guerra intelectual, em meio a “um tiroteio em seu país”, resolveu, juntamente com Manuel Lima e Mario Cesariny fundar um jornal- *O caracol que fuma*. Segundo a poeta, este ainda é um projeto confidencial. Além disso, como arma que tem para usar nessa guerra, conta com o lançamento em breve do seu livro *39 Tisanas* e com o fato de seu livro *O Mestre*, que já fazia parte do currículo da Universidade do Rio, ter sido também incluído no currículo da Universidade de Salvador. Fora também convidada, durante a sua exposição, para visitar algumas universidades inglesas e expor lá seus trabalhos.

Um outro desabafo de Ana Hatherly também se repete na longa carta de 19 de março de 1969. Referindo-se ao episódio do suplemento especial, escreve estar acostumada a críticas desagradáveis por parte de seus colegas, e acrescenta que se vivem momentos difíceis em sua terra, pois “surge um muro invisível da inércia, da indiferença muito mesclada porém de má vontade e desejo de não ajudar” (p. 2). Deseja ir embora, planeja uma viagem para os Estados Unidos e uma volta ao Brasil.

Entre os papéis que fazem parte das correspondências doadas pela poeta há cinco páginas datilografadas, cujo título é *Por uma sociologia da Literatura Portuguesa na segunda metade do século XX*, porém sem identificação, sem assinatura explícita, mas, certamente pelo conteúdo neles escritos são de autoria de Ana Hatherly. Nesses papéis, que sofreram muitas correções, há muitas palavras rabiscadas, manuscritas, há um eu que justifica o fato de o *Suplemento Literário* ter dado ênfase à obra da portuguesa. Após traçar um breve e elogioso histórico do periódico, Ana Hatherly narra a boa repercussão, no Brasil, do número especial dedicado à Literatura Portuguesa e à má

repercussão que teve na imprensa portuguesa. E chama atenção para o fato que considera sociologicamente notável e interessante, pelo que representa de pequenez e provincianismo, que foi a reação de alguns colegas escritores que não figuraram no número especial ou não estavam destacados como desejavam.

Sabia-se que os organizadores portugueses foram E. M. de Melo e Castro e Arnaldo Saraiva, entretanto, alguns nomes que constam no periódico não foram sugeridos por eles, o que leva a crer, segundo Ana Hatherly, que essa foi atitude dos organizadores brasileiros. E, para servir de documento para a futura sociologia das Letras em Portugal do século XX, procura com o texto enumerar algumas informações, entre elas o desejo do *Suplemento Literário* em dedicar um número a sua obra mais recente e sua objeção, informando-lhes que havia outros escritores portugueses para divulgar. A consulta da direção do periódico foi a E.M. de Melo e Castro e Arnaldo Saraiva e ela não teve participação nisso. Reflete sobre a atuação de escritores preocupados em divulgar suas obras e promover suas carreiras que procurar desenvolvê-las esteticamente. Compara as querelas intelectuais contemporâneas com as do tempo de Camilo Castelo Branco e Ramalho Ortigão, com prejuízo dessas últimas pela falta de brilhantismo, pela deselegância e ineficácia. Exime de si e dos organizadores portugueses a responsabilidade do destaque dado a sua obra no suplemento especial. Faz referência à entrevista realizada por Laís C. Araújo, a qual, por ter sido feita oralmente e publicada sem sua revisão traz lapsos mas, ironicamente e mostrando-se bastante magoada com o que se escrevia acerca desse suplemento em Portugal afirma que:

As palavras que eu então proferi, (ou desejaria ter proferido) e é pena que não tenham sido todas publicadas porque então ficariam alguns dos meus colegas a saber o que realmente penso, das suas obras, assim como é pena que desconheçam porque ficariam amortecidos o impacto das suas intenções e descolorida a suas reputações literárias. Quando falei, não fiz mais do que responder a perguntas que me foram feitas. Além disso, tudo o que eu pudesse dizer nunca poderia (xxxx) um caráter definitivo, pois tratava-se de uma conversa e não de um juízo que não poria jamais em perigo o prestígio da literatura portuguesa nem a reputação de qualquer colega meu.

Julgava-o eu. Na verdade, na minha imprudência pus em perigo, pude verificá-lo, a obra de alguns colegas meus cuja importância parece derivar mais do fato de ser citada do que lida (p.4).

No final da página reafirma a gravidade daquilo que denomina fenômeno sociológico e faz uma crítica ao egoísmo e a difícil convivência internacional de escritores

portugueses, porém lamenta que quem está de fora acaba por conhecer apenas as obras e não as pessoas que as produzem.

4.7 De Laís para Ana Hatherly

Como já escrevi anteriormente, não tive acesso às cartas recebidas por Laís C. Araújo, somente as que essa enviou a Ana Hatherly. A grande maioria é manuscrita e o material que está no Acervo de Escritores Mineiros/UFMG abrange os anos de 1968, 1969, 1970, 1973. Laís escreve sempre em seu nome e, às vezes, de Affonso Ávila, assim usa a primeira pessoa do plural em várias partes das correspondências. Há uma variabilidade de cumprimentos que vão desde “Ana”, com predominância desse, passando por “Ana Hatherly”, “Minha cara Ana”, “Ana Hatherly, minha boa e querida amiga”, “Cara Ana”, “Com muito carinho”. Nas despedidas predominam “o abraço saudoso e amigo da Laís” e algumas variantes em torno dessas expressões que revelam um trato bastante íntimo e informal por parte da missivista.

Os assuntos que mais predominam nas cartas de Laís Corrêa de Araújo são notícias literárias acerca *Suplemento*, das obras da amiga e de sua saúde, envio e recebimento de livros, poemas, de seu marido Affonso Ávila, dos prêmios que recebeu com *Resíduos seiscentistas*, dos livros que está escrevendo e também notícias de alguns amigos ou conhecidos comuns como o divórcio de Ubirascu Carneiro da Cunha. As correspondências revelam que há troca entre as escritoras de poemas e livros. De Ana Hatherly, Laís Corrêa recebe principalmente os poemas-postais.

As notícias do número especial do suplemento dedicado à literatura nova portuguesa são assunto em várias correspondências, pois esse além de causar manifestações contrárias em Portugal, quando pronto, aqui em Minas, também teve seus percalços quando estava sendo feito. Primeiramente, houve demora em receber o material para publicação, como atesta Laís Corrêa em cartas a Ana Hatherly de 16 de junho de 1968 e 21 de janeiro de 1969 e, nesta última, explica a poeta que a entrevista que lhe enviara e trechos de sua obra deveriam sair no número especial. Além disso, houve ainda o desaparecimento desse material na redação do periódico o que causou um atraso de seu lançamento. As cartas revelam os bastidores da confecção desse número especial. Após o misterioso sumiço das fotos e ilustrações dos, segundo Laís C. de Araújo, Murilo

Rubião teve que preencher os espaços dedicados às fotografias com muitas ilustrações de mineiros e com mais textos. Na opinião de Laís, as ilustrações foram feitas apressadamente e, por serem de brasileiros, “não se enquadram bem ao espírito daqueles números, que devia ser totalmente português” (Belo Horizonte, Carta de 21 jun. 1969, p. 1) Essa opinião da escritora demarca as identidades e posições diferentes das literaturas brasileira e portuguesa. Para Laís Corrêa, há diferenças entre a literatura portuguesa e brasileira, pois não há como ilustradores brasileiros conseguirem imbuir-se do espírito português e seus trabalhos deixam a desejar, ela afirma. É nesse momento que se pode verificar que há por parte dos brasileiros em relação a Portugal uma percepção de que, apesar de terem uma língua comum, tratam-se de duas culturas distintas.

O assunto do *Suplemento* especial estende-se ainda por muitas cartas. Em 12 de maio de 1969, Laís Corrêa reclama à amiga o fato de os organizadores E. M. de Melo e Castro e Arnaldo Saraiva não terem se manifestado a respeito do periódico, uma vez que fora composto com muito carinho e aqui no Brasil fez bastante sucesso. E ainda faz referência à versão de Ana Hatherly sobre a inveja ou o ciúme que sofreu em Portugal por ela ter recebido destaque nesses números de março de 1969. Laís Corrêa explica-lhe que não foi uma questão de preferência pela poeta, mas se deveu fato de que os organizadores brasileiros tinham mais material dela do que de outros escritores, pois aqui estivera, dera entrevista e deixara muitos textos, fizera muitos contatos etc.

Volta na carta de 26 de junho de 1969 novamente ao assunto do suplemento dedicado à Literatura Nova Portuguesa, escrevendo ter ficado aborrecida com o que ocorreu com Ana Hatherly. E faz reflexões acerca da inveja humana. Solicita à amiga que envie para o arquivo do *Suplemento* os recortes de jornais de Lisboa que ela mencionou em carta que escreveram sobre os números 131 e 132 do periódico.

Opinando sobre a natureza humana, nessa carta de 12 de maio de 1969, a escritora narra as desavenças que teve com Murilo Rubião por ele discordar de sua crítica ao escritor equatoriano Jorge Icaza quando observa que “o escritor latino-americano, vivemos (sic) num contexto de miséria e analfabetismo, de subdesenvolvimento enfim, sente-se obrigado quase a escrever um livro de denúncia, reivindicatório, etc”.(p.01). Murilo Rubião achou o texto ofensivo à pátria e o encaminhou ao diretor da Imprensa Oficial

que o censurou e proibiu. A censura prévia era uma prática que ocorria nos jornais e revistas no período de ditadura militar.

Ela mostra-se bastante magoada, usando mesmo palavras duras e chega a qualificar a atitude do amigo como de um “alcagüete” e de “dedo-duro”.³⁴ E por odiar, por princípio, “qualquer repressão ou opressão ainda mais da liberdade de pensamento” (p. 1, 2), e por referir-se especificamente ao Equador, Laís Corrêa afirma que, por carta, recusou-se a continuar a fazer a seção “Roda Gigante”. Faz críticas bastante contundentes a Murilo Rubião e a seu relacionamento com o poder e o governo, mostra-se decepcionada com a atitude, pois assim como ele, ela também é uma das pioneiras na criação do *Suplemento Literário*. E cita Balzac para embasar sua posição independente no periódico: “conforme as características, o hábito de tremer relaxa as fibras, gera o medo e o medo obriga a ceder sempre. Daí nasce uma fraqueza que abastarda o homem e lhe comunica um certo que de escravo” (p. 2).

Ela afirma que, embora reprova veementemente a atitude de Murilo Rubião, sabe da importância do *Suplemento* e, ainda que tenha se afastado, continua colaborando pois recebe cartas e colaborações de seus amigos escritores. Entretanto, alguns amigos, sabendo do episódio deixaram de colaborar com o periódico, prejudicando o nível de publicações. Após breve período acerca da saúde de Ana Hatherly, Laís Corrêa continua escrevendo digressões sobre a natureza humana e sobre o que chama de “luta literária” que é “feita de inveja e pequenas crueldades, quando devia passar-se em nível de qualidade e dignidade” (p. 2), referindo-se evidentemente às represálias que Ana Hatherly sofrera em Lisboa devido ao número especial do *Suplemento* e a sua própria desavença com Murilo Rubião.

Ainda faz referência a este episódio em carta de 2 de setembro de 1969, quando afirma que não voltará para o *Suplemento* e que este recebeu protestos pelo fim da coluna *Roda Gigante*. Escreve que o homem não mudou em nada, desde o tempo das cavernas, pois continua “a disputar a urros caça do outro” (p. 2). Porém, ela que vê essa situação como vergonhosa e deprimente, ainda não se acostumou.

³⁴ Cf. Capítulo I, O Suplemento Literário, p. 33.

E, num exercício de meditação, continua construindo para a amiga uma identidade, afinal é uma pessoa:

Despida de qualquer vaidade, conhecendo minhas limitações, sempre me alegrei com as conquistas alheias, sempre procurei animar e exaltar os jovens, sempre fiz o meu trabalho com humildade e simplicidade. Sou (sic) tenho um orgulho, esse talvez um pouco feroz : a minha integridade moral, a consciência entre minha maneira de pensar e de agir (Belo Horizonte, 12 maio 1969, p. 3).

Incentiva a amiga a continuar na “luta literária” e afirma que é preciso “uma grande dose de vontade e confiança em si, para continuar contra tudo, contra todos. Isto você tem - por isso não me assustam os fatos que me conta”. No final da carta pede a Ana Hatherly que avise a Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro a respeito do pagamento pela organização dos suplementos especiais, pede-lhe que continue a lhe escrever, pois tem prazer em reler suas cartas e cobra-lhe livros que lhe prometera.

A carta de 26 de junho de 1969 caracteriza-se como um ensaio sobre as *39 Tisanas* que Ana Hatherly lhe enviara. Laís Corrêa elogia o jogo com as palavras que a poeta empreende, as originais associações de idéias e do verbo, criando um novo surrealismo, no seu dizer, usa essa expressão na falta de uma melhor. E lamenta que, pelas razões que a amiga sabe, não pode dar ao livro uma “cobertura” jornalista que ele merece. Pede que envie o livro para o Laboratório de Estética, em nome do professor Moacyr Laterza, na Faculdade de Filosofia, para que faça “parte dos estudos que são dedicados à literatura portuguesa”, uma vez que o professor lhe pedira obras de vanguarda e que os estudantes de estética estão organizando uma espécie de museu literário, tendo ela já enviado textos da amiga.

A próxima carta de 17 de julho de 1969 é para agradecer os pedidos feitos na anterior, e atendidos, e ainda pelo envio dos livros de E. M. de Melo e Castro e de Aragão, provavelmente António Aragão, poeta que também fazia parte do grupo de Poesia Experimental e um dos organizadores dos *Cadernos da Poesia Experimental Portuguesa*, ao lado de E. M. de Melo e Castro e Herberto Helder. Agradece também o recebimento de poemas-postais e pede mais alguns para que possa divulgar o trabalho de vanguarda que fazem em Portugal. Lamenta que outros escritores, devido ao “incidente” do suplemento especial, tenham se afastado do Brasil, não enviando mais trabalhos e afirma que Ana Hatherly tem grande prestígio e popularidade aqui,

chegando mesmo a ter discípulos, principalmente entre os jovens que a admiram e a seguem poeticamente. Faz referência aos problemas oculares da poeta e pede-lhe que, durante seu estágio na Inglaterra não deixe de escrever, de “dar o privilégio de suas cartas, mandando-me o seu endereço lá, caso lhe interesse conversar com esta amiga, na humildade da província mineira”.

Procurando construir uma subjetividade e uma identidade que busca garantir a permanência da imagem do eu construída, Laís Corrêa de Araújo, num jogo retórico, apresenta-se humildemente e revela plena de admiração pela amiga portuguesa, na carta de 2 de setembro de 1969. Escreve estar envergonhada por escrever a amiga em papel ruim, “sem nenhum timbre de “nobreza” ou “dignidade” como os seus”. E acrescenta que quem a quer deve aceitá-la como é, plebéia, do povo, como explica seu nome grego e ainda grifa a expressão, “do povo”. Sua família “(Corrêa de Araújo, Correia de Oliveira, de raízes naturalmente portuguesas e com um poeta-Antonio-importante aí nesses lugares seus) se preza de uma ascendência de “casa grande””. E refere-se também à ascendência do marido para traçar uma representação de um eu nobre, à altura de ser correspondente de uma poeta portuguesa: “e os Ávila têm uma longa história atrás de si. No entanto, eu e Affonso perdemos já de todo o lustro ilustre e nos orgulhamos, ao contrário, de sermos bem brasileiroamente gente comum. Portanto, queira desculpar-nos de sermos o que somos, apenas nós mesmos”.

A amizade que os intelectuais brasileiros intentam empreender através do *Suplemento Literário* e das correspondências pode ser lida como uma reação a formas já institucionalizadas de relacionamento entre Brasil e Portugal. A amizade é sempre interpretada em termos familiares, afirma Ortega (2000). Derrida (2000) aponta em seus estudos, de forma ainda implícita, segundo Ortega, os discursos sobre a amizade como discursos da fraternidade pois não se separa amizade do contexto familiar. O amigo é sempre visto como irmão. Mas é Foucault que estuda o discurso da amizade como prática social quem afirma “a nossa incapacidade de pensar a sociabilidade além dos padrões familiares” (*apud* ORTEGA, 2000, p. 67). É uma tentativa de se criar parentesco, pois há uma necessidade humana em pensar a amizade sob o ponto de vista do afeto, das relações de parentesco, fraternais (FOUCAULT *apud* ORTEGA, 2000, p. 61, 116).

Nesse sentido, podemos ver a necessidade que Laís Corrêa de Araújo tem, nessa carta, de apontar, através de um esboço de sua árvore genealógica, a sua origem nobre, portuguesa. Ela quer aproximar-se de Ana Hatherly não só porque tem afinidades literárias, mas também por ter nascido em um país que foi colonizado por portugueses e porque tem antepassados que nasceram em Portugal.

Também retoma o assunto da origem portuguesa, portanto nobre, quando, referindo-se à sua saída do *Suplemento* se diz muito orgulhosa e muito independente para tolerar censuras e destaca ironicamente entre parênteses “(herança nobre?)”. Esse é um dos poucos momentos em que há referência à ditadura que se instaurava no país. Laís Corrêa de Araújo que não mede muito as palavras quando se mostra magoada nas cartas afirma:

Aliás o nosso desgraçado país cada vez se afunda mais, politicamente; se cresce e progride é por força de uma vitalidade incontrolável de uma adolescência exuberante, à vontade de tudo: agora somos “governados” por uma junta militar... isto nos deprime a todos, especialmente aos intelectuais, e é com sangue, suor e lágrimas que se continua a escrever por aqui. (Belo Horizonte, 2 set. 1969).

Prossegue a carta parabenizando Ana Hatherly pelo que publicou no *Suplemento* de primeiro aniversário. E comenta que talvez a “preferência muriliana que possa causar espécie entre seus (ex?) companheiros de vanguarda portuguesa. Que fazer? Você descobriu o Brasil, ou melhor, o Brasil descobriu você e, imperialisticamente, fê-la nosso patrimônio”. Voltando a elogiar Ana Hatherly, Laís Corrêa de Araújo escreve-lhe acerca do seu comprometimento com os mineiros pois “Pode incluir-nos (...) entre as províncias ultramarinas da sua literatura.”

E, numa revelação de intimidade, cita nomes de autores portugueses que invejam a relação da poeta com os brasileiros e também se refere à paixão lírica e platônica que pensa Murilo Rubião nutrir por Ana Hatherly. Cobra o envio dos poemas-postais para ela e para o Laboratório de Estética. Para inteirar Ana Hatherly sobre o Brasil, faz uma pequena e informal biografia do escultor de Divinópolis, Geraldo Teles de Oliveira, destacando a sua tipicidade brasileira pois o escritor Lázaro Barreto informou-lhe que enviara a poeta portuguesa um trabalho do escultor. E, como parece, o escultor acabou

adquirindo um papel turístico e representativo da brasilidade, ela informa que Roman Jacobson encantou-se com os trabalhos de Geraldo Teles de Oliveira.

Já no final da carta assuntos corriqueiros como a saúde de Ana Hatherly, sua ida para a Inglaterra são retomados. A brasileira reclama o desconhecimento da literatura portuguesa no país, a não ser “aqueles medalhões, de Camões a Fernando Pessoa e os sub atuais” (p. 3). Desabafa que Maria Lúcia Lepecki, que lá esteve estudando literatura portuguesa, não escreva crítica a respeito de escritores atuais de vanguarda. E porque muitos outros críticos tenham a mesma atitude a impressão que se tem no Brasil é que a literatura desse país esteja em atraso, pensa que o mesmo ocorre lá em relação ao Brasil, “conhece-se talvez José Lins, Jorge Amado, Érico Veríssimo e nada do que se faz de sério e vanguardista por aqui...” Entretanto, Ana Hatherly rompe essa situação. E quanto à relação Brasil/Portugal afirma “A ligação entre nossos países está ainda no cordão umbilical: nenhum de nós cresceu! É bem melancólico” (p. 3).

Na carta de 1º de outubro de 1969, Laís Corrêa de Araújo, procurando levantar o moral da amiga, escreve não gostar do retrato de “Mater Dolorosa” que tem sobre a mesa. Certamente faz referência a alguma carta ou fotografia que dela recebera. Não fica claro se é um ou outro, entretanto, como Laís C. Araújo faz referência ao sol tropical que falta à amiga, pergunta-lhe brincando se ela deseja que o envie pelo correio, o leitor atual tem a propensão de acreditar ser uma fotografia. Agradece o recebimento dos poemas postais e escreve informando que ficou sabendo por Lázaro Barreto do projeto da revista de vanguarda e do interesse da amiga pelo poema/processo. Comenta “Vê como suas notícias voam? Você faz parte já da turma brasileira” (p. 1).

Laís Corrêa de Araújo faz algumas ressalvas ao movimento do Poema/processo, pensa ser o fato de terem queimado em praça pública livros de autores como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Haroldo de Campos um acinte à cultura nacional, pois não considera vã e desprezível a produção literária anterior e escreve entre parênteses “(já somos um país sem tradição)”. Faz crítica à poesia brasileira contemporânea, escreve que esta está em crise e os jovens estão tentando uma saída, entretanto, o Brasil é um país mal alfabetizado, com problemas sérios de falta de leitura entre outros desse nível, tornando o problema mais sério, ela afirma. Aqui, se faz literatura por teimosia, para circular entre os mesmos, ela escreve, e compara essa

situação com Portugal, acreditando que lá, por ser Europa, seja melhor. Pergunta a Ana Hatherly quantos leitores ela tem em Portugal, quantos acreditam e trabalham uma arte de vanguarda.

Informa que esteve com Maria Lúcia Lepecki e se surpreende pois a professora, em suas aulas de literatura portuguesa contemporânea não contempla nomes que a poeta citou em conversa com ela em sua casa em Belo Horizonte. Confessa conhecer pouco da literatura portuguesa, então pede a poeta que lhe envie a relação de nomes para passar a Maria Lúcia Lepecki. Por fim, fala de suas atividades; escreve agora para o suplemento literário do *Estado de São Paulo*, faz algumas traduções para o *Suplemento Literário* e dá pareceres sobre poemas a serem lá publicados pelo governo, pela Imprensa Oficial, trabalha um novo livro, *Eroástica Manual*, que, na situação em que país se encontra, acha-o impublicável, pois como o próprio nome diz, trata-se de poemas sobre sexo. Segundo a missivista são signos matemáticos, herméticos e outros verbais. Por fim, deseja receber notícias sobre a cirurgia da Ana Hatherly e vê-la melhor, “linda e forte”.

Há uma mitificação de Ana Hatherly. Laís Corrêa de Araújo elege-a como um modelo da Literatura Portuguesa contemporânea, como fonte de conhecimento e sabedoria. Tanto Laís C. Araújo quanto Murilo Rubião têm uma postura de admiração extrema em relação à Ana Hatherly e escrevem em alguns momentos, como já se viu, que o que produzem ou o que se produz no Brasil tem menos valor em relação a Portugal ou ao que ela produz.

Em 15 de setembro de 1969, Laís Corrêa de Araújo agradece o presente que lhe enviou a amiga e observa ser este “tão português nas cores, na figura do galo”. Escreve ter esse chegado numa boa hora, encontrava-se em “depressão tremenda”, pois os intelectuais têm sofrido pressão, estão sendo obrigados a se aposentar ou mesmo são banidos do país. No final desta carta a que chama de bilhete, a missivista volta novamente a escrever sobre a situação política do Brasil, afirma que estão com problemas de sobrevivência, e, num sentido comparativo ironiza que o país copia “bastante bem” Portugal, estão vivendo momento de tensão nervosa. Refere-se mais uma vez ainda ao número especial de aniversário do *Suplemento* e chama atenção para o destaque que a amiga recebera, aproveita para elogiá-la, dizendo da “aura de prestígio e respeito” que ela e outros jovens portugueses têm no país e, principalmente em Minas.

Na década de 70, há apenas três correspondências, a primeira delas de 5 de abril de 1970, a segunda de 10 de julho de 1970 e a terceira exibe apenas o ano, 1973. A terceira carta, quase um bilhete, escrita num papel de cartas azul com florzinhas no topo, agradece o recebimento das *Tisanas* e os *Mapas da imaginação e da memória* e o fato de ela ter Ana Hatherly como amiga. Laís Corrêa perdera o endereço da amiga, mas o recuperará, afirma. Informa que escreverá para revista *Colóquio/Letras* um artigo sobre a vanguarda poética portuguesa e que a amiga será parte importante no ensaio.

A primeira, uma longa carta datilografada, é bastante representativa do momento que vivia o país. Nela, Laís Corrêa de Araújo aborda a questão da censura que sofria a classe intelectual sob o regime militar. Mostra-se aborrecida por aquilo que chama de “avacalhação”, ou seja, há no país uma deteriorização rápida de assuntos, impulsionada pela reação popular que se pauta na ironia, na comicidade, na piada, na charge e na ridicularização. É, por exemplo, o que aconteceu com o decreto sobre a censura; segundo a poeta, os protestos de escritores, editoras e das entidades literárias nada valeriam se a verve popular não tivesse ridicularizado o assunto. Assim, ninguém respeitou o decreto, e acrescenta-se a isso o fato de o governo não ter pessoal suficiente para ler os livros e censurá-los. Houve várias manifestações acerca do assunto, todas vindo pelo lado cômico, Carlos Drummond de Andrade foi um dos que escreveram crônicas tomando o decreto como anedota. “O brasileiro (o “carioca”, principalmente o carioca) é irreverente demais para suportar calado esse tipo de pressão” (p. 1), afirma a missivista. Dessa forma, a censura passou a ser desconsiderada, nenhum autor envia livros aos censores e o governo preferiu calar-se diante de tal situação, ela afirma.

Segundo Flora Sussekind (2004, p. 17, 20), a censura tornou-se, nos anos de ditadura militar, um personagem, e muito da literatura que se produziu nesta época foi uma resposta a ela. Seja nos romances-reportagem, nas biografias de presos políticos ou na opção pelo realismo mágico, alegorias, parábolas o que se buscava era uma resposta direta ou indireta à impossibilidade de expressão imposta pelo Estado. A censura foi nesta época um *interlocutor* presente na literatura, um personagem, porém “não tão poderoso como se imaginava”, afirma Sussekind.

Na mesma carta, Laís Corrêa de Araújo vai tratar de problemas que enfrentava o *Suplemento* nesse período. Segundo a poeta ele sofre perseguição por parte de um grupo contrário que produz uma subliteratura e desde o início procura dificultar o trabalho empreendido por aqueles que atuam no periódico. Segundo Laís Corrêa de Araújo, como não são inteligentes o bastante para transformar tudo em “avacalhão”, optam pela intriga, denúncia, mesquinharia. E como se diz uma pessoa irritadiça, nervosa e que detesta escrever sob a “mira dos invejosos” e sob a “ameaça de denúncias”, retirou-se do periódico. É interessante ressaltar que em dois momentos da carta Laís C. Araújo, em defesa do *Suplemento* e de Murilo Rubião, começa a usar a primeira pessoa do plural, falando em nome de um coletivo, do grupo, da Geração Suplemento. Parece, portanto, ter superado as desavenças iniciais que teve com Murilo Rubião e elogia bastante o seu esforço e o dos jovens para manter o periódico. Para Laís Corrêa de Araújo os problemas maiores do *Suplemento* são de ordem financeira, e como no Brasil, já há uma conscientização da profissão de escritor, poucos querem colaborar por pouca remuneração, apenas aqueles da subliteratura escrevem de graça por não terem veículo de divulgação de “sua produção rasteira”. Sendo assim, o periódico conta apenas com os amigos que escrevem apesar da baixa remuneração. É curioso o fato de Laís C. Araújo ver a profissionalização como algo negativo. Talvez porque estivesse, naquele momento, imbuída de idealismo em relação ao periódico, pois acompanhava as restrições financeiras a que ele era submetido. Entretanto, aponta para a questão de que o jornal está ligado ao governo, portanto, demonstra ter consciência de que ele está subordinado ao poder. Ela afirma que, entre as dificuldades de se conseguir publicação de qualidade está relacionada à recusa de muitos escritores em escrever para um jornal “pertencente ao governo, por questão de ética pessoal”, ela escreve e sublinha (ARAÚJO, 1970, p. 2).

Além da censura ideológica a censura econômica era um outro recurso usado pelo regime militar que conseqüentemente levava a cooptação de intelectuais. A classe artística enfrentava além da censura uma enorme *dificuldade em arranjar trabalho*; editoras sofriam com a crise econômica e os meios de comunicação eram vigiados pela censura, como aponta Sussekind (2004). Em contrapartida, ou mesmo como estratégia de dominação, o governo procurava incentivar o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, voltados para a classe popular. A televisão foi um deles, pois a expansão de redes de televisão era um recurso eficaz de controle social (SUSSEKIND,

2004, p. 23). O governo procurava incentivar a estética do espetáculo. Destacam-se nesse período os festivais de música com grande participação do público, os programas de auditório com audiência garantida. E o Estado passava também a criar projetos de incentivo à produção intelectual, com financiamentos, bolsas de estudos, patrocínios a publicações, fundações, secretarias, agências, concursos, assumindo um papel paternalista. Segundo Sussekind (2004), até 1968, tolerava-se a produção intelectual de esquerda, *a arte de protesto*, desde que essa não atingisse as camadas mais populares, limita-se, pois, a sua área de atuação (p. 22,23).

Por fim, Laís Corrêa escreve um ensaio acerca da então atual poesia brasileira que opta pela oralidade como saída. Muitos poetas dedicam-se à música e tornam-se letristas ao invés de ir em busca de editoras, como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Macalé, Capinan, e outros. Este é um período em que a poesia escrita sai de cena e entram a música popular, o cinema e o teatro que aos poucos vão tomando conta dos meios de comunicação de massa, mantidos direta ou indiretamente pelo governo militar. (HOLLANDA, 2004). Essa opção pela oralidade deve-se, segundo a missivista, ao desejo de que através da música a poesia possa ser “consumida”, pois é cara, elitista, restrita a uma classe, portanto difícil de ser aceita pelas editoras. Transcreve para a amiga a letra de uma música que elenca uma série de datas que vão, numa certa seqüência de 1930 a 1969, explica que acha curiosa e estranha esta experiência poética. Comenta que há outros poemas mais livres que aparecem como reação à impossibilidade de se usar “palavras “claras””. Assim, afirma que “nós outros poetas acomodados, ajuizados, ficamos sem instrumento de trabalho ou de ação” (ARAÚJO, 1970, p. 3).

Esse trecho da correspondência além de retratar o momento que a intelectualidade estava vivendo durante a ditadura militar, demonstra a dificuldade de expressão de muitos poetas e escritores e a opção de parte da intelectualidade pela música e pela metáfora como forma ação política e cultural.

Um ensaio de Henry Corrêa de Araújo, intitulado “Caetano Veloso ou o compositor substitui o poeta-escritor”, publicado em 29 de junho 1968, no *Suplemento Literário*, dialoga com esta carta de Laís C. Araújo na medida em que aponta as dificuldades que os poetas da língua escrita encontram nesse período, caracterizado como o da expressão

poética oral através da música popular. O ensaio inicia com a pergunta “Vale a pena continuar escrevendo poesia?” Não há consumidor de poesia, pois este, segundo o autor, está preocupado com a dura realidade nacional e internacional como a Guerra do Vietnã, com as violentas manifestações estudantis, por exemplo. E a poesia ainda não encontrou a sua “funcionalidade” neste contexto sócio-político, seu modo de expressão que atinja o público, daí surgem movimentos como poesia de vanguarda, poesia popular, Poesia Práxis, Poesia Concreta, Poema Processo, resultados de pesquisa formal e estética. Segundo Henry de Araújo (1968), Caetano Veloso, autêntico poeta de vanguarda, vem substituindo pouco a pouco o poeta-escritor. A música popular brasileira encontrava-se em franco sucesso de público, cantores eram disputados pelas emissoras de televisão e recebiam salários exorbitantes. O teatro também viveu um bom período no país, afirma o articulista. E cita montagens como “Liberdade-liberdade”, “Opinião”, “Arena contra Zumbi-Tiradentes-Bahia”, “Roda Viva”, peças de Plínio Marcos, “Morte Vida e Severina” que divulgou a obra poética de João Cabral de Melo Neto (p. 2).

É curioso que Laís Corrêa é uma intelectual que tem no *Suplemento* um papel relevante quando se pensa em vanguarda e novidades estrangeiras, com destaque para a portuguesa, evidentemente. É ela quem entrevista Roman Jakobson, Tvetzan Todorov quando vêm ao Brasil. Entretanto, quando se trata do Tropicalismo, estranha o movimento, assim como grande parte da intelectualidade brasileira. Voltada para um nacionalismo exacerbado, e um conservadorismo estético, expressão usada por Sussekind (2004, p. 48), a intelectualidade dos anos 60 e 70 via no Movimento Tropicalista uma traição, pois a busca de uma nova forma de expressão baseada nas vanguardas européia e norte-americana, com a introdução da guitarra e do inglês nas letras das músicas, era vista como elemento alienígena.

O Movimento Tropicalista fora, no início, incompreendido, pois, diante da situação sócio-política de repressão do regime militar, imperava antes uma arte engajada e revolucionária. E a nova forma de expressão poética e sonora do Tropicalismo, sua atitude antropofágica, a sátira política, a junção de elementos estrangeiros a brasileirismos, a introdução da guitarra, elementos da cultura *pop*, a linguagem espetáculo, foram visto pela esquerda e pela burguesia como uma traição ao nacionalismo dos anos 60 e 70. Caetano Veloso recebeu vaias e bananas e Gilberto Gil

chegou a ser ferido com um pau que lhe arremessaram os estudantes de esquerda. (SUSSEKIND, 2004, p. 25)

O Movimento Tropicalista procurava em suas músicas incorporar e mesmo apropriar-se dos elementos da direita como a estética do espetáculo, assim, seus participantes não tiveram o escrúpulo que a esquerda tinha inicialmente em relação às *media*, entraram nos festivais de música popular e se apropriaram sabiamente da sociedade da vitrine. O Tropicalismo colocou em xeque as fissuras do movimento de esquerda no país, seu conservadorismo estético, suas contradições, o que seria evidenciado após o AI-5 quando o governo passa a reprimir todos os movimentos que a ele se opõem, pondo fim a querela nacionalista, expressão de Sussekind (2004), e passa a impor a censura com violência e repressão, obrigando muitos desses intelectuais a se exilarem, como é o caso mesmo de Caetano Veloso. A censura, a repressão, as prisões passam então a unir os intelectuais em torno de uma mesma luta, pondo fim às divergências ideológicas. (Sussekind, 2004, p. 48-49).

A carta de 10 de julho de 1970, de Laís Corrêa, após o cumprimento costumeiro com o apenas “Ana”, inicia com um travessão, como a indicar o início de uma conversa, e expressa um “Ai, que preguiça!”, escrevendo ser esse o grito de guerra dos brasileiros e, referindo-se a Macunaíma e a suas características que compõem o caráter e a identidade do brasileiro, informa ter passado por fases difíceis, sem emprego, trabalhando apenas nas atividades domésticas. Agora, exausta, encontra-se numa fase de Macunaíma, pois conseguiu auxiliares, entretanto, há um mês está sem entrar no escritório, sem escrever cartas, apenas trabalhando na Biblioteca. Laís Corrêa de Araújo exerce, a partir de 1970 a função de assessora técnico-cultural da Biblioteca Pública Estadual “Luís Bessa”, em Belo Horizonte. (MACIEL, 2002, p. 60)

Escreve ter perdido o prestígio, após sua saída do *Suplemento*. E faz reflexões sobre o fato de que os escritores só tratam bem o crítico que está na ativa, a fim de obterem elogios. Assim, fora do *Suplemento Literário*, sem receber correspondências e com o afastamento de alguns amigos, que escreve entre aspas, ela demonstra desânimo, sente-se deprimida, diz estar na fase do porquê e do pra quê, descrente da literatura. E fala de si: “Já sou, de temperamento, pouco constante, pouco firme, sem força de vontade” (p. 2). Assim, a literatura lhe parece um diletantismo inútil e fútil. Ainda desabafa

escrevendo ser todo esse desânimo e questionamento uma questão astrológica, pois é do signo de peixes. Faz referência às diferenças de temperamento entre ela e Affonso Ávila. Ele continua trabalhando, porém, não escreve cartas, incumbindo-a de agradecer a Ana Hatherly o texto que escrevera sobre o seu livro. Laís Corrêa de Araújo escreve ter tido um pouco da amiga e de Portugal com a visita de Ruben A. Lamenta, apesar do convite feito pelo escritor, não poder ir a Portugal sem auxílio do governo, sem bolsa. Escreve ter recebido *Rumor Branco*, de Almeida Faria, o qual é acusado por Haroldo de Campos de plagiar trechos que lhe enviou em correspondência. Por fim, escreve sobre a difícil situação econômica do país que atinge as editoras, o que obriga os escritores a publicarem por conta própria.

Afirma que o movimento cultural está fraco, mas, mesmo assim Affonso Ávila conseguiu publicar o número dois da revista *Barroco*, patrocinado pela Universidade Federal de Minas Gerais. E entre parênteses ironicamente escreve que “(consideram o assunto inócuo politicamente nulo)” (p. 4) Nessa revista, Affonso Ávila publicou o artigo “O elemento lúdico nas formas de expressão do barroco”. O número um de *Barroco*, revista especializada, foi lançado pelo poeta no Festival de Inverno de Ouro Preto/UFMG, em 1969. (BUENO, 1993, p. 55)

Como reflexo da situação em que se encontravam os intelectuais nesse período, cooptados, sujeitos aos empregos que o governo lhes oferecia, Laís Corrêa de Araújo reclama do trabalho burocrático nas repartições e pouca “produção criativa”. Reclama ainda que há muitos desenganos, evasão de técnicas e muitos exílios para os Estados Unidos e Europa. A carta, por estar dividida em partes, falta uma linha final da página três e consegue-se ler na página quatro as palavras “mas jantamos o campeonato de futebol! E o governo se ufana disso”. Pode-se supor que Laís Corrêa esteja se referindo à Copa de 70 que, no período de ditadura militar, acaba funcionando como lenitivo para o povo que vivia sob o regime de exceção. Ela comenta que há pão e circo, mais circo, observa, para um povo subnutrido e desempregado.

A crise acaba por atingir o *Suplemento Literário*, Laís Corrêa de Araújo diz ter ele decaído após sua saída, estando sob o comando de jovens inexperientes, pois alguns escritores saíram após a “demissão extemporânea” de Rui Mourão, que provocou também a sua saída, observa, entre parênteses.

Em 1969, Rui Mourão retorna ao Brasil, após lecionar nos Estados Unidos em Tulane University, University de Houston e Stanford University. É nomeado editor do periódico, após a saída de Murilo Rubião que fora denunciado como subversivo. Entretanto, dois meses depois, fora demitido, por ordens do general Gentil Marcondes Filho, comandante do 11 Região de Infantaria. (COELHO, 2004, p. 47-48, 72)

Além disso, afirma que muitos bons escritores também deixaram de colaborar por se tratar de um jornal do governo. Assim, escrevendo em nome de um coletivo, observa que estão sem veículo de informação. Pede que a amiga lhe escreva, pois receber cartas, mesmo que poucas é o que lhe basta, escreve que deseja ouvi-la, estar com ela, saber de seus trabalhos e, por fim, se despede.

Se as poucas correspondências endereçadas a Ana Hatherly revelam admiração e amizade por parte de Murilo Rubião e dessa em relação ao contista, as que Laís Corrêa de Araújo enviou a poeta são não só em maior número mas também maiores em tamanho e revelam uma estreita amizade entre mulheres intelectuais, chegando mesmo ao desabafo ao pé do ouvido e a um maior despojamento.

4.8 Correspondências: trocas intelectuais

Ana Hatherly tem para o Grupo Suplemento e para muitos mineiros que participam indiretamente desse grupo um papel bastante significativo. Primeiramente, ela é uma poeta portuguesa e, nesse período, as relações dos mineiros com Portugal se estreitam, seja pela necessidade de uma identificação, uma busca de origem, do passado, seja pela busca do novo, ou mesmo pelo sentimento de orfandade que esses intelectuais estavam sentindo. Como se pode ver, principalmente nas cartas dos anos 70 de Laís Corrêa, entre os intelectuais havia um sentimento de desamparo. Apesar da cooptação e da “paternidade” do governo, ela demonstra consciência da repressão, de quanto era podada a criação artística, das dificuldades econômicas que sofria o povo e o quanto a censura imposta aos jornais e mesmo o fechamento de muitos deles depois do AI-5, em 1968, restringia os meios de expressão dos intelectuais.

São vários os mineiros que escrevem a Ana Hatherly, como já foi apontado anteriormente. Entre eles, Rui Mourão, que, em 2 de agosto de 1973, comunica-lhe, numa carta que formalmente retrata a oficialidade das cartas de repartição, que assumiu a chefia da Divisão de Assuntos Culturais da Imprensa Oficial do Estado e, embora o *Suplemento Literário* continue com sua secretaria própria, ele estará, a partir daquele momento sob sua orientação e coordenação. Sendo assim, conta com sua colaboração quanto ao envio de matérias.

Numa carta de 25 de outubro de 1966 de Ubirásçu Carneiro da Cunha, o missivista escreve sentir-se envaidecido com os elogios a seus poemas *As cirandas* feitos por Ana Hatherly. Justifica e se desculpa por ter feito algumas perguntas na carta anterior, faz ainda uma série de outras indagações acerca de escritores portugueses contemporâneos, demonstrando o desejo de saber mais sobre a Literatura Portuguesa. E estranha o fato de a poeta não figurar em nenhuma antologia recém lançada. Faz referência à frase de Ana Hatherly sobre a preguiça lusitana e diz que os brasileiros a têm como herança, pois só ele trabalha em *Vereda*, os outros “assistem de camarote”. Esta carta é a que originou a entrevista com Ana Hatherly por ele publicada no *Suplemento* em 18 de fevereiro de 1967, como contava com apenas três perguntas respondidas, resolveu fazer-lhe mais onze perguntas. Além disso, Ubirásçu remeter-lhe livro de amigos de *Vereda*, do grupo de *Texto* e de João Cabral de Melo Neto e pede-lhe foto. Como se vê, Ana Hatherly tem para esses escritores uma função de guru, como afirmou Duílio Gomes em entrevista.³⁵ Elegem-na como mãe intelectual dos grupos que giram em torno de *Suplemento*. E parece, pelo final da carta, que ela responde as cartas dos mineiros com carinho, trocando material, enviando e recebendo: “Eu é que te agradeço, Ana. Nada me debes. Tento em vão descobrir uma maneira de te agradecer por tuas gentilezas” (CUNHA, 1966, p. 4).

Ubirásçu Carneiro da Cunha, em papel timbrado da Universidade de Brasília escreve à poeta, em 31 de outubro de 1966, uma longa carta de três páginas em que narra a trajetória dos jovens escritores da revista *Vereda*. Embora alguns membros publicassem, inicialmente, no *Jornal da Cidade*, só se efetivaram como grupo com a reestruturação do *Suplemento Literário do Estado de Minas*, dirigido por Affonso Ávila, ele afirma. A

³⁵ Cf. Entrevista em Anexo.

partir dessas publicações, outros escritores se uniram ao grupo inicial e formaram *Vereda*. Assim, já definido como tal, o grupo de Vereda participou da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, organizada por Affonso Ávila, realizada em Belo Horizonte, em 1963, na UFMG. Esta carta merece destaque por ser resposta a uma carta de Ana Hatherly em que pedira dados sobre a literatura nova dos mineiros para escrever um texto a ser publicado no *Jornal de Letras e Artes*, demonstrando seu interesse em divulgar em Portugal a Literatura Brasileira, escrevendo ensaios, como fez em relação à obra de Murilo Rubião. Ao final da primeira página, o missivista fazendo referência ao golpe militar de abril de 1964, que causou desorientação e desânimo ao Grupo Vereda, atenta ainda para a publicação do segundo número da mostra de poesia de Vereda, em setembro de 1965. Ubirásçu C. Cunha explica a postura poética de vanguarda do grupo. Segundo o missivista, ela é participante, engajada e identificada com o contexto brasileiro, ligada às experiências visuais de *Noigrandes* e ao nacionalismo de *Tendência*. Vereda se insere na crise de comunicação por que passava o país a qual, segundo Ubirásçu C. Cunha, fora denunciada por João Cabral de Melo Neto, em 1954, no Congresso Internacional de Escritores, em São Paulo. Por fim, escreve um parágrafo sobre a poesia participante, informa à destinatária que ela poderá saber mais sobre o grupo nas duas apresentações das revistas um e dois e na apresentação da revista três que ainda seria lançada, ou ler nos números onze e quinze, o ensaio “Tendência: poesia y crítica em situation”, publicado na *Revista de Cultura Brasileña*.³⁶ Envia para Ana Hatherly a apresentação do terceiro número da revista a qual consta dos documentos doados ao Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

Em outubro de 1969, da cidade Oliveira, Márcio Almeida, que faz parte do grupo Frente, informa que leu as cartas de Ana Hatherly enviadas a Lázaro Barreto e assim quis repetir o amigo, escrevendo para a “melhor poeta e escritora contemporânea de Portugal” (p. 1). Conhecia Ana Hatherly como poeta havia anos quando tinha um correspondente que morava em Pinhal Novo e enviava-lhe notícias. Além disso, o *Suplemento Literário* especial fê-lo conhecer mais sobre ela. Reforça a admiração, o respeito e justifica serem esses aliados à timidez e a reserva do mineiro a razão de não

³⁶ A *Revista de Cultura Brasileña* era editada por Manuel Garcia Viñolas, então diretor da revista espanhola. Ele atuara no Brasil como adido cultural da Espanha, tendo tido contado com intelectuais brasileiros. Em outubro de 1971, fizera uma visita ao *Suplemento Literário*. Cf. GARCIA, Viñolas no *Suplemento Literário*. *Suplemento Literário*. v. 6, n. 269, 23, out. 1971, p. 11.

lhe ter enviado trabalhos literários. Recorre a Aníbal Machado em *João Ternura* para definir o mineiro, destacando a introspecção e o silêncio.

Expressa com muita humildade o desejo de manter diálogo com a poeta, pois em muito se assemelham em relação às “incursões criativas” e muito representa para eles (escreve em nome dos jovens poetas) a Literatura Portuguesa Contemporânea. Destaca ser importante o contato com o exterior pra promover mais abertura e quanto a Portugal com “Ana Hatherly, por exemplo, temos muito que aprender e ganhar pois aqui no Brasil, por incrível que pareça não há coesão literária, e Minas parece uma ilha cercada de montanhas onde coração algum pulsa mais forte que o silêncio” (p. 2).

Em alguns parágrafos revela sua inquietação literária, retratando o movimento literário brasileiro e mineiro. Primando pela heterogeneidade, o que supõe ter ela notado em conversa com os mineiros, o movimento literário brasileiro de então vai do academicismo ao Poema-processo, do qual faz parte, ao Concretismo, àqueles que se ligam à linguagem de João Cabral de Melo Neto e de Carlos Drummond de Andrade e outros que buscam se expressar nos postulados surrealistas, afirma Márcio Almeida. Informa que o movimento de *Frente* ao qual pertence, vai de encontro aos “cânones estereotipados”, ligando-se ao Poema-processo. Iniciaram um trabalho que busca a poesia como algo utilitário, sendo assim, lançarão poemas em sacolas, lenços, carteiras, chapéus etc, pretendem criar o movimento “Fábrica de poesia azul de Tormes”. Explica a razão da cor azul e do fato de ser de Tormes, pois é deslumbrado com a “verdadeira Tormes do Zé Fernandes (aptº 202) do Eça de Queiroz”. Além disso, escolheram “azul de Tormes” porque o lugar onde mora a sua noiva, Maricoeli Rocha, tem semelhanças com Tormes. Existe aqui um equívoco do autor da carta: o 202, no livro *A cidade e as serras* não é um apartamento, mas o número da casa de Jacinto, na avenida *Champs Elysées*, em Paris. É também Jacinto que mora em Tormes, na segunda parte do livro, quando vai para Portugal, residir na cidade natal de seus pais. Zé Fernandes encontra-se e mora com Jacinto em Paris, mas nascera em Guiães, uma aldeia próxima a Tormes.

Cabe ressaltar nessa carta a identificação de Márcio Almeida com Portugal, ainda que essa se dê pela via da ficcionalidade. Embora a cidade de Tormes faça parte da ficção eciana, ele considera-a como verdadeira e chega a ver em Minas Gerais um lugar que se assemelha a Tormes portuguesa de *A cidade e as serras*.

É interessante que, nessas três páginas da carta, há uma exposição do eu que se vê na obrigação de se apresentar minuciosamente para a destinatária, numa tentativa de se tornar íntimo. Márcio Almeida escreve sobre sua noiva, Maricoli, que também faz parte do grupo Frente e envia foto dela para Ana Hatherly. No penúltimo parágrafo da carta, para ressaltar, escreve entre parênteses “(sem qualquer pretexto de presunção)”, traça uma breve biografia, que parte da infância, aos cinco anos, aos onze, até a atualidade da carta e envia foto. Escreve novamente sobre o grupo Frente, seus trabalhos, sua repercussão e convida a poeta a participar do grupo. Sentindo realmente que estava numa conversa íntima com a poeta, desculpa-se e finaliza “Vou terminar, a carta ficou grande. Fui prosaico, falei muito” (grifo acrescentado, p. 3).

Essa carta de Márcio de Almeida, endereçada do interior de Minas reflete não só a repercussão do *Suplemento Literário* que cumpria o objetivo do governo - um jornal que pudesse chegar aos municípios - como também atesta que a movimentação literária desse período não se restringia apenas a capitais. Embora em Belo Horizonte houvesse, desde 1963, várias grupos de jovens escritores que, primeiramente, publicavam no *Suplemento Literário do Estado de Minas*, organizado por Affonso Ávila, e posteriormente no *Suplemento Literário do Minas Gerais*, muitos procuraram seus meios de expressão próprios como as revistas *Ptyx*, *Vereda*, *Estória*, *Texto*, *Porta* e *Prototextos*.

Assim como o Modernismo manifestou-se em Cataguases, com *Verde*, em Ubá, com *Montanha*, em Itanhandu, com *Elétrica*, também o movimento literário dos anos 60 e 70 atuava interior a fora seja em Pirapora, com *Tribuna Literária*, em Divinópolis, com *Agora* e com o jornal *Diadorim*, organizado por Lázaro Barreto, ou com os grupos de *Frente*, *Revixta*, *Versiprosa* e *LiterArte*, em Oliveira ou ainda com *SLD*, *Texto* e *Estória*, em Cataguases (ALMEIDA, jun. 1976; WERNECK, 1992, p.75-77)³⁷. E Ana Hatherly, eleita como representante da poesia portuguesa para esses jovens, era conhecida por todos esses grupos do interior não só através do *Suplemento* mas por todos aqueles que se relacionavam direta ou indiretamente com o periódico.

³⁷Cf. As Sextas estórias dos novos de Minas. *Suplemento Literário*, v. 3, n. 108, 21 set. 1968, p. 5-7. *Montanha*; os verdes poetas de Ubá. *Suplemento Literário*, v. 7, n. 306, 8 jul. 1972, p. 9.

Lázaro Barreto, contista e poeta nascido em Marilândia, é mencionado em cartas de Laís Corrêa de Araújo e Márcio Almeida como aquele que não só recebe cartas de Ana Hatherly como também sabe de seus projetos, de seus trabalhos. Dele mesmo há no Arquivo de Escritores Mineiros seis cartas dirigidas à poeta portuguesa e quatro páginas de poemas e conto. A carta do dia 09 de novembro de 1973 deseja melhoras para Ana Hatherly e faz referência a vários acidentes que ela sofrera. O missivista lhe aconselha benzer-se e escreve sobre o que chama da teoria do santo forte, típica do Brasil. Refere-se à sua primeira filha, Ana Paula e à esposa Inês e escreve uma espécie de paródia de oração para Ana Hatherly cujo título é *Um santo forte para Ana Hatherly*.

A próxima carta de 1º de julho de 1974 agradece carta e fotos recebidas da amiga. Informa-lhe que em casa tem um arquivo onde coloca tudo que se refere à poeta e esse ilumina seu escritório. Elogia e incentiva a mudança que Ana Hatherly resolveu empreender em sua vida. O leitor não fica sabendo que mudanças são essas e a carta prossegue pedindo o envio de poemas para publicação e informando que o jornal literário *Diadorim* deixou de sair por falta de condições econômicas e por questões de qualidade. *Diadorim* saía desde 1972, em Divinópolis com participação de Adélia Prado que, junto a Lázaro Barreto, escrevera a peça de teatro *Clarão, um auto de natal*, encenada naquela cidade. Escrevera também em parceria com Lázaro Barreto o livro de poemas *A lapinha de Jesus*, publicado em 1969 pela Editora Vozes.

Por fim, muito entusiasmado, faz referência à situação política portuguesa, escrevendo que tem até chorado de alegria com os novos rumos de Portugal, referindo certamente ao 25 de abril de 1974.

Em 22 de setembro de 1975, agradece recebimento de carta. Escreve sobre a situação política de Portugal que a todos preocupa, sem mencionar detalhes. Certamente refere-se à convulsão social que tomara conta do país após o 25 de abril de 1974. Após a derrubada do salazarismo, representado então por Marcelo Caetano muito da ideologia desse regime permaneceu em Portugal e vários conflitos aconteceram entre a esquerda e a direita. Assim, uma série de fatos tornam a situação política instável : várias famílias abandonam o país, pessoas são presas, seus bens congelados, há barricadas nas ruas. Surge uma série de governos provisórios que não conseguem conter a insatisfação

popular, greves são deflagradas. Soma-se a isso a pressão internacional apoiando a causa das colônias na África que lutam pela sua liberdade e reconhecimento como nação. Há as tentativas fracassadas golpes de estado. Nesse período, os serviços de informação são controlados pelo Conselho da Revolução (COPCON), há vandalismos e o retorno dos portugueses que estavam nas ex-colônias africanas aumenta o desemprego e agrava a crise econômica em Portugal. Toda essa tumultuada situação política e sócio-econômica de Portugal gerava um sentimento de insegurança e perplexidade, pois acostumado com um regime paternalista, e diante da sucessão constante de primeiros-ministros e a conseqüente queda da economia, o povo viu-se órfão, causando frustração e desânimo.

Lázaro Barreto faz votos que Portugal seja uma nação livre e autônoma comparável à Inglaterra e à França. E escreve que os tempos estão duros por toda parte. Deseja a amiga que a crise econômica por que passa seja superada. Quanto ao Brasil, escreve que os tempos são duros, com trabalho sem remuneração, e que elaborou um projeto de um jornal para acompanhar *Diadorim* e o apresentou para um grupo financeiro.

Toda carta, pelo pacto epistolar que empreende tem seus implícitos, seus códigos só decifráveis para o endereçado e o remetente e muitos deles ficam intransponíveis para um terceiro leitor. Assim acontece, por exemplo, com o trecho em que informa que lhe envia junto da carta um conto, desculpa-se, pois não era o que queria, mas está sem tempo para escrever algo melhor: *Agora, peço-lhe, se em carta referir-se a ele (o conto) faça-o indiretamente, como se fosse algo escrito há muito tempo, objetivamente, etc. Acho que você entende, etc.* Junto aos documentos referentes a Lázaro Barreto estão o conto *Eros Frenético* e o poema *O filme e o livro*. Talvez o conto a que se refira na carta seja esse *Eros Frenético*.

Essa longa apresentação de uma parte das correspondências que se encontram no Acervo de Escritores Mineiros retrata a importância do *Suplemento Literário* tanto para a Literatura Brasileira quanto para a Literatura Portuguesa, pois as relações entre elas, como se pode verificar, deu-se intensamente através das cartas. E junto a essas eram enviados poemas, contos, trechos de livros, revistas dos grupos de jovens escritores, eram feitos comentários críticos, políticos ou mesmo pessoais.

Através das cartas temos também visões pessoais, pois quem escreve uma carta, escreve de si, de seu lugar, de seu eu, se apresenta, se expõe. Aquele que envia uma carta quer ser reconhecido, bem julgado pelo outro, aceito, por isso, há nas correspondências uma representação do eu que busca se mostrar ao outro da melhor maneira possível e, muitas vezes, esse representar-se/apresentar-se esbarra na comparação com o outro.

Assim, nas cartas, as relações humanas transitam de forma bastante fluida, pois se o eu só existe em relação aos outros, esses estarão presentes nelas, farão parte do assunto, serão nelas referidos. É o que se pôde verificar por, exemplo, nas cartas de Laís Corrêa de Araújo quando se refere aos problemas que teve com Murilo Rubião ou ao afastamento de E. M. de Melo e Castro e Arnaldo Saraiva e outros que ela supõe ser por ciúmes em relação ao destaque dado ao Ana Hatherly no *Suplemento* especial.

Há que observar entretanto que Melo e Castro, em longa carta de sete páginas a Murilo Rubião, datada de 5 de março de 1968, propõe a organização do suplemento especial sobre a poesia e prosa de vanguarda portuguesa. Sugere relacionar o número “com a próxima visita da Ana e com a entrevista e o material dela que vão publicar (ela mostrou-me a última carta que você lha escreveu eu acho justíssima tal iniciativa, pois a Ana é do melhor que há em Portugal” (p. 4,5) Sendo assim, a suspeita de ciúmes levantada por Laís Corrêa de Araújo não parece ter fundamento.

Ana Hatherly representa não só para Laís C. de Araújo como também para todos aqueles que faziam parte da Geração Suplemento uma voz experiente, um guru literário.

... tivemos um pouco de você por aqui, um pouco de Portugal, com a visita de Ruben A. Esteve aqui em casa, falando-nos da terra e dos amigos, entre eles os quais inclui você, embora a veja pouco. (Carta de Laís Corrêa de Araújo, Belo Horizonte, 10 jul. 1970, p.2)

Essa admiração pela atividade intelectual da poeta portuguesa já se manifestara em carta anterior, conforme se pode verificar:

Creio que não imagina a popularidade que alcançou por aqui e mesmo alguns discípulos que fez. Pode incluir-nos (aos mineiros especialmente) entre as províncias ultramarinas de sua literatura... Os jovens admiram-na, seguem-na e ansiam (sic) por uma palavra sua. Está comprometida conosco- (...) Enfim, você se “consagrou” por aqui. (Carta de Laís Corrêa de Araújo, Belo Horizonte, 2 de set. 1969, p.1).

Como se pode perceber, há um desejo de reconhecimento e inclusão, assim, elegem Ana Hatherly como a correspondente portuguesa que poderá guiá-los na auto-reflexão que empreendem através das cartas, assim se explica a necessidade que todos têm em buscar novidades portuguesas, querem saber principalmente o que ela estava criando, o que vinha acontecendo na vanguarda portuguesa. Têm uma ânsia de aprender, de buscar, e têm na poeta um porto seguro para suas buscas, daí, ser comum nas correspondências dos mineiros a solicitação de material de vanguarda, de literatura portuguesa contemporânea, de poemas-postais, das *Tisanas*.

Há, portanto, por parte dos intelectuais uma extrema admiração em relação a Portugal, um espelhamento, uma busca de identidade, mesmo que essa seja em relação aos “defeitos” da personalidade do povo. Afirma Márcio Almeida que “E Portugal, com Ana Hatherly, por exemplo, temos muito que aprender e ganhar...” (outubro de 1969, p. 2). Ubrasçu C. da Cunha, num desabafo acerca da atuação dos colegas da revista *Vereda*, escreve sobre a preguiça lusitana e brasileira:

Tua frase “não conheço raça mais preguiçosa que a lusitana! Esgotaram as suas forças nas descobertas marítimas, por certo” é de um senso de humor que me provocou desejos de bundacanças. Nem de longe imaginas que também herdamos essa herança, particularmente, os poetas de Vereda. E esse cansaço lusitano leva-me a te dizer que Vereda sou eu, pois os outros assistem de camarote. (Carta de Ubrasçu C. da Cunha, Brasília, 25 out. 1966).

Quando, na maioria das cartas, há referência ao que estava acontecendo literária e politicamente no Brasil ou em Minas a comparação com Portugal é no sentido de que lá talvez acontecesse o mesmo.

Por ser mais solta no escrever, Laís C. Araújo acaba proporcionando ao leitor uma visão mais abrangente do que acontecia no *Suplemento Literário*, nos grupos de intelectuais dos quais participava, enfim, no país como um todo. A escritora, buscando cumplicidade, expressa para a amiga portuguesa, seus anseios, suas dificuldades, suas angústias profissionais num momento em que o intelectual brasileiro sentia-se não só inseguro mas também bastante vigiado e censurado pelo regime militar.

E, por estar inserido em um tempo e um espaço, o eu exposto nas cartas torna-as documentos da cultura, memória e, como escreve Mário de Andrade, “as memórias em carta têm um valor de veracidade maior que o das memórias guardadas em segredo pra revelação secular futura. É que o amigo que recebe a carta pode controlar os casos e almas contados” (ANDRADE *Apud* DUARTE, 1971, p. 333).

Segundo Phillipe Lejeune, citado por Moraes (2000), a carta enquanto gênero tem aspecto tríplice pois é um objeto que se troca, um ato, em que o eu, o ele e os outros são colocados em cena e um texto que pode ser publicado. Assim, à carta não cabem definições rígidas, pois enquanto gênero textual transita entre a forma fixa e a flexibilidade, entre o individual e o social, entre o privado e o público, entre o texto endereçado ao amigo íntimo e o texto literário. Nela se intercambiam vários gêneros, a poesia, o romance epistolar, o texto informático, o texto científico, requerendo uma abordagem interdisciplinar.

As correspondências se oferecem, por exemplo, ao estudo do processo de criação de um autor, de um grupo, de uma geração. Aqui, através do diálogo epistolar entre mineiros e portugueses são expostas dúvidas, angústias, as inseguranças, as buscas estéticas. As cartas dos mineiros, principalmente, configuram-se como um texto auto-reflexivo, pois quando partilham com Ana Hatherly as novas do Brasil, as suas atividades, os livros que estavam lendo ou escrevendo, as desavenças entre eles, as suas dores diante da política de repressão, as dificuldades econômicas em decorrência da política do governo militar, estão criando um arquivo que expõe o processo de criação e constituição da Literatura Brasileira, englobando as nuances por que passa essa geração de intelectuais, permitindo vislumbrar aspectos que podem apontar para as tensões que enfrentavam, para o ideal estético que procuravam, enfim, para o projeto de nação que desejavam.

A volta dos mineiros para os portugueses tem, portanto, nesse instante, um sentido de reação. Escrevem aos portugueses para se expressar, se deslocar, Portugal configura-se para os mineiros como um ponto de fuga, assim escreve-se para se buscar a origem, a identidade que naquele momento sofria rasuras. Se os paulistas de 22 vêm a Minas Gerais para rever o Brasil, (E quanto de Portugal tem Minas em sua arquitetura e história!), os mineiros de 60 e 70 voltam-se para Portugal. Escrever aos portugueses é para os mineiros compartilhar com o contemporâneo um momento estético, político e social de tensão e busca. Assim, reafirma-se a postura teórica de Eduardo Lourenço

(2001) de que a relação esquizofrênica Brasil/Portugal baseia-se no onírico, na alucinação, pois se por um lado os mineiros buscam uma identificação com os poetas portugueses, vendo-se como contemporâneos, companheiros, como iguais na busca estética e na vivência política, por outro, há um distanciamento quando essa relação revela uma subserviência, quando expressam uma admiração extrema, exagerada, quando os tomam como parâmetro.

Dessa forma, o projeto de nação do *Suplemento* e o projeto literário são os mesmos, pois conscientes da diferença, esses intelectuais buscam na releitura da marca portuguesa, a identidade brasileira, ainda que nessa releitura se repitam posições cristalizadas ou se encenem as contradições que permeiam toda relação entre colonizador e colonizado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra “suplemento” tem o sentido de complemento, acréscimo, reforço. Suplemento pode significar aquilo que se junta a um todo para completá-lo. (FONTINHA, p.1693) Assim, quando o governo de Israel Pinheiro decidiu acrescentar ao *Minas Gerais* uma página literária tinha o objetivo de fazer chegar cultura aos rincões do Estado, mas seu objetivo foi em muitos aspectos ultrapassado quando colocou à frente do periódico Murilo Rubião e os outros intelectuais que com ele trabalharam. Merece destaque nesse trabalho a atuação de Laís Corrêa de Araújo como intermediária entre o periódico, o grupo Suplemento e a literatura e cultura nacional e estrangeira. Ao lado de Laís Corrêa temos que destacar também a figura de Ana Hatherly, pois juntas conseguiram abrigar e ancorar no periódico um grupo de intelectuais que no Brasil, em Minas Gerais e em Portugal tinha ligações além das literárias. É preciso ressaltar que as ditaduras brasileira e portuguesa que esses intelectuais vivenciaram também reforçaram a cumplicidade e nessas relações entre brasileiros, mineiros e portugueses o periódico foi o lugar de acolhimento.

Minas Gerais como espaço fora do centro no próprio país, como espaço também de fronteira, como espaço fora de Belo Horizonte, estendendo-se pelo interior do Estado, acabou por se configurar, através do *Suplemento Literário*, como abertura, como possibilidade de diálogo entre Brasil e Portugal. Minas Gerais e o *Suplemento Literário* conseguiram reunir uma comunidade fraterna entre brasileiros e portugueses num exercício de amizade pessoal, literária e política. E foi nessas relações que olhares se cruzaram refletindo sentimentos muitas vezes contraditórios, uma fraternidade alucinatória e um desejo de superação das diferenças, dos ressentimentos que vinham já arraigados de longas datas, pois remontam os tempos da entrada no português no Brasil.

As literaturas brasileira e portuguesa presentes no *Suplemento* não expressavam explicitamente um sentimento de exílio. Em relação ao português havia um olhar para o Brasil que, em muitos momentos, repetia visões cristalizadas desde a época da colonização. Ou se tomava o Brasil como uma comunidade solidária em que as literaturas de língua bastante próximas acabavam por criar continuidades e semelhanças, ou se via a Literatura Brasileira pelo que apresenta de universalidade, portanto, próxima a portuguesa na medida em que essa estava buscando uma inovação nos movimentos de

vanguarda internacionais. Nesse sentido, a Literatura Brasileira aparecia para a Portuguesa como um elo entre as literaturas de vanguarda e as de língua portuguesa.

Quanto ao olhar do Brasil em relação à Literatura Portuguesa reflete admiração e se ressentente por não haver um conhecimento e aproximações mais estreitas. Na grande maioria dos textos reclama-se o pouco conhecimento que o brasileiro tem da Literatura Portuguesa e muitas vezes dessa última em relação também à Brasileira. Os brasileiros têm uma atitude curiosidade para com Portugal e um forte ressentimento por não haver uma relação mais dinâmica entre as duas culturas.

Assim, ao nos propormos a ler o *Suplemento Literário do Minas Gerais* como espaço de confluência entre intelectuais e escritores brasileiros e portugueses, não há como pensar como essa atuação extrapola a dimensão do *Suplemento* como espaço de divulgação literário, tornando-se um lugar de busca de identidade, semelhanças e diferenças, ainda mais quando os dois países - Brasil e Portugal - experienciam momentos históricos políticos semelhantes. Como vimos, o *Suplemento Literário* foi muito além de sua função original: da busca de levar cultura a certas regiões mineiras – acabam por alcançar a Europa e, de certa forma, por se configurar como um espaço livre de publicação de escritores e intelectuais portugueses, torna-se a possibilidade de uma voz discordante do regime ditatorial português. Pudemos constatar a importância que o poeta português Melo e Castro atribui ao *Suplemento Literário* quando reconhece nele um espaço legítimo para a expressão dos escritores portugueses.

Como porta-voz dessa cultura portuguesa, o *Suplemento Literário* se, de um lado, possibilita o debate sobre as questões internas de Portugal; de outro, oferece condições para que se pense as relações Brasil e Portugal que, embora descritas como fraternas, muitas vezes refletem o desconforto da falta de reconhecimento mútuo. Assim, vimos tanto portugueses como brasileiros reclamarem da falta de divulgação de sua literatura em seus países de origem. Assim, ao oferecer hospitalidade aos portugueses, os intelectuais mineiros, responsáveis pelo *Suplemento Literário do Minas Gerais*, criaram as condições necessárias para que se pudesse repensar não só a falta de reconhecimento literário mútuo, mas também as relações e os sentimentos de identidade/diferença entre Brasil e Portugal.

Pudemos, através do *Suplemento*, reconhecer uma outra literatura, muito ale daquela proposta pela historiografia literária que, ao invés de cumprir o papel de falar do grande Portugal fundado na sua história, pensava seu presente sob o regime salazarista. Um discurso literário, portanto, uma voz dissonante, repensando a representação de Portugal, instaurava o descontínuo na grande história portuguesa a que estávamos acostumados pela convivência com a Literatura Portuguesa. Se coube a esses portugueses resistirem à oficialidade e reescrever essa história portuguesa, coube ao *Suplemento Literário* servir de palco para esse repensar. E, nesse momento, pareceu-nos Portugal e Brasil estarem mais próximos, mais irmãos por conseguirem partilhar suas experiências em um mesmo espaço. No *Suplemento*, mineiros e portugueses puderam repensar as relações Brasil e Portugal, discutir suas semelhanças, conhecerem e reconhecerem-se.

Se o Brasil nasceu de uma representação escrita, uma *Carta* enviada ao Poder, Portugal passa a existir pelos textos publicados no *Suplemento Literário*. Como nosso pai, conhecíamos o colonizador, depois reconhecemos no colonizador o irmão, a quem coube erguer a espada e, sem luta nem sangue, instituir nossa diferença, tornamo-nos um país independente, transformo-nos num país irmão, mas uma irmandade sem pai, pois, como observa Eduardo Lourenço há sempre um “parricídio” permanente. Séculos depois, por meio do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, parece haver o encontro dos irmãos que, primeiro passa pelo desconhecimento e, por fim, ao reconhecer a diferença das línguas e das literaturas em uma mesma “cultura de língua portuguesa” afirma-se a diferença. Imprensa e literatura cumprem aqui sua função como discursos fundadores da nação, à medida que reconhecendo a diferença, afirma que cada qual tem sua identidade e, ao fazer, reconhece-se uma nova relação Brasil e Portugal: dois países imaginados nas letras, disseminados no *Suplemento Literário*.

Essas novas relações, por serem distintas, menos oficiais, por não se darem nos bancos escolares, por meio da literatura oficial e por não buscar uma representação oficial de Portugal, têm seus desdobramentos em cartas, visitas e na publicação de poemas, ensaios, excertos de romances, contos portugueses ligados à literatura que buscava uma renovação das letras brasileiras e portuguesas. A troca se torna possível, parece-nos, porque novas relações são estabelecidas. Além disso, vivendo traumas semelhantes devidos aos regimes ditatoriais, brasileiros e portugueses podiam reconhecer-se na

mesma experiência de silenciamento, constrangimentos e perseguições políticas que os aproximarão. Assim, em que pese o “parricídio permanente”, o espaço do *Suplemento* acaba por se configurar como o lugar da hospitalidade, do acolhimento em que, se não se estabelece o sentimento do exílio em seu sentido restrito, um sentimento semelhante e próximo, caracterizado pelo falar à distância, pelo pensar de fora o seu país se insinua nos entretextos de cartas, poemas e ensaios. É desse lugar de fora, o *Suplemento Literário*, que os intelectuais portugueses vão falar de seu país, de sua situação.

As novas relações entre brasileiros, metonimicamente representadas pelos mineiros do *Suplemento*, e portugueses, representados pela vanguarda oposicionista ao salazarismo, surgem, assim, como uma lembrança de outros momentos históricos, em que o Brasil apresenta-se hospitaleiro para os portugueses: foi assim quando Dom João VI, sob a ameaça de Napoleão, e, agora, sob a ameaça de Salazar, Novamente as portas do país forma abertas, ainda que metonimicamente, pelo *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

A questão que se poderia colocar talvez deva referir-se ao diálogo literário. Se a literatura brasileira seria independente, buscando sua independência da literatura portuguesa, ao dialogar com os escritores portugueses e requerer sua inserção no espaço português, cobrando sua falta de reconhecimento. Ao fazer isso, as duas literaturas, brasileira e portuguesa, parecem buscar também uma nova forma de se envolver e, portanto, de dialogar, e, assim, hão de constituir sua identidade através do diálogo, do confronto e da alteridade. O diálogo com a tradição surge aqui renovado, reexperienciado através dessas relações que se concretizam no *Suplemento Literário*, e por meio das correspondências trocadas e das visitas feitas ao Brasil e a Minas. É nesse jogo especular que se dão os encontros entre portugueses e mineiros, de acordo com os quais se procura pensar as questões literárias, divulgando e falando cada qual da sua literatura, mas também da relação entre os dois países, buscando saber o que cada um achou e mais gostou de cada país.

Nessa mesma busca de identidade e reconhecimento pergunta-se sobre a língua e sua relação com a literatura, procurando, talvez, mais semelhança que diferença. E nesse processo, cada qual vai constituindo sua própria identidade. Parece-nos, assim, que a relação colônia/metrópole ressurgiu: primeiro na busca de reconhecimento do próprio país, de sua língua e de sua literatura, tentando na relação língua/literatura a identidade

perdida; segundo, como uma terra hospitaleira, como um espaço de fuga do presente ameaçador. Apagam-se, assim, os traumas, Tiradentes torna-se herói de todos os oprimidos, não luta mais contra Portugal, pois esse não mais existe como tal. Reinventado por Rodrigues Lapa, Tiradentes luta agora contra toda opressão à liberdade e apaga a diferença entre brasileiros e portugueses e o *Suplemento Literário* aparece como o lugar da *fratria*, da possibilidade de reconhecimento do outro como irmão, em que todos fogem do mesmo pai.

Nesse apagamento das diferenças, surge nossa irmandade conquistada nas letras e nas fugas e o reconhecimento de que a *fratria* não se caracteriza, assim, de forma tão tranqüila, quando se considera o modo como, nas cartas, Murilo Rubião se “entrega” em elogios a Ana Hatherly e se põe reticente no seu dizer.

Pelos convites para enviar textos a serem publicados, essa emigração da escrita portuguesa pode não ter se configurado no sentido estrito do exílio, pois em momento algum parece ter havido essa coincidência. Afinal, sob o regime da *fratria* instituída pelo *Suplemento Literário*, o Brasil surgia como um espaço de transferência, um lugar hospitaleiro, como a continuação da casa portuguesa e, assim, da mesma forma que o Rei em tempos ruins veio para o Rio de Janeiro, os portugueses chegam a Minas Gerais. Se o Brasil continua a ser parte da casa portuguesa, então não há a fratura exposta do exílio, quando se vai para um outro país, na esperança de retorno. Mas retornar para onde? Se se está em casa, pois se sente na casa de irmãos?

Assim, em vários textos publicados no *Suplemento Literário do Minas Gerais* esse mito da fraternidade entre colonizador e colonizado torna-se presente, e o Brasil continua a aparecer como uma “*província ultramarina*”. Essa irmandade, no entanto, se funda no desconhecimento um do outro, como observa Maria Lúcia Lepecki, em carta a Murilo Rubião, ao afirmar que “me fartei de fazer relações públicas e pedir colaborações para o Suplemento, mas pelo visto o Brasil ainda é demasiado longínquo, sob o ponto de vista dos literatos, para significar interesse imediato” (Carta de Maria Lúcia Lepecki, Lisboa, 3 de maio de 1973). É dessa irmandade imaginada que vivem as relações entre brasileiros e portugueses e vem à tona quando se busca pensar as relações entre Brasil e Portugal no *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

Pelo que representa como espaço dinâmico do diálogo Brasil/Portugal, o *Suplemento Literário* encena um descentrar de saberes na união em torno de projetos comuns de vanguarda e inovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias. In: *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003, p.9-35.

ALMINO, João. O diálogo interrompido: as relações literárias entre o Brasil e Portugal. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias. In: *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003, p.125-148.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. *História da vida privada no Brasil-República: da belle époque à era do rádio*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.215-287.

ANDERSEN, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANDRADE, Vera Lúcia. A biblioteca fantástica de Murilo Rubião. In: MIRANDA, Wander Melo. (org.) *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995, p.45-52.

_____. O leitor na biblioteca. In: MARQUES, Reinaldo Martiniano e BITTENCOURT, Gilda Neves. *Limiares críticos: ensaios sobre literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 89-96.

_____. Murilo Rubião e a geração Suplemento. In: *Scripta*. Belo Horizonte, v. 1, n.2, 1º sem. 1998, p.28-34.

BAZERMAN, Charles. Cartas e a base social de gêneros diferenciados. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (org.) Trad. E adapt. Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005, p.83-99.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. V.1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet, 4ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, p.222-232.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. Ficções. Porto Alegre:Globo, 1970, p.89-97.

BUENO, Antônio Sérgio. *O modernismo em Belo Horizonte: década de vinte*. Belo Horizonte: PROERD. Imprensa - UFMG, 1992.

_____. (Org.) *Affonso Ávila*. Belo Horizonte: Centro de estudos Literários, UFMG, 1993.

BUENO, Maria de Fátima. Pessoa e Camões revisitados por Saramago. *Revista da ABRAPLIP*. Belo Horizonte, v.1, n.1, 1999, p.29-44.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* 5ª edição. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1975.

_____. Intelectuais portugueses e a cultura brasileira. JUNQUEIRA, R. S., FERNANDES, M. L., GOBBI, M. (Org.). *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP; Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.19-39.

CASTRO, E. M. de Melo e. Memórias: fragmentos e recomposição. MIRANDA, Wander *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995, p.65-71.

COELHO, Haydée Ribeiro (Org.). *Rui Mourão*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004.

_____. *Suplemento Literário de Minas Gerais: da origem aos dias Atuais*. Mesa redonda realizada no dia 15 de agosto de 2005. Participantes: Humberto Werneck/SP, Sebastião Nunes/MG, Marcio Sampaio/MG, Haydée Ribeiro Coelho/MG e Camila Diniz/MG (Coordenadora/Editora do SLMG). 6º Salão do Livro de Minas Gerais & Encontro de Literatura. Serraria Souza Pinto, Belo Horizonte: 11 a 21 de agosto de 2005 a.

_____. *Suplemento Literário de Minas Gerais: apontamentos para uma história em processo*. Minas Gerais. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, v.1284, nov. 2005 b, p.14-19.

_____. *Marcha e o Suplemento Literário do Minas Gerais*. VAZ, Artur Emílio Alarcon, BAUGMARTEN, Carlos Alexandre, CURY, Maria Zilda Ferreira (Org.) *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*: Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, POSLIT; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005 c, p.227-248.

COLOMBO, Fausto. *Os arquivos imperfeitos*. Trad. Beatriz Borges. São Paulo: Perspectiva, 1991.

COSTA E SILVA, Alberto da. Brasil, Portugal e África. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias. In: *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003, p. 47-67.

CURY, Maria Zilda Ferreira, TEIXEIRA, Berenice Ribeiro. Cartas na mesa da crítica. *Revista Vertentes*. n.4, jul/dez.1994, São João del-Rei/UFSJ, p.28-31.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, (Org.) *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995, p.53-63.

_____. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. & CAMPOS, Edson do Nascimento. Fontes primárias em discussão. *Revista Vertentes*, n.15, jan/jul. 2000, São João del-Rei/UFSJ, p.53-60.

DERRIDA, Jacques. *O mal do arquivo*. Trad. Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. DUFOURMANTELLE, Anne. Anne Dufourmatelle convida Jacques Derrida a falar. *Da Hospitalidade*. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DIAS, Fernando Correia. Gênese e expressão grupal do Modernismo em Minas. ÁVILA, Affonso (org.) *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p.166-177.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. São Paulo: Edart, 1971, p. 332. Carta de 20 jul. 1940, a Sérgio Milliet.

FARIA, Telmo Daniel. O comunismo: um anátema estado-novista. *Revista de História das idéias 17*. Do Estado Novo ao 25 de Abril. Instituto de História e Teoria das Idéias, Faculdade de Letras, Coimbra, 1995, p.229-261.

FRANÇA, Júnia Lessa, VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

FONTINHA, Rodrigo. *Novo Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, s.d.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. A escrita de si. *O que é um autor*. Lisboa: Edições 70, s/d, p.128-160.

GALVÃO, Walnice Nogueira. GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Duílio. A riqueza da literatura. (Depoimento a Maria Cristina Bahia). *Verde suicida*. São Paulo: Ed. Ática, 1977.

_____. *Suplemento Literário de Minas Gerais: da origem aos dias atuais*. Mesa redonda realizada no dia 15 de agosto de 2005. Participantes: Humberto Werneck/SP, Sebastião Nunes/MG, Marcio Sampaio/MG, Haydée Ribeiro Coelho/MG e Camila Diniz/MG (Coordenadora/Editora do SLMG). 6º Salão do Livro de Minas Gerais & Encontro de Literatura. Serraria Souza Pinto, Belo Horizonte: 11 a 21 de agosto de 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde 1969/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HUYSSSEN, Andréas. *Memórias do modernismo*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

JAMESON, Frederic. Third World Literature in the Era of Multinational Capitalism. In: *Social Text*, New York, n. 15, Fall, 1986, p. 65-88.

JUNQUEIRA, Renata Soares. De pátrias e de missões (em guisa de prefácio). JUNQUEIRA, R. S., FERNANDES, M. L., GOBBI, M. (Org.). *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP; Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.11-15.

LAFER, Celso. Relações Brasil-Portugal: passado, presente, futuro. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias. In: *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003, p.69-98.

LOPES, Óscar & SARAIVA, António José. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1979.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Psicanálise mítica do destino português. Lisboa: Dom Quixote, 1931.

_____. *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino*. São Paulo: companhia das Letras, 1999.

_____. *A nau de Ícaro e a imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Pequena diáspora lusitana. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Apresentação: ensaios de relações e relações comunitárias. In: *Incertas relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003, P. 38-67.

LYONS, Martyn. Práticas de leitura, práticas de escritura: cartas de amor e escritas íntimas- França e Austrália, século XIX. LYONS, Martyn. LEAHY, Cyana. *A palavra imprensa: história da leitura no século XIX*. Trad. Cyana Leahy. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999, p.59-75.

MACIEL, Maria Ester (Org.). *Laís Corrêa de Araújo*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

MARQUES, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Palas Editores, 1973.

MARQUES, Reinaldo e BITTENCOURT, Gilda Neves. *Limiares Críticos: ensaios sobre literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

MARQUES, Reinaldo Martiniano. O arquivamento do escritor. SOUZA, Eneida M. & MIRANDA, Wander Melo.(org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. A Carta de Caminha e os modernistas: releitura, reescrita e reinvenção de origens. *Revista Extensão*. Belo Horizonte: PUC/MG, v. 2, nº3, p.47-78, junho de 1992. MARTINS, Oliveira. *Portugal Contemporâneo*. Porto: Lello & Irmão, 1981.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MIRANDA, Wander Melo. Nações literárias. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Nº2, São Paulo: Abralic, maio 1994, p.31-38.

_____. (Org.) *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995.

_____. (Org.) *Apresentação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários FALE/UFMG, 1995, p.25-27.

_____. (Org.) *Anos JK: margens da modernidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Rio de Janeiro: Casa de Lucio Costa, 2002.

MORAES, Marcos Antonio de. (Org., introdução. e notas). *Correspondência: Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. 2. ed., São Paulo: EDUSP, IEB, 2001, p. 9-33.

_____. Cartas, um gênero híbrido e fascinante. *Jornal O Estado de São Paulo*, Caderno de Sábado. São Paulo: 28 de outubro de 2000, p.1.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença: paradigmas do latino-americanismo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

NETTO, José Paulo. *Portugal do fascismo à revolução*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

NOGUEIRA, Ieda Maria Ferreira. História de um jornal mineiro. In: Anais em CD-ROM do IV Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das Universidades Federais de Minas Gerais, Viçosa: 1999.

_____. A indexação do Suplemento Literário Minas Gerais. V.Ie V.II. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis-UNESP, São Paulo: Assis: 2000.

OLIVEIRA, Paulo Motta. “Peles americanas em corpo europeu: o Brasil na literatura portuguesa oitocentista”. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n.19, p.364-375, 2002.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. *Para uma política da amizade- Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1986.

PIRES, José Cardoso. Lá vai o português. *E agora José?*, 1977, p.225 .

REIS, Antonio. A dialética entre as componentes militar e civil no processo revolucionário do 25 de abril. *Revista de História das idéias 17*. Do Estado Novo ao 25

de Abril. Instituto de História e Teoria das Idéias, Faculdade de Letras, Coimbra, 1995. p. 561-575.

RIBEIRO, José Américo. *O Cinema em Belo Horizonte: do Cineclubismo à Produção Cinematográfica na Década de 60* (O Cinema em Belo Horizonte: do Cineclubismo à Produção Cinematográfica na Década de 60). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

SAMPAIO, Márcio. *Suplemento Literário de Minas Gerais: da Origem aos Dias Atuais*. Mesa redonda realizada no dia 15 de agosto de 2005. Participantes: Humberto Werneck/SP, Sebastião Nunes/MG, Marcio Sampaio/MG, Haydée Ribeiro Coelho/MG e Camila Diniz/MG (Coordenadora/Editora do SLMG). 6º Salão do Livro de Minas Gerais & Encontro de Literatura. Serraria Souza Pinto, Belo Horizonte: 11 a 21 de agosto de 2005.

SANTOS, BOAVENTURA. *Pelas mãos de Alice*. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Rogério Barbosa. *O signo da invenção na poesia concreta e noutras poéticas experimentais: uma análise da poesia brasileira e portuguesa dos anos 1500-2000*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2005. 9 tese de doutoramento).

SOUZA, Eneida Maria de. SCHMIDT, Paulo (Org.). *Mário de Andrade: carta aos mineiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

SUSSEKIND, Flora. (Org. apresentação e notas). Apresentação. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001, p.7-19.

_____. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. 2.ed. revista, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. *Vocação mineira: contribuição para o estudo do panorama literário mineiro na década de 60*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 1994. (dissertação de mestrado).

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Entrevista a mim concedida, São João del Rei: julho de 2005.

Suplemento Literário:

Minas Gerais, *Suplemento Literário de Minas Gerais* (CD_ROM)- (coordenado por Jacyntho José Lins Brandão *et. al.* , Belo Horizonte: FALE – UFMG, 1999.

Suplemento Literário de Minas Gerais. Disponível em :
<<http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/Lib/Html/WebSupLit.htm>>.

Artigos assinados:

AGUIAR, Melânia Silva de. “Verdade e poesia na obra de Rodrigues Lapa”. *Suplemento Literário*, v. 10, n. 444, 8 mar. 1975, p.10.

_____. Verdade e poesia na obra de Rodrigues Lapa. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 444, 1º mar. 1975, p. 10.

ALMEIDA, Márcio. Poesia de vanguarda em Minas: dados para situação e análise. *Suplemento Literário*. Belo Horizonte, v. 11, n. 510, p. 3, 26 jun. 1976.

ANDRADE, Euclides Marques. Fernando Namora: diálogo em São Paulo. *Suplemento Literário*. v. 3, n. 86, 20 abril. 1968, p. 6.

ARAÚJO, Henry Corrêa. “Caetano Veloso ou o compositor substitui o poeta-escriptor”. *Suplemento Literário*. v. 3, n. 96, Belo Horizonte, 29 jun. 1968, p.2.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. Nova ficção portuguesa. *Suplemento Literário*. v. 3, n. 77, 17 fev. 1968, p. 6, 17.

_____. Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly. *Suplemento Literário*, v. 4, n. 131, p. 4, Belo Horizonte, 1º mar.1969.

_____. “Dois livros, um problema”. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 20, 14 jan. 1967, p.3.

ARAÚJO, Zilah Corrêa de. Visita a Guilhermino César em Porto Alegre. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 167, 8 nov. 1969, p.3.

ÁVILA, Ávila. O problema das ‘Cartas Chilenas’. v. 10, n. 444, 1º mar. 1975, p. 7.

AYALA, Walmir. Poesia é criação cotidiana da liberdade. *Suplemento Literário*. v. 13, n. 620, 19 ago. 1978, p. 8.

BARRETO, Lázaro. O novo livro de Ana Hatherly. *Suplemento Literário*. v. 5, n. 225, 19 dez. 1970, p. 7.

CAJÃO, José Luís. “Feitiço africano”. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 479, 22 nov. 1975, p. 10.

CASTRO, Ernesto Manuel de Melo e. Românticos, clássicos e cibernéticos. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 52, ago. 1967, p. 8.

_____. A poesia barroca. *Suplemento Literário*. v. 3, n. 104, p. 7, ago. 1968, p.7.

_____. Notícia sobre a poesia experimental portuguesa. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 132, mar. 1969, p.1.

_____. Prosa e prosa: ou primeiras notas para uma revisão crítica da prosa criadora portuguesa. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 131, mar. 1969, p. 1-3.

_____. A poesia de vanguarda no Brasil. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 160, 20 set. 1969, p. 5.

_____. Lúcido lúdico. *Suplemento Literário*. v. 7, n. 287, 26 fev. 1972, p. 6-7.

_____. Situação da arte em Portugal. *Suplemento Literário*. v. 3, n. 106, 7 set. 1968, p. 16-17.

COELHO, Eduardo do Prado. Crítica portuguesa. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 64, nov. 1967, p. 6.

CUNHA, Ubirásçu Carneiro da. Ana Hatherly : poeta português do andrógino primordial. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 25, fev. 1967, p. 1.

_____. Ana Hatherly. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 25, fev. 1967, p. 5.

D' ÂNGELO, Jota. Da participação obrigatória (I). *Suplemento Literário*. v. 1, n. 12, 19 nov. 1966 a, p.12.

D' ÂNGELO, Jota. Da participação obrigatória (II). *Suplemento Literário*. v. 1, n. 13, 23 nov. 1966 b, p.3.

HELENA, Lúcia. A Picardia das tisanas. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 440, 1º fev. 1975, p. 8.

IGLÉSIAS, Francisco. Fernando Pessoa economista. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 43, 24 jun.1975, p. 2.

_____. Labor e lucidez de Rodrigues Lapa. *Suplemento Literário*.v. 10, n. 444, 8 mar. 1975, p. 1-2.

LAPA, Manuel Rodrigues. Um perfil de Tiradentes. *Suplemento Literário*.v. 10, n. 443, 1º mar. 1975, p. 1.

_____. Bibliografia do pesquisador. *Suplemento Literário*.v. 10, n. 443, 1º mar. 1975, p. 2.

_____. Para uma boa compreensão entre portugueses e brasileiros. *Suplemento Literário*.v. 10, n. 443, 1º mar. 1975, p. 4.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Crítica de atribuição a dois. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 444, 1º mar. 1975, p. 4.

LORENZANA, Salvador. No Homenaxe a un grande escritor e amigo. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 444, 8 mar. 1975, p. 2-3.

- LUCAS, Fábio. Perspectiva lusitana. *Suplemento Literário*. v. 8, n. 351, 19 maio 1973, p. 11.
- MARTINS, Heitor. Algo de novo sobre o judeu. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 444, 8 mar. 1975b, p. 11-12.
- MENDONÇA, Fernando. A Zona surrealista da verdade. v. 4, n. 131, 1º mar. 1969, p.5.
- MONTERO, Xesús Alonso. Poesia aldraxenta e pro estatária na idade média? Poesia revolucionária tamém? *Suplemento Literário*. v. 10, n. 443, 1º mar. 1975, p.2.
- MOURÃO, Rui. Escritos portugueses. *Suplemento Literário*. v. 9, n. 394, 16 março 1974, p. 10.
- NEVES, Libério. Descobrimento. *Suplemento Literário*. 27 jan.1968, p.6.
- OLIVEIRA, Tarquínio José Barbosa. O Livro que falta. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 443, 1º mar. 1975, p. 5.
- PENA JÚNIOR, Afonso. Prefácio às ‘As cartas chilenas’: trecho. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 443, 1º mar. 1975, p. 8-11.
- PINTO, Rolando Morel. Vida e obra de Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário*. v. 10, n. 443, p. 12, 1º mar. 1975, p.12.
- PIMENTEL, Antônio Fonseca. “1- A Paz e o Pão (Desafio às Nações Unidas)”. “Lançamentos”. *Suplemento Literário*. v. 6, n. 274, 27 nov. 1971, p.11.
- RAMOS, Maria Luiza. Do fantasma ao fantástico. *Suplemento Literário*. v. 19, n. 926, 30 de junho de 1988, p. 2-3.
- RAMOS, Péricles da Silva. Alvarenga Peixoto. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 144, 31 de maio 1969, p. 2. (Transcrição de texto do Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira, p. 189-190)
- RUBIÃO, Murilo. Quase ninguém acreditava num suplemento literário em jornal oficial. *Suplemento Literário*. v. 25, n. 1170/1171, 26 out. 1991, p. 26.
- SAMPAIO, Márcio. Poesia de vanguarda: informação de Portugal. *Suplemento Literário*. v. 1, n. 8, 22 out. 1966, p. 2.
- _____. A Jovem arte de Minas. *Suplemento Literário*. v. 3, n. 78, 24 fev. 1968, p. 4.
- SANTOS, Jorge Fernando dos. Três escritores portugueses. *Suplemento Literário*. v. 18, n. 896, 3 dez. 1983, p. 4.

SARAIVA, Arnaldo. A revista 'Atlântico' e a cultura lusa e brasileira. *Suplemento Literário*. v. 3, n.90, 25 maio 1968, p.12.

_____. A Poesia portuguesa depois de 1950. *Suplemento Literário*. v. 4, n. 132, 8 mar. 1969, p. 2.

TREVISAN, Dalton. A noiva, Os três presentes, Nhá Zefa.Três mistérios. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 53, set. 1967, p.14.

_____. O leão, No sétimo dia, Retrato de Katie. Três mistérios. *Suplemento Literário*. v. 2, n. 71, jan. 1968, p. 12.

Artigos não assinados:

As SEXTAS estórias dos novos de Minas, *Suplemento Literário*. Belo Horizonte, v. 3, n. 108, 21 set. 1968, p. 5-7.

Letras suspeitas. *Suplemento Literário*, v.20, n.1000, Edição Especial, 30 nov. 1985, p. 4.

MONTANHA; os verdes poetas de Ubá. *Suplemento Literário*. Belo Horizonte, v. 7, n. 306, 8 jul. 1972, p. 5-7.

Os secretários depois de Murilo Rubião (1966 a 1970)". *Suplemento Literário*, v. 20, n.1000, Edição Especial, 30 nov. 1985, p. 3.

PAÇO D'Arcos visita o Suplemento Literário. *Suplemento Literário*. v. 11, n. 525, 16 out. 1976, p. 4.

Na internet:

ADÉLIA PRADO. *Grandes mestres da poesia*. Disponível em: <<http://br.geocities.com/prosapoesiaecia/adeliapradogranmest.htm>>. Acesso em: 14 março 2006.

_____. Divinópolis Turismo - Artes - Literatura. Disponível em: <http://br.geocities.com/cidadedodivino/artes_literatura.htm>. Acesso em 14 de março de 2006.

Alguns fundadores do Instituto Rodrigues Lapa. Disponível em: <<http://www.irlapa.ua.pt/fund.html>> Acesso em: 5 jul. 2006.

BARROS, João de, 1881-1960. *In: Cultura portuguesa contemporânea*. Disponível em: <http://acpc.bn.pt/colecoes_autores/n11_barros_joao.html>. Acesso em: 12 jul. 2006.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS DA USP. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/counter/FAO/Fao.html>>. Acesso em: 26 maio 2006.

BOLETIM INFORMATIVO DA UFMG. Disponível em : <<http://www.ufmg.br/online/arquivos.shtml>>. Acesso em 20 dez. 2004.

BRANCO, Camilo Castelo. Projeto Vercial. Disponível em <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/camilo.htm>>. Acesso em 12 de abril de 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Biografia. In: *Rede de Escritoras Brasileiras (REBRA)*. Disponível em: <<http://www.geocities.com/~rebra/autoras/13texp.html>>. Acesso em: 26 maio 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Nelly mostra os rumos da literatura infantil. In: *Espaço Aberto*. Disponível em : <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2003/espaco30abr/0perfil.htm>>. Acesso em: 4 jul. 2006.

COELHO, Nelly Novaes. Currículo Lattes - Formação Acadêmica. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4787893P6#Formacaoacademica/Titulacao>>. Acesso em 4 jul. 2006.

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. Disponível em: www.unb.br/fel//tel/filoesco/foucault/techniques.html. Acesso em 24 maio 2005, p.1-23.

ISRAEL PINHEIRO. In: *Brasiliense on-line*. Disponível em: <www.brasiliense.hpg.ig.com.br/israelpinheiro.htm>. Acesso em: 20 set. 2005.

MANUEL RODRIGUES LAPA (1897-1989) Tábua Biográfica. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cedae/Exposicoes/Expo_JSena/lapa.html>. Acesso em: 05 jul. 2006.

PERIODOS HISTÓRICOS DE PORTUGAL. Terceira República de Portugal (Séc. XX ao Séc. XXI. In: **Portugal-Info.com**. Disponível em: <<http://portugal-info.com/historia/terceira-republica.htm>>. Acesso em: 26 de mar. 2006.

Poesia Experimental. In: *Cadernos e catálogos da poesia experimental portuguesa (anos 60)*. Disponível em: <<http://po-ex.net/galeria/displayimage.php?album=3&pos=0>>. Acesso em: 5 jun. 2005.

PRADO, Adélia. Projeto Releituras Arnaldo Nogueira Jr. Disponível em: <http://www.releituras.com/aprado_bio.asp> . Acesso em: 14 de março de 2006.

_____. <<http://geocities.yahoo.com.br/prosapoesiaecia/adeliapradogranmest.htm>>. Grandes mestres da poesia. Acesso em: 14 de março de 2006.

RODRIGUES, André Figueiredo; MARQUES, Maria Alegria *et alii*. Correspondência de Rodrigues Lapa. Selecções (1929 – 1985). Coimbra: Minerva, 1997. 435p Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol02_rha3.htm>. Acesso em: 05 jul. 2006.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil . Disponível em: <http://www.bb.com.br/appbb/portal/bb/si/pbcs/rsm/Affonso_Romano.jsp>. Acesso em 27 set. 2005.

TORRES, Rui Manuel. Salette Tavares e a Poética da PO-EX. TORRES, p.19-20. Disponível em: < www.po-ex.net/pdfs/rt-poepratica.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2005.

Correspondências:

ALMEIDA, Márcio de. *Carta a Ana Hatherly*. Oliveira, outubro de 1960. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 16 de junho de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 28 de dezembro de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 21 de janeiro de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 12 de maio de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 26 de junho de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, de 17 de julho de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 2 de setembro de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 15 de setembro de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 1º de outubro de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 5 de abril de 1970. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 10 de julho de 1970. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, [s.d] 1973. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

BARRETO, Lázaro. *Carta a Ana Hatherly*. [s.l] 09 de novembro de 1973. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

BARRETO, Lázaro. *Carta a Ana Hatherly*. [s.l] 01 de julho de 1974. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

BARRETO, Lázaro. *Carta a Ana Hatherly*. [s.l] 22 de setembro de 1975. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

CUNHA, Ubirásçu Carneiro. *Carta a Ana Hatherly*. Brasília, 25 de outubro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

CUNHA, Ubirásçu Carneiro. *Carta a Ana Hatherly*, 31 de outubro de 1966. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. 24 de outubro de 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Cartão a Murilo Rubião*. 22 de novembro de 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. 6 de março de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. Lisboa, 19 de março de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. 19 de março de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. 27 de outubro de 1973. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. 06 de março de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a* 06 de março de 1968. Arquivo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a* 7 de abril de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. 19 de março de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. Lisboa, 24 de outubro de 1976. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Cartão a Murilo Rubião*. Lisboa, 19 de maio de 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana. *Carta a Murilo Rubião*. Lisboa, 19 de março de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

HATHERLY, Ana, *Carta a Murilo Rubião*. 19 de março de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

MOURÃO, Rui. *Carta a Murilo Rubião*. Houston, em 4 de julho de 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUBIÃO, Murilo. *Carta a Ana Hatherly*. Ouro Preto, setembro de 1967. Arquivo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUBIÃO, Murilo. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUBIÃO, Murilo. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 10 de outubro de 1968. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUBIÃO, Murilo. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 25 de janeiro de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUBIÃO, Murilo. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 5 de julho de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

RUBIÃO, Murilo. *Carta a Ana Hatherly*. Belo Horizonte, 13 de abril de 1974. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carta a Murilo Rubião*. Iowa, 21 de abril de 1969. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTIAGO, Santiago. *Carta a Murilo Rubião*. Nova Jersey, 12 de maio de 1967. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

WERNECK, Humberto. *Carta a Murilo Rubião*, Paris, 5 de dezembro de 1973. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais.

ANEXOS

1. Entrevista por e-mail com Duílio Gomes01

2. Entrevista por e-mail com Maria Lúcia Lepecki04

3. Conversa com Humberto Werneck07

ANEXO 1

Entrevista por e-mail com Duílio Gomes

1- Como se deu a aglutinação do grupo que acabou tornando-se a Geração Suplemento? Que representava o jornal naquele momento político-cultural para vocês intelectuais? Como lidavam com a ditadura que se instalava no país?

R: Em 1966, o escritor Murilo Rubião criou o "Suplemento Literário do Minas Gerais", que, impresso, era encartado semanalmente no diário oficial "Minas Gerais". A redação ficava em uma sala do térreo da Imprensa Oficial. Pouco a pouco ali começaram a se reunir jovens escritores e ilustradores. Entre os primeiros, Luiz Vilela, Sérgio Sant'Anna, Humberto Werneck, Duílio Gomes, Jaime Prado Gouvêa, Lucienne Samôr, Luis Gonzaga Vieira, Sérgio Tross, Luiz Márcio Vianna, Adão Ventura, Libério Neves e Sebastião Nunes. (Os três últimos, poetas). Entre os ilustradores, Madu, Liliane Dardot, Márcio Sampaio, Yara Tupinambá e Chanina (estes dois últimos, ex-alunos de Guignard). Na década de 70, após a publicação de livros de ficção de vários daqueles escritores, os críticos literários (notadamente Assis Brasil, Hélio Pólvora e Bella Jozef) passaram a designar esses autores como sendo integrantes da Geração Suplemento (numa alusão clara ao semanário em que escreviam).

2- Por que Murilo Rubião deixa o *Suplemento* em 1969?

R: Por pressões políticas (estávamos em plena ditadura militar).

3- Porque Akgar Renault escreve um texto nada agradável em 1992, quando da morte de Murilo Rubião?

R: Desconheço esse texto.

4- Houve uma intervenção militar em 1970 no periódico?

R: Na época eu já não colaborava no semanário mas, segundo rumores, pessoas ligadas à Academia Mineira de Letras e outros setores "beletristas", não tinham acesso - por questão mesmo de qualidade literária - ao SLMG; por intermédio de seus amigos ligados à repressão, conseguiram neutralizar o jornal. Não houve, na verdade, uma

intervenção militar, mas uma coação muito forte para afastar da redação os que eles chamavam de "subversivos".

5- Houve duas crises no *Suplemento*: a primeira em 1973 e a segunda em 1975. Quanto à primeira, segundo pesquisei, deveu-se à campanha difamatória do *Jornal de Minas* e das afirmações do secretário Nidival José da Silva que acabou sendo acusado de roubo. O senhor poderia falar acerca desse fato?

R: A pergunta responde a ela mesma. Essas duas crises aconteceram de fato. Aliás, crises não faltaram na vida do SLMG, sempre provocadas por questões políticas ou de moral e sempre fomentadas, claro, por setores conservadores e ligados à literatura igualmente conservadora e de má qualidade.

6- A segunda crise, quando Wander Piroli dirigia o *Suplemento*, deveu-se também à difamação encabeçada pela sociedade "Amigas da Cultura" e pelo poeta Vivaldi Moreira. O que o senhor pode me falar sobre esse fato?

R: Diante da pressão daquela entidade "cultural" e daquele senhor, o escritor Wander Piroli, então secretário do jornal, entregou o cargo ao diretor da Imprensa Oficial. Sua frase de renúncia, por escrito, repercutiu nacionalmente - "Não quero ser o coveiro do "Suplemento Literário do Minas Gerais".

7 – Quanto à presença da Literatura Portuguesa: Quando Murilo Rubião esteve morando na Espanha teve contato com os escritores portugueses?

R: Murilo Rubião teve contatos, sim, com escritores portugueses. Ana virou uma espécie de guru literário do grupo. Portugal e a América Hispânica (com sua literatura nova e fantástica, tiveram grande influência na redação do SLMG.)

Outras perguntas responderei amanhã, combinado? Abç amigo. Duílio Gomes.

8- Os números especiais 131 e 132, dedicados à Nova Literatura Portuguesa quase causaram problemas diplomáticos entre Brasil e Portugal. Esses números foram

organizados por Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro. O governo de Salazar leu como provocação, afinal, as cores da capa eram as cores da bandeira portuguesa. Realmente foi uma provocação ou apenas uma “feliz coincidência”?

R: Cara Eliana : continuo, hoje, a responder o seu questionário:

Imagino que as cores das capas dos Especiais sobre a Nova Literatura Portuguesa causaram espécie no "governo" de Salazar por uma "feliz coincidência provocativa".

9- Quem foi Alfeu Barbosa e o que ele fez de ruim para o jornal?

R: Alfeu Barbosa foi funcionário da Imprensa Oficial nos anos 60, 70 e 80. Homem de direita, Suplementofóbico, anticomunista ligado aos setores de repressão, principalmente ao DOPS de Belo Horizonte, facilitou a entrada de agentes daquele órgão na Imprensa Oficial, de madrugada. Esses agentes arrombaram a porta do SLMG, vasculharam os arquivos do semanário à procura de "textos comunistas", degradaram metade desses arquivos, não encontraram nada incriminatório mas deixaram espalhados, pelo chão, gavetas e documentos. Como havia censura na mídia, apenas pequenas notas a respeito foram publicadas nos jornais do país. Mas o suficiente para mostrar o risco que se corria, na época, escrevendo literatura. Principalmente em uma casa onde trabalhava o inimigo.

10- Por onde anda Ubiraçu Carneiro da Cunha?

R: Nunca mais, desde os anos 70, me encontrei com o escritor Ubiraçu Carneiro da Cunha, um talento bruto que não chegou a publicar muitos livros.

Espero que estas minhas respostas possam ajudá-la em seu trabalho.

Bj. Duílio Gomes.

ANEXO 2

Entrevista por e-mail com Maria Lúcia Lepecki

1) A senhora esteve nos idos de 60 várias vezes em Portugal e pra lá se mudou definitivamente, não é verdade? Quando a mudança ocorreu?

R: em Agosto ou Setembro de 1970.

2) No período de 60, segundo carta enviada a Murilo Rubião, a senhora atuou em Portugal como uma espécie de relações públicas para o *Suplemento*. Lá, parece-me contactou vários escritores que colaborariam regularmente no periódico. Um deles é mencionado na carta é Gastão Cruz. Entretanto, esse autor aparece apenas duas vezes no periódico, a primeira com o poema “Três sonetos de zona rasada”, publicado em março de 1969, e a segunda como assunto de crítica na coluna “Crítica Portuguesa”, assinada por Eduardo do Prado Coelho, que teve continuidade. Era difícil conseguir colaboração portuguesa para o jornal?

R: Eliana, pelo que me dizes, se calhar era difícil. Mas o *Suplemento* já tinha colaboração do Ruben A. e creio que da Ana Hatherly. Na verdade nem me recordava de que teria sido espécie de “relações públicas” do *Suplemento*, mas quando o disseste de facto me lembrei. Só que já não sei como era.

3) Quando Murilo Rubião esteve morando na Espanha teve contato com os escritores portugueses?

R: Não sei, embora talvez devesse saber...

4) Que representava o *Suplemento Literário do Minas Gerais* naquele momento político-cultural pra vocês intelectuais? Como lidavam com a ditadura que se instalava no país?

R: O *Suplemento* era uma espécie de refrigerio do espírito, para começo de conversa. A gente ali vivia uma espécie de outra dimensão, por causa do convívio inter-geracional, muito iluminante: havia os novos e os mestres, que evoco com imenso carinho: Murilo, Fábio, Iglésias, Marilu, Emílio Moura, Manuel Lobato e muitos etc. com a ditadura naturalmente lidávamos mal, é o mínimo que se pode dizer.

5) Sabe por que Murilo Rubião deixou o *Suplemento* em 1969?

R: Já soube, me esqueci.

6) Que representava Murilo Rubião à frente do periódico para a literatura e a crítica? Lembro-lhe que a senhora escreveu muitas cartas ao escritor, cartas essas que se encontram no Acervo de Escritores Mineiros, fundo Murilo Rubião. Essas correspondências são muito importantes pois muito da efervescência crítica daquele momento estão nelas presente.

R: O Murilo para mim era uma espécie de mito ambulante. Uma espécie de fonte de sabedorias muitas, excelente prosa, cheio de paciência com a jovem professora que ali comparecia para bate-papo ao fim da tarde, ao Murilo devo eu muitíssimo e tinha por ele grande carinho.

7) Sabe se houve realmente uma intervenção militar em 1970 no periódico?

R: Creio ter ouvido dizer isto, mas quem poderá mais seguramente informar será o Fábio. Ou a Marilu.

8) Houve duas crises no *Suplemento*: a primeira em 1973 e a segunda em 1975. Quanto à primeira, segundo pesquisei, deveu-se à campanha difamatória do *Jornal de Minas* e das acusações do secretário Nidival José da Silva que acabou sendo acusado de roubo. A segunda crise, quando Wander Piroli dirigia o *Suplemento*, deveu-se também à difamação encabeçada pela sociedade “Amigas da Cultura” e o poeta Vivaldi Moreira. A senhora tomou conhecimento desses fatos?

R: Não me lembro disto, eu estava cá, não acompanhei. Já gora, gostava de saber o que foi.

9) Conforme li nas cartas dos mineiros a Ana Hatherly, a poetiza acaba se tornando uma espécie de guru intelectual para o grupo. Confirma? Isso reflete a relação Brasil/Portugal? Como se apresentava no imaginário do grupo esse país?

R: Eu gosto imenso da Ana Hatherly, é a primeira coisa que te digo. Ela de facto se transformou numa espécie de guru, muito merecidamente, mas eu acho que isto se deve à própria Ana, ao requinte intelectual dela, ao seu saber, ao tipo de coisas que escrevia e escreve e não menos ao seu encanto pessoal. Acho que o mérito é mesmo dela.

10) Os números especiais 131 e 132, dedicados à Nova Literatura Portuguesa quase causaram problemas diplomáticos entre Brasil e Portugal. Esses números foram organizados por Arnaldo Saraiva e E. M. de Melo e Castro. O governo de Salazar leu como provocação, afinal, as cores da capa eram as cores da bandeira portuguesa. Realmente foi uma provocação ou apenas uma “feliz coincidência”? A senhora teve conhecimento desses fatos?

R: Não me lembro, devo ter tido conhecimento, mas não me lembro. Em tempo: lá no outro e-mail, devia ter posto o nome do Arnaldo Saraiva - naquele tempo, início dos setenta, ainda assistente universitário - como um dos que batalhavam pelo diálogo cultural e literário entre Brasil e Portugal.

Beijinhos, ML

ANEXO 3

Conversa com Humberto Werneck

CONVERSA INFORMAL COM HUMBERTO WERNECK SOBRE O *SUPLEMENTO LITERÁRIO DO MINAS GERAIS*

Esta conversa foi realizada em vinte e sete de julho de 2005, num restaurante, na cidade de São João del Rei. Devido às interferências sonoras do ambiente, durante a transcrição da conversa, ficou bastante difícil recuperar algumas falas. Optamos por transcrever da forma em que a conversa se realizou, e, com as características da linguagem oral.

E: Vinte e sete de julho de 2005, entrevista com o escritor e jornalista Humberto Werneck. Vou ler um trecho de uma carta sua endereçada a Murilo Rubião:

... você mexeu com muita gente, Murilo, quando se propôs fazer e fez o melhor suplemento literário do país. Houve o caso do Ruy, de que fui testemunha, houve toda sorte de pressões. Tudo isso provocando e comprovando que o SLMG cumpria sua função de agitar idéias, promover a literatura e as artes. Mesmo assim, mesmo nos tempos de maior pressão, sempre foi possível fazer um suplemento decente, digno. Você deu chance aos novos, acreditou na gente. Não esqueceremos, tenha certeza (Paris, 5 de dezembro de 1973)

É sobre essa carta a que você envia a Murilo Rubião.

H: Onde você desenterrou esta carta?

E: Em Belo Horizonte. No Acervo de Escritores Mineiros, na Universidade Federal de Minas Gerais.

H: Meu Deus do céu!

E: Em 73, você estava em Paris?!

H: Paris, exatamente.

E: E, a carta é sobre algo que aconteceu no *Suplemento* quando o Rui Mourão saiu, não é? Um pouquinho antes, não é?

H: Ah! O episódio do Rui.

E: É, mas o Rui Mourão (...) foi antes de 73.

H: Foi antes de 73, certamente. O Rui foi em 68..., 69.

E: Porque Murilo Rubião deixa o *Suplemento* em 69, Rui Mourão assume por alguns meses, aí tem uma intervenção parece de um tenente militar...

H: O Rui não chegou a assumir por alguns meses? Não.

E: Ele não chegou nem a assumir?

H: Não, acho que se olhar ali no expediente do *Suplemento*, eu acho que ele não assumiu não, porque ele pode ter ficado interino, tá? Porque a nomeação dele foi vetada pela ID4.

E: Ah! Tá.

H: ID4 que é Infantaria Divisionária Quatro. Porque ele tinha sido professor na Universidade de Brasília, você sabe disso, e se solidarizou com professores demitidos, uma leva grande de duzentos professores que saíram da Universidade. Ele ficou uma “persona non grata” para os militares.

E: E foi por aí que ele foi embora também? Trabalhar nos Estados Unidos.

H: Não, ele tinha voltado dos Estados Unidos, tinha dado aula lá. Eu não sei muito sobre esse episódio não, Eliana. Eu me lembro que é isso, que ele ia substituir o Murilo e não substituiu porque os “milicos” não deixaram.

E: Também em 75 houve um problema. Chegaram cartas do Brasil inteiro, em solidariedade. Não é mais o Murilo Rubião quem está à frente do *Suplemento*, mas as cartas estão endereçadas a ele, incrível isso, não é? Todo mundo se solidarizando com Murilo Rubião porque houve um problema em 1975 também.

H: Você sabe qual é o problema?

E: Ah! Bom, envolvidos: Vivaldi Moreira que era presidente da Academia de Letras.

H: Sim.

E :... as Amigas da Cultura e a Academia, claro, a Academia de Letras e o Instituto Histórico. São vários os recortes de jornais sobre o assunto que estão no arquivo, parece que é o *Jornal de Minas*, se não me engano...

H: O *Jornal de Minas* era um jornal faxista. Era um jornal de direita assumida. Esse jornal era tocado por um..., não me lembro do nome da pessoa, era um camarada que era membro dos órgãos de repressão.

H: Agora, em 75, eu não sei..., eu não estava mais lá. Eu fui embora em maio de 70, eu fui embora.

E: É, e a Nélida Pinõn organizou um abaixo assinado no Rio, enviou-o com as assinaturas a favor do *Suplemento*.

H: Olha, eu sei que houve um momento em que foi tirado o secretário do *Suplemento...* que era o Wander Piroli, já não sei se foi aí.

E: Porque depois, Wilson Castelo Branco assume.

H: O Wilson Castelo Branco, mas...

E: Foi nessa época sim.

H: Eu não estou informado sobre essa página.

E: Wander Piroli pede demissão, a Laís Correia de Araújo também pede demissão da Secretaria de Cultura. Rui Mourão também pede demissão de algum órgão que trabalhava.

H: Eliana, mas isso eu não sei, essa fase aí...

E: Isso, eu ainda estou pesquisando.

H: Acho que você precisava ouvir Ângelo Osvaldo, não, Ângelo Osvaldo está em Paris nessa época exatamente. Você vai lá ao encontro no Salão do Livro?

E: Vou, dia quinze, sete e meia.

H: Aí eu acho que é..., você vai pegar as pessoas que viveram isso.

E: Nessa época de 75 que teve esse problema todo cita-se um certo Alfeu Barbosa, está lembrado?

H: Sim, eu estou lembrado, muito pouco, assim, eu sei que ele era um funcionário da Imprensa Oficial. É preciso que você averigüe, mas, no *Minas Gerais* é o seguinte, houve um escândalo, um desvio de algum material é, na Imprensa, e o Murilo mandou abrir uma sindicância, alguma coisa assim e parece que esse cara foi responsabilizado. E ele se tornou inimigo do Murilo pra sempre e, inclusive, esse camarada escreveu contra o Murilo no *Minas Gerais*, isso eu te contei, né?! Depois da morte do Murilo. Mas isso aí você precisava checar com as pessoas que estavam lá em Belo Horizonte no *Suplemento*, eu sou um péssimo entrevistado pra você porque, na verdade, o meu período é, eu passei dois anos no *Suplemento*, dois anos. Eu entrei em 68 e saí em 70. Nessa época o Murilo ainda tava na Imprensa, tava lá meio no comando. Você..., você achou essa carta aí?

E: Achei estava lá na UFMG, no Acervo Murilo Rubião, série correspondências.

H: Olha só! Que data é mesmo?

E: 73

H: Não! Mas quando de 73?

E: 5 de dezembro. Aqui tenho só trecho, né? A carta é grande.

...eu achei muito legal porque você disse “mexeu com muita gente”, tem coisa muito séria aí e você disse que soube do acontecido é através do Ângelo Osvaldo que também estava em Paris e você leu a reportagem do *Estado de Minas, Jornal do Brasil* e você diz o seguinte “desta coisa inominável chamada *Jornal de Minas*”.

H: Esse jornal era dirigido por um cara chamado Afonso Paulino. Afonso Paulino era um jornalista e desportista que foi ligado aos órgãos de segurança. Era um cara do esquema bravo, da tortura. Eu não sei o que aconteceu com ele. Mas guarda esse nome, esse nome é importante aí nessa história.

E: E quanto a Ubirásçu Carneiro da Cunha?

H: Ubirásçu Carneiro da Cunha...

E: Morreu, não é?

H: Morreu. Sumiu por motivo de falecimento.

E: Ah, tá! Não se ouve falar mais nele. Ele é super importante neste trânsito Brasil-Portugal. Ele sempre entrevistou muita gente e teve um papel importante no *Suplemento* e não se ouviu falar mais nele.

H: Ele veio pra São Paulo, eu acho que...

E: Ele morou em Brasília.

H: Ele morou em Brasília, era pernambucano, ele foi pra Minas, foi pra Brasília, depois pra Minas. Fazia parte de um grupo literário chamado Vereda.

E: Tinha também uma série de revistas: *Ptyx, ReVixta, Estória...*

H: “Ptik”

E: “Ptik”³⁸

E: *Estória, Porta...*

³⁸ Pronunciei “PTYX” como se escreve e Humberto Werneck disse-me a pronúncia correta “PITK”.

H: *Estória...*

E: *Porta...*

H: *Porta* foi uma coisa assim, uma coisa avulsa, um tiro único, né?!

E: E a *SLD* de Cataguazes, tinha uma referência esse nome a... ?

H: *Suplemento*? Não, é claro que tinha uma, se não me engano... era *Suplemento Letras* ... é... não sei quê, sabe?

E: *SLD* numa época assim..... É de Cataguases, não é?

H: É. Cataguases, Joaquim Branco que chamava o camarada que tocava isso.

E: Achei interessante. E o Afonso Ávila ele tinha um papel importante?

H: Afonso Ávila era...

E: Havia muito mais alarido ...

H: Ele era, assim... a participação dele era menos, ah... Ele dava mais idéias, ele fazia seleção de poesia numa certa fase, selecionava o material que chegava. Era um pouco diferente da Laís porque a Laís tinha uma coluna que chamava “Roda Gigante”. O Afonso era um poeta assim que a gente respeitava muito. A gente sempre respeitou muito. Ele era um cara que era em Belo Horizonte o que os irmãos Campos e o Décio Pignatari eram em São Paulo – a vanguarda. Ele foi importante pra essa geração toda. Mas ele não... Acho que ele fez parte do conselho editorial, não? Porque ele opinava. Mas assim... ele organizou algumas coisas importantes. Eu posso estar sendo injusto com ele, que ele tinha mais coisas além. Eu lembro talvez seja organizado por ele um número duplo especial sobre o barroco, belíssimo *Suplemento*.

E: Falando em barroco, existem vários textos, existem colunas sobre o papel dos novos, a literatura dos novos. Eles falam muito dos novos. Em contrapartida, vão falar do barroco que tem uma relação com a vanguarda, concretismo que tem uma relação com o barroco, não é? Vão falar dos inconfidentes. Vão falar muito de contribuição, lógico. A gente tem um número especial em homenagem à Marília de Dirceu. Esse é um caminho que eu ainda estou seguindo, porque na verdade, o *Suplemento* tem essa coisa da identidade não só mineira como brasileira também. Se a gente colocar o diálogo que eles empreendem com Portugal, então esse voltar-se para o barroco; tanto no Modernismo se volta para o barroco, eles se voltam para os inconfidentes, não é e se voltam mais, eu acho que vão mais longe, eles vão pra Portugal. É um caminho que eu estou tentando estabelecer, é viável? A sua opinião sobre isso? Houve o resgate da Inconfidência e houve em contra partida uma busca de novidades. São várias as correntes... literatura dos novos, os novos de toda parte, literatura e arte dos novos, ao mesmo tempo uma busca dos estabelecidos não é? Dos antigos.

H: Isso fazia parte da idéia que o Murilo tinha de suplemento literário que é uma coisa um pouco na linha do Mário de Andrade.

E: Aquele conselho que ele dá aos mineiros de *A Revista*?

H: Coisa sábia!

E: É uma coisa meio de mineiro, não é?!

H: Não... se bem que o conselho veio de um paulista, não é?

H: Mas o Murilo tinha uma preocupação de que o *Suplemento* fosse uma coisa, não se usava a palavra ainda, multidisciplinar. Era multidisciplinar.

E: Era cinema, teatro, artes plásticas, Jota D'Ángelo assina uma coluna sobre teatro...

H: Você tinha assim um casamento interessante, porque o Murilo escolhia criteriosamente tudo aí (...) sabe? O que tem a ver com o que... com que ilustrador. Não eram ilustradores na verdade, eram mais que isso. A ilustração não era um...

E: Era uma leitura, não era?

H: É, não era um coadjuvante. A coisa era taco a taco ali, não é?

E: Muito bonito, muita imagem grande, sempre uma elaboração gráfica também muito grande. Dava trabalho pra fazer, não havia "scanner", computador...

H: A coisa era muito complicada.

E: Era um trabalho bem elaborado.

H: Ele pegava, de vez em quando, ele pegava assim... O Murilo, numa ocasião, pegou os suplementos novos, número duplo dos novos e todos os ilustradores são jovens, todos os autores são jovens.

E: Sempre imaginei que quem tocasse fossem só os jovens.

H: Não.

H: Você tinha ainda o Álvaro Apocalypse, por exemplo. Já logo no primeiro número, você tinha ilustradores.

E: (...)

H: No caso desse suplemento dedicado aos novos que era assim novos e usados por novos tá? Mas, no geral não era, você tinha e também tem umas coisas muito interessantes que eu fui me lembrar outro dia, sabe o Jonas Bloch? Ele era ilustrador do *Suplemento*, tem pelo menos um poema de Bueno de Rivera, ilustrado por ele. Jonas Bloch! Acho que nem ele sabe disso.³⁹

³⁹ Humberto Werneck está se referindo ao poema "Cavalos", publicado no *Suplemento*, v. 3, n. 106, 7 set. 1968, p. 17.

E: Você já olhou o *suplemento* agora “on-line”?

H: Já olhei um pouco e aliás eu tenho que olhar...

E: (...) é bem vasto não é?

H: Eu tenho a coleção completa dos três primeiros anos, encadernada. E mais, tenho assim, algumas edições especiais que eram em papel melhor, não é.

E: Capa dura?

H: É, não era dura, mas era mais encorpada. Você tem assim uma... uma. De vez em quando eu pegava um autógrafo do autor não é, tenho Emílio Moura, sabe?

E: Só tem preciosidades.

H: Mas olha, você tem que pegar mais esse pessoal é, pena que a Laís está doente, porque você não fala com Afonso Ávila?

E: Eu vou tentar. Porque para *Vocação*, que eu trabalhei no mestrado, eles foram entrevistados, Afonso Ávila, Rui Mourão, Fábio Lucas. A Laís também trabalhou em *Vocação*.

E: Ela tem uma briga com Murilo Rubião. Sai do *Suplemento* em 69. Ela escreve sobre um escritor... E ele mostra, por causa dessa questão, para o diretor da Imprensa Oficial que disse que o texto estava ofendendo a pátria.

H: Quem é o cara?

E: É Jorge Icaza.

H: Equatoriano.

E: Ela escreve o seguinte: “escritores latino-americanos, vivemos num contexto de miséria, analfabetismo, subdesenvolvimento quase na obrigação de escrever um livro de denúncia, reivindicação.” Ela tinha gostado do romance dele, mas tinha críticas positivas e ele (Murilo Rubião) mostra para o diretor da Imprensa Oficial. O diretor achou que estava ofendendo a pátria, isso nos anos 60. E eu descobri isto porque ela escreve para Ana Hatherly. Ana Hatherly doa todas as cartas dos mineiros para a UFMG. E ela o chama de “alcagüete”.

H: Alcagüete

E: Alcagüete... uma carta muito dura.

H: O que a gente tem que levar em conta é que nessa época você tinha uma censura bravíssima e aquilo era um terror oficial. O Murilo ele nunca fez um jornal obediente à ditadura. Tudo que podia ele empurrava a coisa, mas você tinha limites. Eu acho que é um pouco de...

E: É ego ferido.

H: É, eu acho que tem mais coisa debaixo desse angu aí, sabe, ciúmeiras e...

E: Porque ela fica pouco tempo, não é? De 1966 a 1969, não é muito tempo. Uma professora da UFMG, Haydée Ribeiro Coelho, que tem um trabalho comparando *Marcha* com o *Suplemento*, diz que Laís não pára de produzir artigos. Ah sim, e ela diz que, a despeito da ditadura e da censura, publicava-se muita coisa de comunismo, muita gente que era de esquerda e que era participante também então tinha essa abertura e ele permitia essa abertura, nessa época bem brava...

H: Eu acho muito irresponsável da parte dela. Primeiro é o seguinte ela tá elogiando um escritor ruim, esse o primeiro defeito está aí, ruim. Jorge Icaza...ficou esquecido, nunca mais se ouviu falar dele.

E: É, não ouvi falar.

H: Acho que a última vez em que se ouviu falar foi nessa coisa da Laís aí.

E: Outra fator interessante do *Suplemento* é o que hoje chama de globalização. Literatura japonesa, espanhola, francesa, russa. Tem Eico Suzuki que assina uma coluna enorme sobre literatura japonesa. Ele realmente tinha essa visão, internacional, ele globalizava, fazia um trabalho de educar até, não é?... Depois quem foi Neil Ribeiro da Silva?

H: Neil? Está por aí, o que aconteceu com ele?

E: Não, é que esse nome apareceu e eu não sabia quem era.

H: Eu acho que tem um Neil Ribeiro que é um publicitário famoso.

E: Hum.

H: Mas o Neil, eu não lembro dele no *Suplemento* não, mas ele é escritor.

E: Ah, tá!

H: Neil Ferreira.⁴⁰

E: Neil Ferreira não, esse é Ribeiro.

H: Então eu não sei quem é.

E: Eu li numa apresentação que ele fala no *Suplemento* que o Murilo Rubião deixa em 69 que ele foi denunciado como subversivo. Foi por isso que ele deixou?

H: Não, isso aí eu acho que deram uma simplificação, deve ter havido alguma pressão. Eu não tô sabendo disso. Rui Mourão pode te falar exatamente o que aconteceu ali.

E: O comandante da infantaria é Gentil Marcondes Filho.

H: Isso, isso.

E: Oscar Mendes que é responsável por duas colunas “Lusitana Gente” que é o que vai me interessar e o “Livro Estrangeiro”, que é outra coluna que vai se dedicar a livros não brasileiros. Me surpreendeu muito a literatura japonesa. Nenhum jornal faz literatura japonesa nesse país, não é? “Letras européias”, a cargo de Antônio Fonseca Pimentel (A. Fonseca Pimentel) também. Muita, muita coisa. “Literatura mineira desde as origens”. A sua é “A literatura mineira quando jovem”, quer dizer, “O escritor mineiro quando jovem”.

⁴⁰ Realmente, Neil Ferreira é publicitário que goza de fama no país, tendo trabalhado na agência DPZ e realizado campanhas publicitárias televisivas como a do Orelhão da Companhia Telefônica de São Paulo que morre, a de cerveja que apresentava “o baixinho da Kaiser”, entre outras. Cf. Galvão, Rafael. Redatores Publicitários. Disponível em: < http://www.rafael.galvao.org/2004/06/redatores_publicitarios.php >. Acesso em 25 de agosto de 2006.

Entrevista : Neil Ferreira. *Jornal on-line daqui*. Disponível em:

< <http://www.granjaviana.com.br/jornaldaqui/caderno.asp?cn=37&ID=218> > Edição 425, jan. 2005.

Neil Ribeiro da Silva assina no *Suplemento Literário* artigos como “Sagas contam histórias das Gerais”, “As Gerais segundo Agripa Vasconcelos”.

H: “O escritor mineiro enquanto jovem”.

E: De 69 até 70

H: É.

E: O Carlos Pelegrino.

H: É o Carlos Alberto Pelegrino, isso aí. É a gente pensou em fazer uma tribuna assim pra dar uma palavra pra esses escritores jovens e sob forma de uma entrevista ou de um depoimento, mostrar o trabalho, um pouco do seu trabalho, um esquema assim bem simples e começamos, fizemos... sei lá... Sérgio Sant’Ana, é... Luís Gonzaga Vieira, Luís Vilela e depois a gente abriu o que era para escritor mineiro. Virou assim “Os novos de toda parte”.

E: Aí foi a mesma coluna.

H: É mesma coluna.

E: Porque eu acho que em “Os novos de toda parte” não tem assinatura.

H: É.

E: E tem também “Novos em antologia”, que aí aparecem só poemas, é uma pequena antologia, apresentando biografia do autor focalizado.

H: Isso é de que época?

E: “Os novos de toda parte” é de 70. Não, tem assinatura sim. Você e Carlos Roberto Pelegrino assinam algumas. Depois assinam Jaime Prado Gouveia, Luís Gonzaga Vieira, Sérgio Tross, Luis Márcio Vianna e Duílio Gomes.

H: Sim

E: Antonio Prado Gouveia ...

H: É isso aí foi no primeiro, já depois eles entraram na... Minha memória está ruim pra isso.

E: Foi 70, “Os novos de toda parte foi em 70”.

H: Pois é, 70..., pois é... “Os novos de toda parte”.... Quando eu peguei esse negócio, fui eu que mudei esse, esse negócio aí pra pegar gente de fora e a gente resolveu aumentar a abrangência. O Murilo topou... então vamos lá, só que eu saí logo.

E: E, por quê?

H: Eu não me lembro de cor dos nomes que apareceram na coluna.

H: Eu fiquei no *Suplemento* quatro meses e meio, no ano seguinte, Miriam Campelo, Moacir Scliar, a gente botou...

E: Tem bastante gente, eu dei uma olhada Em *Desatino da Rapaziada*, na página 183, você narra o caso do poeta modernista que depõe, escreve sobre mal, não é? Escreve mal depois da morte do Murilo Rubião e você cita um órgão “marrom da imprensa de Belo Horizonte”. Esse poeta era o Abgar Renault?

H: São duas coisas, são duas coisas diferentes. Esse poeta modernista que eu não citei o nome e eu me arrependi de não citar, é um grande poeta, mas que já fez aí uma pisada na bola feia, é o Abgar Renault. Tanto que o Otto Lara Resende quando leu o meu livro no original, fica indignado: “Pô, porque você não bota o nome do cara?” Ele não queria que botasse nada. Só que eu falei, boto o nome? Eu fique no meio do caminho. A família do Abgar ficou ... reagiu e tal a carapuça entrou. Agora isso não tem nada a ver. Esse órgão marrom é o *Jornal de Minas*.

E: Ah, tá.

H: É outra coisa.

E: Que é antes.

H: É antes do Abgar Renault. Quem sabe mais é o Ângelo Osvaldo. Tem que dar um jeito de ouvir o Ângelo Osvaldo, Duílio Gomes.

E: Ah tá, ele está onde?

H: Belo Horizonte.

E: Belo Horizonte mesmo?

H: Se você quiser, eu posso te passar contatos dessas pessoas e você pode mandar “e-mail” para elas.

E: Pois é, por “e-mail” é mais fácil.

H: Eu passei muitos anos sem contato nenhum com o Duílio e recentemente retomamos um papo de telefone, é uma grande figura Duílio.

E: (...)

H: Um bom escritor.

E: E Manoel Lobato?

H: Manoel Lobato é um escritor que ainda tá lá em Belo Horizonte, é colunista do jornal *O tempo*. Ele tinha uma farmácia e é ficcionista. Manoel Lobato é um cara que estava sempre por ali. Colaborava muito no *Suplemento*.

E: Ele esteve em Portugal? Morou em Portugal?

H: Não.

E: Ele escreve cartas dizendo “estou bem”, não sei o que, aqui tá frio.

H: Eu não sei se o Murilo teve algum contato com esse pessoal porque o Murilo morou na Espanha.

E: É.

H: De 56 a 60, deve ter transitado por Lisboa, deve ter conhecido esse pessoal, aí você já...

E: Ana Hatherly vem ao Brasil, Melo Castro vem e o contato é muito estreito. Enviam material de lá e de cá e tem muitas cartas dela e mesmo de Nelly Novaes Coelho e mesmo de Maria Lúcia Lepecki dizendo da recepção que teve a obra dele (Murilo) lá, com publicação de artigos na revista *Colóquio Letras*...

H: *Os dragões*. Deve ter sido *Os dragões e outros contos*.

E: É, porque tem uma carta que ele é chamado de dragão. O dragão.

H: É *Os dragões e outros contos*. Saiu em 65.

E: A Nelly Novaes Coelho escreve muito sobre Literatura Portuguesa, embora ela esteja na USP nesta época, vai muito a Portugal. Eu verifiquei, ela vai falar é que é convidada para falar de literatura de Lisboa. Houve alguma intervenção a não ser essa, uma outra militar a não ser essa de que falamos?

H: Que eu lembre não, até o período que eu fiquei em Minas não. Depois disso...? Sou uma péssima fonte, Eliana.

E: É, você saiu em busca de novos horizontes.

H: Em busca de oxigênio porque na época eu não tinha nenhum. Belo Horizonte era um lugar muito ruim na época.

E: Aí você foi trabalhar no jornal.

H: No *Jornal da tarde*.

E: Todos saíram, é porque quando o Wander Piroli também sai, quem assume é o Castelo Branco.

H: Já foi uma maneira viú?

E: Porque não seria esse, seria outro?

H: Já foi uma mudança de linha, completamente.

M: O que o Wander Piroli propôs de mudança que foi tão assustador? Ele pediu demissão, não é?

H: Eu acho o seguinte: porque tem uma história que você precisa checar que é o seguinte, eu sei que ele fez um número do *Suplemento* que quando ele chegou não só tinha sido vetado, como a composição, era composição a quente na época, composição de chumbo (inaudível) É importante assim que (inaudível) eram linhas de chumbo do lado um do outro e aqui formava um texto que em outras palavras dava uma carimbada. (interferências sonoras do ambiente, tornam o trecho inaudível)

E: Já deu para...

H: Não, você tá com a fonte errada porque nesse período do *Suplemento* eu não estava mais em Belo Horizonte.

E: Você também não vai saber sobre essa parte. A idéia de homenagear Portugal partiu do *Suplemento* ou do ou do Melo Castro?

H: Não sei.

E: Manuel Rodrigues Lapa estava em Portugal na época, ele publica muito no *Suplemento* quando ele vem pro Brasil, não é?

H: Acho que você precisava falar com Maria Lúcia Lepecki.

E: Ela tá em Portugal, não é?

H: “E-mail.”

E: É, pois é, meu orientador estava em Portugal, eu pedi pra ele entrar em contato. E ele está chegando hoje ao Brasil.

H: Em contato com quem?

E: Com a Maria Lúcia Lepecki.

H: Eu tenho contato! Sou amigo! Muito amigo da Maria Lúcia!

E: É uma fonte sim... No Acervo, tem muitas cartas dela.

H: Maria Lúcia é...

E: Ronaldo Werneck é seu irmão?

H: Não, Ronaldo Werneck é de Cataguazes, é um poeta.

E: Um médico, não é?

H: de Cataguases..., poeta.

E: Ah, tá! Ele é do grupo (...) Euclides Marques de Andrade também.

H: Euclides Marques de Andrade era um escritor assim..., eu não me lembro se ele fazia ficção. Um escriba municipal assim ele, ele ...

E: Trabalha na literatura mineira (...)

H: Muito simpático. Ele fazia um trabalho importante igual uma formiguinha assim, sabe?

E: Nelly Novaes Coelho tem noventa e três publicações. Maria Lúcia Lepecki também tem muita publicação. Acho que são as duas mulheres mais presentes no *Suplemento*. A ordem de diretores-chefe: Ângelo Osvaldo, Aires Mata Machado, foi essa a ordem não, não é? Duílio Gomes?

H: Não, não o Aires nunca foi secretário, o título era secretário tá?

E: Ah, tá.

H: Que eu saiba foram secretários lá Murilo, é... Ildeu Brandão (em desordem, não é) acho que Libério Neves teve uma passagem brevíssima, que é outro cara bom de ouvir. Foi colaborador desde o começo, um ótimo poeta. Ângelo Osvaldo, Pascoal Motta, Wilson Castelo Branco...

E: Márcio Garcia de Paiva.

H: Márcio Garcia de Paiva, nem sei se ele tá vivo.

E: Está bom.

H: Está nada.

E: Está sim, muito obrigada.